

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
E PESQUISA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

LETÍCIA APARECIDA FERREIRA LOPES ROCHA

**MULHERES E CEBs EM MONTES CLAROS-MG:
DESCOLONIALIDADE E EMPODERAMENTO**

SÃO BERNARDO DO CAMPO-SP

2019

LETÍCIA APARECIDA FERREIRA LOPES ROCHA

**MULHERES E CEBs EM MONTES CLAROS-MG:
DESCOLONIALIDADE E EMPODERAMENTO**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth

SÃO BERNARDO DO CAMPO-SP

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

R582m Rocha, Letícia Aparecida Ferreira Lopes
Mulheres e CEBs em Montes Claros-MG: descolonialidade e empoderamento / Letícia Aparecida Ferreira Lopes Rocha -- São Bernardo do Campo, 2019.
273 p.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
Bibliografia
Orientação de: Lauri Emilio Wirth.

1. Comunidades Eclesiais de Base 2. Teologia feminista I. Título

CDD 262

A dissertação de mestrado sob o título **MULHERES E CEBs EM MONTES CLAROS-MG: DESCOLONIALIDADE E EMPODERAMENTO**, elaborada por Letícia Aparecida Ferreira Lopes Rocha foi apresentada e aprovada em 02 de maio de 2019, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth (Presidente/UMESP), Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza (Titular/UMESP) e Profa. Dra. Angela Cristina Borges (Titular/UNIMONTES).

Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth
Orientador e presidente da banca examinadora

Prof. Dr. Helmut Renders
Coordenador do Programa de Pós-graduação

Programa: Pós-graduação em Ciências da Religião

Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura

Linha de pesquisa: Religião e Dinâmicas Socioculturais

Esta pesquisa foi realizada com o apoio de uma bolsa de estudos da CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) entre os anos de 2017 e 2018.

À aquela que muito me ensinou, sonhou e
caminhou comigo, grande amiga e companheira,
mulher das CEBs com quem gostaria de dividir
estes pensamentos, minha mãezinha, Joaquina
Ferreira Lopes Rocha (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Sou grata às pessoas do meu núcleo familiar, especialmente: minha irmã Patrícia e meu sobrinho Guilherme, que vibram com minhas conquistas, à minha prima, Cida Ferreira, por sua atenção e cuidado comigo.

Agradeço aos amigos preciosos desse caminho que fizeram leve e salutar a caminhada, Erivan Almeida, Harlen Cardoso, Zondani Sato, Vilane Souza, Cida Vieira, Sonia Alves e Fernanda Lopes. Obrigada pela companhia, embora a distância que nos separa!

Ao amigo Pedro Jardel, pela companhia, amizade, carinho, paciência e disponibilidade em atender minhas dúvidas acerca da história oral, campo que domina com maestria.

Ao amigo Taffarel Fernandes, meu coração! Obrigada pelas trocas estimulantes de saberes e conhecimentos!

Ao amigo José Maria Carvalho sempre presente nessa jornada, muito obrigada pelos estímulos ao mundo do conhecimento!

À amiga Doris Rodrigues pelo apoio, atenção e palavras sempre estimulantes.

Ao amigo e irmão Fred Mineiro, muito presente nessa caminhada. Muito obrigada pelo apoio, informações, companheirismo, conselhos e afeições!

À grande amiga, mãe e irmã Soledade de Freitas, presença tão terna, que me acalenta e me acalma.

Ao Prof. Dr. Heiberle Hirsberg Horácio pessoa que admiro e estimo muito, agradeço pelo carinho, força, amizade e afeição.

À Prof^a. Dr^a. Cristina Borges grande mulher e intelectual que sempre acreditou e confiou em mim, bem como contribuiu para o meu crescimento acadêmico.

Ao Prof. Dr. Waway Kimbanda (in memoriam) grande mestre e amigo que, em uma passagem muito rápida por minha vida, despertou o gosto e o desejo pelo mundo do conhecimento.

À Cecília Franco, grande e generosa mulher, que contribuiu para que se tornasse possível a realização desse mestrado. Muito obrigada!

Ao Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth pela orientação desse trabalho, pela acolhida, generosidade, rigor acadêmico e paciência. Sou imensamente grata.

Meus agradecimentos à Raquel Alves, Regina Jurkewicz e Paró Ferreira presença amiga, alegre e solidária que contribuiu para a realização desse trabalho.

Meus agradecimentos à Maria Rita Rios, Maria de Fátima Nascimento, Celecina Madureira, Francisca Rodrigues, Flávia Almeida, Maria Isméria Ezequiel, Maria de Fátima Monção, Olga Silva, grandes mulheres que, com paciência, me acolheram em suas casas, compartilharam suas histórias de lutas e conquistas nas CEBs. Meus agradecimentos às Irmãs Inácia Urias e Aquilina Lueje grandes impulsionadoras das CEBs sertaneja. Meu agradecimento ao Pe. Tardin que com essas e outras mulheres estimulou as CEBs no espaço sertanejo. Muito obrigada!

“Os fios da vida se tecem de acordo com a personalidade de cada uma de cada um e produzem consequências diversas”. (Ivone Gebara)

ROCHA, Letícia Aparecida Ferreira Lopes. **Mulheres e CEBs em Montes Claros-MG: Descolonialidade e Empoderamento**. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

RESUMO

Esta proposta de pesquisa à luz dos aportes teóricos descoloniais com foco no feminismo descolonial e da teoria do empoderamento, propõe refletir e problematizar a participação e as transformações ocorridas na trajetória de vida das mulheres inseridas nas Comunidades Eclesiais de Base-CEBs, da Paróquia São Sebastião, na cidade de Montes Claros, no Norte de Minas Gerais. O recorte histórico selecionado compreende as décadas de 1985 a 1995, período considerado de maior efervescência e disseminação de grupos que se utilizavam dessa prática religiosa na cidade. No desenvolvimento desse estudo utilizamos o recurso metodológico da história oral temática. Essa metodologia revelou-se eficaz na medida em que possibilitou o desvelamento do cotidiano das mulheres com suas lutas, conquistas, aprendizados e desafios que supõe o espaço urbano da periferia e ainda o espaço eclesial sertanejo ainda reticente à participação de mulheres. A pergunta norteadora da pesquisa indaga se essa participação abriu fissuras que podem ser consideradas descoloniais e de empoderamento, causando transformações em suas trajetórias de vida. Em termos mais específicos, esse questionamento foca questões como: Houve a manutenção da colonialidade ainda vigente e que impera no interior dessa prática religiosa? Inicialmente partimos do suposto de que as práticas e as ações desenvolvidas no cerne das CEBs, ora pareciam ter contribuído para novos posicionamentos e posturas das participantes, o que denota descolonialidade e empoderamento, ora corroboraram para que se mantivesse a colonialidade já presente em seu interior.

Palavras-chaves: Mulheres, CEBs, descolonialidade, empoderamento

ROCHA, Leticia Aparecida Ferreira Lopes Rocha. **Women and CEBs in Montes Claros-MG: Decoloniality and Empowerment.** São Bernardo do Campo-Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

ABSTRACT

This research proposal, in the light of the decolonial theoretical contributions, with focus on the decolonial feminism and on the theory of empowerment, aims to reflect and problematize the participation and the transformations that occurred during the life trajectory of many women of the Ecclesial Base Communities (CEBs), of the Parish of São Sebastião, in the city of Montes Claros, located in the North of Minas Gerais. The selected historical section covers the decades from 1985 to 1995, considered a period of greatest effervescence and dissemination of these groups in the city. In this study, it was used the methodological resource of thematic oral history. This methodology proved to be effective and made possible to unveil the daily life of women with their struggles, achievements, learning and challenges that is expected in the peripheral urban space and the ecclesial space of the sertanejo that is still reticent to the participation of women. The guiding question of the research is if this participation can be considered decolonial and empowering, causing transformations in their life trajectories. In more specific terms, this focuses on questions such as: Has the maintenance of coloniality still prevailing within the religious practice. Initially, we assumed that the practices and actions developed at the heart of the CEBs now seemed to have contributed to new positions of the participants, which denotes decoloniality and empowerment, or have corroborated, in order to maintain the coloniality already present within them.

Keywords: Women, Ecclesial Base Communities (CEBs), decoloniality, empowerment

LISTA DE ILUSTRAÇÃO/TABELA

- FIGURA 1-Mapa do Norte de Minas Gerais e cidades de procedência das colaboradoras.....62
- FIGURA 2- Mapa da Paróquia São Sebastião comunidades urbanas e rurais.....94-96
- FIGURA 3-Fotos das atividades das comunidades da Paróquia São Sebastião....107-108
- FIGURA 4- Tabela- Indicadores de Empoderamento.....146-155

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	22
MULHERES E CEBs NO SERTÃO NORTE MINEIRO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS PROCESSOS DE INSERÇÃO E PARTICIPAÇÃO.	22
1.1– Mulheres na história da Igreja Latino-Americana: participação e ocultamento. 22	
1.2- Mulheres do sertão Norte-Mineiro: na diferença colonial e no viajar-entre- mundos.	42
1.3- A recepção das CEBs no Sertão de Minas Gerais e em Montes Claros-MG.....	61
CAPÍTULO II.....	75
AS MULHERES DAS CEBs: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE SENTIDO.	75
2.1- Memória de mulheres da paróquia São Sebastião e a descoberta das CEBs.	75
2.2-“Por que as CEBs nascem aí... através da união do povo, né”?.....	95
2.3- As mulheres das CEBs assumiram o discurso da Teologia da Libertação e relativizaram a Teologia Feminista.	108
CAPÍTULO III	132
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS CEBs: FISSURAS E CONTINUIDADES.	132
3.1 “As CEBs pra mim foi uma estrutura muito boa de conhecimento”.....	132
3.2 “... E tínhamos mulheres, mulheres de raça mesmo”.	155
3.3 Mulheres das CEBs: entre as normatizações eclesiais e as demandas sociais	166
OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS	180
REFERÊNCIAS	185
ANEXOS.....	197

INTRODUÇÃO

Esta proposta de pesquisa, à luz dos aportes teóricos descoloniais com foco no feminismo descolonial e do empoderamento, propõe refletir e problematizar a participação e as transformações ocorridas na trajetória de vida das mulheres inseridas nas Comunidades Eclesiais de Base-CEBs¹, da Paróquia São Sebastião, na cidade de Montes Claros-MG. O recorte histórico selecionado compreende as décadas de 1985 a 1995, período considerado de maior efervescência e disseminação de grupos de CEBs em Montes Claros, o que também provocou maior dinamismo para a Igreja local, impondo a esta outras decisões e posturas relacionadas com a sua prática pastoral (BARBOSA, 2010).

A paróquia São Sebastião, a partir do ano de 1985, começou a ser redesenhada, com a chegada do então jesuíta Padre José Flavio Monnerat Tardin, mais conhecido como Padre Tardin, na cidade de Montes Claros. A partir de 1985, esta paróquia sofreu novos contornos e assume as CEBs em sua estrutura e organização, o que concede novo impulso e dinamiza a Igreja local. A partir de meados da década de 1990, há certo declínio das comunidades de base na cidade. Atribuimos esta inflexão ao avanço da Renovação Carismática Católica-RCC e dos Arautos do Evangelho, ambos movimentos católicos de cunho pentecostal, com práticas mais voltadas para a conversão do indivíduo, com forte atuação na região.

Esta proposta de pesquisa emerge da cidade de Montes Claros, localizada no Norte de Minas Gerais. Este é o lugar a partir do qual falamos. O Norte de Minas, também chamado por estudiosos nativos de sertão Norte Mineiro², carrega em si uma longa história cultural e religiosa que remonta há vários séculos. No entanto, é a partir do ano de 1975, que esta tradição religiosa é ressignificada com o reconhecimento das CEBs no Plano de Pastoral da (arqui)diocese³. O estabelecimento dessa prática religiosa possibilitou a participação das pessoas na vida da Igreja, especialmente das mulheres. Destacamos que as CEBs são uma prática religiosa em sua maioria feminina. Desde os inícios das CEBs na cidade já era perceptível a participação massiva de mulheres.

¹ A partir de agora citadas sempre como CEBs.

² A esse respeito ver os trabalhos dos pesquisadores, João Batista de Almeida Costa (1997, 2002, 2003), Angela Cristina Borges (2007 e 2016).

³ No que refere à diocese, desde o ano de 2001 está foi elevada à condição de arquidiocese.

A cidade de Montes Claros, lócus deste estudo, está situada na região central do Norte de Minas e possui uma população estimada em 404.804 habitantes⁴. É a maior cidade da região, considerada a capital regional. As cidades vizinhas recorrem a esta no tocante à educação, à saúde, à política e à economia. Pelo seu crescimento e expansão em vários campos, a cidade tem recebido inúmeros migrantes que advêm de localidades da região e também do sul da Bahia.

As CEBs foram uma das práticas eclesiais do cristianismo católico mais expressivas do século XX. Elas figuraram no cenário nacional e se disseminaram por vários países da América Latina, entre as décadas de 1960, 1970, 1980. A emergência dessas comunidades não se pode atribuir a um evento fundador ou pessoa fundadora. A efervescência e a fertilidade de movimentos populares que emergem no seio da sociedade brasileira nesse período são os responsáveis pela explosão das CEBs, mas também a conjuntura eclesiástica, com os ventos advindos do Concílio Vaticano II, bem como as Conferências de Medellín e Puebla possibilitaram o surgimento dessa expressão eclesial.

Essas comunidades exaltaram a representatividade da mulher na Igreja. Antes não havia representatividade da mulher dentro do espaço católico, se houve, talvez, estivesse subsumida na categoria homem. As CEBs enfatizaram a participação de mulheres e as promoveram como protagonistas em suas respectivas comunidades. Em sua grande maioria, as CEBs são compostas por mulheres: mães, solteiras, casadas, religiosas, negras, brancas, pardas, trabalhadoras rurais, professoras, costureiras, donas de casa, dentre outras.

Sobre as CEBs no sertão Norte Mineiro, especialmente em Montes Claros, afirmamos que a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja local avançou qualitativamente, o que permitiu anos mais tarde o estabelecimento dessas comunidades em seu interior. Este Concílio alcança o sertão norte mineiro por meio da figura do então bispo Dom José Alves Trindade (1912-2005), que pastoreou a diocese de Montes Claros durante os anos de 1956-1988.

Com o intuito de viabilizar nossa reflexão acerca das mulheres das CEBs no sertão Norte Mineiro, recorreremos ao pensamento descolonial, um pensamento/saber que se constitui nas fronteiras. Ao estudar espaços marginais (sertão norte mineiro), pessoas marginais (mulheres das CEBs), vertente religiosa marginal (CEBs), torna-se

⁴ População estimada segundo o IBGE em 2018.

importante também buscar um aporte teórico construído na fronteira, considerado marginal. Assim, apostamos no feminismo descolonial, construído por mulheres (negras, lésbicas, indígenas, brancas, periféricas), e que vivem na diferença colonial⁵ para ser esteio das reflexões desenvolvidas nesse estudo. Dessa forma, o feminismo descolonial constrói seu pensamento de fronteira na diferença colonial e no viajar-entre-mundos⁶, espaços de construção de saberes, mas também de aprendizados uns com os outros. Pensar processos descoloniais implica pensar desde a diferença colonial e no viajar-entre-mundos, visto que todos os saberes podem ser parte de tal processo.

Se faz necessário esclarecer e enfatizar a opção teórica que seguiremos na condução deste trabalho. A discussão empreendida no estudo começa a partir do século XVI, período em que emerge o mundo moderno a partir da conquista por parte das nações europeias, nos moldes capitalista e colonial baseado na exploração, dominação e classificação de povos e culturas a partir da ideia de raça (QUIJANO, 2002). Em razão de tais questões, optamos por utilizar o termo descolonial e não pós-colonial. Entendemos que tais enunciados epistemológicos causam certo desacordo entre estudiosos do tema. Nosso intento não é dar conta dessa discussão em sua totalidade, por compreender que se trata de uma teoria complexa e de muitas nuances. Queremos apenas apresentar e justificar a nossa escolha apoiada nos estudos desenvolvidos por Walter D. Mignolo. Este autor é defensor enfático da teoria descolonial e estabelece diferenças entre os conceitos descolonial e pós-colonial.

O movimento pós-colonial centra-se nos estudos sobre a herança do colonialismo nas colônias inglesas, e tem o século XVIII como ponto de partida para suas reflexões (MIGNOLO, 2014). Na visão deste autor, tais estudos não enunciavam devidamente a trajetória latino-americana, assim como não realizavam uma ruptura com os estudos eurocentrados. Para Mignolo (2017, p.6), “o pensamento e a ação descolonial focam na enunciação, se engajando na desobediência epistêmica e se desvinculando da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais”. É um pensamento que foca na enunciação das/dos suas/es agentes, provoca e desestabiliza as epistemologias

⁵ Para Mignolo (2003, p.10), “A diferença colonial é o espaço onde emerge a colonialidade do poder. A diferença colonial é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem; é o espaço onde os projetos globais são forçados a adaptar-se, integrar-se ou onde são adotados, rejeitados ou ignorados. A diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta”.

⁶ Descreve Lugones (1987, p.8) “So travelling to each other's "worlds" would enable us to be through loving each other”. Tradução: “Então, viajando para o ‘mundo’ de cada um nos possibilitaria amar uns aos outros”.

hegemônicas e opta pela descolonialidade, pois torna-se uma maneira de ser e estar no mundo global apostando em saberes diversos e construídos nas fronteiras.

Ao definirmos e clarificarmos a opção descolonial nos cabe também fazer uma breve distinção entre feminismo descolonial e feminismo pós-colonial. A feminista descolonial Ochy Curiel Pichardo (2014, p.47) apresenta o conceito de pós-colonial para explicar a sua opção descolonial, o “feminismo postcolonial también tiene varias concepciones, entre ellas: la que propone otra narrativa y otras prácticas políticas frente al feminismo hegemónico, dado su sesgo blanco, occidental y burguês; la que lo define como aquel sustentado por mujeres del Tercer Mundo”. Pichardo reconhece a importância dos enunciados evocados pelas feministas pós-coloniais, que visam contribuir para uma reflexão crítica do feminismo hegemônico. No entanto, desenvolve uma crítica que se assenta na ausência dos lócus de enunciação do pensamento, também a ausência da releitura da história do passado colonial, o que impede de realizar um entendimento acerca das opressões causadas pelas colonialidades que impera na modernidade⁷.

No que se refere ao feminismo descolonial, opção dessa autora, e a que seguimos nesse trabalho, este advém da opção descolonial conforme mencionado e elucidado acima. É uma fonte teórica originada na América Latina no início deste século e tem despontado com grande potencial acadêmico e revisionista. O feminismo descolonial busca fazer uma releitura do passado colonial e procura ressignificar esse passado tendo presente às colonialidades que subordinam às mulheres no mundo moderno, especialmente, as do sul global. Esta forma de feminismo assume questões e posicionamentos do grupo modernidade/colonialidade/descolonialidade. Tal grupo reúne intelectuais latino-americanos a exemplo de Walter D. Mignolo, María Lugones dentre outras/os, e possui uma diversidade interdisciplinar, que busca fazer uma releitura crítica da modernidade colonial.

No que concerne ao empoderamento, tomamos neste trabalho como elemento relevante para a compreensão da participação e o desenvolvimento das mulheres que fizeram a experiência das CEBs, na paróquia São Sebastião. O uso do termo empoderamento tem sido corrente para agentes de base como para órgãos

⁷ Mignolo (2005, p.30), “La modernidad entendida como la dirección de la historia cuyo objetivo y modelo era Europa ha sido atribuida a Max Weber, en ese aspecto seguidor de Hegel. En los últimos años, a fines de la década de 1980, el sociólogo peruano Aníbal Quijano desenterró la colonialidad, en tanto lado oscuro de la modernidad y perspectiva histórica de los condenados, los marginados de la historia contada desde el punto de vista de la modernidad, desde la cual es difícil ver o reconocer la colonialidad, que hasta resulta un concepto perturbador”.

internacionais, empresários, educadores, ativistas, dentre outros, atribuindo significados diversos, o que provoca certa ambiguidade relacionada com o termo. O movimento feminista, como também os estudos feministas, se apossaram dessa palavra para fazer a leitura das ações de poder e as consequências desse sobre a vida das mulheres nas variadas instâncias da sociedade, o que denota sua importância e pertinência para os estudos relacionados com a mulher.

A questão que nos ocupamos nesse estudo é sobre a participação de mulheres da periferia urbana da paróquia São Sebastião nas CEBs. Perguntamos se a participação de nossas interlocutoras nas CEBs abriu fissuras que podem ser consideradas descoloniais e de empoderamento, causando transformações em suas trajetórias de vida. A partir desse questionamento, outros seguiram e se fizeram necessários. Houve a manutenção da colonialidade, ainda vigente, que impera no interior dessa prática religiosa, no que se refere à maternidade, ao aborto, ao divórcio, aos contraceptivos? Quem são estas mulheres, qual a sua origem? Quais as visões de Igreja e de sociedade que permeiam o seu cotidiano? Inicialmente, partimos do pressuposto de que as práticas e as ações desenvolvidas no cerne das CEBs, ora pareciam ter contribuído para novos posicionamentos e posturas das participantes, o que denota descolonialidade e empoderamento, ora corroboraram para que se mantivesse a colonialidade já presente em seu interior.

É importante notar que as categorias da descolonialidade e do empoderamento têm contribuído amplamente para o estudo das mulheres, contudo, não têm alcançado o interior das tradições religiosas. Há ausência de estudos que considerem estas teorias para realizar a leitura do fenômeno religioso e, sobretudo, no tocante à presença e participação de mulheres. Ou seja, falta diálogo entre esses domínios. Ivone Gebara (2017, p.13) critica esse distanciamento, contudo, justifica tal posicionamento: “... as feministas de esquerda, especialistas em diferentes áreas do saber, mantêm sua desconfiança em relação às religiões e seus sistemas de reprodução da sociedade. Muitas chegam até a recusar a importância da religião...”. Tal afastamento impede o diálogo e o avanço das discussões no interior das tradições religiosas. Destacamos que, no que se refere aos estudos sobre as teorias descoloniais e do empoderamento com foco na religião, ainda é um tema pouco explorado nas Ciências da Religião. Evocar tais debates torna-se um desafio para essa área do conhecimento que carrega em seu bojo formulações consideradas hegemônicas.

Advertimos que nesse estudo desenvolvemos as categorias de descolonialidade e de empoderamento de modo estanque, não apostamos na junção de tais categorias

entendendo que ambas possuem especificidades e potencialidades teóricas que resultariam em um empreendimento difuso e pouco inteligível. Para fins didáticos e de compreensão de tais aportes teóricos, nos pareceu viável, de momento, desenvolvê-los cada qual com suas especificidades para melhor auxiliar-nos na leitura de participação de mulheres no universo religioso das CEBs. É oportuno destacar que, embora ambas as teorias reivindicuem o lugar da mulher na sociedade latino-americana, e a superação da ideologia patriarcal, ainda assim não nos parece interessante reuni-las como uma única teoria. Ademais, não contribuiria para o alargamento de métodos ou objetos das/dos sujeitas/os produtoras/es do conhecimento. Acreditamos que tais teorias estudadas desse modo indicado, se ajustam a fazer a leitura do cotidiano das mulheres das CEBs.

No que tange às pesquisas sobre as CEBs na região, encontramos poucas investigações que enunciam as suas ações, e menos ainda, a atuação de mulheres. Contamos com os estudos dos seguintes autores: Frederico Antônio Mineiro Lopes (2004), Antônio Avilmar de Souza (2007), Denilson Meireles Barbosa (2010) e Fábio Vieira Souza (2014). As pesquisas desses autores não abordam especificamente o trabalho das CEBs na cidade. O que se constata de tais estudos são breves acenos sobre a importância das CEBs para as transformações e a conscientização social da história da Igreja local. São trabalhos que expressam o valor dessas comunidades para o desenvolvimento social e eclesial para a cidade. Em relação à atuação e a participação de mulheres nas CEBs em Montes Claros, tais autores não fazem referências explícitas, considerando que estas pesquisas foram realizadas por homens, talvez, justifica-se o desinteresse em tratar de mulheres.

As CEBs vivem, atualmente, um momento de descrédito e de recuo no cenário eclesial. Na visão do estudioso Josenildo F. de Lima (2012, p.76), “o fim da modernidade e o alvorecer da pós-modernidade puseram à baila problemas humanos de caráter mais existenciais que políticos”. Diante desse cenário estabelecido pela modernidade, as CEBs com suas ações no âmbito social, já não respondem aos problemas humanos que a modernidade trouxe. Dessa forma, as pessoas começam a buscar apoio em movimentos de cunho mais espiritualista. Nas academias, atualmente há ausência de pesquisas que enunciem as CEBs. Elas parecem não motivar os estudiosos como em outros tempos. Assim, com esta investigação buscamos resgatar as ações das CEBs e os impactos causados nas histórias de vida, nesse contexto, das mulheres que fizeram a experiência de participação nas comunidades.

No desenvolvimento desse estudo, utilizamos o recurso metodológico da história oral. A história oral foi “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos”, afirma Meihy (2005, p. 19). Ela é sempre uma história do ‘tempo presente’ e também reconhecida como ‘história viva’ de experiências passadas. É lembrar histórias, acontecimentos, fatos de pessoas e grupos. É o que buscamos nesse trabalho com as mulheres que fizeram a experiência das CEBs, com o intuito de evocar a memória das participantes. E é por meio da memória das/dos participantes que se reconstruem as narrativas de sentido que compõem o tecido da história oral.

Com o propósito de adentrar no cotidiano de vida das mulheres adeptas das CEBs, remetemos à história oral (temática⁸), aliamos essa outra fonte com documentos eclesiais (documento final das Conferências de Medellín e Puebla), textos dos Intereclesiais, cartilhas elaboradas pela Paróquia São Sebastião ou ainda a arquidiocese, documentos e fotos fornecidas pelas colaboradoras⁹ no marco histórico das CEBs na paróquia. As fontes utilizadas nesse trabalho, entrevista (fonte primária) e, outras fontes secundárias, como: documentos e fotos encontram-se no corpo do texto e nos anexos no final desse trabalho.

A partir das entrevistas, que são um dos primeiros procedimentos da história oral, reunimos as informações necessárias para elaboração do nosso trabalho. As entrevistas nos permitiram conhecer e adentrar as origens dessas mulheres, a infância, família, a experiência religiosa, o casamento, a maternidade, o deslocamento de suas cidades de origem para Montes Claros, a descoberta e a inserção nas CEBs, dentre outros. Essa metodologia revelou-se eficaz na medida em que possibilitou o desvelamento do cotidiano das mulheres com suas lutas, conquistas, aprendizados e desafios que supõem o espaço urbano da periferia, e ainda o espaço eclesial sertanejo ainda reticente à participação de mulheres.

Foram realizadas oito entrevistas com mulheres que participaram das CEBs no período selecionado para essa pesquisa. A escolha por essas mulheres baseou-se na possibilidade de contato direto com elas e, por esse motivo, escolhemos a paróquia São

⁸ No pensamento de Meihy (2005, p.162), “a história oral temática é quase sempre usada como técnica, pois articula, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos”.

⁹ Optamos por utilizar o termo colaboradora que é importante na definição do relacionamento entre a entrevistadora e a entrevistada, pois estabelece uma relação mais próxima e de cooperação (MEIHY, 1996).

Sebastião¹⁰, na periferia da cidade de Montes Claros. Temos uma relação de amizade com todas há muitos anos por nossa participação nas CEBs. Fizemos contato com cada uma e explicamos a proposta da pesquisa. Em seguida, marcamos as entrevistas que ocorreram na casa de cada uma, exceto de M^a. Isméria Ezequiel (Ela alegou ser período de férias e, por isso, os seus netos estavam na sua casa, o que poderia ser incômodo para realização da entrevista). Assim, a entrevista ocorreu em minha casa. Acordado com as colaboradoras, utilizamos seus nomes verdadeiros e a idade. Ainda foram entrevistados Pe. José Flávio Monnerat Tardin, Dom Giovane Pereira de Melo, e a Irmã Inácia Urias. Após a transcrição, procuramos apresentá-las para às nossas entrevistadas/os, porém, nem todas/os se dispuseram a ler, algumas disseram que confiavam no nosso trabalho, portanto, não seria necessário realizar a leitura. A última fase dessa metodologia consiste na devolutiva a qual será efetivada.

Procuramos não somente realizar a entrevista, mas abrir possibilidades de diálogo com as mulheres para que elas pudessem fornecer outros aspectos da participação nas CEBs. No entanto, percebemos que algumas ficavam reticentes e evasivas ao mencionar determinados assuntos como, por exemplo, o aborto. Depreendemos a partir das afirmativas das mulheres que elas não se encontram abertas a discutir tal questão, pois encerram sua opinião sobre o aborto no campo do inconcebível, do crime, que a vida é dada por Deus. Por perceber que faziam abstenção ao assunto, o que geraria dificuldades para realizar perguntas específicas que envolvem a legalização e a descriminalização do aborto, nos limitamos a pedir que emitissem uma opinião sobre o aborto.

Este estudo estrutura-se em três capítulos.

No primeiro capítulo, situamos e problematizamos a figura da mulher na América Latina, em vários momentos históricos, sociológicos e eclesiais que consideramos importantes para a compreensão desse estudo. Em diálogo com as teorias que acompanham o estudo, mergulhamos em períodos que vão desde a conquista e a colonização, com ênfase nas mudanças ocorridas no que tange ao gênero e às diferenças que tal domínio sofre após o estabelecimento do capitalismo eurocêntrico global, gerando a subordinação e a subalternização das mulheres. Enfatizamos e caracterizamos o sertão Norte Mineiro como um espaço marginal, lugar da diferença colonial e do

¹⁰ Em 2004, a paróquia passou por um processo de subdivisão e, atualmente, não possui mais a mesma configuração da época da pesquisa em questão.

viajar-entre-mundos, lócus de enunciação dos pressupostos evocados na investigação. E ainda apresentamos o estabelecimento das CEBs na cidade.

O segundo capítulo dedicamos à memória e às trajetórias das mulheres nas CEBs da paróquia São Sebastião. Destacamos a história oral, suporte metodológico que possibilitou acercar-nos da memória das colaboradoras relacionadas com a descoberta e a inserção nas CEBs. Procuramos conhecer o espaço da paróquia São Sebastião, local da atuação de tais mulheres, o cotidiano, a realidade das/dos habitantes, vimos que a solidariedade sobrepuja nas relações estabelecidas no interior das comunidades de base. Seguimos tecendo ideais apoiados pelas ferramentas teóricas da descolonialidade e do empoderamento.

O terceiro e último capítulo concentra-se no universo narrado pelas mulheres, com o intuito de extrair as fissuras provocadas pela participação nas CEBs, que podem sugerir que esta prática religiosa possibilitou a descolonialidade e o empoderamento e, por outro lado, verificar posturas e pensamentos que denotam a continuidade de colonialidades cristalizadas no bojo desse grupo.

CAPÍTULO I

MULHERES E CEBs NO SERTÃO NORTE MINEIRO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS PROCESSOS DE INSERÇÃO E PARTICIPAÇÃO.

1.1– Mulheres na história da Igreja Latino-Americana: participação e ocultamento.

Para abordarmos a inserção e a participação de mulheres na história da Igreja na América Latina, é necessário remontar brevemente ao período da colonização dos povos latino-americanos, para compreendermos os processos que culminaram em outro padrão de mulher, a mulher colonizada, vítima da colonialidade de gênero e do poder, concepções desenvolvidas a partir do sistema colonial moderno de gênero (Lugones, 2014). Assim, perceberemos as consequências desse padrão moderno colonial de gênero, como incide na vida social das mulheres e, especialmente, na sua participação religiosa, tema de interesse nesse trabalho. Nos limites deste capítulo, nos restringiremos a apresentar acontecimentos da história da Igreja latino-americana que tenha relação direta com as CEBs e com as mulheres. Concomitantemente, elencaremos fatos e acontecimentos da sociedade brasileira, nos quais as CEBs, por meio de suas lideranças, tiveram papel relevante.

Com efeito, a leitura empreendida neste capítulo não será na ótica dos agentes que convencionou-se chamar de protagonistas da história do continente, ou seja, a ótica dos colonizadores comprometidos em levar a cabo o projeto devastador, conquistador e colonizador europeu. Dessa forma, optamos nessa empreitada consultar, escutar e dar voz às histórias dos colonizados, ou melhor, das colonizadas, inseridas no universo religioso das CEBs na cidade de Montes Claros-M.G. Advertimos que, ao mencionar colonizadas/os não nos referimos especificamente à condição subalterna que supõe tal conceito, mas nos reportamos à condição de sujeitos protagônicos que emergem de tal circunstância. Nesse contexto, foram especialmente as mulheres montesclarenses que se tornaram protagonistas das CEBs.

A condição de ser mulher sofreu diversas mutações na história da humanidade. Sendo assim, determinadas sociedades carregam em sua história as marcas dos processos de conquista e de colonização, como ocorre com a América Latina e o Caribe. As sociedades que experimentaram tais processos tiveram suas histórias, culturas,

povos, crenças, dentre outros aspectos, transformados, melhor dito, extintos definitivamente. Em função de novas afirmações advindas do arcabouço cultural, social e religioso imposto pelos conquistadores no período da colonização das culturas autóctones. Nesse processo, até mesmo as denominações sofreram alterações para atender aos padrões coloniais, por exemplo, o nome América Latina foi designado pelos colonizadores, portanto, é uma criação colonial. Algumas feministas descoloniais, a exemplo de Yuderkis Miñoso Espinosa, Francesca Gargallo, Ochy Curiel Pichardo, Julieta Paredes, dentre outras, optam em seus trabalhos em empregar o nome Abya Yala¹¹, nome ancestral para se referir a América Latina, como forma de se desvincular das formulações coloniais impostas. Nesse sentido, a colonização inaugura um período de desconhecimento ou, também, de encobrimento do outro (DUSSEL, 1994). Este encobrimento dos povos originários consistiu em uma medida necessária utilizada pelos europeus a fim de que pudessem levar a cabo o projeto de conquista e colonização. Tal projeto resultou na dramática desconstrução das culturas, dos saberes, dos fazeres e das crenças, isto é, os povos foram vítimas de atos atroz cometidos e perpetrados pelos colonizadores.

Autores como Enrique Dussel (1990, 1992, 1994) e Walter Mignolo (1996, 2003, 2010, 2014), que empreenderam estudos sobre a história do continente, reconhecem que o ano de 1492, do século XVI, enceta o período de conquista, colonização e de domínio geográfico, humano e espiritual das Américas e do Caribe, com consequências nefastas para a história deste continente e para seus habitantes. O século XVI é emblemático na história da humanidade, visto que inaugura um novo padrão de poder, baseado no sistema mundo moderno (WALLERSTEIN, 1990), que supõe o estabelecimento do capitalismo. É neste momento que também emerge a colonialidade do poder (QUIJANO, 2002) padrão de dominação entre colonizadores e colonizados, baseado na ideia de raça.

O termo colonialidade foi formulado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, na década de 1990, suas reflexões foram fundamentais para que outros/as autores/as latino/a-americanos/as pudessem ampliar as discussões em torno dessa teoria. A partir da colonialidade do poder designado por Quijano, outros/as autores/as apresentaram

¹¹Para Yuderkis Miñoso Espinosa (2014, p. 13), o termo provém da “língua Kuna (pueblo que habita el territorio correspondiente a Panamá y Colombia del continente que los colonizadores españoles nombraron America). Significa: tierra en plena madurez, o tierra de sangre vital”.

ricas contribuições para entender vestígios de colonialidade presentes no saber, no ser e no gênero. Segundo Quijano (2002, p. 4)

Colonialidade do poder é um conceito que dá conta de um dos elementos fundantes do atual padrão de poder, a classificação social básica e universal da população do planeta em torno da ideia de raça. Essa ideia é a classificação social e baseada nela (ou racista), foram originadas há 500 anos junto com América, Europa e o capitalismo. São a mais profunda e perdurável expressão da dominação colonial e foram impostas sobre toda a população do planeta no curso da expansão do colonialismo europeu. Desde então, no atual padrão mundial de poder, impregnam todas e cada uma das áreas de existência social e constituem a mais profunda e eficaz forma de dominação social, material e intersubjetiva, e são por isso mesmo, a base intersubjetiva mais universal de dominação política dentro do atual padrão de poder.

Extraímos desse excerto o significado, a representação e as consequências da colonialidade do poder para os povos nativos. Tal padrão foi imposto e perpetuou a história deste continente, impregnando e determinando o ser e o fazer desses povos. A filósofa feminista Maria Lugones, argentina radicada nos Estados Unidos, ao desenvolver seu pensamento compactua com a teoria proposta por Quijano, no entanto, realiza uma crítica ao seu trabalho no tocante à questão de gênero. Para tal, dialoga amplamente com essa teoria buscando lacunas ausentes. Para Lugones (2011, p. 108):

Al pensar la colonialidad de genero, yo complejizo su comprensión del sistema global capitalista de poder, pero también critico su propia comprensión de género como solo visto en términos de acceso sexual a las mujeres. Al usar el término colonialidad mi intención es nombrar no solo clasificación de pueblos en términos de la colonialidad de poder y el de género, sino también el proceso de reducción activa de las personas, la deshumanización que los hace aptos para la clasificación, el proceso de sujetificación, el intento de convertir a los colonizados a menos que seres humanos.

Ao oferecer o conceito de colonialidade de gênero, Lugones traz à baila e deflagra outras possibilidades de discussões acerca da questão de gênero, até então, ocultadas pelos padrões europeus, racializados, heteronormativos, brancos, dentre outras características que poderíamos estender para indicar este poder hegemônico. No entendimento de Lugones, a categoria gênero tal como considerado no sistema moderno, admite apenas o binarismo mulher e homem. Assim, esse binarismo é restritivo e não abarca toda a diversidade presente. Sendo assim, a autora amplia a ideia

de gênero, problematiza sua compreensão dentro de um sistema capitalista de poder, ademais, o retira do âmbito restrito ao acesso sexual de mulheres. Além disso, possibilita pensar na desumanização a que foram submetidos os povos colonizados pelos colonizadores. Cabe ressaltar a figura da mulher que, nas palavras de Lugones (2011, p.109), “mujer colonizada es una categoria vacía: ninguna hembra colonizada es mujer”. Tal forma de pensamento encontra-se no interior das sociedades e das tradições religiosas que, ainda, apresentam reservas com relação à participação de mulheres nos espaços considerados de poder.

Nesse sentido, a colonialidade é a outra face da modernidade, sendo a colonialidade de gênero é uma das expressões dessa face. Corolário desse processo, as mulheres foram reinventadas e, como tal, oprimidas e subalternizadas. Dito de outro modo, a colonização consistiu em um fenômeno abarcador e catalisador das culturas, dos corpos, das crenças das/os colonizadas/os, que tem, na figura do colonizador, no homem europeu, branco, heterossexual e cristão, o modelo humano legítimo. Com isso, o encontro do homem europeu com os povos autóctones supôs também o domínio sobre o imaginário religioso, ao infligir sobre estes o cristianismo em sua versão católica.

A configuração ocidental cristã, que consideramos um fenômeno cultural, e o seu processo expansionista, incorpora o projeto de conquista e domínio do ocidente sobre povos e culturas até então desconhecidas. O cristianismo católico apossou dos povos e culturas, apresentando-se como única versão válida e universalizante de crença. A consequência desta prerrogativa católica resultou na destruição dos ritos, símbolos e outras formas de crenças originadas na América Latina. As crenças dos nativos foram consideradas práticas incomuns, primitivas, obsoletas se comparadas ao estilo moderno Europeu, portanto, deveriam ser extintas para impor um único Deus, o Deus cristão do colonizador.

O projeto expansionista iniciado no século XVI tem como principal aspecto o domínio de culturas e povos. Tal projeto contribuiu para que se impusesse e se estabelecesse o cristianismo como única empresa religiosa a predominar sobre os povos “descobertos”. A feminista descolonial Sylvia Marcos (1989, p. 29) afirma, ao se expressar sobre a conquista e a imposição do catolicismo na América, que “Desde una perspectiva europea, la conquista de ‘América Latina’ es por ende un capítulo de la historia del catolicismo. Pero es también un capítulo muy particular de esta historia: en ninguna otra región llegó el catolicismo tan abruptamente ni se impuso con tanta violencia”.

Dessa forma, se institui o catolicismo no continente como empresa a corroborar com as atrocidades cometidas e perpetradas pelos colonizadores contra as/os colonizadas/os. Nessa empreitada, somam-se aos colonizadores os inúmeros missionários pertencentes às ordens religiosas, como: jesuítas, franciscanos, dominicanos dentre outras, que vieram para as Américas, com o intuito de fazer valer a ortodoxia católica sobre os nativos. Dussel (1994, p. 56) cita, ao argumentar sobre as formas violentas para impor o catolicismo, que “Se predica el amor de una religión (el cristianismo) en médio de la conquista irracional y violenta”. Concordamos com a assertiva de Dussel, pois parece ambíguo e contraditório propor ou pregar o amor em meio a práticas extremas de violência e desconhecimento do outro como humano.

Por isso, a missão civilizatória empreendida pelo cristianismo católico utilizou meios violentos para impor a crença, bem como cometeu inúmeras atrocidades sobre os colonizados e seus corpos, especialmente o corpo das colonizadas. A Igreja Católica como instrumento poderoso de manipulação dos povos e dos corpos, foi extinguindo as práticas dos povos nativos, que tinham suas raízes comunitárias e naturais, em função de uma única crença, em um único Deus. Enfatizamos que a religião do colonizador é patriarcal e possui um deus pai-homem. Tal pressuposto é determinante no estabelecimento das relações entre mulheres e homens no interior desta instituição religiosa.

Sobre a questão mencionada acima, Dussel (1990, p. 14) aduz que “...los pueblos que han dominado nuestra historia eran patriarcalistas y llamaban a Dios: Padre de los cielos, de tal maneira que hasta en la teologia, el patriarcalismo há penetrado”. As consequências dessa dominação patriarcal circunscreveram a prática católica e a sua teologia no continente, conforme veremos posteriormente. Tais consequências podem ser verificadas nas relações de gênero assimétricas estabelecidas pela igreja, que pesam sobre a vida da mulher no sentido de mantê-la em lugares de menor destaque, expressões de colonialidade que permeiam este espaço religioso.

No que se refere ao patriarcado e a gênero, tais debates têm ocupado as discussões empreendidas pelas feministas descoloniais latino-americanas, assim como há divergências de pensamento entre estas feministas. O debate assentado pelas feministas versa sobre a existência ou não de um patriarcado e de um sistema de gênero (tal como o moderno) na América Latina, antes do período da colonização. A antropóloga e feminista descolonial Rita Laura Segato parte do pressuposto de que houve um patriarcado e um sistema de gênero que antecedem o período colonial, sem os

quais não seria possível entender as posições pré-coloniais no âmbito do sexo e do gênero. Segato (2015, p. 82) afirma:

Datos documentales, históricos y etnográficos del mundo tribal, muestran la existencia de estructuras reconocibles de diferencia, semejantes a lo que llamamos relaciones de género en la modernidad, conteniendo jerarquias claras de prestigio entre la masculinidad y la feminidad, representadas por figuras que pueden ser entendidas como hombres y mujeres.

Para Segato, há evidências históricas que se apresentam nos documentos e trabalhos etnográficos a partir das quais é possível afirmar a ocorrência do patriarcado e formas de relação de gênero precedentes aos modelos do sistema moderno. A autora usa a denominação patriarcado de baixa intensidade ou baixo impacto para afirmar que não teve os efeitos devastadores como o de alta intensidade estabelecido no período colonial moderno (SEGATO, 2015). Contrapondo esse argumento, Lugones (2011, p. 942), uma das vozes proeminentes do feminismo descolonial, a qual seguimos na condução deste trabalho, sinaliza que

Carolyn Dean, Maria Esther Pozo e Johnni Ledezma, Pamela Calla e Nina Laurie, Sylvia Marcos, Paula Gunn Allen, Leslie Marmon Silko, Felipe Guaman Poma de Ayala e Oyèronké Oyèwùmí, entre outros, permitem-me afirmar que o gênero é uma imposição colonial. Não apenas por se impor sobre a vida vivida em sintonia com cosmologias incompatíveis com a lógica moderna das dicotomias, mas também por habitar mundos compreendidos, construídos.

Na visão de Lugones, é inexistente um sistema de gênero que precede a época colonial, assim como a ideia de um patriarcado, pois são domínios que, no pensamento de Lugones, emergem no período colonial, frutos da conquista Ibérica. A partir do pensamento de Lugones, depreendemos que tais sistemas transformaram as relações entre homens e mulheres nativos. O patriarcado instaura um período de perda da supremacia e de domínio da mulher sobre práticas diversas no âmbito social. O poder e a supremacia se assentam na figura do homem.

No que diz respeito ao sistema de gênero, este se institucionaliza no período colonial e estabelece relações desiguais baseadas no lucro (sociedade capitalista) e não mais na sobrevivência. Conforme sugere a autora acima, essa relação contribuiu para que se estabelecesse uma concepção de gênero, que distribui as atividades e benefícios de maneira desigual, sendo uma perspectiva que envolve uma relação de subalternidade.

Lugones, para afirmar suas análises sobre tais questões, se apoia nas autoras citadas acima e, dentre essas, destacamos o pensamento da africana Oyèronké Oyěwùmí. Esta autora realiza uma importante abordagem sobre a inexistência de um sistema de gênero e de patriarcado na sociedade Yorubá na África. Oyěwùmí (2017, p. 84) assevera:

demonstraré que previamente a colonización de Occidente, el género no era un principio organizativo de la sociedade yorubá, a pesar de que la voluminosa investigación diga lo contrario. Las categorías sociales ‘hombre’ y ‘mujer’ eran inexistentes y, por lo tanto, no tuvo lugar ningún sistema de género.

Seguindo outra perspectiva, mas também em concordância com o pensamento de Lugones e Oyěwùmí, a autora Silvia Federeci, na obra *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*, procura compreender o processo de transição do sistema feudal para o capitalismo na Europa, e estende a compreensão para as Américas. A originalidade desta obra de Federeci é a abordagem realizada sobre tais fenômenos desde a ótica das mulheres. A chegada do capitalismo e o estabelecimento do sistema moderno colonial nas Américas e Caribe, a partir do século XVI, institucionaliza a desigualdade provocando transformações na prática das mulheres, dentre essas a posição social ocupada por elas foi alterada. Federeci (2004, p. 8) alerta acerca das alterações: “Descobrimos que as hierarquias sexuais quase sempre estão a serviço de um projeto de dominação que só pode se sustentar por meio da divisão, constantemente renovada, daqueles a quem se procura governar”. O projeto imposto pelos conquistadores e colonizadores consistiu na hierarquização sexual, e na retirada da posição social ocupada pelas mulheres anteriormente, bem como resultou na sua dominação e domesticação.

No tocante à posição ocupada pela mulher na sociedade no período que antecede a conquista e a colonização, Federeci (2004, p. 416) sinaliza que “antes da conquista, as mulheres americanas tinham suas próprias organizações, suas esferas de atividades reconhecidas socialmente”. Em seguida, reitera (p.417): “Tudo mudou com a chegada dos espanhóis, pois estes trouxeram sua bagagem de crenças misóginas e reestruturaram a economia e o poder político em favor dos homens”. Depreendemos que no período que antecede a conquista, as mulheres usufruíam de poderes nos âmbitos sociais, culturais e religiosos, e tais poderes as empoderavam diante dos homens. O advento da colonização prescreve uma nova história para as mulheres desse continente,

fundamentada no sistema patriarcal e de gênero, em que o homem tem a supremacia sobre a mulher.

Nosso objetivo não é explorar essa contenda acerca da existência ou não do sistema patriarcal e de gênero na América Latina antes da colonização. Essa discussão não encontra consenso entre as teóricas do feminismo descolonial, o debate, todavia, encontra-se em aberto, mas pode ser um pressuposto válido para compreensão de tais questões. O intuito é verificar e refletir a raiz dos sistemas que geraram e geram a opressão que incide sobre a vida das mulheres, especialmente, as católicas adeptas das CEBs, objeto deste estudo. Após situarmos essa questão, voltemos aos assuntos que orientam esta discussão.

As mulheres sofreram em maior medida o peso da colonização se comparado aos homens. Se reconhece o colonizador masculino e, em certa medida, o colonizado masculino. No entanto, é inexistente a mulher colonizadora e a colonizada, esta última foi reinventada segundo os moldes do colonizador. Desse modo, se institucionaliza como também se legitima a hegemonia masculina em relação à feminina. Lugones (2011, p. 106), ao apresentar uma análise da colonização dos povos latino-americanos, afirma que “Comenzando con la colonización de las Américas y del Caribe, se impuso una distinción dicotómica, jerárquica entre humano y no humano sobre los colonizados al servicio del hombre occidental”. Esta proposição dualista do humano e não humano apontada por Lugones estigmatizou e categorizou homens e mulheres. Os humanos são seres civilizados, dotados de saber e de conhecimento, ou seja, os colonizadores europeus. Não humano, não civilizados, são índios e negros considerados animais, selvagens e depravados sexuais. Estas características estigmatizaram um modelo de homem, branco, heterossexual, cristão, burguês, europeu, apto a administrar e a governar; e de mulher, branca, reprodutora, passiva, do lar e a serviço do homem europeu. Tais classificações coloniais contribuíram para a sujeição e a submissão da mulher. Durante a colonização, o ser humano tornou-se macho ou fêmea, estabelecendo uma dicotomia entre homem e mulher, antes inexistentes sendo tais ideias constructos coloniais (LUGONES, 2011).

Inferimos, a partir do exposto, que o estado colonial criou a categoria mulher, a inferiorizou e a subordinou, conforme seus preceitos. Dessa forma, Lugones (2014, p. 28) assevera: “para las mujeres, la colonización fue un proceso dual de inferiorización racial y subordinación de género. Uno de los primeros logros del estado colonial fue la creación de “mujeres” como categoría”. Em outras palavras, as mulheres no processo de

colonização foram reinventadas, recriadas para atender o modelo e as necessidades dos colonizadores. Para tanto, elas foram reduzidas a objetos, utilizadas por estes para a realização de desejos sexuais, pois seus maridos foram exterminados ou reduzidos à escravidão. Em resumo, tal processo destruiu a dignidade da mulher estabelecendo, assim, o machismo e o patriarcalismo no continente.

Tais pressupostos incutidos no período colonial atravessaram a história do continente, afetaram e ocultaram a participação e o protagonismo de mulheres na cultura, na sociedade e na religião. Nesse sentido, a historiografia latino-americana ainda é incipiente ao enunciar o papel e a atuação de mulheres em seus diversos espaços. Marcílio (1984, p.12) é enfática ao afirmar tal questão: “Negligenciada na historiografia geral e particularmente na da América Latina, a mulher começa a ser tema de investigações sérias”. Para esta autora, os estudos empreendidos sobre a mulher latino-americana não contribuíram para dar visibilidade às suas histórias e aos seus saberes. Ademais, são estudos em sua maioria advindos dos países do norte, hegemônicos, coloniais, brancos, heterossexuais e burgueses. Estes, por sua vez, não correspondem às situações de opressão e de violência que pesam sobre a vida de inúmeras mulheres em vários países desse continente. Estas críticas são encabeçadas e levadas a cabo pelas feministas descoloniais.

A realidade denunciada por Marcílio começa a ter outros contornos. Muitas mulheres acadêmicas, intelectuais, ativistas, cada qual desde sua perspectiva área do conhecimento, e do lugar onde enunciam seu pensamento, começam a elaborar categorias de análise capazes de responder às inúmeras formas de opressão sofridas pelas mulheres, nesta porção geográfica. Os estudos feministas com foco descolonial têm contribuído largamente para que as histórias das mulheres desse continente sejam contadas e conhecidas por meio das suas próprias nativas, esse é um dos objetivos que pode ser encontrado no bojo desse feminismo, nos capítulos subsequentes será analisado o feminismo descolonial.

Ao citarmos sobre a construção teórica em desenvolvimento pelas feministas descoloniais latino-americanas, julgamos pertinente afirmar sobre o acesso tardio de mulheres à universidade na América Latina. Carmen Lora (1988, p. 28) lembra, “sólo en la segunda mitad del siglo XIX la mujer latino-americana llega a la universidad, institución presente en el continente desde tres siglos atrás”. O ingresso tardio de mulheres na universidade revela também que o saber acadêmico lhes foi negado. As mulheres colonizadas foram relegadas às funções maternas e domésticas, legitimada

pelo catolicismo. Estas funções se perpetuaram na história e as colocaram distante dos saberes acadêmicos. Podemos perceber essa questão nas entrevistas das colaboradoras desta pesquisa. Algumas afirmaram não terem estudado e outras afirmaram que voltaram a estudar tardiamente, porque primeiro foram cuidar da família, dos filhos e, ainda, uma afirmou que houve impedimento do cônjuge.

Notadamente, no que se refere à Igreja Católica, a presença e a participação de mulheres sempre geraram suspeitas à hierarquia predominantemente masculina, patriarcal e colonial. Sabe-se que as mulheres em grande número fazem a experiência e o consumo do “deus” instituído por esta tradição religiosa, bem como contribuem para disseminar a crença. Mas tal experiência e consumo não corroboraram para o seu reconhecimento institucional e hierárquico. Contudo, destacamos que os séculos XX e XXI são considerados os séculos do empoderamento social e, em certa medida, religioso da mulher. Ocorre a ressurgência da mulher como artífice do próprio destino. Atribuímos esse empoderamento social e “religioso” à emergência do movimento feminista, aos estudos feministas, às novas formas de feminismos surgidos na América Latina, baseados na descolonialidade, à teoria do empoderamento de mulheres, à teologia feminista, o surgimento da pílula anticoncepcional que retirou as mulheres da reprodução como obrigação e destino.

No que tange à história de mulheres na Igreja Católica, começa a ser contada muito recentemente, ou seja, a partir da sistematização da teologia da libertação, com foco feminista. A teóloga feminista Maria Pilar Aquino (1997, p. 86) nos situa em seu livro, *A teologia, a Igreja e a mulher na América Latina*, sobre a atuação de mulheres no ofício teológico, “Em cinco séculos de história eclesial na América Latina, faz apenas vinte anos que começamos a falar pública e coletivamente como mulheres, usando nossas próprias palavras”. Nesse sentido, a Teologia Feminista elaborada por mulheres latino-americanas em meados do século XX, poder ser considerada o marco da participação e da atuação de mulheres na Igreja. Começaram a se expressar e a falar por si próprias, buscando se desvencilhar das imagens e dos discursos patriarcais provenientes dos aportes teológicos masculinos, dito de outro modo, provocando fissuras que podem ser descoloniais. Posteriormente, discorreremos sobre a teologia da libertação e a teologia feminista.

Além disso, em cada período da história surgiram mulheres que souberam e buscaram formas de se desvencilhar de sua condição de colonizada, subalterna e oprimida, e que abriram canais significativos de descolonialidade e de empoderamento.

Muitas personagens foram ocultadas da história oficial, contada a partir das epistemologias hegemônicas. A título de exemplo, citamos algumas mulheres: a figura da índia Malinche (1496–1529?), indígena, interprete, personagem importante em parceria com o amante, Hernán Cortez na conquista do México, Sor Juana Inés de la Cruz (1651- 1695), freira, mexicana, teóloga, escritora e poeta, e mais recentemente a figura de Rigoberta Menchú (1959-), guatemalteca, indígena, prêmio Nobel da Paz em 1992, lutou pela defesa dos direitos humanos e indígenas. São apenas alguns nomes entre outras tantas mulheres que viveram sobre a égide católica, e que se levantaram contra o sistema opressivo de gênero. Cada uma em seu tempo e lugar foram vítimas das colonialidades impostas e perpetradas contra as mulheres. Contudo, tais mulheres tomaram consciência da sua dignidade e souberam denunciar a opressão que pesava sobre suas vidas, mas também abriram sendas para que outras mulheres pudessem seguir. Na medida em que romperam com as causas que geram a opressão, desencadearam processos que podem denotar empoderamento e descolonialidade subjetiva, mas também para as suas comunidades de pertença, transformando as ações dos/das atores/as sociais.

Ao falar sobre a participação de mulheres na história da Igreja na América Latina, e sua ascensão nos séculos XX e XXI, se faz importante rememorar o Concílio Vaticano II, as Conferências Latino-Americanas de Medellín e Puebla, eventos estes que contribuíram enormemente para a gênese e o desenvolvimento das Teologias da Libertação e feminista e, por conseguinte, das CEBs.

Dentre os acontecimentos que marcaram a história do catolicismo no último século, sem dúvida, o Concílio Vaticano II (1962-1965) ocupa um lugar de destaque. Esse evento aufere outros significados à ação da Igreja e redireciona os seus caminhos. Beozzo (2005, p. 43) argumenta, ao discutir na sua extensa obra, *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*, sobre a relevância deste evento eclesial que “o Vaticano II foi, na opinião dos especialistas, o mais importante acontecimento no campo cristão durante o século XX e, provavelmente, sem similar no panorama religioso desse século”. O Vaticano II foi o acontecimento eclesiológico de grande importância para o catolicismo atual, especialmente, para a igreja da América Latina, do Brasil e também a Igreja particular do Norte de Minas Gerais.

Nesse sentido, o Vaticano II consistiu num fenômeno catalisador na história da Igreja do Brasil, e da América Latina. Este concílio possibilitou outras formas de inserção eclesial como, por exemplo, a experiência das CEBs. Na época, muitas

iniciativas tímidas, mas inovadoras, encontravam-se em curso na Igreja do Brasil, conforme nos apresenta Teixeira (1988, p. 72): “Movimento de Ação Católica Brasileira, Movimento de Educação de Base-MEB, Movimento por um Mundo Melhor”. Estes são alguns movimentos que, na visão deste autor, despontavam no interior da igreja, e que incitava às transformações. Tais movimentos foram impulsionados pelas ações provenientes do Concílio e que possibilitaram o surgimento de outras expressões populares.

No que se refere à participação de mulheres no Concílio, Domezzi (2016, p. 58) cita que

Finalmente o Concílio chamou mulheres! Paulo VI anunciou a novidade da nomeação de algumas auditoras a uma comunidade de religiosas presentes numa missa presidida por ele em Castelgandolfo, no dia 8 de setembro de 1964. Conforme especificou, elas seriam uma representação simbólica.

Chamamos a atenção nesse excerto para duas questões, a saber: primeiro, o convite do papa Paulo VI, ocorreu somente em 1964, ou seja, dois anos após o início das atividades conciliares. Segundo, seria apenas uma representação simbólica, ou seja, apenas números. Vale frisar que os padres conciliares também refutavam a presença de mulheres. Participaram ao todo do Concílio 23 mulheres, entre essas leigas, algumas religiosas como auditoras, a partir do período em que foram nomeadas pelo papa. Dessa forma, a presença de mulheres durante o Vaticano II não causou nenhum impacto nas decisões realizadas pelos padres, visto que a representação foi simbólica.

Contudo, esse Concílio forneceu as bases necessárias para a construção de uma teologia focada na agenda feminista, que veio consolidar três anos após o Concílio Vaticano II, na Conferência de Medellín (1968). A referida conferência ocorreu na cidade de Medellín, na Colômbia, considerada um acontecimento singular na história da Igreja do continente. Medellín possibilitou transpor as ideias conciliares para às realidades latino-americanas. Beozzo (1993, p. 117) informa,

Medellín refaz, num certo sentido, o Vaticano II e, em muitos pontos, dá um passo além: aí emerge pela primeira vez a importância das comunidades de base, esboça-se a teologia da libertação, aprofunda-se a noção de justiça e de paz ligadas aos problemas da dependência econômica, coloca-se o pobre no centro da reflexão e da Igreja no continente.

A partir de Medellín, a Igreja da América Latina ressignifica sua estrutura, sua ação pastoral e sua teologia. A Igreja latino-americana desvencilha-se dos modelos europeus, até então utilizados e consagrados para a evangelização, e adota propostas pastorais e teológicas mais condizentes com a realidade do continente. A Igreja criou uma identidade própria, em outras palavras, a Igreja latino-americana experimenta em seu bojo um processo descolonial. A conferência contribuiu para que a Igreja se conscientizasse acerca do empobrecimento de grande número de pessoas em toda a América Latina, assim, a Igreja aproximou da realidade dos pobres e os assumiu.

Em Medellín, as ações da teologia da libertação e da teologia feminista foram potencializadas, esta última se irrompe nesse mesmo ano com a repercutida obra, *Igreja e o segundo sexo*, da filósofa e teóloga feminista, norte-americana Mary Daly, considerada a primeira teóloga feminista. No caso das CEBs, no entendimento de Teixeira (1988, p. 294), “Medellín foi propriamente o reconhecimento a nível institucional das CEBs, enquanto acontecimento eclesial. Tratou-se em Medellín das CEBs como fator privilegiado de vivência e comunhão fraterna”. Desta forma, as CEBs surgem com o novo modelo de Igreja que nasce em Medellín, centrada nas realidades do povo.

No mesmo período em que a Igreja passava pelas mudanças advindas do Concílio e de Medellín, que a impelia para a participação sóciotransformadora e cultural, encontrava-se em curso a ditadura militar no Brasil, na Argentina, no Peru e em outros países. A Igreja latino-americana que naquele momento havia assumido o compromisso de luta pela libertação integral da pessoa, torna-se porta-voz das vítimas das atrocidades cometidas pelos governos ditatoriais.

Deere e León asseveram (2002, p. 236) que “durante o regime militar as CEBs frequentemente representavam o único espaço no qual os pobres podiam procurar consolo e refletir sobre sua condição, bem como recebiam a garantia de que também tinham direitos à terra e à moradia”. As CEBs com sua dinâmica popular possibilitaram um espaço para que as pessoas pudessem receber apoio e se fortalecessem nas lutas e resistência contra o regime militar. A ditadura militar consistiu em um fenômeno marcado pela opressão, repressão, pela supressão da democracia e dos direitos civis e humanos, essas ações colocavam em xeque a vida e os direitos humanos. São anos extremamente difíceis para a história do continente. Os movimentos populares em ascensão foram atingidos pela repressão exercida pelo governo militar. Muitos desses movimentos enfraqueceram e outros resistiram.

No tocante às mulheres, elas tiveram um papel importante na ditadura militar, embora nem sempre sejam lembradas. Demonstraram coragem e valentia na luta e defesa do povo e, por isso, muitas foram torturadas, mortas e algumas desaparecidas. No pequeno estudo da autora Maria Amélia de Almeida Teles (1993), intitulado *Breve história do feminismo no Brasil*, ela faz um resgate da história da mulher em várias fases e acontecimentos do país. A respeito da ditadura, a autora apresenta uma lista em que contabilizamos quarenta nomes de mulheres em todo o Brasil, que tiveram suas vidas ceifadas ou são consideradas desaparecidas políticas pelas ações do governo militar. Entendemos que existem muitos outros nomes anônimos, porém não constam na lista organizada por Teles.

A Igreja Católica por meio de suas/eus líderes teve participação expressiva na luta pelos direitos humanos na ditadura. Foram inúmeros padres, bispos, freiras, leigos/os que imbuídos dos ensinamentos suscitados pelo Concílio Vaticano II, pela opção pelos pobres e sua libertação assumida em Medellín e, anos depois, reassumidos em Puebla, lutaram contra as injustiças. Muitas/os dessas/es deram a própria vida em defesa das/os injustiçadas/os. Diversas mulheres brasileiras comprometidas com a igreja e sua causa em favor da justiça se entregaram ao serviço dos mais pobres, dentre estas citamos: Irmã Dorothy Stang (1931-2005) assassinada por latifundiários no Norte do país, Zilda Arns Neumann (1934-2010) vítima do desastre sísmico ocorrido no Haiti, Irmã Dulce (1914-1992), dentre outras. O papel assumido por essas mulheres na defesa dos mais empobrecidos demonstra que foram empoderadas.

Concomitantemente a esses eventos citados, as sociedades ocidentais experimentavam a emergência do movimento feminista, dos estudos feministas e a revolução sexual, acontecimentos que mudaram a trajetória de vida das mulheres. A revolução sexual marca o direito ao livre exercício da sexualidade, com o uso da pílula anticoncepcional. O movimento feminista buscava a ascensão social da mulher e permutar a sua história e luta. Para utilizarmos os marcos teóricos que acompanham este estudo, podemos afirmar que tal movimento foi precípuo para os processos de descolonialidade e de empoderamento das mulheres.

Entretanto, as mudanças proporcionadas pelo movimento feminista, na década de 1970, causaram suspeita em setores da sociedade e as feministas foram vistas com desdém pelos meios de comunicação, o Estado e a Igreja, uma vez que tais instituições tenham sido marcadas historicamente por machismos e patriarcalismos. Destacamos que as CEBs são contemporâneas desses eventos que ressignificaram as trajetórias das

mulheres brasileiras e latino-americanas. A socióloga Lucia Ribeiro (2012, p. 173) recorda que

É sintomático lembrar que as CEBs surgem nos anos de 60/70, exatamente quando a ‘segunda onda’ do movimento feminista se afirma, no Brasil, com a preparação da primeira reunião internacional sobre a situação da mulher, que se realizou no México, em 1975, marcando o início da Década da Mulher, patrocinada pelas Nações Unidas. É igualmente sintomático constatar as dificuldades- quando não a inexistência –do diálogo entre os dois grupos nesse período.

Se, por um lado, as CEBs carregam a peculiaridade de um movimento que visa à participação e a integração da mulher no espaço religioso católico, por outro, vale ressaltar as tensões existentes entre o feminismo e as CEBs, a partir do exposto apresentado por Ribeiro. As CEBs em sua gênese assumiram os pobres e a sua libertação como primeiros interlocutores das ações. As mulheres, desde o início, foram contempladas como pobres, portanto, não reconheceram que a pobreza é apenas uma das dimensões que afetam a vidas das mulheres, ignoraram a opressão que sofrem como mulher, e que é perpetrada por séculos no interior do catolicismo. Nesse sentido, as ideias feministas tiveram pouca ou nenhuma expressão nesse período, talvez, tais ideias se encontrassem subsumidas sobre a ideia de libertação dos pobres, enfatizada pelos teólogos da libertação e das CEBs. Nessas questões, vislumbramos um duplo movimento de colonialidade e de descolonialidade, que permeia as ações das CEBs.

Após Medellín, seguiram-se onze anos até a Conferência de Puebla (1979), realizada no México. Tal conferência seguiu as intuições prioritárias que permearam Medellín, reforçando a opção pelos pobres, sendo estes os destinatários principais das lutas de libertação, econômica e social. O cenário repressor proporcionado pelo governo militar rondava a sociedade brasileira naquele ano em que ocorreu a Conferência de Puebla. A Igreja, na época, respirava outros ares que, em certa medida, distanciavam-se dos ares proporcionados pelo Concílio Vaticano II. Nos parece que ocorreu certo retrocesso se comparado com Medellín, iniciou-se uma perseguição à teologia da libertação e, por sua vez, dos seus teólogos/as, vários deles foram silenciados pelo Vaticano, dentre esses Leonardo Boff e, mais tarde, a teóloga feminista Ivone Gebara, sobre o silêncio concedido a ela, discorreremos posteriormente.

Com referência às mulheres, ambas as conferências destinaram pouco espaço para falar a respeito delas. O documento final de Puebla dedica alguns parágrafos para

relatar a situação da mulher na América Latina. O documento descreve a realidade das mulheres na América Latina, a marginalização que pesa sobre sua história, a desigualdade no campo profissional e político, a sobrecarga doméstica, a situação das empregadas domésticas, apresenta e afirma a igualdade entre mulher e homem, etc (PUEBLA, 1979). Realiza um esboço sobre a missão das mulheres na bíblia, por meio de algumas personagens, com ênfase na maternidade de Maria e a missão desta na Igreja. E ao final dos parágrafos dedicados a situação da mulher, o documento (Puebla, 1979, p. 226) afirma, “Sublinhamos o papel fundamental da mulher como mãe, defensora da vida e educadora do lar”. A nosso ver, o documento expressa clara compreensão sobre a missão da mulher na Igreja, ainda com restrições, defendendo o espaço doméstico e a maternidade, como funções primordiais da mulher.

Na visão de Aquino (1997, p. 67), “Medellín e Puebla apresentam linhas que pretendem responder às questões que emergem da situação vivida pelas mulheres, mas fazem-no de maneira congruente com sua percepção antropológica e a partir da sua perspectiva teológica”. A autora entende que tais documentos procuraram explicitar as situações de opressão e violência em que vivem as mulheres, portanto, estes e outros documentos pontifícios são ainda incipientes em evocar esses assuntos, bem como são elaborados por homens e marcados, assim, por uma linguagem androcêntrica e sexista, advindas do arcabouço teológico masculino, que contribui para a perpetuação do estigma da mulher, como mãe e do lar.

É nessa conjuntura estabelecida por esses acontecimentos eclesiais, de grande impacto para a América Latina, que as CEBs surgiram no alvorecer das décadas de 1960 e 1970, no Brasil, e se estendem para outros países do continente, o que será abordado posteriormente. Ainda na década de 1970, iniciaram os Intereclesiais de Base, definidos como encontros de igrejas que experimentam e vivenciam em seu interior as CEBs. Assim, buscam mais articulação das comunidades espalhadas em todo país.

O primeiro intereclesial ocorreu em 1975, na cidade de Vitória-ES, somam-se até o momento 14 encontros realizados em todas as regiões do Brasil, sendo o último sediado na cidade de Londrina-PR, em janeiro de 2018. Tais encontros são animadores da vida das comunidades e das pessoas que participam. Nesses encontros, são discutidos e refletidos temas atinentes à vida da Igreja e da sociedade brasileira. Como os propósitos desta pesquisa não são fornecer uma cronologia dos intereclesiais, limitamo-nos a fornecer dados da participação de mulheres no 6º, 7º e 8º intereclesial, que compreendem o recorte temporal da pesquisa.

Nessa perspectiva, a presença e atuação de mulheres marca o trabalho das CEBs no Brasil desde os seus inícios. Nos intereclesiais, é perceptível a presença e a colaboração de mulheres, no entanto, se percebe que nesses eventos as mulheres ainda se encontram em locais de pouco destaque. Sobre esta questão, Ribeiro (1999, p. 163) menciona: “a participação de mulheres nos Intereclesiais se dá frequentemente por meio de um trabalho invisível e silencioso, ‘por trás’, garantindo as tarefas básicas de infraestrutura: secretariado, alimentação, hospedagem”. Expressões da colonialidade que perseguem as histórias de mulheres nos espaços religiosos católicos.

Dentro do nosso recorte, analisamos a ocorrência de três intereclesiais, sendo dois na década de 1980 e um no início da década de 1990. A década de 1980 é caracterizada por inúmeras transformações na sociedade brasileira, citamos: o término da ditadura em 1985, a abertura política com o surgimento de partidos políticos, dentre eles, o Partido dos Trabalhadores¹², sustentado por lideranças das CEBs. O crescimento de movimentos populares, apresentando novas tendências e transformações na sociedade brasileira. Não somente a sociedade brasileira estava passando por transformações, mas a Igreja também experimentava profundas mudanças, a partir do pontificado do papa João Paulo II (1978-2005). Esse pontificado foi caracterizado pelo enrijecimento, tensões e cerceamentos a setores mais progressistas da Igreja católica, especialmente, a Teologia da Libertação. É nesse cenário social e eclesial que ocorrem os intereclesiais analisados no trabalho.

Na literatura encontrada sobre os Intereclesiais constatamos que, até o VI Intereclesial realizado em 1986, na cidade de Trindade-GO, questões atinentes à vida das mulheres não foram explicitadas, pois tratavam de temas mais gerais que as incluíam. Vejamos nas palavras de Ribeiro (1999, p. 163): “a formulação da ‘questão da mulher’ só vem a aparecer de forma explícita no VI Encontro, quando surge a preocupação com novas problemáticas e a expressão índio, negro e mulher assumem importância própria”. Esse encontro tomou consciência do lugar e do espaço da mulher dentro da Igreja, uma vez que o desenvolvimento das comunidades se atribui ao intenso trabalho exercido por elas. Nessa perspectiva, esse encontro buscou refletir sobre o lugar da mulher na Igreja. Tratou-se da temática, no entanto, não ocorreram os aprofundamentos necessários que possibilitassem avanços, pois não havia condições em

¹² O Partido dos Trabalhadores- PT surgiu como agente promotor de mudanças na vida de trabalhadores da cidade e do campo, militantes de esquerda, intelectuais e artistas. Foi oficializado partido político em 10 de fevereiro de 1980, pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral. Extraído da página oficial do PT: <https://pt.org.br/nossa-historia/>.

razão do tempo e o grande número de participantes (TEIXEIRA, 1996). No documento final, então, prevaleceram apelos à participação da mulher em várias instâncias da Igreja católica. A emergência desses temas apenas preparava para os seguintes intereclesiais, que viriam a surgir com bastante força.

Em 1989, ocorreu o VII Intereclesial, na cidade de Duque de Caxias-RJ. Houve um número expressivo de participantes brasileiros e de outros países da América Latina. Destacam-se nesse intereclesial as discussões sobre o ecumenismo e o diálogo com outras expressões religiosas. Contabilizaram a participação de cerca de 140 pessoas de denominações cristãs diferentes. No tocante à mulher, o intereclesial reafirmou a subordinação, a opressão e a pouca expressão no cenário católico, questões vislumbradas no encontro anterior.

Foi o VIII Intereclesial sediado na cidade de Santa Maria-RS, no ano de 1992, que emergiu com precisão a situação da mulher, bem como dos negros e indígenas. O tema deste encontro, *Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas*, favoreceu a irrupção de assuntos concernentes à participação social e eclesial das mulheres. Tal intereclesial inovou ao trazer para o debate eclesial as culturas oprimidas e subsumidas, culturas que foram encobertas no processo colonial. Importante destacar que os números de participantes nos intereclesiais foram aumentando gradativamente. Em Santa Maria, participaram 2.238 pessoas procedentes de várias partes do Brasil, assim como 88 pessoas de países da América Latina e Caribe, sendo que 48,3% eram mulheres (Teixeira, 1996).

A respeito do tema escolhido para o referido intereclesial, nas palavras de Teixeira (1996, p.113), “a questão da cultura, ainda que presente, não toca de forma decisiva a sensibilidade dos participantes. Para muitos, a concentração na temática da cultura consistia em um desvio de atenção da problemática essencial da luta libertadora”. Nesse sentido, a discussão quanto à cultura era ainda tímida entre os participantes e os teólogos da libertação nos intereclesiais. O cerne das reflexões ainda rondava questões voltadas para o âmbito da política e sua relação com a fé. Ainda sobre a temática desse intereclesial, Teixeira (1996, p.114) assevera: “Na questão da cultura, a Igreja aparece diretamente como a força opressora. É ela que se mostra marcada por uma cultura branca, machista, ocidental e que, sobretudo nos seus centros de poder, sente dificuldade com a inculturação profunda da fé, da liturgia, da canonística do mundo negro, ameríndio e feminino”. Entendemos que tais temas se apresentam como autênticos desafios à prática e a missão na Igreja, ainda imersa em práticas coloniais.

As questões que explodem nesse intereclesial, a partir do tema da cultura, o fizeram ser um dos mais repercutidos. Nos dias em que ocorreu o encontro, e com o intuito de aprofundar as questões provenientes do tema proposto, as/os participantes foram distribuídos nos seguintes grupos: índios, negros, migrantes, trabalhadores e mulheres. De cada grupo vieram as angústias, os anseios e os desafios, porém, foi do grupo das mulheres e dos negros que surgiram as questões mais caras ao catolicismo. Restringiremos a atenção às reivindicações das mulheres.

O tema das culturas oprimidas forneceu importante material para que as mulheres pudessem se expressar e denunciar as opressões as quais são submetidas no meio religioso. No texto preparatório desse encontro, na parte intitulada *Cultura da mulher*, são evocados diversos elementos para se referir a uma cultura específica da mulher. O referido texto (1991, p.61) elucida o que quer dizer cultura da mulher, “Por que estamos sentido necessidade, hoje, de identificar a cultura da mulher? Talvez porque a cultura do homem-varão seja de fato a cultura dominante”. Em concordância com o texto, afirmamos que ainda vivemos imersos em uma cultura em que predomina o masculino e o feminino, por vezes, fica subentendido ou subsumido no masculino. Dessa forma, se impõe a necessidade de explicitar o feminino, especialmente no meio religioso.

Concretamente, as CEBs têm sido produtoras de cultura das mulheres por meio da formação de grupos e associações nas comunidades periféricas dos grandes centros urbanos e da área rural. No tocante à produção acadêmica, o pensamento teológico feminista tem contribuído decisivamente para explicitar, reafirmar e a legitimar a cultura da mulher. No documento final do intereclesial de Santa Maria, o grupo das mulheres se expressa de maneira contundente e reivindica o seu reconhecimento no espaço eclesial. Teixeira (1996, p. 120) descreve os principais aspectos desse documento:

Sublinham a importância do reconhecimento do seu lugar na Igreja, em igualdade de condições e o seu direito de participar em todos os níveis de poder e decisão. Insistem também no respeito por sua identidade feminina e o direito de lutar pela autovalorização do próprio corpo, redescobrimo sua sexualidade e construindo o novo nas relações homem-mulher. Em trecho da carta que causou maiores dificuldades, as mulheres afirmam: ‘Queremos ser reconhecidas nos Ministérios que já exercemos. Nosso empenho deve ser, mais ainda, pela conquista não apenas das assembleias e tribunas, mas também dos altares e dos púlpitos. É fazendo que se aprende! O que não está oficializado se oficializa pela prática.

O conteúdo desta carta explicita as angústias e a insatisfação das mulheres, com as estruturas hierárquicas da Igreja Católica, que não as reconhecem plenamente. Elas desejam ser reconhecidas em seu labor pastoral, anseiam participar nos ministérios ordenados em igualdade com os homens. Reivindicam o direito e o respeito sobre seus corpos, sua sexualidade, sua liberdade de decisão, enfim, apostam em relações mais humanas e igualitárias entre mulheres e homens. A carta traduzia as tensões, os conflitos que se arrastam por séculos na relação Igreja e mulher. Ao mesmo tempo em que apontava para os novos desafios, os quais exigiriam novas posturas da Igreja. O teor desta carta causou em certa medida mal-estar entre os participantes desse encontro, especialmente entre os membros da hierarquia católica, alguns bispos presentes discordaram do conteúdo. Enfim, o encontro de Santa Maria inaugurou novas perspectivas e desafios às CEBs, lançando questões concernentes ao corpo, à sexualidade, aos ministérios ordenados e gênero, assuntos até então nunca discutidos em intereclesiais.

Tais perspectivas inauguradas no encontro em Santa Maria já ocupavam os estudos e debates empreendidos por teólogas feministas latino-americanas, a exemplo de Maria Pilar Aquino, Ivone Gebara, Marcella Althaus-Reid, Nancy Pereira Cardoso, dentre outras. Nesse tempo, a teologia feminista encontrava-se em ampla expansão, assim como as teólogas questionavam veementemente a Igreja Católica em assuntos atinentes ao celibato, hierarquia da igreja, as imagens patriarcais de Deus, aborto etc. Dessa forma, os anos de 1980 e 1990 são considerados férteis para a produção teológica feminista. No que se refere à questão específica do aborto, eis um assunto em torno do qual a Igreja mantém uma única palavra, que se encerra no discurso da defesa da vida. Esse discurso perpassa gerações sem que haja uma reflexão e diálogo, que permita o entendimento de toda a problemática que implica a interrupção de uma gravidez, especialmente, para as mulheres pobres e negras que se veem obrigadas, em algum momento de suas vidas, a recorrer a essa prática, seja por situações de ordem financeira, afetiva, ou mesmo por estupro.

Em 1993, a teóloga Ivone Gebara concedeu uma entrevista à Revista Veja a qual se intitulava *Aborto não é pecado*. Gebara afirmou suas posições em favor da diminuição da violência que pesa contra a vida das mulheres e, especialmente, as empobrecidas. No entanto, as informações que foram apresentadas por esse veículo de comunicação apresentaram certa divergência entre a posição da autora e a interpretação realizada pelos jornalistas. A entrevista obteve grande alcance nacional e repercutiu em

vários setores da igreja, obrigando a Gebara a retratar-se perante a diocese (Recife-PE) onde residia naquele momento e a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Como resultado, a Congregação para Doutrina da Fé¹³ lhe impôs o silêncio que a impediu de executar seu ofício de teóloga/professora por um período. Após a publicação da referida entrevista, Gebara elaborou um texto curto, porém, denso e contundente para esclarecer e reafirmar seus posicionamentos, no jornal Estado de São Paulo¹⁴, em 12 de novembro de 1993. Consequentemente, essa entrevista contribuiu para a abertura do debate acerca da descriminalização e a legalização do aborto em vários setores da sociedade procedentes do catolicismo, dentre eles, a Organização Católica pelo Direito de Decidir¹⁵. Mas a verdade é que o tema ainda segue sendo um tabu para a Igreja Católica, até em grupos que possuem uma ação mais progressista, como no caso das CEBs, podem ser verificados discursos que corroboram e legitimam o posicionamento da Igreja, como podemos verificar nas falas das mulheres, colaboradoras deste estudo, nos próximos tópicos em que adentraremos nas suas narrativas com o intuito de compreender suas histórias.

1.2- Mulheres do sertão Norte-Mineiro: na diferença colonial e no viajar-entre-mundos.

O feminismo descolonial, fonte teórica que sustenta esse estudo, originado na América Latina no início deste século, tem despontado com grande potencial acadêmico e revisionista. Ou seja, o feminismo descolonial busca fazer uma releitura do passado colonial e procura ressignificar esse passado tendo presente às colonialidades que subordinam as mulheres no mundo moderno, especialmente, as do sul global. Sendo assim, o pensamento teórico descolonial é um meio de intervenção que permite transformações estruturais no campo acadêmico, político, cultural, sociológico e, por isso, acreditamos ser conveniente evocar essa perspectiva teórica para os estudos da religião com foco na mulher, ao considerar a descolonialidade das religiões. Tais

¹³ Um dos órgãos da Santa Sé, no Vaticano, responsável por manter as doutrinas acerca da fé.

¹⁴ A entrevista na Revista Veja e o texto publicado no jornal Estado de São Paulo, encontram-se nos anexos deste estudo.

¹⁵ É uma ONG originada nos Estados Unidos e disseminada por vários países da América Latina. No Brasil inicia as atividades em 1993, possui como principais bandeiras os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, a diversidade sexual e a defesa do estado laico.

transformações são possíveis, vale salientar, porque o pensamento descolonial é contextualizado, local e fronteiriço¹⁶.

Na perspectiva do feminismo descolonial, como também do pensamento descolonial, é fundamental evidenciar o lugar de onde se emite a fala, ou seja, o lócus de enunciação. Para Mignolo (2017, p. 6), “o pensamento e a ação descolonial focam na enunciação, se engajando na desobediência epistêmica e se desvinculando da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais”. Enfatizar o local de fala nos permite aproximar e compreender a dinâmica dos sujeitos envolvidos, visto que todo conhecimento está situado em um contexto social, cultural e religioso. Nesse sentido, a pessoa humana é circunstanciada por nascer e viver em determinada cultura, espaço geográfico, contexto sócio-cultural, histórico e religioso, essa conjuntura modela as ações, o modo de ver o mundo e de se posicionar nele, abre possibilidades de realização, bem como exigências para que possa estabelecer-se. Imbuídas das ideias acima, propomos apresentar a cidade de Montes Claros, localizada do Norte de Minas Gerais, local onde emergiu a pesquisa proposta. De acordo com o pensamento fronteiriço descolonial, trata-se do nosso lócus de enunciação.

O Estado de Minas Gerais abriga em sua extensão várias “minas gerais”, cada qual com características e expressões muito peculiares, como expressa João Guimarães Rosa (1978, p. 218): “Minas Gerais é muitas. São pelo menos, várias minas”. Rosa nos provoca a pensar na realidade complexa e contraditória que supõe o estudo deste Estado. Sendo que este abriga, em sua vasta extensão geográfica, várias culturas, povos, sotaques, costumes, alimentação, dentre outras características. O norte de Minas Gerais é um local que possui características distintas que podem ser verificadas na cultura, na alimentação, na agricultura, nas manifestações religiosas. Essa porção de Minas Gerais é composta por 92 municípios, o que representa uma população aproximada de dois milhões de pessoas. Nesse espaço geográfico, há a predominância do cerrado e, em algumas partes, da caatinga, o que permite a colheita de frutas próprias desses biomas, como: pequi, pitomba, panã, umbu, dentre outras.

A região Norte de Minas, também é chamada por pesquisadores/as nativos/as e comprometidos/as com o conhecimento e o desbravamento local de sertão norte mineiro. O antropólogo montesclarenses João Batista de Almeida Costa tem contribuído

¹⁶ Na compreensão de Mignolo (2017, p.16), “o pensamento fronteiriço é a singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial. Por quê? Porque a epistemologia fronteiriça é a epistemologia do *anthropos* que não quer se submete à *humanitas*, ainda que ao mesmo tempo não possa evitá-la”.

expressivamente para os estudos acerca da compreensão da identidade do povo norte mineiro. Assim Costa (2002, p. 57) define o sertão: “o sertão, ou sertões, refere-se a uma geografia oposta ao litoral, cujos recursos naturais e humanos foram explorados pelos portugueses durante a colonização em benefício da metrópole”. Em concordância com este autor, utilizaremos sertão norte mineiro entendido também como região de fronteira, da diferença colonial e do viajar-entre-mundos.

Nessa perspectiva, a formação cultural, social, histórica e religiosa do sertão Norte de Minas possui algumas especificidades se comparadas a outras partes do Estado. Tais especificidades se atribuem aos processos de ocupação e territorialização, impostos pelos desbravadores bandeirantes que se apossaram dessas terras. Conforme, nos sugere Costa (2009, p.120), “O norte teve a sua formação histórica vinculada ao bandeirismo apreador de índios e exterminador de quilombos e à marcha progressista das fazendas nordestinas de gado pelo interior do país, em meados do século XVII”.

Desse modo, a formação histórica desta região de Minas Gerais esteve diretamente ligada ao extermínio de povos e culturas existentes, o que gerou um ambiente violento, herança das ações devastadoras dos bandeirantes. Esta região também esteve longe dos interesses da coroa portuguesa devido à ausência de riquezas que lhes interessava, foi isolada, deixada ao acaso, ou seja, longe dos olhos do poder, estes fatores forjaram uma cultura distinta de outras regiões do Estado. Mas o que queremos enfatizar dessas assertivas, o que também conduz a compreensão desse estudo, é que o sertão norte mineiro é um espaço de fronteira, espaço da diferença colonial (Mignolo, 2003), ou ainda do viajar-entre-mundos (Lugones, 1987). Sobre a ideia de fronteira, Costa (2002, p. 56) argumenta

O Norte sertanejo foi construído no imaginário social estadual nas fronteiras da sociedade mineira, tanto no sentido geográfico, quanto no sentido semiótico, adquirindo aí a condição de alteridade, cuja importância é fundamental para o entendimento do seu lugar no sistema social mineiro.

A ideia de fronteira, para o autor em questão, se dá em termos geográficos e semióticos, visto que ambos são delimitadores de espaços que apontam para um lugar concreto, onde vivem e sobrevivem pessoas em situações de dominação colonial. As fronteiras distanciam-se das realidades metropolitanas, por isso, apresentam-se como ambientes expostos ao inusitado, ao novo que emerge inevitavelmente, e que por sua vez, tornam-se determinantes na constituição de novos sujeitos. No entendimento deste

autor, o lugar da fronteira desvela a alteridade, ou seja, o outro, como verdadeiramente outro, em sua essência. Em outras palavras, são produtoras de um sujeito singular.

Nessa perspectiva, o pensar descolonial é um pensar/saber que se constitui nas fronteiras. E ao estudar espaços marginais (sertão norte mineiro), pessoas marginais (mulheres das CEBs), vertente religiosa marginal (CEBs), torna-se importante também buscar um aporte teórico construído na fronteira, considerado marginal. Assim, apostamos no feminismo descolonial, construído por mulheres (negras, lésbicas, indígenas, brancas, periféricas), e que vivem na diferença colonial para ser esteio das reflexões desenvolvidas nesse estudo. Dessa forma, o feminismo descolonial constrói seu pensamento de fronteira na diferença colonial e no viajar-entre-mundos, espaços de construção de saberes, mas também de aprendizados uns com os outros. Pensar processos descoloniais implica pensar desde a diferença colonial e no viajar-entre-mundos, onde todos os saberes podem ser parte de tal processo.

Walter D. Mignolo, ao discutir sobre a importância do lugar de enunciação e a questão colonial, concebeu o termo diferença colonial para designar o lugar onde encontra-se enraizado o sujeito submetido a relações de dominação colonial. Ele buscou tal termo no conceito de colonialidade do poder, cunhado por Quijano. Para Mignolo (2003, p.39), “la colonialidad del poder es el dispositivo que produce y reproduce la diferencia colonial. La diferencia colonial consiste en classificar grupos de gentes o poblaciones y identificarlos en sus faltas o excesos, lo cual marca la diferencia y la inferioridad con respecto a quien clasifica”. A colonialidade e suas dimensões: poder, saber, ser e de gênero, enquanto sistema estabelecido para classificar e hierarquizar e, ademais, inferiorizar os povos e nações após o século XVI, contribuiu para gerar e estabelecer o lugar da diferença colonial.

O ponto de partida da diferença colonial é a colonialidade, pois esta a organiza e a justifica, conforme podemos perceber na assertiva de Mignolo. Na diferença colonial encontram-se os povos que foram colonizados e expropriados dos seus bens, saberes, culturas e crenças no processo de conquista e colonização. E é desde espaço que os sujeitos reconfiguram e ressignificam suas histórias e produzem saberes outros, que visam o entendimento do próprio espaço. A produção de um pensamento liminar ou também podemos falar de ações descoloniais, que é a reação a diferença colonial, só pode ocorrer numa situação subalterna. Nessa perspectiva, o sertão norte mineiro e os sujeitos que habitam sua extensão estão na diferença colonial. São produtores em

potencial de outros saberes. Que tanto pode reproduzir e legitimar a colonialidade presente como também pode gerar a descolonialidade.

Outro conceito que nos parece importante evocar nesse trabalho, e o mesmo encontra-se em sintonia com o de diferença colonial, é o conceito de viajar-entremundos, formulado por Lugones, em 1987. Lugones é uma autora que pesquisa várias questões, e tem apresentado importantes contribuições no que diz respeito aos estudos de gênero, filosofia, feminismo de mulheres de cor, colonialidade, tradução cultural¹⁷, feminismo descolonial (este é o mais recente investimento da autora). No cerne desse conceito de tradução cultural entendido como abertura e reconhecimento da identidade e alteridade de outrem, o que resulta num processo de deslocamento, desenraizamento ou ainda de saída de si para dar espaço ao outro, encontra-se a ideia de viajar-entremundos. A autora utiliza-se desse termo para expressar a pluralidade existente dentro e entre as mulheres. Estudar e compreender mulheres não como um bloco monolítico, mas entende-las no plural e nas diferenças, visando às muitas formas de ser mulher. Essa é uma das características do feminismo descolonial, ver as especificidades das mulheres. Esta é uma questão fundamental nas epistemologias das feministas do sul, e as mesmas realizam críticas ao conceito universalizante de mulher, empregado pelas feministas hegemônicas (LUGONES, 2014).

Tais questões nos remetem ao conceito de interseccionalidade. É necessário, pois, brevemente evocar o conceito de interseccionalidade, antes de passarmos ao conceito de viajar-entremundos. Trata-se de um conceito muito enfatizado e utilizado no feminismo descolonial, ademais é importante ao tratar sobre mulheres do sertão norte mineiro, pois são mulheres que carregam especificidades. Maria Lugones enuncia o conceito de interseccionalidade, e sua lógica, que prevê a fusão das categorias gênero, classe e raça. Para discutir o conceito de interseccionalidade baseia-se nas análises da norte americana Kimberle Crenshaw (2002), quem cunhou o termo. No Brasil, ainda na década de 1980, autoras como Heleieth Saffioti (1976), Sueli Carneiro (1985), Lelia Gonzalez (1983) discutiam essa perspectiva (SOUZA, 2014).

A interseccionalidade implica no reconhecimento de relações de poder entre mulheres brancas e de cor, bem como procura verificar a opressão que é ocultada fora do âmbito da interseccionalidade. Estudar mulheres tendo presente a interseccionalidade

¹⁷ A estudiosa brasileira do feminismo descolonial Claudia de Lima Costa (2013, p.44), com base no pensamento de Lugones, afirma que tradução cultural é “abertura à/ao outra/o, nele a identidade e a alteridade se misturam, tornando o ato tradutório um processo de deslocamento”.

se faz necessário, porque esta abordagem contribui para resgatar questões de raça, sexo e gênero para desvelar o que se encontra oculto nesses termos. Em outras palavras, trata-se de um conceito que deflagra a diferença, como no caso das mulheres investigadas nesse trabalho (norte mineiras, religiosas, negras, brancas, pobres, classe média, algumas da cidade, outras da zona rural de cidades vizinhas, dentre outras diferenças).

Retomando a ideia de viajar-entre-mundos, conforme descreve Lugones (1987, p.8), pode significar “So travelling to each other's "worlds" would enable us to be through loving each other”¹⁸. Na concepção de Lugones, viajar-entre-mundos é uma constante na vida daquelas e daqueles que estão nas fronteiras, ou na diferença colonial. Habitar esses espaços permite que as pessoas transitem da sua condição subalterna a outros espaços onde se sentem completas. Transitar por entre mundos distintos, mundo dos outros, possibilita identificar-se com o diferente e identificando-o possibilita entendê-lo em sua essência, e assim, reconhecer suas potencialidades e fraquezas. Lugones (1987, p.11) ainda reitera: “It seems to me that inhabiting more than one ‘world’ at the same time and ‘travelling’ between ‘worlds’ is part and parcel of our experience and our situation”¹⁹. Lugones admite que viajar-entre-mundos é parte constitutiva dos que estão na diferença colonial. É nessa possibilidade de deslocamento que se encontra a força e a riqueza da fronteira colonial.

Consideramos o Sertão Norte de Minas Gerais, que tem Montes Claros como cidade polo, o espaço da diferença colonial e do viajar-entre-mundos. De tal espaço considerado marginal e da violência, emergem a solidariedade entre as pessoas, ambiguidade revelada de uma natureza solidária entre os membros das CEBs, conforme veremos nos relatos das colaboradoras. Estes também são espaços deflagradores de novos agenciamentos e a emergência de figuras protagônicas, como Tiburtina de Andrade Alves, mais conhecida como Dona Tiburtina, Maria da Cruz, Dona Joana Verediana Cordeiro, Dona Lulu. Todas estas mulheres norte mineiras, cada uma em seu tempo e espaço, souberam assumir posicionamentos e se impor diante de uma sociedade conservadora, machista, misógina e patriarcal, como é considerado o estado de Minas Gerais e, no caso do Norte, tais aspectos são acentuados.

¹⁸ Tradução: “Então, viajando para o ‘mundo’ de cada um nos possibilitaria amar uns aos outros”.

¹⁹ Tradução: “Parece para mim habitar mais de um mundo, e ‘viajar’-entre-‘mundos’ é parte e parcela da nossa experiência e situação”.

Maria Clarice Rodrigues de Souza (2009, p. 37) cita, em sua dissertação de mestrado sobre Violência contra mulheres em Montes Claros, que:

Em Montes Claros, a família patriarcal foi a mola mestra que coordenou o surgimento e desenvolvimento da cidade, com características que perpassam o tempo e se fazem presentes na instituição familiar, assim como na sociedade montes-clarense, através da sua cultura, dos seus costumes, de suas tradições.

Ao acentuar o modelo patriarcal como fundamento da constituição da sociedade montesclarenses, a autora propõe que as mulheres nessa sociedade se encontram destituídas e ausentes das instâncias de poder e decisão familiar, social, cultural e religioso. E é no cerne da religião que o patriarcalismo encontra sua legitimação, assim como se cristaliza a partir dos discursos dos líderes em sua grande maioria masculina, que legislam sobre a vida das pessoas e, de forma especial, sobre a moral e a sexualidade. No entanto, essa destituição e ausência de poder e de decisão imposta à condição de mulher norte mineira, por vezes, foi burlada por figuras como as citadas acima. Algumas delas são pouco conhecidas da história local. São escassos e incipientes os estudos que enfatizam as ações dessas mulheres.

Dentre essas mulheres, destacamos o protagonismo de Tiburtina de Andrade Alves (1902-1955) por sua ativa participação política, social, cultural e religiosa. Dona Tiburtina, como ficou conhecida, foi uma figura emblemática na história da cidade. Ganhou notoriedade a partir do episódio ocorrido em 06 de fevereiro de 1930, em que foi acusada de tentar assassinar o vice-presidente da república e candidato ao governo do estado. Segundo Nascimento (2005, p.1),

A partir desse momento, Tiburtina passou a ser descrita na tradição oral, nos jornais por ocasião do atentado ao Vice-presidente da República, Mello Vianna, em 1930, e hoje faz parte da tradição oral, folclórica e historiográfica local, mas por outro lado, era admirada, venerada, influente e fascinante. Fascinação que não era comum às mulheres da época, por lhes atribuírem apenas papéis normativos, mãe, dona-de-casa e esposa, não admitindo sua participação na vida política e social do país.

Dona Tiburtina entra para a cena política e social da cidade a partir desse episódio. Por sua coragem, ousadia e audácia foi admirada e temida por muitos. Uma mulher que subverteu a ordem vigente daquele período, em que as mulheres eram

meramente donas do lar, subservientes ao seu marido e zelosas no cuidado dos filhos. Figuras como Dona Tiburtina comprovam que o espaço da diferença colonial, como é o sertão Norte Mineiro, é fértil quanto aos processos de empoderamento, bem como pode provocar fissuras descolônias no seio da sociedade ainda que seja com resquícios coloniais. Entendemos, a partir da personagem sertaneja Dona Tiburtina, que estar na diferença colonial é ser capaz de viajar-entre-mundos e de habitar outros mundos, para encontrar com o seu próprio ser em uma atitude corajosa de reconhecimento da sua condição. Com isso, é possível ter a capacidade de adentrar o universo do outro e caminhar com ele.

A cidade de Montes Claros, lócus hermenêutico deste estudo, está situada na região central do Sertão Norte de Minas, distante 424 km da capital, Belo Horizonte. Sua população estimada é de 404.804 habitantes, sendo apontada como a maior cidade da região, considerada a capital regional. É também conhecida como cidade da arte e da cultura, caracterizada pelas tradicionais festas de agosto, festa do pequi, Pziu Poético, dentre outras, mas também por sua gente acolhedora e solidária. Vale salientar que solidariedade é uma palavra que perpassa o vocabulário e a ação do norte-mineiro, sendo potencializada nas CEBs construídas em Montes Claros.

No tocante à religião, é um fator importante na vida dos mineiros e, no caso específico do Norte Mineiro, torna-se ainda mais relevante. Barbosa (2016, p. 55) expressa tal realidade em sua tese de doutorado: “As referências religiosas constituem um dos principais marcos na constituição da vida cotidiana e da identidade religiosa das populações sertanejas”. Nesse sentido, a religião confere sentido à vida dos povos sertanejos e, por sua vez, dinamiza, aufere identidade à população local. Consiste na busca pela experiência com o mundo simbólico, que se concretiza no encontro com o outro, por meio de comunidades consideradas geradoras de redes solidárias entre os crentes. Tal ideia expressa a forma de organização das CEBs.

O cristianismo católico é praticado desde os princípios do século XVIII em Montes Claros (PAULA, 1979). Tal afirmativa nos induz a pensar na supremacia e no domínio exercido por essa tradição religiosa no cerne da sociedade montesclarensense e região, considerando a ausência do poder estatal na região em razão do desinteresse da coroa portuguesa. Supostamente, uma das principais funções da Igreja Católica neste espaço norte mineiro consistiu em fazer valer a ortodoxia católica e a religiosidade popular. Detentora de uma forte moral, a religião perpassa todos os raios da vida das

peçoas, bem como da estrutura social. Em sua dissertação de mestrado, Carneiro (2003, p. 79) fala sobre o alcance da igreja católica na vida das peçoas:

Montes Claros, durante o decorrer do seu desenvolvimento urbano teve influência da Igreja Católica, esta atuou como elemento estruturador da vida urbana, contrapondo com a vida rural, visto que, ela era responsável pelos eventos que proporcionavam uma relação social entre a população, fato que se dava através das festas e das procissões, além de controlar toda a vida civil, como nascimentos, casamentos e enterros, há possibilidade da mesma ter provocado uma moral, segundo os próprios critérios.

Essas informações nos permitem auferir que a Igreja Católica exerceu forte influência sobre a vida social e urbana da cidade, realidade que muda após o estabelecimento das CEBs que se dirigem às periferias. No início do século XX, vieram muitas instituições religiosas para a cidade, com o intuito de oferecer assistência à população, dentre estas citamos: hospital Santa Casa de Misericórdia, Colégio São Norberto, Colégio Marista São José e o Colégio Imaculada Conceição. Este último exclusivo para o ensino de jovens moças, pois mantinha um regime de internato. A nosso ver, o tipo de educação proporcionada por esse colégio favorecia a formação social, cultural e religiosa, mas, acima de tudo, uma formação baseada na moral católica que formatava ser uma mulher apta à vida doméstica, cuidadora e obediente. Tal estratégia cristã em muito contribuiu para instituir na cidade um tipo de comportamento feminino condizente com os preceitos católicos.

Com as instituições citadas chegaram congregações religiosas, como é o caso dos Filhos de São Norberto, conhecidos como padres Premonstratenses, procedentes da Bélgica. Nas palavras de Barbosa (2010, p. 50), “a chegada dos padres belgas ‘mudaria’ a rotina e os destinos da vida religiosa na cidade”. Os padres procuravam incentivar a participação das peçoas na igreja, provocando a formação de novos grupos que pudessem contribuir com a disseminação das práticas católicas na cidade. Em outras palavras, esses grupos religiosos impulsionaram e dinamizaram a vida da Igreja em Montes Claros.

No momento, cresce vertiginosamente o fenômeno religioso em Montes Claros, sendo que a oferta religiosa se torna nítida e atraente às necessidades das peçoas. Por isso, buscamos rememorar o trabalho das CEBs, com especial atenção à atuação de mulheres. O campo religioso montes-clarenses carrega muitas peculiaridades em seu bojo, o que o torna atraente as/aos pesquisadoras/es e cientistas da religião nativos, que

começam a explorar tal realidade. Conforme dissemos acima, essa região esteve distante dos interesses da coroa portuguesa, o que sugere uma cultura distinta com expressões, em certa medida, autoritárias de manter a ordem e a moral constituída no próprio espaço. Borges (2007, p. 38) sugere, ao evocar em sua pesquisa de mestrado a possibilidade de uma Umbanda que seja especificamente sertaneja, ou seja, com características próprias estabelecidas no chão Norte Mineiro, que:

Pela Umbanda presente na região, é possível identificar elementos do *ethos* norte mineiro, *ethos* este evidenciado em aspectos culturais sertanejos presentes em seus rituais, relações sociais, linguagem, vestimentas, identidade de suas entidades, comidas e cantos.

A ideia deste estudo não é a reflexão acerca das tradições afro-brasileiras presentes no sertão Norte Mineiro, contudo, nos parece interessante apresentar tal fato, para indicarmos a dinâmica e as peculiaridades das tradições religiosas nesse espaço. O isolamento da região pela coroa portuguesa gerou o desenvolvimento de um *ethos* e uma identidade própria. Tal fator é identificado pela referida autora, ao apresentar as especificidades na Umbanda presentes no local, como também pode ser verificado em outras vertentes religiosas. Isso nos sugere pensar nos novos deslocamentos e enfoques do catolicismo a partir das práticas e ações das CEBs, mas também outras denominações religiosas, e ainda grupos de organização cultural e/ou social, grupos tradicionais localizados na cidade e região.

Em todo o sertão Norte Mineiro, assim como em Montes Claros, é forte a presença de grupos tradicionais ou também chamados de comunidades rurais sertanejas (CUNHA, 2012). Citamos alguns grupos a título de exemplo: gerazeiros (ocupam as gerais ou cerrado), quilombolas (remanescentes de quilombo), vazanteiros (que moram na vazante), comunidades indígenas (Xacriabá) dentre outros. Comunidades tradicionais na visão de Cunha (2012, p.133).

São atualmente consideradas populações ou povos tradicionais que expressam territorialidades específicas, caracterizadas pela relação próxima com o ambiente, os vínculos de solidariedade, o trabalho familiar, sendo que a tradição da relação entre sujeito e ambiente gera um 'Know-how' sustentado nas práticas do fazer, na vivência cotidiana e na transmissão sucessória desses saberes.

Tais comunidades guardam em seu interior um modo de vida que se caracteriza no contato solidário entre os membros, na cooperação social e no cuidado com a natureza. Trazem em seu interior a ideia de comunidades em que todas/os vivem de maneira igual. Tal ideia encontra-se em consonância com o projeto comunitário das CEBs, que consiste na solidariedade entre os membros, na partilha, na ajuda mútua. Os grupos tradicionais lutam por seus espaços/territórios, pois esta é uma causa nobre para esses grupos, pois carregam em si a noção de identidade e de pertencimento. E é a partir desses espaços que desenvolvem modos particulares de existência e de resistir. Conforme sinalizamos acima, na região também há predominância de grupos de organização social ou que estejam vinculados à Igreja Católica, como é o caso da CPT- Comissão Pastoral da Terra e outra organização social atuante ainda na região, o MST- Movimento de trabalhadores Rurais Sem Terra.

De acordo com as informações encontradas no portal da CPT, esta comissão surge em 1975, nasce na Igreja Católica do Brasil, apoiada por grupos de CEBs que eram fortes naquele período. Possui caráter ecumênico. Surge com o intuito de dar auxílio aos trabalhadores rurais explorados e vítimas de escravidão por latifundiários. O MST tem sua origem no Brasil, no alvorecer da década de 1980, período em que havia grande número de pessoas e famílias sem-terra, e uma concentração de terras nas mãos de poucas pessoas, o que gerou grandes conflitos por terra. Para Deere e León (2002, p. 236), as origens do MST estão, “nas comunidades eclesiais de base (CEBs) da Igreja Católica, que começaram a proliferar em áreas rurais e nas favelas na década de 1960”. Ambos os movimentos são frutos das CEBs, e exercem significativo trabalho em Montes Claros e na região Norte de Minas, no que tange ao desenvolvimento e às lutas das famílias na busca por terra.

É importante atentar que tais grupos configuram espaço de notória presença e de participação de mulheres, ou seja, espaços em que há a permanência de colonialidades, mas também ocorrem fissuras em seu tecido que podem ser considerados descoloniais e de empoderamento das participantes. Ações que formam uma amálgama na realidade dos que vivem na diferença colonial e no viajar-entre-mundos. Entre as décadas de 1980 e 1990, o movimento de mulheres rurais na América Latina ocorreu a partir da afirmação da teologia da libertação e da sua expressão prática nas CEBs (LEÓN, 2002). Nesse sentido, as CEBs foram um instrumento eficaz que possibilitou a participação e a liderança de mulheres no catolicismo. Em Montes Claros, as CEBs favoreceram a participação religiosa, cultural, social e política de um grande número de mulheres.

Muitas dessas mulheres são migrantes de outras cidades, como é o caso de seis das colaboradoras desse estudo. Migram das cidades vizinhas da região para Montes Claros, ainda na década de 1970 e 1980.

No final do século XIX e início do século XX, o isolamento da região por parte da coroa portuguesa termina em função da ferrovia que liga a cidade de Montes Claros a outras cidades da região Sudeste. Desse modo, a cidade torna-se o centro político da região. Fontes, em seu livro, *Um Nordeste em São Paulo. Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*, analisa com riqueza de detalhes os processos migratórios de nordestinos para o Estado de São Paulo, no período estabelecido. E também aborda o caso das cidades de Montes Claros e Pirapora que foram espaços que se abriram para abrigar os nordestinos que se encontravam de passagem rumo à cidade de São de Paulo e região.

Nesse sentido, argumenta (2008, p.44) que “as cidades de Montes Claros e Pirapora, ambas terminais ferroviários da E.F Central do Brasil, tornaram-se os grandes pontos de concentração dos trabalhadores nordestinos e mineiros que se dirigiam ao Estado de São Paulo”. Nesse período, Montes Claros começa a abrigar em seu interior migrantes procedentes de várias partes do nordeste, como também do Norte de Minas, em direção a São Paulo. Montes Claros, por sua posição geográfica central, foi a rota de inúmeras mulheres e homens que partiam de suas terras em busca de melhores condições na cidade de São Paulo. Tornou-se uma cidade de passagem para os que seguiam viagem e cidade permanente para os que chegavam e viam possibilidades de se estabelecerem. A partir da década de 1960, o município experimenta em seu bojo um avançado processo de urbanização, realidade que estava em curso por todo país. Tal processo foi impulsionado com a criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Borges (2007, p.32) afirma:

Com a Sudene, a vida do sertanejo apresentou alterações: ampliaram-se as relações com o centro-sul, instalaram-se na região condições estruturais para a reprodução capitalista e, certamente, houve modificações nos aspectos sociais, econômicos e culturais. A ação industrializadora da Sudene, que incentivou a construção de um polo industrial em Montes Claros e a instalação de grandes projetos agropecuários na região. O processo de industrialização provocou uma explosão demográfica. Nesse período, cidades como Montes Claros, receberam milhares de sertanejos.

As mudanças e transformações verificadas na região nesse período foram ampliadas nos anos seguintes. Com isso, figuraram como fatores de desenvolvimento colocando a cidade como polo regional. Corolário desse processo foi a crescente migração de pessoas de regiões e cidades vizinhas para a cidade. A explosão demográfica provocou a marginalização de grande parte da população, gerando o crescimento das periferias, local onde a proposta das CEBs será lançada, difundida e assumida pelas/os atoras/es sociais estabelecidos nestes espaços. Pelo seu crescimento e expansão em vários campos, esta cidade tem recebido inúmeros migrantes que advêm de cidades da região e também do sul da Bahia. As mulheres colaboradoras deste trabalho em sua grande maioria vieram de cidades vizinhas de Montes Claros, em busca de melhores condições para as suas famílias.

Sendo assim, apresentamos a lembrança do deslocamento migratório²⁰ das nossas interlocutoras, considerando suas histórias dos locais onde nasceram, suas famílias, as motivações que as conduziram para a cidade de Montes Claros, assim como o início de nova história delineada com a participação nas CEBs. Nas palavras de Ecléa Bosi (1994, p.55), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Em consonância com Bosi, reconstruiremos as lembranças dos processos migratórios das colaboradoras deste estudo. Das oito colaboradoras, duas apenas nasceram em Montes Claros: Maria Rita Lima de Ornellas Rios e Maria de Fátima Barbosa Nascimento. Foram também abordadas as lembranças dessas colaboradoras nascidas em Montes Claros, para vermos as percepções que ambas possuem do local.

Maria Rita Lima de Ornellas Rios²¹, 73 anos, viveu toda a sua infância e adolescência no bairro Vila Guilhermina, localizado próximo ao centro da cidade, onde encontrava-se a sede da paróquia de São Sebastião. Após o casamento, mudou-se para o bairro Cristo Rei, região periférica da cidade. Sobre sua infância, as lembranças marcantes desse período, do casamento na igreja São Sebastião, o batismo dos filhos, ela nos contou:

Muito (ênfase) muito marcantes, né?! Éramos assim... ainda bem provincianos, né? A região da Vila Guilhermina mesmo era um local ainda bastante sem recursos, tinham as dificuldades físicas, barrocas que impediam de caminhar, mas a liberdade daquele tempo, né? Nos

²⁰ No final desse tópico consta um mapa da região Norte de Minas Gerais e os municípios de procedência das colaboradoras.

²¹ A partir de agora os nomes das colaboradoras serão abreviados.

permitia transitar ir e vir sem a preocupação dos pais. E tive uma infância bem feliz! E... logo que começou a paróquia de São Sebastião eu já adolescente, o meu pai foi... fez uma amizade com padre Frederico, porque ele era técnico em eletrônica.

Relatou sobre sua infância tranquila e feliz vivida em um bairro que não possuía boa infraestrutura, mas que possibilitava as idas e vindas, e ainda viver com liberdade. Maria Rita é uma das colaboradas que participou dos inícios da paróquia São Sebastião, no final da década de 1950. Teve contato com o primeiro padre designado pároco, o jesuíta austríaco Padre Frederico Dokuliu. Ela se lembra com carinho da chegada deste padre, da construção da igreja São Sebastião, da amizade que seu pai estabeleceu com o padre, em função dos serviços de instalação de som que realizava. Percebemos pelo seu relato a importância da presença do Padre Frederico Dokuliu para a sua formação cristã. Assim, ela expressa:

E aí quando ele veio para construir a igreja de São Sebastião, acabou que nasceu essa amizade entre nós, a família toda por causa do meu pai, que foi ajudar na parte de instalação de som, de torres, né? Então, o padre Frederico ele acabou sendo o nosso grande catequista. Por que ele ia quase todos os domingos almoçar em nossa casa.

Já na adolescência começou a envolver-se na igreja, essa participação foi sendo crescente, o que possibilitou conhecer muitas questões concernentes à igreja e à pastoral urbana e rural. Estas experiências modelaram sua prática e ação familiar e social. Casou-se aos 24 anos com um mineiro da cidade de Abaeté e teve três filhos. Mudou-se para o bairro Cristo Rei e foi nesse espaço que se engajou e desenvolveu seu trabalho como liderança nas CEBs contando com a parceria de outras mulheres e homens.

Maria de Fátima Barbosa do Nascimento, 63 anos. Seus pais eram da cidade de Coração de Jesus, no Norte de Minas Gerais. Quando ela estava apenas com um ano e meio, seus pais decidiram migrar para Montes Claros em busca de trabalho, pois viviam na roça e a vida era muito difícil. Ao ser perguntada onde viveu sua infância em Montes Claros disse: “Eu fui criada no Maracanã aqui era uma roça, aqui tinha quatro casas”. Ela guarda lembrança feliz da sua infância, mas também se lembra das inúmeras dificuldades experimentadas, do trabalho precoce para ajudar a mãe, após o falecimento do seu pai. Conforme nos relatou:

Boas demais e ruins, porque era muito sofrido, então a gente sofreu demais, lata de água na cabeça, candeia, mas era uma época muito

boa, gostosa, a gente brincava de roda, as crianças tinham outras brincadeiras bonitas, diferente das brincadeiras de hoje, aí a gente foi crescendo, trabalhou. Logo, meu pai faleceu, e minha mãe ficou cuidando da gente. Minha mãe trabalhou 30 anos no hotel São José prá criar nós. Foi aí que a gente foi aprendendo a trabalhar.

Sua mãe sempre foi cozinheira e ensinou para ela e sua irmã o ofício, assim, faziam salgados para suprir as necessidades. Casou-se com 15 anos com um baiano, mas que morava no bairro já há algum tempo. Teve cinco filhos. Se lembra dos inícios da participação nas CEBs, pois seu marido tocava violão nas reuniões do grupo de base, do jesuíta e espanhol Padre Manuel Maria Tort²², que foi uma figura importante no desenvolvimento da paróquia de São Sebastião. Ela disse que nunca saiu do bairro para morar em outro lugar, bem como se sente muito feliz em viver no local e de ter tido condições de criar os filhos, visto que, hoje, todos são formados e têm uma profissão. Sente muitas saudades do trabalho realizado pelas CEBs.

Celecina Rodrigues Madureira- Celecina é mais conhecida na comunidade, no trabalho, na arquidiocese como “Cé”, conforme afirma. Tem 66 anos, nasceu na cidade de Lontra e lá viveu toda a sua infância e juventude. Casou-se nessa cidade, é mãe de quatro filhos e mudou para Montes Claros no ano de 1982. Na cidade de onde é natural, participava de grupos na igreja, mas não tinha noção das CEBs, pois apenas rezava o terço, conhecia as pessoas pelo nome, conversava sobre os problemas vividos. As motivações que conduziram a ela e o seu marido a mudarem para Montes Claros foi a busca de emprego. Na época, o marido possuía uma pequena mercearia na cidade, as pessoas compravam nesse comércio e pagavam com o dinheiro da colheita, porém, houve um período de grande seca na região e muitos perderam a lavoura. Não houve colheita e estavam passando por muitas dificuldades, então, resolveram mudar de Lontra. Ao chegar em Montes Claros, seu marido começou a trabalhar em uma padaria e ela continuou em casa no cuidado com os filhos e com os afazeres domésticos. Foram morar primeiro no bairro Morrinhos, na região central da cidade, onde pagavam aluguel. Esse bairro na época pertencia à paróquia São Sebastião, dirigida pelos padres jesuítas. Uma pessoa conhecida ofereceu uma casa no bairro Santo Inácio, para que pudessem tomar conta, pois a casa estava sendo destruída por vândalos. E como estavam passando por dificuldades financeiras, foram para esse bairro, nessa casa pagavam um aluguel,

²² Chegou a Montes Claros no ano de 1972 e permaneceu até 1985. Exerceu a função de pároco por pouco tempo, optou por ser vigário paroquial, para dedicar-se melhor à missão na região do grande Maracaná em crescimento naquela época, segundo informações das colaboradoras. Falecido em 2018.

porém, muito barato. Moraram nessa casa até que puderam adquiri-la, com muito trabalho dela e do marido.

Francisca das Dores Rodrigues mais conhecida como Dorinha, tem 64 anos, nasceu no município de São Pedro da Garça. Morava na zona rural do referido município com seus pais e doze irmãos, era a mais velha deles. Seu pai era lavrador e sua mãe dona de casa. Na sua infância e juventude, recorda que durante a semana estudava em uma pequena cidade próxima a área rural onde residia. Na época, estudou até o 4º ano e, no final da semana, voltava para ajudar a mãe nos afazeres domésticos, cuidar dos irmãos mais novos, segundo ela mesma relatou:

Lavava as roupas na fonte, no rio, né?! Ah... Levava o banco colocava lá dentro do lago e aí a bacia, né? Lavando roupa na bacia, esfregando oh, oh (fazia o gesto com a mão de lavagem de roupa), colocando naquelas gramas, pondo para quorar (mostrava entusiasmo ao lembrar esse período). E naquele tempo a gente não usava escova como hoje, usava a... a escova daquele tempo, a gente pegava a palha de milho e desfiava ela toda, e passava na roupa como escova. Você não foi desse tempo, mas foi bonito, a gente era feliz e não sabia. Também, ajudava a cuidar dos meninos pequenos.

Na localidade em que estudava, dormia na casa de uma senhora idosa, ajudava no serviço de casa, buscava lenha etc. Realizava seus estudos à tarde, pois à noite participava da igreja, reunião com os amigos ou algum momento de diversão. Tem uma feliz lembrança daquele período. Gostava de estudar, ir à igreja e foi catequista na roça em que morava. Casou-se aos 18 anos. Ela nos contou como foi a cerimônia de casamento:

E fomos casar lá em São Pedro das Garças. Fomos prá lá a minha família e a dele, convidados, amigos... foi pra lá. A distância da igreja onde a gente morava era daqui a igreja Santo Antônio é... E aí eu vesti de noiva, né?! Não é aquele vestido de hoje que arrasta no chão, aquele cabo. Vesti de véu e grinalda, sapatinho branco de salto, e até minha filha... (muitas risadas entre nós). Aí eu lembro nós saímos dessa casa indo a pé eu vestida de noiva indo lá pra igreja, coisa que hoje, ninguém faz. Mas eu saí de casa e por isso, eu sou feliz até hoje, sai pedindo a Deus para abençoar meu casamento, pra ser feliz, nas aquelas alturas sabia que tava indo casar, mas nem sabia de nada, porque naquela época não tinha aquelas formações que tem hoje.

Após o casamento, mais precisamente em 1975, vieram para Montes Claros, já com três filhos, aqui tiveram mais 6 filhos, e adotou um, ao todo somam 10 filhos. Ao chegar, o marido desempregado, ambos sem estudo, sem profissão, não conheciam

ninguém e foram morar na casa do pai dela, que já estava há um tempo na cidade. Tiveram que sair da roça, pois seu pai havia vendido o sítio e não tinham onde morar. Vislumbraram na vinda para Montes Claros a possibilidade de saída para os problemas. Depois de algum tempo, o marido encontrou emprego de auxiliar de pedreiro. Ela também começou a trabalhar, lavando roupa e fazendo faxina na casa de famílias, como meio de contribuir na renda familiar. Vieram se instalar no bairro Vila Graice, onde ainda vivem atualmente. Logo começaram a conhecer as pessoas e a fazer amizades. Inicia a participação na igreja, convidada por outras pessoas que já estavam inseridas no trabalho comunitário.

Flávia Araújo de Almeida tem 59 anos, nasceu no Morro, um pequeno município localizado próximo a cidade de São Francisco. Ela nasceu nesse lugar, depois a família partiu para Janaúba e logo Porteirinha. Seu pai ensinava as pessoas daquele lugar a ler e a escrever, ele tinha apenas a 4ª série. Ao ser questionada sobre os motivos das mudanças, respondeu: “Fui estudar, porque lá onde eu nasci não tinha escola”. Na última cidade mencionada, estudou até a 8ª série. Em São Francisco, começou o ensino médio e, por questões familiares, teve que voltar para o município do Morro. Com isso, começou a dar aula para as pessoas do local. Naquela época, não havia a exigência de ter formação em ensino superior para ser professor. Ela sonhava em estudar e ser professora. Foi o motivo que a conduziu para Montes Claros. Casou-se na cidade em que nasceu e veio para Montes Claros, entre 1982 ou 1983, com marido e um filho. Depois teve mais três filhas. Ao chegar na cidade, fez supletivo e conseguiu concluir os estudos. O marido teve dificuldade de arrumar emprego e, após algum tempo desempregado, começou a trabalhar abrindo fossa para as pessoas do bairro, pois não havia rede de esgoto. Ela trabalhou como voluntária na creche das irmãs e levava o filho pequeno, era uma forma de ajudar. Ao chegar em Montes Claros, foram morar no bairro Maracanã, bairro localizado na periferia da cidade. Construíram apenas um cômodo e lá se instalaram, conforme nos informou:

Construímos um cômodo, lá era a sala, quarto, a cozinha, fazia tudo lá. Era lugar da gente dormir, fazia a comida de um lado... Hoje, quem me ver e ver a minha casa não pensa. Naquele córrego que hoje é esgoto, naquela época, a gente lavava roupa, pegava água, tinha um chafariz.

Maria Isméria Pinheiro Ezequiel tem 60 anos, nasceu na cidade de Claros dos Porções. Foi criada na zona rural dessa cidade até os 13 anos, depois foi para a cidade trabalhar com o intuito de ajudar os pais. O dinheiro que ganhava enviava aos pais para o sustento da família, pois eram 12 irmãos. Trabalhava em casa de família como babá. A partir dos 17 anos, começou a cozinhar, a lavar e a passar. Migrou para Montes Claros em 1977, sobre os motivos respondeu:

Foi exatamente isso que na roça você trabalhava no pesado, né? Ou então... não tinha condições de trabalhar e estudar. Eu que lembro que nessa idade de 13 anos, trabalhava de enxada com meu pai na roça, era tomando conta de gado nas fazendas com ele, andava de cavalo, corria atrás de bezerro, vaca (risos). E depois, quando eu vi que precisava ajudar, e que eu não ia aguentar aquele trabalho, sol quente, aí eu vim pra cidade para trabalhar na casa dos outros.

Nos disse que estudou até a 4ª série na roça. Em seguida, foi para a cidade e estudou um pouco mais, no entanto, não terminou o ensino médio. Tornou-se difícil administrar o trabalho e o estudo, visto que não recebia nenhum estímulo para seguir estudando, bem como o pai não estudou e a mãe estudou até a 4ª série. A mãe incentivava um pouco. O pai era, segundo ela, bastante machista. Casou-se em 1979, em Montes Claros. Na época, morava na casa de uma prima no centro da cidade, e foi por intermédio dessa prima que conheceu seu esposo, que era do município de São João da Ponte. Teve 4 filhos. Ao casar, foi morar no bairro Vila Graice, faz memória das dificuldades experimentadas naquela época em razão da ausência de infraestrutura do bairro, às carências das pessoas, dos inícios da participação nas CEBs.

Maria de Fátima Soares Monção tem 59 anos, nasceu na zona rural da cidade de Varzelândia. Foi criada nesse lugarejo com muita simplicidade, teve uma bonita infância, repleta de muitas brincadeiras. Assim nos relatou: “Lá no lugarzinho onde nasci e fui criada, eu fui criada assim, com simplicidade, assim de povoadinho mesmo, (sorrisos). Tive uma vida muito boa, brinquei muito, brinquei de boneca, balancei no cipó, foi muito boa, graças a Deus”. Foi católica durante muito tempo com sua família. Aos 16 anos, mudou-se de denominação religiosa, aderiu à Igreja Assembleia de Deus. Pertenceu a essa denominação por volta de quatro anos. Depois abandonou e ficou um tempo sem participar, até que um dia um padre a convidou para um encontro e, a partir desse dia, voltou à Igreja Católica. Foi nesse período que conheceu seu marido, casou e mudou para Montes Claros, exatamente no ano de 1980. Teve dois filhos, é costureira e

trabalha ainda hoje nessa profissão. Ela atribui o retorno à igreja católica ao marido que era católico fervoroso. Atualmente, ele pertence à denominação cristã Congregação Cristã. Quando chegou em Montes Claros, morou durante 10 anos no bairro Vila Guilhermina, após mudou-se para o bairro da periferia chamado Dona Gregória.

Olga dos Santos Silva tem 74 anos, teve 7 filhos e adotou 3, sendo, ao todo, dez filhos. Nasceu na cidade de Manga, divisa com o Estado da Bahia. Desde pequena foi engajada no trabalho pastoral na igreja, foi coroinha, depois Filha de Maria, fez parte do coral (gosta muito de cantar e é parte de uma família de músicos). Migrou para a cidade de Montes Claros no ano de 1979 e, em 1980, começou no trabalho pastoral na comunidade denominada São Judas Tadeu, situada no bairro de mesmo nome. Esse bairro, naquela época, subdesenvolvido, não havia ônibus, as ruas não tinham asfalto, ou seja, prevalecia a falta de infraestrutura. Sobre os motivos do deslocamento para Montes Claros, nos disse:

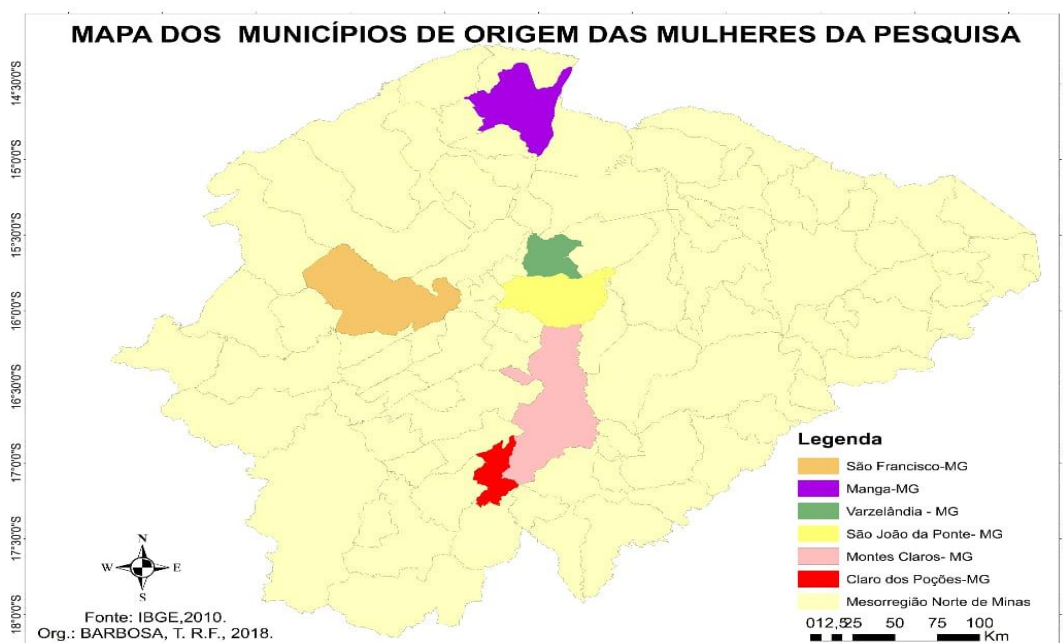
Porque meu marido era funcionário do Estado, veio para cá, eu também vim, eu era professora, e vim trabalhar na 22ª Superintendência de ensino. E mas também eu tive um menino que teve arritmia cardíaca, e lá não se tratava aqui com um médico João Jacques, é um médico entendido no assunto para fazer o tratamento. Aí aproveitei a deixa e fiz faculdade, fiz supervisão. Cheguei com meus 37 anos, e tem 37 anos que estou aqui (entusiasmo). Então, é uma cidade que gosto, gosto muito daqui, criei meus filhos aqui, eu falo que Montes Claros é a mãe dos meus filhos (risos).

As trajetórias descritas pelas colaboradas possuem similaridades entre si. Os relatos da infância, as dificuldades encontradas de ordem financeira e infraestrutura, a inserção na Igreja Católica desde a infância, com exceção da colaboradora M^a de Fátima Monção que, na adolescência, mudou de denominação religiosa, mas logo retornou ao berço católico. A necessidade de saída das suas cidades de origem por questões de desemprego dos companheiros, ou para ajudar a família como foi o caso de M^a Isméria Ezequiel, ou ainda para estudar, conforme relatou Flávia Almeida.

Todas consideraram Montes Claros lugar que possibilitaria outras oportunidades em suas vidas e de suas famílias. Interessante notar que, das oito colaboradas (contabilizando as duas que nasceram em Montes Claros), duas apenas foram para a periferia ao chegar na cidade, as outras estabeleceram-se no centro da cidade, depois deslocaram-se para a periferia. O deslocamento do centro para a periferia possibilitou que as mulheres experimentassem as CEBs, o que provocou mudanças nas suas vidas.

M^a de Fátima Monção (2018) enfatizou tal questão em seu relato: “Olha, mudou muita coisa, mas a mudança maior foi quando saí do centro da cidade pra a periferia”. É na periferia, lugar marginal, da pobreza, da escassez de recursos econômicos e sociais que a referida prática eclesial encontra seus interlocutores, especialmente, suas interlocutoras. A seguir, acompanharemos o estabelecimento das CEBs no sertão Norte Mineiro e em Montes Claros, bem como os impactos causados na igreja local e na vida das/dos adeptas/os, especialmente os que se encontravam nas periferias.

FIGURA 1- Mapa da região Norte de Minas Gerais e municípios de procedência das mulheres participantes dessa pesquisa.



Fonte: IBGE, 2010.

1.3 A recepção das CEBs no Sertão de Minas Gerais e em Montes Claros.

As CEBs foram uma das práticas eclesiais do cristianismo católico mais expressivas do século XX. Elas figuram no cenário nacional e se disseminam por vários países da América Latina, entre as décadas de 1960, 1970, 1980. A emergência dessas comunidades não se pode atribuir a um evento fundador ou pessoa fundadora. A efervescência e a fertilidade de movimentos populares que emergem no seio da sociedade brasileira nesse período citado são os responsáveis pela explosão das CEBs,

mas também a conjuntura eclesiástica com os ventos advindos do Concílio Vaticano II. Além disso, as Conferências de Medellín e Puebla possibilitaram o surgimento dessa expressão eclesial. Os movimentos que despontam nesse período são de resistência e têm como objetivo principal denunciar as situações degradantes propiciadas pela ditadura militar em curso, conforme explicitamos acima. Dessa forma, as CEBs, com suas lideranças religiosas e leigas, foram o nicho de resistência para as pessoas que viviam as ameaças extenuantes do sistema militar.

Com referência à Medellín (1968), foi nessa conferência que se concretizou e legitimou a experiência das CEBs, já em curso com sucesso e com número crescente de adeptas/os em diversas regiões do país. A Igreja latino-americana assumiu e reconheceu a nova prática eclesial. A conferência possibilitou traduzir as ideias propostas pelo Concílio Vaticano II como, por exemplo, Igreja Povo de Deus, que em Medellín se reconhece Igreja na perspectiva do pobre e para o pobre. Segundo Beozzo (1993, p. 130), “as comunidades de base têm sido responsáveis pelos compromissos mais coerentes da Igreja a nível do povo”. Nesse sentido, as CEBs foram o meio pelo qual a Igreja acercou-se do povo, passou a ser parte do cotidiano, das lutas e conquistas das pessoas.

Mas afinal, o que são as CEBs? Na compreensão de Teixeira (1988, p. 305) são

pequenos grupos de fiéis que se reúnem regularmente para refletir a palavra de Deus, como um grupo de base, uma célula eclesial menor (círculos bíblicos, clube de mães, grupos de reflexão, etc.); a segunda trata-se de um conjunto de grupos de uma paróquia, definidos por questões geográficas – bairros, povoados, assentamentos, etc.

Seguindo a perspectiva proposta por Teixeira, as CEBs são uma prática eclesial, que procede das bases populares, situadas nas periferias dos grandes centros urbanos e também da zona rural. São formadas por comunidades, grupos pequenos de pessoas, das camadas populares, que se reúnem para ler o evangelho e à luz desse procuram refletir acerca das situações que os afligem, como: falta de água, escola/creche no bairro, esgoto, etc. Interpelados por essa leitura, retiram ações práticas de como podem sanar estas dificuldades. Tal forma de organização possibilitou a participação de um grande número de pessoas, principalmente, daquelas e daqueles que não possuem estudos universitários.

Nessas comunidades, as pessoas se apropriam dos seus saberes, conhecimentos e forças. Tais características podem ser verificadas nas mulheres contatadas para essa

pesquisa. Por isso, essas comunidades são espaços que desvelam ações que ora podem ser consideradas de empoderamento e de descolonialidade, ora não. Ademais, a organização em pequenos grupos também viabilizou a participação massiva de mulheres, pois os grupos tornaram-se espaços para troca de experiências e de partilha.

Ainda acerca do conceito de CEBs, em uma primorosa pesquisa de cunho teológico, realizada por Marcello de Carvalho Azevedo (1986, p. 15), referindo-se a questão conceitual dessas comunidades:

Teologicamente, elas explicitam e valorizam sob nova luz elementos bíblicos e aspectos da tradição e da doutrina da Igreja.
Pastoralmente, criam e agilizam um processo de evangelização e de desenvolvimento da fé e da vida cristã que responde às necessidades da maior parte da população do país.
Institucionalmente, representam um paradigma de organização eclesial que se distingue dos modelos preexistentes e que tende a repercutir sempre mais sobre o todo institucional da Igreja no Brasil.

O autor apresenta elementos fundamentais para a sistematização das CEBs, o que denota as mudanças que essa prática provocou no seio da Igreja brasileira e latino-americana. Mudanças no que se refere à teologia, porque elas desmistificam e desvelam elementos bíblicos e doutrinários, bem como os aproximam do cotidiano das pessoas participantes, de modo que todas e todos tenham as mesmas condições de entender a mensagem cristã. No âmbito pastoral, as CEBs suscitaram uma nova forma de inserção e engajamento eclesial, baseada na organização pastoral, a partir dos círculos bíblicos, catequese, liturgia, dentre outros. Mormente, as ideias cebianas concederam à Igreja novos impulsos e direcionamentos na ação eclesial, principalmente no âmbito social. No que concerne à instituição, tais comunidades representaram uma nova forma de ser Igreja, direcionada para o mundo moderno globalizado e as suas formas que geram a exclusão de uma grande maioria de seres humanos. Uma Igreja inserida no meio do povo e com o olhar para o povo. Enfim, com as CEBs há uma reinvenção da comunidade, a Igreja não é pensada como um corpo universal abrangente, mas sim, grupos pequenos de pessoas, conscientes e dispostos a transformar as causas que geram a indiferença e a exclusão.

Assim, o modo de participação inaugurado pelas CEBs na Igreja foi importante para deflagrar a atuação dos leigos, especialmente, das leigas. Nesse sentido, a atuação das/dos leigas/os foi fundamental para a descentralização do poder hierárquico. Teixeira afirma (1988, p. 31) que “percebe-se como emergência às lideranças leigas em várias

áreas de atividade como, por exemplo, nas celebrações, na reflexão do evangelho, na prática das comunidades, etc”. Esse protagonismo leiga/o representou um crescimento rápido destas comunidades, pois prescindiam da presença do clero. Assim, contribuíram para o deslocamento da Igreja do centro urbano para as periferias, lugares onde as leigas e os leigos terão um papel importante.

Outro fator não menos importante propiciado por essas comunidades foram à inserção de padres, bispos e religiosas/os nos meios populares, estes deixam suas casas e vão se estabelecer nas periferias, oferecendo serviços de assistência social, creches, colégios, hospitais, na organização popular, nos grupos bíblicos, catequese com crianças, jovens e adultos. A presença desses/dessas e a influência exercida diante do povo é indiscutível para o desenvolvimento das pessoas. Percebemos nas falas das nossas interlocutoras, ao evocarem a presença das Irmãs Dominicanas da Anunciata²³ e dos padres Jesuítas, a importância desses nas trajetórias de vida das mulheres da paróquia São Sebastião.

As CEBs carregam em si a diversidade, visto que essa característica fornece elementos para a sua dinâmica e organização comunitária, regional, nacional. Não é possível falar de CEBs como comunidades homogêneas. As diferenças constituem um rico espaço de construção das identidades das pessoas que aderem a essa proposta, como ocorreu com as mulheres montes-clarenses ao inserir-se nessas comunidades. Rosado Nunes (1994, p. 193) argumenta, ao se referir à diversidade presente nas CEBs, que “Constituem um conjunto bastante heterogêneo, atravessado por diferenças de cor, idade, inserção no mercado de trabalho, origem familiar e tantas outras que interferem na maneira como as mulheres se inscrevem no espaço eclesial”. Tais questões propostas por Rosado Nunes são importantes, pois nos remetem à ideia de representatividade.

Essas comunidades exaltaram a representatividade da mulher na Igreja. Entendemos que essa prerrogativa é necessária para que possam se identificar. Nesse sentido, entendemos que representatividade é conceder identidade. Antes, não havia representatividade da mulher dentro do espaço católico, se houve, talvez, estivesse subsumido na categoria homem. As CEBs enfatizaram a participação de mulheres e as promoveram como protagonistas em suas respectivas comunidades. Em sua grande maioria, as CEBs são compostas por mulheres: solteiras, mães e solteiras, casadas,

²³ Congregação Religiosa feminina de origem espanhola, ramo da Ordem Dominicana, que se estabeleceu na cidade de Montes Claros, ainda na década de 1970, no bairro Maracanã. Contribuíram na construção das CEBs na paróquia e também na melhoria de vida das pessoas das comunidades por meio dos serviços oferecidos pelo Centro Comunitário situado no referido bairro.

religiosas, negras, brancas, pardas, trabalhadoras, rural, professoras, costureiras, dona de casa, dentre outras.

Há uma multiplicidade de mulheres que assumem esse fazer eclesial. As mulheres se apropriaram dos discursos sóciotransformadores das CEBs e, com essa perspectiva, empreenderam esforços pessoais, comunitários e sociais para que fossem levados a diante os ideais advindos desse grupo. O trabalho de mulheres nas comunidades de base se dá em diversas instâncias, como: celebrações da palavra, direção dos círculos bíblicos, catequese, acompanhamento de famílias no tocante ao poder público por melhorias nas comunidades e na produção de músicas que são cantadas nas comunidades, muitas dessas que embalam os círculos bíblicos, os intereclesiais, as celebrações eucarísticas e da palavra, são compostas por mulheres.

Seguindo esta perspectiva, as CEBs representam uma estrutura eclesial que impulsionou a vida das mulheres, especialmente, aquelas que vivem nas periferias. As fizeram sair do espaço doméstico e a se lançarem para outros espaços, a se projetar na política, nos sindicatos, associações de bairro, conselhos municipais da criança e dos adolescentes etc. Contudo, tais possibilidades e abertura das CEBs não contribuíram para a libertação e autonomia das mulheres no âmbito pessoal e eclesial. Ribeiro (1996, p. 178) nos lembra sobre a participação de mulheres nas comunidades de base: “As mulheres têm aí uma presença majoritária-ainda que nem sempre esta proporção se mantenha a nível de sua direção e/ou de sua orientação”. Embora essas comunidades sejam compostas, principalmente, por mulheres, isso não quer dizer que os espaços de direção e de decisão sejam também conduzidos por elas.

Há ausência de mulheres que assumam a direção dos cargos de poder e de reflexão das CEBs, tais questões podem ser percebidas nos relatos das mulheres desta pesquisa. Autores como David Regan (1995), Faustino Teixeira (1987), Leonardo Boff (2008), dentre outros, são unânimes em afirmar a supremacia feminina nas CEBs, afirmam que tais comunidades contribuíram para a libertação, autonomia, crescimento intelectual das mulheres. No entanto, não estamos de acordo com as afirmativas dos referidos autores. Acreditamos, em parte, que as CEBs concederam libertação às mulheres, ou ainda, autonomia, ou melhor, para utilizarmos o marco teórico desse trabalho, empoderaram. Esses estudos são empreendidos por teólogos homens, portanto, falam a partir da sua experiência masculina.

Considerando a história do cristianismo católico relacionado com a figura da mulher, caracterizada pela subjugação, machismo, patriarcalismo e inferioridade, as

CEBs, como um movimento que emerge desse universo cristão católico, carrega em seu bojo aspectos coloniais. Tais aspectos coloniais se apresentam como entraves para a descolonialidade e o empoderamento no interior dessa denominação. Contudo, acreditamos que estas perspectivas teóricas que perseguimos nessa pesquisa, são a chave mais adequada para fazer a leitura das trajetórias de participação das mulheres nas CEBs, da paróquia de São Sebastião, em Montes Claros.

Destacamos que a história das CEBs se desenvolve em uma época em que várias transformações no que tange à mulher estavam em curso. Nas sociedades ocidentais explodem o movimento feminista, os estudos com foco feminista, a Revolução Sexual. Nessa perspectiva de análise, feminismo e CEBs são contemporâneos, contudo, pouco ou nada dialogaram. Vale salientar que há tensões entre ambos, advindos das formulações teológicas elaboradas por teólogos que desconsideraram em suas elaborações questões concernentes a: gênero, sexualidade, corpo, aborto, maternidade, diversidade sexual, violência contra mulheres, imagens patriarcais de Deus etc.

Esses temas, a nosso ver, são fatores de opressão e dominação sobre as mulheres, escapam à reflexão e são silenciados pela Igreja e as CEBs. E muitas das mulheres adeptas assumem esse silêncio imposto ou quando se expressam sobre tais assuntos, parte de uma configuração que corrobora com a visão da Igreja, conforme pode ser verificado nas falas das colaboradoras. O que contribui para que ora suas práticas e ações pareçam ter contribuído para novos posicionamentos e posturas, ora corroboraram para que se mantenha a colonialidade.

Sobre as CEBs no sertão Norte Mineiro, especialmente em Montes Claros, afirmamos que, a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja local avançou qualitativamente, o que permitiu anos mais tarde o estabelecimento dessas comunidades em seu interior. O Concílio alcançou o sertão norte mineiro por meio da figura do então bispo Dom José Alves Trindade (1912-2005), que pastoreou a diocese de Montes Claros durante os anos de 1956-1988. Souza (2007, p.83) destacou a importância deste bispo para concretizar as ideias advindas do Concílio Vaticano II para a região,

O Concílio chega ao sertão com a presença de Dom José Alves Trindade. O mesmo expressa nas Diretrizes Pastorais de Montes Claros-1967-1970 que o Concílio Vaticano II havia projetado na Igreja luzes novas que orientariam a caminhada pastoral de renovação da Igreja Montes-clarense. A partir daquele momento histórico, isto é, julho de 1967 “nosso objetivo é renovar a Igreja, conforme a imagem do Vaticano II”.

O panorama católico em que se encontrava a diocese naquele período se caracterizava por uma igreja centralizadora, sacramental, imersa nas ideias que ainda perpetuavam do Concílio de Trento. Entendemos que este concílio teve sua importância num contexto histórico específico. Dito de outro modo, uma Igreja fechada às novas facetas impostas à sociedade montesclarenses, impulsionadas pelo processo de urbanização, que fortemente mudaram a dinâmica da cidade. Para Souza (2007, p.84), o cristianismo católico na região pode ser dividido em quatro fases: “Primeira fase: fase sacramentalista, segunda fase: fase pastoral, terceira fase: fase crítica, quarta fase: fase da reflexão”. Cada fase está marcada por características muito peculiares na visão deste autor, sendo a quarta fase a de interesse desse estudo, chamado por Souza de fase da reflexão. É o período em que se instaura o pensamento do Vaticano II na diocese, bem como provoca mudanças no tecido estrutural diocesano. Dessa forma, as ideias do Concílio Vaticano II foram lançadas na diocese e na região.

Sobre a situação em que se encontrava a região naquele momento Souza (2007, p.85) afirma: “O Concílio entrava no sertão de Minas Gerais encontrando os dilemas que a modernidade espalhou pelo mundo. O Norte de Minas Gerais não ficava distante dos dilemas da pobreza e da miséria encontrada em todo o Brasil”. Essa situação agrava-se ainda com o processo de urbanização em curso na cidade, gerando um quadro desolador de pobreza, fome, exclusão, marginalização de grande número de pessoas, especialmente, daquelas e daqueles migrantes que vieram para a cidade em busca de melhores condições, é o momento em que expandem as periferias da cidade. As bases lançadas pelo Concílio Vaticano II foram fundamentais para a recepção das CEBs no solo do sertão norte mineiro, a partir da década de 1970, cuja atuação e inserção amplia nos anos seguintes. Dessa forma, as CEBs adentram a realidade norte mineira, com forte aceno e apelo à inserção social, provocando mudanças nas estruturas e posturas da igreja local.

A experiência das CEBs em Montes Claros será reconhecida na diocese no ano de 1975, com o Plano de Pastoral da Diocese, contudo, no início da década de 1970, já existiam indícios de CEBs, com a presença de padres, freiras e leigos (os). Souza (2007, p.121) assevera sobre o reconhecimento dessas comunidades no seio da diocese: “Pela primeira vez, aparece nos documentos diocesanos a expressão Comunidades Eclesiais de Base. É interessante observar que a mesma já estava inserida na eclesiologia da Igreja do Brasil desde os anos 1960”. Quando a diocese assumiu as CEBs, em 1975, elas estavam em ampla expansão em várias partes do Brasil. Barbosa (2010, p. 86),

argumenta que “há um esforço da Igreja Católica em Montes Claros, em dialogar com a realidade das comunidades na periferia, a partir da década de 1980. Diálogo que amplia consideravelmente na década seguinte”. Em seguida, reitera (2010, p.87): “As CEBs, embora tardiamente, tornaram-se uma forte realidade no território menos assistido pela diocese: a periferia”.

Tais autores compactuam com a ideia de que as CEBs se estabeleceram tardiamente no sertão norte mineiro e que provocaram mudanças significativas na relação Igreja-Povo. As CEBs provocaram a aproximação da Igreja com a periferia que, naquele período, encontrava-se em ampla expansão. O processo de urbanização desencadeado em todo o Brasil a partir dos anos de 1930 atinge enormemente a região, acarretando graves consequências. Sobre esta situação, Souza (2007, p.112) recorda

A cidade experimentava um processo de empobrecimento que agravava as condições de vida do povo. A decadência regional que se estabeleceu desde a saída brusca do homem do campo para procurar novas alternativas de sobrevivência se articula com uma conjuntura de degradação do meio-ambiente e com a devastação do patrimônio natural da região. A cidade tomava uma nova feição. Cresciam os problemas sociais e o número de miseráveis rodeava as igrejas e ocupavam as praças públicas. Em volta da catedral de Montes Claros tornou-se necessária a colocação de uma grade para afastar os inúmeros mendigos que ali dormiam e cozinhavam seus alimentos.

Nessa época, se comparado a outros lugares, a inserção social da Igreja de Montes Claros ainda é considerada tímida. Estas situações mencionadas pelo autor concernente à degradação da vida humana, não são levadas em consideração. É a partir das CEBs que a Igreja toma novas feições em seus discursos e práticas, deslocando-se da omissão ao engajamento, do centro para a periferia, em favor das minorias. Nessa perspectiva, as CEBs representam um modelo de Igreja descentralizado do poder hierárquico. É um modelo que tem suas raízes na organização popular, ou seja, são as pessoas com suas necessidades mais prementes que são os agentes por excelência das ações empreendidas pelos grupos. Essas comunidades são espaços de descobertas, de conhecimento e de reconhecimento das capacidades das pessoas. Em um breve levantamento, com outras/outros participantes das CEBs na cidade (que não consta nas entrevistas), constatamos que muitos eram analfabetos ou semianalfabetos, muitos provenientes da zona rural ou cidades vizinhas. Estas pessoas encontraram nos discursos e reflexões formas de preparo e organização para agir na igreja e, sobretudo, na sociedade.

A partir das ações das CEBs, na cidade e região, a Igreja inicia um processo gradativo de saída da região central para se fazer presente na periferia. O catolicismo urbano, hierárquico e centralizador que permeou a história do sertão norte mineiro, já não conseguia responder às inúmeras situações e necessidades que emergiam da crescente periferia. Nesse sentido, as CEBs, com sua proposta popular, se apresentam como uma ferramenta eficaz de aproximação da Igreja com a periferia, ao dialogar com os problemas do cotidiano da grande maioria das pessoas. Entendemos que o processo de deslocamento ocorreu de forma gradual, na medida em que as pessoas, leigos/as, freiras, padres tomavam consciência e contato com os discursos das CEBs, voltados para a transformação social.

Essa realidade, naquele momento, clamava por ações concretas diante de um processo de empobrecimento e de exclusão, frutos da urbanização exacerbada experimentada na região que, cada vez mais, aglomerava famílias provenientes da zona rural e cidades vizinhas. Mais uma vez recorremos ao pensamento de Souza (2007, p.123), pois “as CEBs desejam ser Igreja do povo e organização do povo. Uma igreja comunidade que acolhe as diferenças para a grande festa da vida. As CEBs contribuem para retirar o ser humano do anonimato e da massificação de uma sociedade que prima pelo isolamento e pelo individualismo”. Na visão de Souza, as CEBs caracterizam uma forma de ser igreja comunitária que parte das bases em que as pessoas se tornam agentes e sujeitos do seu desenvolvimento pessoal, comunitário, ou seja, sujeitos da transformação social.

Dessa forma, a diocese de Montes Claros acolhe institucionalmente as CEBs e reconhece que suas práticas buscam favorecer a caminhada da Igreja com o povo, coerente com o modelo de Igreja proposto pelo Concílio Vaticano II. Nas diretrizes de pastoral dos anos de 1975-1978, documento em que foram aprovadas as CEBs na diocese, consta, segundo Souza (2007, p.127), “a implantação das CEBs tinha como finalidade principal, ‘ser uma Igreja voltada para o povo, numa atitude de serviço e presença’ (Secretariado Diocesano de Pastoral. Diretrizes Pastorais da Diocese de Montes Claros 1975-1978. Mimeografado AEAMC 1975)”. Assim, a Igreja reconhece e legitima a importância deste trabalho para a vida das comunidades e das pessoas.

As CEBs se consolidaram no solo norte mineiro, na década de 1980, e até meados da década de 1990 realizaram extenso trabalho na cidade e região. A partir desse período, há certo declínio das comunidades na cidade. Entendemos que o catolicismo ainda é a vertente religiosa majoritária na cidade e região. Segundo dados

do último censo de 2010, a cidade conta com um número aproximado de 246.000 adeptos dessa tradição religiosa. No entanto, o catolicismo abriga uma pluralidade em seu interior, que se acentua com o avanço do tempo. As CEBs, que são o foco desse estudo, representam apenas uma das facetas que compõem a pluralidade católica. Em Montes Claros, a partir de meados da década de 1990, há um avanço da Renovação Carismática Católica-RCC movimento católico de cunho pentecostal, com suas práticas mais voltadas para a conversão do indivíduo. E há também a presença dos Arautos do Evangelho, ambos os grupos com forte atuação na região.

Tal declínio mencionado acima não excetua a cidade de Montes Claros, mas é uma realidade que pode ser verificada em todo o Brasil. Nesse sentido, as CEBs vivem, atualmente, um momento de descrédito e de recuo no cenário eclesial. As opiniões divergem entre os membros com relação a tal questão. Na visão do estudioso Josenildo F. de Lima (2012, p.76), “o fim da modernidade e o alvorecer da pós-modernidade puseram à baila problemas humanos de caráter mais existenciais que políticos”. Diante desse cenário estabelecido pela modernidade, as CEBs com suas ações no âmbito social, já não respondem aos problemas humanos que a modernidade trouxe. Dessa forma, as pessoas começam a buscar apoio em movimentos de cunho mais espiritualista.

Em contrapartida, o sociólogo Ivo Lesbaupin (2009, p. 57) atribui à invisibilidade das CEBs, ao “fim da ditadura militar, pois elas eram mal vistas pela repressão, o que lhe dava destaque, posicionamento negativo e repressor do Vaticano no pontificado de João Paulo II”. Cada um dos autores busca justificar o declínio das CEBs, cada qual desde um ponto de vista que, ao final, se complementam, pois, o pontificado do papa João Paulo II contribuiu decisivamente no combate às CEBs, o que favoreceu o surgimento de grupos espiritualistas, como é o caso da Renovação Carismática Católica, dentre outros grupos.

Nessa perspectiva, nas academias, atualmente, há ausência de pesquisas que enunciem as CEBs. Elas parecem não motivar os estudiosos como foi o período áureo das décadas de 1970 e 1980 em que muitos autores estudaram essas comunidades e contribuíram fortemente para a sistematização no âmbito acadêmico. Fernandes (2012, p. 189) nos provoca a pensar sobre os rumos das CEBs e a suposta ‘saída de cena’ eclesial e acadêmica: “As CEBs estariam ‘fora de moda’ ou teriam se acomodado ao mundo da Igreja ou ao universo paroquial, não despertando, na atualidade, a atenção dos investigadores e quiçá dos católicos”. O que constatamos das pesquisas, leituras, conversas com adeptas e adeptos e a participação no Seminário Nacional: *CEBs e os*

desafios de ser Igreja no mundo urbano, organizado pelo Setor CEBs da CNBB, ocorrido entre os dias 17, 18, e 19 de novembro de 2017, em Brasília-DF, que houve nessas comunidades novos enfoques, deslocamentos, recursos que não são mais os mesmos das décadas anteriores. Menezes (2012, p. 34) sinaliza para algumas mudanças no panorama mundial que, a nosso ver, interferem diretamente na atuação atual das CEBs

Nos últimos anos, a comunidade internacional percebeu o drama do esgotamento dos recursos do planeta. As mudanças climáticas afetam a vida de todos, multiplicam-se as catástrofes naturais, há visíveis sinais de escassez de água, aumenta a fome e surgem novas epidemias. Aos poucos, a sociedade vai se conscientizando do seu papel e começa a tratar do planeta, sentindo-se como parte dele, não como seu dono. Da consciência ecológica nas CEBs ecoa nova hermenêutica bíblica da teologia da criação. Textos antes lidos e utilizados para justificar a ação predatória humana servem para que se obtenha nova compreensão da vida e da relação do ser humano com a natureza. Aprende-se da sabedoria indígena, inicia-se a consolidação de novas práticas, sejam elas individuais comunitárias ou sociais.

As mudanças que ocorrem no planeta, conforme sinaliza Menezes, mas também levando em consideração outras que ocorrem na cultura, na própria religião, dentro do próprio catolicismo, e na sociedade de forma geral, impulsionam as mudanças nas CEBs. As causas primeiras que impulsionaram as ações dessas comunidades nas décadas de 1970, 1980 e 1990 já não as mesmas, o panorama político, social e econômico e eclesial são outros. Portanto, os adeptos entendem e reconhecem o rico trabalho exercido pelas CEBs em décadas passadas, mas acreditam quem elas seguem de outras formas, por outros meios e vias, assim veem a necessidade de outras e novas formas de inserção. Podemos perceber tal ideia na entrevista que realizamos com D. Giovane Pereira de Melo²⁴:

Eu considero que as CEBs têm um legado à Igreja do Brasil, nas práticas das comunidades, mesmo que não chame isso de CEBs. A experiência das comunidades eclesiais de base nas décadas de 1980 e 1990 deixou um legado para as atuais comunidades. O rosto das comunidades que temos hoje, mesmo que não tenha o nome de CEBs, elas receberam/herdaram essa experiência das CEBs das décadas de 80 e 90. Nesse sentido, eu entendo que as CEBs não estejam na pauta eclesial, não têm hegemonia... elas não têm a visibilidade que tinham na década de 80 e 90, mas elas estão presentes com outros nomes, nova roupagem, elas estão presentes. Nesse sentido, eu vejo que o

²⁴ Bispo de Tocantinópolis-TO e responsável pelo setor CEBs da CNBB.

contexto eclesial, os modelos eclesiais, eles mudaram. As CEBs saíram do cenário que elas estavam, das pautas. Há um livro do João Batista Libânio chamado, *A volta à grande disciplina*, então, eu acho que esse livro ajuda a gente entender essas mudanças. No papado de João Paulo II e Bento XVI, houve um retrocesso, à volta à grande disciplina, ao ordenamento, à questão mais interna da Igreja. Quer dizer no período do papado de João Paulo II, fez uma crítica muito forte à Teologia da Libertação, quer dizer as CEBs são a prática, a vivência e a reflexão da Teologia da Libertação, uma alimenta a outra. Eu entendo nesse contexto, nessa virada eclesial, essa mudança, por exemplo, o contexto político social no Brasil, nesse contexto, aí também faz sentir que as CEBs não estão mais presentes, alguns apregoam a morte das CEBs. Eu vejo que elas estão aí... tentando entender esse universo eclesial, universo político e social em que estamos inseridos, um pouco isso. O caminho é encontrar esses caminhos novos, e tentar refletir a experiência das comunidades à luz dessas realidades novas que estão sendo colocadas aí.

A ideia proposta por esse e outros adeptos é buscar caminhos para que possam permanecer. Eles são unânimes em afirmar que o declínio das CEBs se deve aos pontificados dos papas João Paulo II e Bento XVI, período em que sofreram os embates advindos do Vaticano, por meio dessas figuras pontifícias que dedicaram especial atenção a combater a Teologia da Libertação, portanto, esvaziando as ações das CEBs, que procedem desse fazer teológico. Pe. Tardin, foi um dos pilares das CEBs na paróquia São Sebastião, escolhida para realizar o estudo proposto. Sobre o declínio da CEB expressa:

Há um resto de CEBs alimentada pela Teologia da Libertação. Houve nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI um fortalecimento da hierarquia da Igreja, incentivo aos movimentos RCC, ECC, Legião de Maria... O que gera enfraquecimento das comunidades de base. Tenho feliz lembrança daquele tempo, tenho consciência de que os tempos mudaram, já não são como aqueles tempos.

Cabe afirmar que cada uma/um a seu modo e a partir da experiência vivida, justifica o enfraquecimento das CEBs no momento atual, nenhuma/nenhum das/dos entrevistadas/os declararam ou apregoaram a morte das CEBs, pelo contrário, apostam em novas formas de inserção, acreditam que os tempos são outros, portanto, as ações precisam inovar. Além das questões já mencionadas pelos entrevistados, outra que sobressalta nos relatos são as lembranças felizes dos tempos fortes de participação nas CEBs, conforme podemos perceber na afirmação do Pe. Tardin. Francisca Rodrigues, uma das nossas colaboradoras, ao ser perguntada sobre o enfraquecimento das comunidades de base, assim se expressou:

Pois é menina, acho que hoje na igreja são muitos movimentos, pastorais, grupos, e não só isso, não sei... de acordo com a animação do povo, antes era mais animado, destacava mais. Mas as CEBs, ela está viva aí, é só você soprar, aí aparece o brasilão, tá naquelas cinzas... vivinhas (risos). Aqui na nossa comunidade temos sete grupos de base, capengando, mas vai. O trabalho de CEBs continua não tá com animação toda, mas tá na vida, na luta, nas bases.

No que tange às pesquisas sobre as CEBs na região, encontramos poucas investigações que enunciam as suas ações e, menos ainda, a atuação de mulheres. Contamos com os estudos dos seguintes autores: Frederico Antônio Mineiro Lopes (2004), Antônio Avilmar de Souza (2007), Denilson Meireles Barbosa (2010) e Fábio Vieira Souza (2014). As pesquisas desses autores não abordam especificamente o trabalho das CEBs na cidade. O que se constata de tais estudos são breves acenos sobre a importância das CEBs para as transformações e a conscientização social da história da Igreja local. São trabalhos que expressam o valor dessas comunidades para o desenvolvimento social e eclesial para a cidade.

Em relação à atuação e a participação de mulheres nas CEBs em Montes Claros, tais autores não fazem referências explícitas, considerando que estas pesquisas foram realizadas por homens, talvez, justifica-se o desinteresse em tratar de mulheres. Na pesquisa de mestrado de Frederico Antônio Mineiro Lopes (2004), intitulada: *Fé e Vida: ação educativa para a participação social nas Comunidades Eclesiais de Base Rurais da Paróquia São Sebastião, em Montes Claros, Norte das Gerais*, este autor, em uma perspectiva antropológica, tem como foco os trabalhadores e as trabalhadoras das comunidades rurais da Paróquia São Sebastião, entre às décadas de 1980 a 1990. Nos parecem interessante tais informações, pois trata-se da mesma paróquia em questão nessa pesquisa. O recorte abordado por Lopes (2004 p.3) consistiu na pergunta,

se o modo de intervir dos jesuítas, por meio das CEBs, foi educativo (de corte popular) ou tutorial (de cunho autoritário). Buscou também perquirir se havia relação entre a participação nas atividades paroquiais e as desenvolvidas nas associações, no sindicato e na própria comunidade, bem como se este envolvimento favoreceu o surgimento de práticas de desenvolvimento sustentável no cenário pesquisado.

Dessa forma, este autor realizou uma imersão etnográfica na realidade dos trabalhadores e trabalhadoras rurais desta paróquia com o intuito de descobrir questões, significados, símbolos e comportamentos que pudessem responder à sua pergunta. Ele

dedica uma pequena parte do trabalho para mencionar, por meio da observação participante, o trabalho e atuação de mulheres nas CEBs rurais. Assim se expressa (2004, p.79):

Nas comunidades rurais é bastante expressiva a participação feminina como coordenadoras e lideranças comunitárias também à frente da associação e participando ativamente do STR²⁵. Apesar do seu acúmulo de atividades, em muitos casos superior às atividades dos maridos, essas mulheres evidenciam muita dedicação à família e à comunidade.

Destacamos que o foco desse autor são as CEBs rurais da paróquia de São Sebastião. No entanto, podemos considerar que a condição das mulheres das comunidades rurais, se comparada com a das comunidades urbanas, não é diferente. Tem-se que as opressões, os machismos e os patriarcalismos frutos de uma herança colonial ainda imperam com muita força na sociedade brasileira e fortemente no sertão norte mineiro. Muitas colaboradoras da pesquisa proposta, além de serem o esteio das comunidades urbanas, são também das suas famílias, bem como contribuíram extensamente para o desenvolvimento das comunidades rurais da paróquia, embora nem sempre sejam lembradas e mencionadas nas histórias contadas. Dessa forma, as reflexões desenvolvidas no segundo capítulo do trabalho em evidência serão destinadas às narrativas, memórias, lutas e para as trajetórias das mulheres nas CEBs da paróquia São Sebastião.

²⁵ Com STR o autor se refere ao Sindicato de Trabalhadores Rurais.

CAPÍTULO II

AS MULHERES DAS CEBs: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE SENTIDO.

2.1- Memória de mulheres da paróquia São Sebastião e a descoberta das CEBs.

No decurso do primeiro capítulo, situamos e problematizamos a figura da mulher latino-americana em vários momentos históricos, sociais e eclesiais que consideramos importantes para a compreensão desse estudo. Para isso, mergulhamos em períodos que vão desde a conquista e a colonização dos povos originários até alcançar o sertão Norte Mineiro local da diferença colonial e do viajar-entre-mundos, espaço da atuação das mulheres das CEBs da paróquia São Sebastião. Isso posto, seguiremos nesse capítulo de caráter histórico (com ênfase na história oral temática), sociológico e teológico, com a proposta de enfatizar a memória da descoberta e da participação nas CEBs das colaboradoras dessa pesquisa, como prática que possibilitou transformar suas trajetórias de vida. Ao iniciarmos o capítulo, advertimos que nossas reflexões e problematizações não são meramente abstrações históricas, sociológicas ou teológicas. Consideramos o tema tal como se indica no título, memórias e trajetórias de sentido das mulheres das CEBs. Com o intuito de reconstruirmos a memória dessas mulheres, recorreremos ao instrumental metodológico que acompanha este estudo: a história oral.

A história oral como instrumento metodológico sistematizou-se e figurou no cenário acadêmico pós-II Guerra Mundial, conforme elucidada José Carlos Sebe Bom Meihy, um dos estudiosos desta perspectiva histórica no Brasil. Segundo o autor, a história oral “nasceu em 1948, na Universidade de Columbia, em Nova York. Allan Nevins organizou um arquivo e oficializou o termo”. Dessa forma, a história oral é uma perspectiva relativamente nova, se comparada a outras fontes históricas utilizadas, e se apresenta com forte apelo aos indivíduos considerados esquecidos pela história oficial.

No entanto, foi nos anos 1980 que, no Brasil, a história oral começa a desenvolver-se, explica Meihy (2005, p. 99). Tal década contempla o “período de abertura política, criação de programas de História em Universidades voltadas para a preservação da memória”. O término da ditadura militar e a redemocratização do país possibilitou um avanço nos estudos acerca da história oral, com a abertura de programas de história, pois no período da ditadura tal perspectiva foi condenada. Nesse sentido, os

princípios dessa história foram fundamentais para a reconstituição da memória das/dos personagens dos fatos ocorridos no período da ditadura militar, o que inclui muitas/os dessas/es personagens engajadas/os nas CEBs. A história oral se estabelece, então, nas academias brasileiras com o apelo às minorias alijadas dos processos históricos acadêmicos. Ou seja, tal história se constitui da memória dos sujeitos que foram impactados por determinado evento e tem na reconstituição oral e, logo depois, na escrita a concretude de um passado que se torna presente. Salientamos que nessa mesma década em que os estudos acerca da história oral auferem reconhecimento nas universidades brasileiras, às comunidades de base se desenvolvem e ampliam suas ações na cidade de Montes Claros.

A história oral foi “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos, afirma Meihy (2005, p. 19). Ela é sempre uma história do ‘tempo presente’ e também reconhecida como ‘história viva’”. Como recurso metodológico, esta oferece seu potencial à disposição das inúmeras formas de pesquisa que têm como objeto a narrativa de experiências passadas. Estas experiências, ditas passadas, tornam-se presentes por meio das entrevistas realizadas com pessoas que viveram determinadas experiências, em um tempo e espaço determinado. Em outras palavras, é rememorar histórias, acontecimentos, fatos de pessoas e grupos. É o que buscamos nesse trabalho com as mulheres que fizeram a experiência das CEBs, com o intuito de evocar a memória das participantes. E é por meio da memória das/dos participantes que se reconstroem as narrativas de sentido que compõe o tecido da história oral. Sendo assim, a memória é a matéria principal dessa fonte metodológica.

Desse modo, a história oral contribui para a reconstrução da história de mulheres e homens, especialmente mulheres, que foram, em certa medida, ocultadas pelas fontes históricas oficiais, como é o caso das que são estudadas nessa investigação. Ainda contribui para dar visibilidade às pessoas, suas visões de mundo, de sociedade e de religião que estão à margem do conhecimento acadêmico. Nessa perspectiva, imputamos que o feminismo descolonial também pode ser considerado uma fonte oral, enquanto aporte metodológico que tem como uma das suas principais características a prática e ação. E ainda carrega em seu bojo outras formas de conhecimentos que não somente a escrita, aduz questões artísticas, visuais, a militância, o ativismo. Assim, a história oral pode ser uma fonte de conhecimento que permite resgatar, ou melhor,

recuperar pensamentos e histórias não institucionalizadas pela academia. Assim, história oral e o feminismo descolonial encontram-se em sintonia.

Os procedimentos da história oral, mas também do feminismo descolonial nos permitem acercar-nos das vivências e experiências das mulheres que foram partes constituintes da CEB na cidade e, também, detectar possíveis transformações na trajetória de vida dessas e das comunidades onde estiveram inseridas. Assim, no pensamento de Meihy (2005, p. 42) “a história oral é sempre social”. Em seguida, também acrescenta (2005, p.79) que “a história oral é sempre social, sobretudo porque o indivíduo só se explica na vida comunitária”. Esta forma de fazer história carrega em si um caráter de coletividade, de inserção e de militância. Tais características se aplicam às CEBs, que buscam ser comunidades de irmãs e irmãos nas periferias dos grandes centros urbanos e da zona rural, espaços nos quais a vida é vivida, partilhada e ressignificada, por meio de processos impulsionados pelas ações e discursos veiculados por essa prática religiosa.

Nesse sentido, é importante em história oral compartilhar as histórias pessoais das/os colaboradoras/es envolvidas/os na pesquisa, para captar relatos, talvez nunca dantes contados. Os relatos possibilitam a reconstrução de um dado período histórico, sendo que todo esse material humano se transforma em fonte de pesquisa. Dessa forma, queremos evocar para o meio acadêmico as histórias de vida das mulheres das CEBs da cidade de Montes Claros, histórias até então nunca contadas no âmbito acadêmico. Meihy (1991, p.15) argumenta que “as técnicas de história oral inauguraram em nosso país um gênero até agora pouco prezado, ainda que fundamentalmente importante - a história pública – capaz de fazer veicular o saber em sua dimensão social mais ampla”. Meihy também nos incita a pensar na dimensão pública da história oral, isto quer dizer que é uma história que visa abarcar a todas/os, não somente o público acadêmico afinado com as grandes elaborações teóricas, mas o público em geral. Este recurso metodológico se aplica bem à realidade cotidiana das mulheres das CEBs, situadas na periferia da cidade. Contribui para acercar-se do cotidiano dessas, de ouvir e de aprender acerca de suas histórias, das suas lutas e conquistas. Munidas dessas questões introdutórias adentramos para conhecer a paróquia São Sebastião e o cotidiano das mulheres dessa pesquisa.

Da paróquia São Sebastião, espaço de atuação das mulheres desse estudo, cabe destacar o que segue, conforme apresenta Lopes (2004, p.12): “A paróquia São

Sebastião, como consta no livro de tomo, tem por data de fundação o dia 20 de janeiro no ano da graça de 1960”. Desde a sua criação foi entregue aos cuidados pastorais dos padres jesuítas²⁶, sendo o primeiro pároco o austríaco Padre Frederico Dokulin. Esse padre marcou a infância e a vida de muitas pessoas que residiam no espaço geográfico da paróquia, nos anos 1960, dentre essas a colaboradora M^a Rita Rios²⁷, única entrevistada a ter contato direto com ele. Ela relatou aspectos da personalidade do padre, sua missão e as formas que utilizava para evangelizar os paroquianos daquela época. Aspectos importantes que foram tecendo as raízes do que seriam anos mais tarde as CEBs. Nesse sentido, afirma:

Então, o padre Frederico ele acabou sendo o nosso grande catequista. Por que ele ia quase todos os domingos almoçar em nossa casa. Ele adorava macarronada (risos), e lá ele acabou nos ajudando muito nessa formação, ele nos contava muitas histórias da terra dele, da Áustria, as guerras e nessas histórias, ele ia colocando também Jesus, né? É... E toda aquela evangelização que só ele sabia fazer. E com a igreja de São Sebastião ele criava também uns recursos bem interessantes. Ele construiu dentro da igreja a Terra Santa, então, de um lado da igreja a gente tinha assim... todas as caminhadas do povo cristão, não do povo judeu naquele tempo, aí depois no outro tinha o nascimento de Jesus, já com um outro momento de caminhada. Então, com aquelas histórias ali de argila de papel construídos assim, por mãos artísticas que ele tinha, né? Ele acabou ensinando a muitos adolescentes e jovens daquele tempo ao vivo e a cores. Porque além dele falar, a gente via as coisas, né? E os cantos, tudo isso foi formando na nossa cabeça e no coração um amor muito grande pela igreja. Então, essa passagem dos jesuítas começando por ele, foi muito forte. E eu sempre participei assim... dessa forma, e logo depois de casada, batizando os filhos, lá acabamos conhecendo o padre Manuel mais de perto (M.^a RITA Rios, 2018),

Esta paróquia na época do período estipulado para essa pesquisa era bastante extensa, geograficamente ocupava o espaço urbano do centro, adentrava as periferias e se estendia até a zona rural (LOPES, 2004). A paróquia se organizava por meio de comunidades que somavam 49, sendo 19 urbanas e 30 na zona rural (ver mapa da paróquia no final desse tópico). Esta alocada na zona sul da cidade e sua extensão tem início na parte urbana próxima da área central até os bairros mais periféricos. Limita-se com as cidades de Glaucilândia, Juramento, Bocaiuva, Claro dos Poções e Coração de Jesus. Em 2004, a paróquia passou por um processo de divisão em razão da sua

²⁶ Congregação religiosa fundada pelo espanhol Inácio de Loyola, no início do século XVI.

²⁷ Entrevista, op. cit.

extensão geográfica e ao escasso número de padres, o que dificultava a assistência às comunidades. Na divisão ocorrida, os padres jesuítas fizeram opção pela área periférica da paróquia. Essa informação é apenas para constar que, atualmente, a paróquia São Sebastião não possui mais a mesma configuração do período do recorte da pesquisa.

No período de fundação da paróquia na região, havia pouca infraestrutura, ruas sem rede de esgoto, pavimentação, energia elétrica, inexistência de postos de saúde, escola de nível básico etc. Além disso, a população local convivia com o poder político de um grupo hegemônico, sendo esses resquícios do coronelismo, do clientelismo e do mandonismo fortes na região sertaneja. Tal poder rondava a cidade naquela época, que se baseava em um poder opressor e repressor sobre a vida das pessoas, especialmente, das mais pobres alocadas nas periferias. Assim, o poder concentrava-se nas mãos de um pequeno grupo, ou seja, os ricos e poderosos. Ao narrar sobre a situação do povo na época em que chegou a Montes Claros, Padre Tardin²⁸ demonstra sua opinião, mas também expressa seu sentimento em relação ao descaso do poder público quanto às pessoas. Segundo ele:

Em 1985, não havia SUS, o SUS começou só a partir da constituição de 1988, né? Os pobres viviam situação de muito abandono. Lembro de uns ditados que a gente ouvia que pobre só não passava fome aqui no Norte de Minas na época da manga e do pequi. Mas era de uma pobreza muito grande. Nas comunidades rurais também uma pobreza muito grande, ninguém tinha carro, transporte muito difícil, as estradas muito ruins, e o povo passava assim, bem apertado. Na política aqui era prefeito Tadeu Leite, o povo reclama um pouco dele já nesse tempo. Havia assim não uma grande preocupação com os pobres na política municipal, se fazia alguma coisa e tudo, mas não era muita coisa. Dados mais pormenores não lembro não. Mais fora da paróquia era muito comum à questão de grilagem de terra, aqui na paróquia não lembro de nenhum caso não. E aí, muita gente do interior vinha para Montes Claros. Alguns conflitos fora da paróquia eu cheguei a aí ver. Diversos outros conflitos tinham aqui, e nós tínhamos um pouco de atenção a isso, rezávamos, participávamos, fazíamos campanha. Aqui em Montes Claros tava começando esse bairro aqui onde é que tá a comunidade São José de Anchieta, mas lá na ponta... na ponte Chiquinho Guimarães²⁹. Tava começando uns barraquinhos de adobe lá. E teve um dezembro que choveu demais, e aqueles adobes derreteram tudo... ficamos sabendo disso, nós fomos lá de noite ainda, tinha uma caminhonete, pegamos essas famílias, eram cinco a seis famílias com crianças, levamos para aquele galpão lá do

²⁸ Entrevista, op. cit

²⁹ Sobre a construção desse bairro veja no anexo F uma carta da equipe de pastoral paroquial escrita no dia 17/06/1989, dirigida as/aos paroquianas/os descrevendo a situação das famílias que residiam nesse espaço. Na mesma carta, encontra-se outro relato de exploração de um trabalhador rural denunciado por essa equipe.

São Judas que já estava construído, ficamos tratando dessas famílias até passar as chuvas e, ajudar depois a reconstruir os barracos. Aqui em Montes Claros também chegaram de fora dessas imigrações, chegaram várias pessoas e se acamparam às margens da estrada de Juramento aqui pertinho, a gente teve muita assistência com eles também. E acabamos conseguindo da prefeitura um terreno aqui perto da ponte da branca, quem vem de Belo Horizonte à esquerda, tem um nome do bairro, eu esqueço. Conseguimos esse terreno da prefeitura, era de um vereador a prefeitura desapropriou, e entregou a paróquia, e nós assentamos essas famílias lá, dividimos os dotes e fizemos campanhas e outras paróquias de Montes Claros, também ajudaram a gente a conseguir o material e, conseguimos levantar as casinhas lá (PADRE TARDIN, 2016).

Por essas questões expostas pelo Padre Tardin, acreditamos que as CEBs em Montes Claros e, especialmente na Paróquia São Sebastião, emergem como panaceia para as mulheres e homens da periferia, transformando os espaços físicos e, de modo singular, a vida pessoal das/dos envolvidas/os, o que pode ser verificado nos relatos expostos nesse estudo. As situações degradantes enunciadas pelo referido padre nos remetem ao conceito de colonialidade do poder, elucidado no primeiro capítulo. E que, na compreensão da feminista descolonial Ochy Curiel Pichardo (2014, p.50), supõe “relações sociais de exploração, dominação, conflito pela disputa de controle e domínio de trabalho e seus produtos”. Podemos verificar que a experiência colonial desencadeada em 1492, ainda subsiste na sua forma mais cruel, a colonialidade que impõe a ideia de raça, classifica, submete o ser, o poder e o gênero.

Tais questões permeiam o tecido social e religioso montesclarenses, sendo que também predomina a diferença colonial e o viajar-entre-mundos. É importante dizer que colonialidade e a diferença colonial, como também o viajar-entre-mundos, são dimensões multifacetadas que podem coexistir em um mesmo espaço, em que pode emergir a descolonialidade ou não. O lugar da diferença colonial e do viajar-entre-mundos como é o sertão Norte Mineiro, com foco em Montes Claros, é o lugar da criatividade, da resistência e da construção de meios que subvertem a lógica colonial estabelecida pelo sistema moderno global.

As mulheres que compõe esse estudo estando na diferença colonial e no viajar-entre-mundos buscam, em certa medida nos parâmetros propostos pelas CEBs, meios que permitiam a elas a inserção na Igreja, na política e em outros espaços da sociedade. Concretamente, o conceito de viajar-entre-mundos se aplica à realidade das mulheres das CEBs, pois vivem e experimentam as adversidades da vida em um local marginal como é o sertão Norte Mineiro, marcado pela opressão social e religiosa. Os mesmos

fatores permitiram um desenraizamento ou saída de tais mulheres do seu mundo individual para viajar e mergulhar em outros mundos, mundos das comunidades e das suas necessidades, em uma atitude fraterna de abertura a outras mulheres e homens. Isso pode ser percebido nos relatos das nossas interlocutoras que versam sobre a solidariedade, a partilha, a conquista dos direitos e bens para os bairros, dentre outras ações.

Esses processos nos sugerem pensar e discutir sobre o feminismo descolonial, tal forma de feminismo emerge no chão da América Latina, desenvolvido por mulheres como: Maria Lugones, Yuderlys Espinosa Miñoso, Ochy Curiel, Breny Mendoza, Francesca Gargallo, dentre outras, todas essas são feministas, pensadoras críticas e ativistas latino-americanas, que habitam a diferença colonial e o viajar-entre-mundos. Esse feminismo é uma ferramenta teórica e metodológica, uma chave de leitura que permite compreender processos relacionados com a situação da mulher, buscando a despatriarcalização em íntima relação com a descolonialidade. O feminismo desde uma perspectiva descolonial é uma forma de fazer e de pensar o feminismo, a partir de outras fontes de saberes e de conhecimentos, tendo como principais agentes mulheres negras, indígenas, lésbicas, pobres, migrantes, mulheres que tiveram suas histórias ocultadas pelo sistema moderno colonial, engendrado nos universalismos dos feminismos hegemônicos.

Nesse sentido, o feminismo descolonial tem buscado lançar um olhar sobre as diversas realidades de opressão, machismo, patriarcalismo a que foram e ainda são submetidas às mulheres do sul global nas relações sociais, de gênero e, no estudo proposto, a religião. Ademais, o feminismo descolonial pode ser considerado o feminismo da resistência às formas de dominação e subjugação que se impõem para a mulher. Ao afirmarmos que as mulheres ainda são subalternizadas, a religião, nesse estudo, o cristianismo católico, apresenta-se como a fonte primeira a partir da qual emana tal realidade. Por isso, evocamos essa perspectiva teórica e metodológica para fazermos a leitura da participação de mulheres das CEBs da paróquia São Sebastião, assim como intervir nesse meio eclesial, lugar ainda marcado pela exclusão e marginalização da figura da mulher.

A paróquia São Sebastião, a partir do ano de 1985, começou a ser redesenhada, com a chegada do então jesuíta Padre Tardin na cidade de Montes Claros. Com isso, passou a auferir novos contornos e assumir as CEBs em sua estrutura e organização. Afirmamos que, com o estabelecimento desse padre, a paróquia se reestrutura tendo

como referência as comunidades de base, que concedem novo impulso e dinamizam a vida da Igreja local. A partir desse momento, as mulheres que são entrevistadas nesse estudo e que já participavam na igreja, descobriram as CEBs inaugurando novas perspectivas de participação eclesial e social. De modo semelhante, o padre Tardin concretizou a sua participação nessa prática eclesial em Montes Claros. Nas palavras desse padre:

As CEBs, eu vim conhecer mais de perto aqui em Montes Claros. Eu fui tendo contato com esse pessoal, me convidaram para um encontro de CEBs que aconteceu no Sul de Minas, (e qual que era o nome do município agora? ... não me lembro, depois posso olhar no mapa, você faz umas perguntas assim, que é meio complicado (risos). Aí eu fui entrosando com eles conhecendo e gostando... cada vez mais. Eu já tinha lido algumas coisas sobre as CEBs, mas era uma vivência só de livros e de ideias. Quando eu vim para cá já tinha 12 anos de padre, e sempre tive uma preocupação muito forte de que tivesse assim, um sei lá... um bom relacionamento entre padre e povo. Uma das coisas que sempre e até hoje me angustia, é a linguagem, às vezes falamos uma linguagem, temos na liturgia uma linguagem que o povo passa batido. Isso sempre me incomodava, e nas CEBs fui encontrando pequenos grupos de gente que conversava que dialogava que lia a bíblia, não é? Então, eu falei o negócio aqui que vou encontrar um caminho para ver como faz isso. E, sobretudo, isso acho que as CEBs foram para mim uma descoberta prática, um caminho e um método de trabalhar (PADRE TARDIN, 2016).

O espaço marginal sertanejo caracterizado por suas carências e debilidades foi o berço fértil que possibilitou o surgimento e a disseminação de grupos de CEBs. É o que se percebe nas palavras do Padre Tardin, que demonstrou certa angústia no tocante ao relacionamento entre padre e o povo, assim como acerca da linguagem que é veiculada nas liturgias nas Igrejas, o que, na sua visão, resulta na incompreensão da mensagem bíblica. Tais elementos fizeram parte da missão empreendida por esse religioso na paróquia, ou seja, buscar meios que possibilitassem às pessoas, especialmente as mais simples que não obtiveram acesso aos estudos, compreender a bíblia. O caminho utilizado por ele para que as pessoas pudessem ler e entender os textos bíblicos e, e assim terem uma participação mais incisiva na igreja, mas também em outros espaços, foi por meio de exemplos simples do cotidiano. Em sua entrevista, Padre Tardin apontou esse desejo de que as pessoas compreendessem a liturgia e como fez para concretizá-lo:

E uma coisa que eu falava muito nas comunidades da paróquia e fora daqui. Eu andei bastante por esse Norte de Minas. Era... pergunta assim, o que Jesus veio nos ensinar? O que ele trouxe pra nós? E eu achava que todo mundo tinha que ter uma resposta na ponta da língua, até os analfabetos. E eu respondia pra eles, gente bota isso na cabeça, Jesus veio nos ensinar algo muito simples, Deus é pai e nós somos irmãos. Depois até peguei um apelido nas comunidades, quando eu chegava falavam, é vem o Deus é pai (risadas). Agora era interessante que essas ideias simples iam entrando na cabeça das pessoas e, nas comunidades tinham muita união entre as pessoas, e quando um tinha problema todos ficavam sabendo e todos juntavam para ajudar (PADRE TARDIN, 2016).

Essa linguagem simples utilizada pelo Padre Tardin na formação das pessoas marcou bem como formou a consciência eclesial, social e política das/dos participantes das CEBs daquela época. Vale salientar que recorremos ao feminismo descolonial que abarca em suas elaborações teóricas, saberes não produzidos pelas academias, mas formulados pelos saberes populares. Miñoso, Correal e Muñoz (2014, p.17) aduziram que “cuando hablamos de producción de conocimiento no estamos hablando solo del saber elaborado en la academia, sino tambien, del saber realizado en otros espacios sociales; o sea, esos saberes construidos al calor de la experiencia y de la vida”. Nesse sentido, as CEBs que se estabeleceram em Montes Claros foram produtoras de conhecimento, a partir das experiências que brotavam da inserção e da militância das/dos envolvidos no universo das comunidades de base.

Esses conhecimentos e experiências elaborados no bojo das CEBs permitiram que suas lideranças se lançassem em outros espaços além do eclesiástico, tais como: a política, sindicato, associações de bairro, conselho da criança e adolescente, dentre outros. O que demonstra, em certa medida, que a participação nos grupos das CEBs causou transformações nas histórias de vida das participantes. Ainda sobre os meios utilizados por Padre Tardin para a formação das pessoas, M.^a Rita Rios (2018) nos disse: “Padre Tardin elaborava cartilhas muito interessantes pra cada época, cada momento, né? Então, a gente não ficava só na catequese, mas da catequese para a prática”. E depois ela reiterou de forma humorada:

Foi assim uma coisa que marcou minha vida e, padre Tardin repetitivo, né? Às vezes chegava a ser cansativo, mas tudo que a gente falava ele falava: Deus é pai, nós somos irmãos. E depois, ele trabalhou muito com a gente o miolo do evangelho, então, ele repetia, repetia, repetia. Então, e isso foi transformando a gente.

Para concluir essa parte sobre as formas utilizadas por Padre Tardin para a formação das/os agentes das CEBs, cabe ressaltar que, para as mulheres que compõem este estudo, a cidade de Montes Claros efetivou a participação eclesial de cada uma delas, desde uma nova perspectiva, a das CEBs. Tal perspectiva advinda das CEBs estava em consonância com os problemas desagregadores do cotidiano das pessoas naquele período, a falta de infraestrutura dos bairros, a ausência de saneamento básico, esgoto, pavimento, escolas, dentre outros, pois as reflexões empreendidas nos grupos, as cartilhas que eram elaboradas em sua maioria por Padre Tardin, estavam em sintonia com a realidade da época. Tudo isso formou o material principal que uniu mulheres e homens na luta pela melhoria das condições dentro do espaço geográfico da paróquia e, também, da cidade.

Os feminismos com foco descolonial também carregam consigo o caráter de luta e reivindicação, a dominação dos homens sobre as mulheres, o patriarcalismo e o machismo. Todas essas questões têm contribuído extensamente para o encontro e a produção teórica das feministas latino-americanas. Tais produções possuem caráter fundamental, uma vez que têm proporcionado novas tendências e têm causado impacto sobre a humanidade. A historiadora e feminista descolonial Francesca Gargallo (2014, p. 11) questiona sobre o que é o feminismo e assim elucida: “Que es el feminismo? Búsqueda concreta emprendida por las mujeres y en diálogo entre sí para destejar los símbolos y prácticas sociales que las ubican en un lugar secundário, con menos derechos y una valoración menor que los hombres”.

A proposição apresentada por Gargallo aufere maior incidência sobre as sociedades que sofreram os processos de colonização e encontram-se sob os auspícios da colonialidade em suas várias expressões. Por isso, os feminismos latino-americanos nascem das necessidades de enunciar as histórias ocultadas dos povos e, especialmente, das mulheres que são as primeiras interlocutoras de tais feminismos. Além disso, lutam contra todas as formas de opressão, patriarcado, machismo, que rondam o tecido social e impedem que a mulher tenha acesso aos seus direitos fundamentais. Dessa forma, o movimento interno das CEBs causado pelas reflexões suscitadas nos grupos favorece a irrupção da fala, da prática e da ação, a consciência crítica, a transformação subjetiva, bem como a consciência de transformação da sociedade, pois, para essas pessoas, a sociedade é injusta e desigual. Por isso, é essencial que seja transformada para uma sociedade justa e igualitária, na qual todas e todos possam viver dignamente.

O sociólogo Ivo Lesbaupin (1997, p. 80) assinala que “as CEBs vão criar no interior do catolicismo uma nova forma de comunidade, menos abrangente, que inclui apenas um pequeno grupo de cristãos participantes e conscientes”. Essa nova forma de comunidade estabelecida pelas CEBs, formada por um número pequeno de pessoas que se conhecem, possibilitou a emergência da mulher provocando, em certa medida, o empoderamento. Considerando que tal empoderamento é distinto para cada pessoa e grupo, em razão do contexto, história e localização, cabe mencionar a experiência colonial das Américas e Caribe com suas sequelas que, em suma, são desafios para o empoderamento das mulheres alocadas no sul do mundo, conforme veremos posteriormente.

No momento, nosso intuito é mostrar a descoberta das CEBs na vida das colaboradoras dessa pesquisa. No capítulo anterior, apresentamos cada uma das participantes, seus lugares de procedência e suas lembranças da infância. Vimos que das oito colaboradoras duas apenas são de Montes Claros, outras seis são procedentes de cidades vizinhas. Todas elas chegaram até Montes Claros nos finais da década de 1970 e início da década de 1980, com suas famílias ou solteira (M^a Isméria Ezequiel), em busca de novas perspectivas de vida na cidade. Nos relatos a seguir, veremos em que circunstâncias estas mulheres descobriram as CEBs.

M.^a Rita Rios- Esta colaboradora nos informou que iniciou a sua participação na Igreja por meio do cursilho em meados da década de 1970, ao ser perguntada sobre o que é o cursilho, nos respondeu:

Era um curso de conversão, cursilho era para a conversão, né? E foi muito forte em Montes Claros, muito forte. E, na paróquia, eram poucas as pessoas que estavam passando pelo cursilho então, ele (padre Manuel paróco nesse período) gostou muito, e me pediu que se eu não gostaria de juntar os cursilhistas da paróquia e formar um grupo. Então, esse grupo foi o ponto de partida para o meu ingresso de fato, né, participativo na igreja.

Nas palavras de M^a Rita Rios, a participação no cursilho forneceu as bases pastorais necessárias para que pudesse contribuir no desenvolvimento das comunidades, que ora nasciam naquele momento na paróquia. Podemos inferir, a partir das afirmações dessa colaboradora, que o cursilho também impulsionou a emergência das CEBs na paróquia. Tais grupos são as sementes das CEBs que, no alvorecer da década de 1980, disseminaram pela paróquia com maior intensidade. Ela relatou:

Nós criamos um grupo de cursilhistas e, com esse grupo, nós partimos para ajudar o padre Manuel que começava no Maracanã os grupos de base. A gente ia com candeeiros tinha um casal na Vila Graice que nunca deve ser esquecido Maria Inês e Alceole, né? Que foram assim... pioneiros. E esse nosso grupo, como ele era mais do centro, a gente fazia um trabalho também de sustentação.

A colaboradora **M.^a de Fátima Nascimento**³⁰ nos disse que conheceu as CEBs depois que se casou e que o seu marido também participava

Aí a primeira vez que eu conheci as CEBs foi em Belo Horizonte. Um encontro que teve lá. Dessa vez foi eu, meu marido, Dorinha, Seu Alceole, Seu Francisco mais outras pessoas. Antes eu não conhecia, nós pegamos a participar. Pe. Manuel Maria começou aqui no Maracanã, foi uma época muito boa. A gente aprendeu muitas coisas. A gente parecia índio.

Nos pareceu estranho dizer índio, e indagamos: Índio? Por que pareciam índios? E ela nos responde: “Porque a gente era assim, tinha medo das coisas, medo de conversar. Aí agente foi participando, com Pe. Manuel a gente foi aprendendo, foi levando a gente pra cursilho, para coisa boa, foi experiência muita rica para nós” (M.^a DE FATIMA NASCIMENTO, 2018). No entendimento dessa colaboradora, o desconhecimento, a timidez, o medo de expressar seus posicionamentos e visões a conduzem a pensar equivocadamente que pareciam índios. A experiência de Nascimento nos remete à análise do conceito de CEBs empreendida por Fr. Betto (1981, p. 22), em um dos seus livros a partir do qual discorre: “O povo redescobriu a Igreja, não apenas como seu espaço de expressão e nutrição da fé, mas também como espaço de organização e mobilização”. Com as CEBs, as pessoas que já participavam da igreja redescobrem outra igreja, que permite com que possam expressar suas opiniões e atingir graus de desenvolvimento nos níveis humano, social e eclesial.

Nessa perspectiva, **Celecina Madureira**³¹ nos conta que iniciou sua participação nas CEBs, a partir do ano de 1985, quando mudou para o bairro Santo Inácio. Vejamos em seu relato: “E aí quando eu cheguei aqui, eu já procurei a igreja e os padres, eram os mesmos que fazia parte da mesma paróquia. Eram os jesuítas, as irmãs Dominicanas... Viam pra cá pra trabalhar com a gente. Comunidade muito pobre, muito sofrido o pessoal daqui”. Ao se instalar nesse bairro Madureira, logo procurou pela igreja.

³⁰ Entrevista, op. cit.

³¹ Entrevista, op. cit.

Rememora a importância do trabalho realizado na comunidade pelos padres jesuítas e as Irmãs Dominicanas da Anunciata com o povo empobrecido da época.

Já a nossa colaboradora **Francisca Rodrigues**³², chegou a Montes Claros em 1975 e se estabeleceu com sua família no bairro Vila Graice. Acompanhamos o seu relato:

Assim que nós ficamos conhecidos do pessoal aqui do bairro, da igreja, né? Convidaram pra participar da igreja, para um grupo de reflexão de Seu Ção e Dona Nair. Então, nessa época já tinha as irmãs, já tinha a creche, padre Manuel Maria, né?! Logo eu coloquei meus filhos lá na creche, que me ajudou muito, aquelas irmãs dominicanas, os padres, foram nosso apoio. Falo que elas foram a segunda mãe, ou seja, a terceira porque, a primeira mãe é Maria, a segunda eu, e a terceira elas. Lógico, claro com o apoio dos padres jesuítas, a força dos padres jesuítas, também, padre Manuel com aquela garra toda. Aí nós começamos a participar do grupo de reflexão, lá vai nós acompanhando esse povo, pra riba e pra baixo. (FRANCISCA DAS DORES, 2018).

Sua memória dos inícios da participação nas CEBs faz remissão às pessoas que a convidaram para integrar os grupos de reflexão e, em concordância com Celecina Madureira, cita o extenso trabalho realizado pelos padres e pelas irmãs, bem como acrescenta o apoio que teve desses no desenvolvimento dos seus filhos e filhas.

Das entrevistadas **Flavia de Almeida**³³, é a única que tem por motivo a mudança para Montes Claros, o sonho de estudar. Assim, chegou até a cidade em 1982, com sua família. Perguntamos como iniciou a sua participação nas CEBs, ela nos descreveu:

Na verdade, Leticia, foi assim...uma história impressionante, eu vim de uma família muito simples, humilde, mas muito religiosa, rezávamos o terço todos os dias. Aí quando mudei pra cá tinha muito mato, mas já tinha as irmãs, a tarde colocava o sino, o sino batia todas as tardes, tinha a Ave Maria. Aí eu peguei e fiquei curiosa e subir para ver o que era o sino. Pensei que deve ser que tinha uma igreja por aqui, chamei meu marido, e nós fomos andando pra olhar. Vimos que tinha uma grande obra lá, quando ia subindo, vimos outras pessoas subindo, e perguntamos o que era. As pessoas responderam é um centro onde funciona tudo. Perguntaram pra nós, tá morando aqui? Respondemos que sim e, falaram que tem a missa todo domingo. A missa era na creche, não tinha igreja. Lá tinha o posto de saúde, lavadeira, a creche pra colocar as crianças. Eu pensava que era algo fechado que não era todo mundo que podia ir, elas falaram que podia

³² Entrevista, op. cit.

³³ Entrevista, op. cit.

sim. E aí, a primeira vez que fui na missa lá com meu marido, ficamos mais de longe, com vergonha de aproximar. Porque as irmãs tinham as palavras diferentes da gente. Como nós viemos da zona rural lá longe. Aí começamos a participar, conversando com as pessoas, fomos misturando. As irmãs começou a visitar a casa da gente, visitou nossa casa. E, como a gente tem sede de Deus acredita e tem muita fé, a tendência é agregar ao povo de Deus. Nessa época essa região estava com muita dificuldade, assim, logo as irmãs convidaram a gente para ir para uns grupos de base. Era com dificuldade porque não tinha luz, e nós íamos, as irmãs tinha lanterna, nós não tínhamos lanterna, usava vela e a vela apagava, a gente ia (FLAVIA DE ALMEIDA, 2018).

Flávia de Almeida relatou com bastantes detalhes a sua descoberta das CEBs, que vai desde a origem de uma família simples e muito religiosa, às características do bairro, a curiosidade que a conduziu para conhecer o espaço do Centro Comunitário coordenado pelas Irmãs Dominicanas, à timidez dela e do marido no primeiro contato com as irmãs que falavam com sotaque espanhol bastante carregado, à fé em Deus e o engajamento que ocorreu em meio às dificuldades daquele tempo.

Ao narrar as histórias de descoberta das CEBs, tais mulheres rememoram a figura das irmãs e de padres que foram importantes na caminhada das comunidades. Recordamos de Lesbaupin (1997, p.117) ao assinalar sobre as mudanças ocorridas com o clero e a hierarquia da Igreja a partir das CEBs: “O que ocorreu com a criação das CEBs foi que, onde elas foram criadas, o clero, a hierarquia, cedeu uma parte de seu poder, descentralizou seu poder e o concedeu aos leigos”. A igreja passou a ser uma igreja de leigas e leigos em igualdade de participação com seus pastores, no que diz respeito à tomada de decisões, a igreja segue reticente aos seus leigos, sobretudo as leigas.

De acordo com **M^a Isméria Ezequiel³⁴**, a migração para Montes Claros, em 1977, ocorreu para trabalhar, a fim de ajudar seus pais. Casou-se nessa mesma cidade, em 1979, e estabeleceu-se no bairro Vila Graice. Mas a sua participação nas CEBs se efetivou no ano de 1989. Vejamos a sua narrativa:

Isso em 89, lá pelos anos 90 eu já estava bem mais aperfeiçoada nas CEBs. Então, era onde a gente aprendia muito a trabalhar com o povo, a simplicidade, a humildade, começamos a trabalhar com o pobre e, com isso, eu peguei uma experiência muito grande pra trabalhar nas comunidades rurais, eu trabalhei 12 anos com as comunidades rurais, com a experiência das CEBs. Foi onde eu enfiquei minhas raízes. Foi

³⁴ Entrevista, op. cit.

com as CEBs que a gente aprendeu a lidar com o irmão e ver o que é melhor pra gente, aprendeu a conhecer os direitos da gente, as lutas. Se eu tô na luta até hoje quem me ensinou foi as CEBs. Foi onde a gente aprendeu o essencial pra se viver. Esse bairro aqui do Ciro dos Anjos foi fundado bem naquele auge das CEBs, a gente ia pra lá cuidar daquele povo, cortava cabelo, tirar piolho, cê precisa de ver. E hoje já não tem isso mais. Então, a gente cuidava muito, enfrentava a polícia que chegava para tirar eles de lá. Foi através das CEBs que nós fizemos vários abaixo assinados pra gente conseguir direitos, têm leis aprovadas até hoje daquele tempo (M^a ISMÉRIA EZEQUIEL, 2018).

Essa colaboradora rememora a sua descoberta das CEBs e a intensificação do seu trabalho nos anos de 1990. Destaca o trabalho e o aprendizado conquistado com o povo, especialmente com as comunidades rurais com as quais trabalhou por 12 anos, se refere às mudanças no seu comportamento que foram sendo refletidas no trato e na dedicação com a/o outra/o.

A memória assentada por **M^a de Fátima Monção**³⁵ demonstra o deslocamento da sua cidade de origem, após o casamento em 1980. Chega a Montes Claros e começa a residir no bairro Vila Guilhermina. Após aproximadamente dez anos, transfere-se para o bairro Dona Gregória, quando iniciou sua participação nas CEBs. Conforme nos elucidada:

Aí nós mudamos pra cá aqui não tinha igreja, só tinha no Maracanã. Eu lembro que não conhecia ninguém e, eu lembro que tava tendo uma novena de natal, numa casa aqui da rua. Eu tava escutando aqui de casa, peguei meus meninos, e fui lá pra essa casa. Perguntei se podia participar mandaram entrar, e aí conheci uma irmã chamada Aquilina que falou, vamos formar um grupo de reflexão. Aí formou o grupo... era o grupo Esperança e Fé (sorriso). Aí esse grupo foi crescendo, a comunidade foi crescendo... Desse grupo, nasceu a comunidade. E foi aqui que fui conhecer o trabalho das CEBs. Participava eu, meu esposo, meus meninos, a agente começou a participar de curso de formação. Chamava encontrão, tinha umas cartilhas mais voltadas pra as CEBs. Umas cartilhas onde a gente estudava, né? Ensinava a gente a lutar pelos nossos direitos, a ter uma vida digna... era mais ou menos nessa linha aí os trabalhos. (M^a DE FÁTIMA MONÇÃO, 2018).

Relatou sua inserção nas CEBs, que ocorreu quando mudou para o bairro Dona Gregória, bairro periférico da cidade. Na visão de M^a de Fátima, houve uma grande mudança na sua vida a partir do momento em que se deslocou do bairro central para a

³⁵ Entrevista, op. cit.

periferia, conforme citou anteriormente. Ela destacou o convite da Irmã Aquilina³⁶ para formar um grupo de reflexão que se chamou *Esperança e Fé*. Desse grupo, participou seu esposo e os filhos pequenos na época. Evoca as formações, as cartilhas e os aprendizados adquiridos.

No relato de **Olga Silva**³⁷, a sua inserção nas CEBs ocorreu em 1980. Os motivos que a fizeram transferir para Montes Claros foram o trabalho do marido e a saúde do filho. Nesse sentido, ela afirmou:

A participação nas CEBs começou com Padre Tardin (barulho de carro), ele que começou, criou essas comunidades aqui, escrevia muitas cartilhas, assim... nos incentivando a estudar, assim, nós tínhamos essa direção espiritual dele e, também das CEBs. Nós tivemos um período de CEBs muito voltado pra as famílias, sabe? Engajamento nosso com o pessoal da roça, a gente ia pra lá eles vinham pra cá. As CEBs na época que nós começamos era uma família e nós que participávamos tínhamos o rosto das CEBs. (OLGA SILVA, 2018)

Ao ser questionada sobre qual é o rosto das CEBs, nos respondeu:

O rosto das CEBs era a pessoa que nos encontrasse sabia o nosso jeito de ser humilde, de querer ajudar o próximo, o jeito de lutar pela sociedade, por isso, que tenho esse anel preto (me apresentou o anel de Tucum), eu uso a aliança de casada, e essa outra aliança do social aqui, pelo social, aprendi a lutar pelo social. A lutar pelo irmão, a ser simples, essa pessoa assim sábia das coisas de Deus querendo estar próxima do outro, isso foi as CEBs (OLGA SILVA, 2018).

Na visão de Olga Silva, as CEBs começaram na paróquia com o Padre Tardin. Recordou as cartilhas que foram elaboradas por tal padre, o incentivo para que as pessoas estudassem, como também a direção espiritual. Rememorou o trabalho com as famílias, o trabalho com as comunidades rurais. Além disso, mencionou sobre a união dos membros que pareciam ser família.

³⁶ Dominicana da Anunciata, nascida na Espanha e naturalizada brasileira, chegou a Montes Claros em 1976, e ficou mais ou menos até o ano de 1997. Contribuiu extensamente na formação de inúmeras comunidades da paróquia em nível urbano e rural, e ainda na diocese. Participou como também coordenou diversos encontros diocesanos, contribuiu na elaboração de várias cartilhas. E também contribuiu para a transformação de vida de muitas das mulheres da paróquia. Sua vida e missão sempre são pautadas pela dinâmica das CEBs. Dessa forma, é uma figura importante ao se referi as comunidade de base na cidade. Não tivemos possibilidade de entrevista-la pessoalmente, pois atualmente, reside em Belo Horizonte-MG. O contato com a mesma ocorreu por telefone em que nos forneceu às informações descritas.

³⁷ Entrevista, op. cit.

Ao evocar a memória das mulheres participantes das CEBs para a reconstrução das narrativas acerca do período estabelecido para esse estudo, se faz importante notar que a maioria descobre e se insere nas CEBs em circunstâncias diversas, sendo que a causa que remete a muitas dessas entrevistadas são as precárias condições dos bairros, o desejo de melhorar a condição de vida própria, mas também das pessoas que habitam seus bairros. São as necessidades mais básicas do ser humano e o desejo de solucioná-las que conduzem a participação dessas mulheres nas CEBs. Outro aspecto a ser destacado acerca dos relatos, é que as lutas empreendidas, conforme mencionadas pelas mulheres, se encerram no campo das lutas pelos direitos no campo social. No tocante aos direitos reprodutivos, sexualidade, gênero, tais domínios não ocuparam as agendas e as lutas dessas participantes, embora algumas tenham evidenciado a violência contra mulheres exercida por seus companheiros no período estabelecido e a ausência de leis e direitos que pudessem salvaguardar as suas vidas. Voltaremos a essa discussão no último tópico desse capítulo sobre teologia da libertação e teologia feminista.

Algo que sobrepuja no vocabulário das/dos participantes das CEBs é a equação fé e vida, nas reuniões, nas formações, nas celebrações, nas canções compostas e cantadas nas comunidades. Para as/os participantes, essas duas realidades sustentam as CEBs, pois dinamizam e mobilizam as ações das comunidades. Para Teixeira (1987, p. 96), “fé e vida relacionam-se dialeticamente. A fé é luz que ilumina e dá sentido à vida. A vida é o lugar onde se verifica a verdade da fé”. Uma confere sentido e dá sentido para a outra em uma relação dialética, apoiadas pela reflexão teológica libertadora. Na estrutura das CEBs, a importância de unir fé e vida em suas práticas é a base que sustenta e confere legitimidade a essa prática. Padre Tardin enfatizou a ideia de fé e vida nas CEBs:

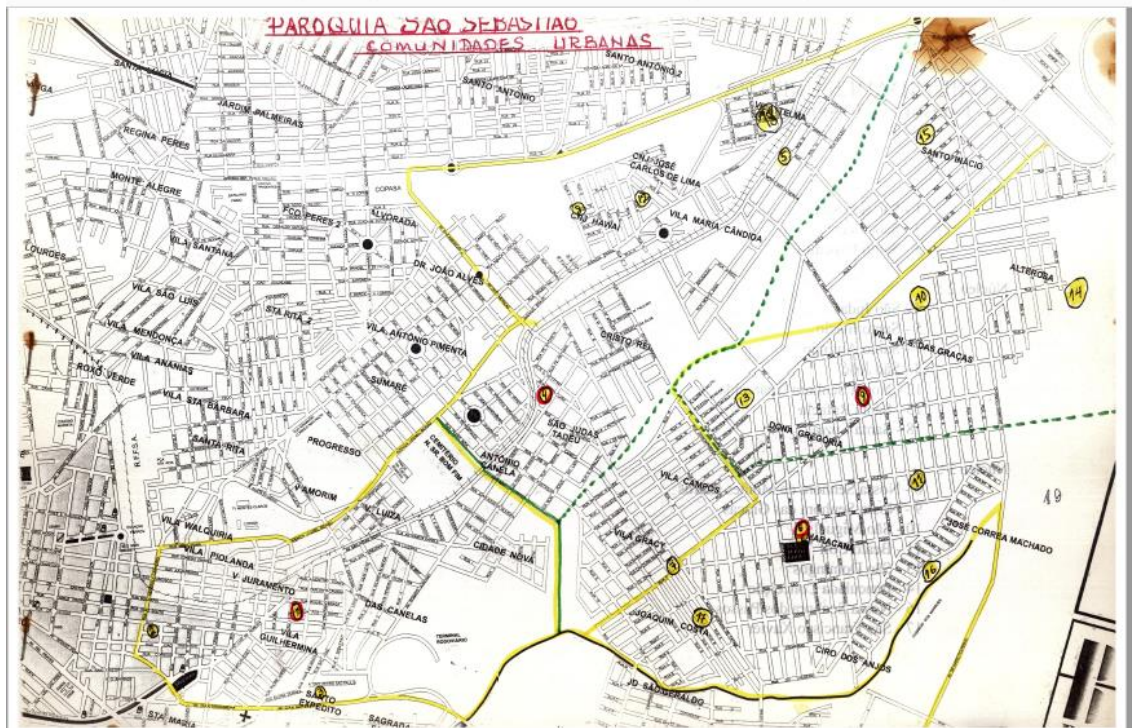
E essa preocupação de ver se aquilo que estava acontecendo na vida estava de acordo com aquilo que Deus pede de nós. E as CEBs reforçava essa preocupação porque havia um ditado sei lá, um modo de dizer que nas CEBs uníamos fé e vida. E diversos documentos da Igreja analisavam que um dos grandes problemas do catolicismo no Brasil, é um divórcio entre fé e vida. Você reza o pai nosso, diz que o pão é nosso, mas depois vive como se o pai fosse meu, cuida e protege só de mim, e o pão é meu, não é um pão pra ser repartido (PADRE TARDIN, 2016).

Nos relatos subsequentes, veremos como as mulheres das comunidades da paróquia São Sebastião viveram essa dimensão da fé e vida nas suas práticas cotidianas.

Desse modo, com essa prerrogativa de fé e vida, os grupos de CEBs tornaram-se espaços criativos para a emergência de mulheres que, até então, tiveram pouca expressão eclesial. Elas viviam a fé nas suas comunidades de base e depois partiam para as associações de bairros, sindicatos, conselhos e em outros espaços no sentido de concretizar a experiência da fé no chão da vida. Nesse sentido, entendemos que as CEBs contribuíram para que as mulheres sertanejas pudessem se expressar por si mesmas, na busca por autonomia e emancipação. Características que se desvelam para aquelas e aqueles que habitam na diferença colonial e no viajar-entre-mundos, pois tais espaços propiciam o novo e o inusitado. É de se notar que, apesar do sertão norte mineiro carregar em seu bojo vestígios coloniais, adotar uma perspectiva descolonial para realizar a leitura desses povos, pode contribuir para desenvolver reflexões sobre a participação de mulheres nas tradições religiosas presentes no espaço sertanejo, nesse estudo, as CEBs.

Nessa direção, Miñoso (2014, p. 32), seguidora do pensamento de Lugones, define o feminismo descolonial como “movimiento en pleno crecimiento y maduración que se proclama revisionista de la teoría y la propuesta política del feminismo desde lo que considera su sesgo occidental blanco e burgués”. Seguindo o pensamento de Miñoso, o feminismo descolonial é um movimento recente e que se estende por toda a América Latina. Podemos também considerá-lo um movimento revisionista do passado colonial com vistas à descolonialidade dos povos desse continente. Ele parte e tem sua fonte na experiência vivida e concreta de pessoas que, desde as margens da sociedade, provocam e desestabilizam as hegemonias epistêmicas. Nessa perspectiva, possuem como suas principais interlocutoras mulheres pobres, negras, lésbicas, indígenas, migrantes. Tal forma de feminismo busca em suas categorias de análises a reconstrução das formas de ser mulher alocadas no sul do mundo, ao romper com os padrões europeus. Voltado para rememorar e dar voz às histórias das mulheres que foram ofuscadas pela história oficial. Por isso, acreditamos que esse feminismo se adequa ao nosso objeto de estudo. Nesse contexto de questões que emergem do feminismo descolonial, seguiremos nossas análises acerca das mulheres das CEBs, apresentando aspectos atinentes ao cotidiano das comunidades e como essas foram espaços de solidariedade entre os membros.

FIGURA 2- Mapa da Paróquia São Sebastião



COMUNIDADES URBANAS Paróquia São Sebastião Montes Claros

Núcleo 1

- 01 – São Sebastião
- 02 – São Vicente
- 03 – Santo Expedito

Núcleo 2

- 04 – São Judas
- 07 – Santo Antônio
- 08 – São José
- 12 – Nossa Senhora Aparecida

Núcleo 3

- 06 – Nossa Senhora de Montes Claros
- 09 – Nossa Senhora das Graças
- 11 – Pe. Francisco Coll
- 13 – São Domingos
- 16 – Nossa Senhora dos Passos
Asilo Betânia

Núcleo 4

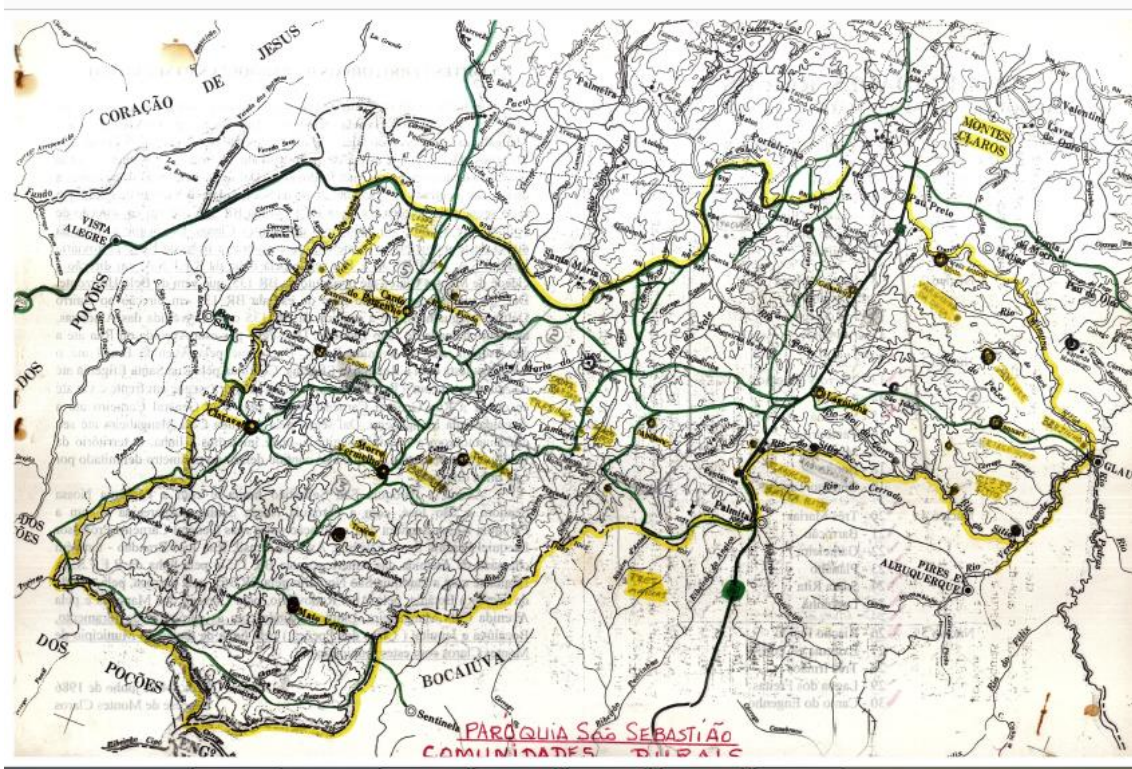
- 05 – Santo Inácio de Loyola
- 10 – São Miguel
- 14 – Imaculada Conceição
- 15 – Santa Rafaela
- 18 – Santa Luzia
- 19 – Menino Jesus

LIMITES TERRITORIAIS DA PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO

A linha de divisa parte de um ponto no cruzamento da Avenida Cula Mangabeira com a Avenida Sanitária. Daí segue pela Avenida Cula Mangabeira, na direção do Bairro Major Prates, até o pontilhão do Córrego dos Mangues. Daí segue à esquerda pelo leito do Córrego dos Mangues até o pontilhão deste córrego no Anel Rodoviário. Daí segue pelo Anel Rodoviário, à direita, até a entrada de "Betânia", asilo da Sociedade São Vicente de Paulo. Do asilo segue pela barroca contígua até a estrada BR 365 que vai em direção de Jequitá, até a divisa do Município de Montes Claros. Daí segue a linha da divisa deste município, à esquerda, até encontrar a linha da Rede Ferroviária Federal S.A. (R.F.F.S.A.). Daí segue pela linha da R.F.F.S.A. em direção à cidade de Montes Claros até o viaduto da BR 135, que vem de Belo Horizonte. Daí, do viaduto, segue pelo leito da estrada BR 135 em direção ao Bairro Delfino Magalhães, até a esquina da BR 135 com a Avenida das Américas, também chamada de João Brandão. Daí segue por esta Avenida ou Rua até a sua esquina com a Avenida Brasil. Daí segue pela Avenida Brasil até o encontro desta com a Rua Santa Efigênia. Continua pela Rua Santa Efigênia até o seu encontro com a Rua Professor Ezequiel Pereira, segue em frente e vai até encontrar a Rua General Carneiro. Segue pela Rua General Carneiro até a Avenida Cula Mangabeira. Daí segue pela Avenida Cula Mangabeira até seu cruzamento com a Avenida Sanitária, onde iniciamos a linha. O território da Paróquia São Sebastião é o que está contido dentro do perímetro delimitado por esta linha divisória.

Assim, a Paróquia São Sebastião limita-se com a Paróquia Nossa Senhora e São José com a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e com a Paróquia Nossa Senhora da Consolação pelas ruas General Carneiro Professor Ezequiel Pereira, Santa Efigênia, Avenida Brasil, Rua José Brandão - também chamada de Avenida das Américas, pela BR 135 e pela linha da R.F.F.S.A. Limita-se com a Paróquia São Norberto pela BR 365, pela barroca, pela estrada de acesso à Betânia, pelo Anel Rodoviário, pelo Córrego dos Mangues e pela Avenida Cula Mangabeira. Limita-se ainda com as paróquias de Juramento, Bocaiuva e Jequitá (Claro dos Poções) pela linha de divisa do Município de Montes Claros com estes municípios.

Montes Claros, 24 de junho de 1986
Diocese de Montes Claros



COMUNIDADES RURAIS PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO - MONTES CLAROS

- | | |
|-----------|------------------------|
| Núcleo 1: | 1 - Varginha da Onça |
| | 2 - Milivre |
| | 3 - Taquaril |
| | 4 - Riachinho |
| | 5 - Antônio Olinto |
| | 6 - Rio do Sítio |
| | 7 - Brejinho |
| Núcleo 2: | 8 - Santa Bárbara |
| | 9 - Pradinho |
| | 10 - Mato Seco |
| | 11 - Abóboras |
| Núcleo 3: | 12 - Claraval |
| | 13 - Morro Vermelho |
| | 14 - Traíras |
| | 15 - Seriema |
| | 16 - Tamboril |
| | 17 - Mato Verde |
| | 18 - Bonito |
| | 19 - Córrego Tapera |
| Núcleo 4: | 20 - Três Marias |
| | 21 - Barroão |
| | 22 - Gameleira |
| | 23 - Planalto |
| | 24 - Santa Rita |
| | 25 - Lagoinha |
| Núcleo 5: | 26 - Riacho Fundo |
| | 27 - Extrema e Cedro |
| | 28 - Três Irmãos |
| | 29 - Lagoa dos Freitas |
| | 30 - Canto do Engenho |

LIMITES TERRITORIAIS DA PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO

A linha de divisa parte de um ponto no cruzamento da Avenida Cula Mangabeira com a Avenida Sanitária. Daí segue pela Avenida Cula Mangabeira, na direção do Bairro Major Prates, até o pontilhão do Córrego dos Mangues. Daí segue à esquerda pelo leito do Córrego dos Mangues até o pontilhão deste córrego no Anel Rodoviário. Daí segue pelo Anel Rodoviário, à direita, até a entrada de "Betânia", asilo da Sociedade São Vicente de Paulo. Do asilo segue pela barroca contígua até a estrada BR 365 que vai em direção de Jequitai, até a divisa do Município de Montes Claros. Daí segue a linha da divisa deste município, à esquerda, até encontrar a linha da Rede Ferroviária Federal S.A. (R.F.F.S.A.). Daí segue pela linha da R.F.F.S.A. em direção à cidade de Montes Claros até o viaduto da BR 135, que vem de Belo Horizonte. Daí, do viaduto, segue pelo leito da estrada BR 135 em direção ao Bairro Delfino Magalhães, até a esquina da BR 135 com a Avenida das Américas, também chamada de João Brandão. Daí segue por esta Avenida ou Rua até a sua esquina com a Avenida Brasil. Daí segue pela Avenida Brasil até o encontro desta com a Rua Santa Efigênia. Continua pela Rua Santa Efigênia até o seu encontro com a Rua Professor Ezequiel Pereira, segue em frente e vai até encontrar a Rua General Carneiro. Segue pela Rua General Carneiro até a Avenida Cula Mangabeira. Daí segue pela Avenida Cula Mangabeira até seu cruzamento com a Avenida Sanitária, onde iniciamos a linha. O território da Paróquia São Sebastião é o que está contido dentro do perímetro delimitado por esta linha divisória.

Assim, a Paróquia São Sebastião limita-se com a Paróquia Nossa Senhora e São José, com a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e com a Paróquia Nossa Senhora da Consolação pelas ruas General Carneiro Professor Ezequiel Pereira, Santa Efigênia, Avenida Brasil, Rua José Brandão - também chamada de Avenida das Américas, pela BR 135 e pela linha da R.F.F.S.A.. Limita-se com a Paróquia São Norberto pela BR 365, pela barroca, pela estrada de acesso à Betânia, pelo Anel Rodoviário, pelo Córrego dos Mangues e pela Avenida Cula Mangabeira. Limita-se ainda com as paróquias de Juramento, Bocaíuva e Jequitai (Claro dos Poços) pela linha de divisa do Município de Montes Claros com estes municípios.

Montes Claros, 24 de junho de 1986
Diocese de Montes Claros

Fonte: Arquivo pessoal das colaboradoras.

2.2 “Por que as CEBs nascem aí... através da união do povo, né”?

Francisca Rodrigues (2018)

As CEBs são uma elaboração eclesial que tem como agentes principais o povo, os mais empobrecidos, com suas mazelas e carências, conforme afirmamos várias vezes no intercurso do trabalho. Além disso, as mulheres são também agentes fundamentais das CEBs. As mazelas e as carências desse povo empobrecido, com as CEBs transformam-se em lutas contra o sistema que os oprime e os marginaliza. Nesse sentido, as demandas das comunidades se encaminham para a resolução dos problemas que os afligem. Os esforços e as lutas não são individuais, todas/os se unem pelo bem comum, o que auferi sentido de coletividade. Por isso, é em busca do bem comum que as pessoas se reúnem e se organizam em uma ação solidária.

A solidariedade é uma característica que perpassa a identidade do povo sertanejo. Solidariedade que se desvela nas ações e nas relações desse povo. Nas CEBs estabelecidas no chão do sertão norte mineiro, a solidariedade é uma palavra que auferiu identidade as/aos participantes. CEBs e solidariedade são sinônimos para as pessoas que compõem esta forma de comunidade. De acordo com a socióloga Solange Rodrigues (2018, p. 60), “em seus primórdios, as CEBs se construíram em espaços de encontro e solidariedade no mundo moderno urbano”. Tal prerrogativa apontada por Rodrigues caracterizou o início das CEBs na paróquia São Sebastião.

As comunidades de base foram formadas a partir da solidariedade dos membros e se tornaram espaços de acolhida e encontro para as mulheres pesquisadas nesse trabalho. Foram espaços de acolhida especialmente para as migrantes que estavam chegando de outras cidades para ficar em Montes Claros em busca de melhores condições para si e suas famílias. As mulheres entrevistadas encontram nas CEBs um espaço solidário de acolhida das suas famílias, com seus anseios de um futuro melhor, conforme podemos perceber nos relatos que seguem.

Para **M^a Rita Rios**, na paróquia, havia antes umas partilhas solidárias, que, no pensamento dela, alimentavam o corpo, mas também as lutas. Assim explicita:

Tanto as partilhas de alimentos nos encontros que não tinha esse negócio de cozinha no encontro, a gente cada um levava sua marmita, essas marmitas eram colocadas sobre as mesas, e ali todo mundo comia da comida de todo mundo, éramos companheiros mesmos. E aquilo alimentava esse espírito de luta, de solidariedade. Então, quando a gente... houve um momento que a gente teve umas chuvas

muito intensas aqui em Montes Claros e pessoas que ficaram alagadas, a gente ia buscar trazia pra igreja, né? É, quando tinha, por exemplo, assim, alguma violência contra pessoas, a gente ia também pra buscar defesas não só legais, mas também assim, de solidariedade, de cuidados com as famílias (M^a RITA RIOS, 2018).

Em outra perspectiva, **Celecina Madureira** aponta as dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro em razão do desemprego e o grande número de filhos com precárias condições de cuidados. Além disso, sofria-se com a ausência do poder público que obrigava as/os moradoras/es a se organizarem em prol dos seus direitos por meio da associação do bairro que, no caso, teve a colaboradora citada assumindo o cargo de presidente na época:

Era dificuldade financeira mesmo, pessoal desempregado, muito filhos pequenos, não tinha como cuidar direito e dificuldade, pois não tinha ônibus, não tinha luz, nem água, todas essas dificuldades nós enfrentamos, não tinha escola, ficava muito longe. E aí foi a necessidade da gente formar uma associação de bairro, eu já tava engajada na igreja e nós conversamos sobre essa situação nos grupos de base, que é a raiz das CEBs no meu entendimento. Aí nós começamos a lutar, nós organizamos uma associação de moradores, aí começamos a pedir, aí veio luz, veio água, veio depois de um tempo veio, asfalto. Aí corremos atrás de uma escola, porque a escola ficava muito longe para os meninos. Os meninos tinham que estudar numa escola que tinha na Vila Sion perto da BR, uma vez uma criança foi atropelada. E aí nós conseguimos a escola aqui para o bairro e, nós não deixamos de ligar a essa questão a igreja e os trabalhos sociais. Foi um amadurecimento assim, para as pessoas (CELECINA MADUREIRA, 2018).

Em concordância com **Madureira, Francisca Rodrigues** também relata a situação precária da região quando mudou e as estratégias que foram sendo criadas para a aquisição de melhorias no bairro. Ressalta a união das pessoas nas lutas, o que contribuiu para que se lograssem os bens para o bairro, ela ressalta:

Quando nós chegamo pra cá, aqui era mais era mato, só tinha aquela estradinha do ônibus... é no início ele ia até o São Judas, depois ele passou a vir até o Maracanã. Muita lama quando chovia, mato, poeira. Não tinha rede de esgoto, não tinha água, não tinha luz. Então, a gente tinha o poço/cisterna, inclusive, era poucos que tinha cisterna aqui. Com o tempo, nós ajeitamos uma cisterna aqui e nós ajudava outras pessoas com água. Depois, justamente, com a luta da comunidade do grande Maracanã, começou lá com as irmãs dominicanas e os padres jesuítas, com essa luta do vai e vem na prefeitura reivindicando água, luz, saneamento básico, aos poucos é... foi chegando o progresso, né?! Então, foi um tempo muito bonito que a gente viveu, assim, tempos de

união, de luta. Porque as CEBs nasce é aí... através da união do povo, né? Através da oração, ação e a luta (FRANCISCA DAS DORES 2018).

Na visão de **Flávia Almeida**, os grupos de CEBs contribuíram para entender o que é ser igreja, perceber que é mais que um templo, mas espaço de ações práticas que pudessem transformar as realidades mais sofridas. Sinaliza para as mudanças que a participação causou na sua vida, o desejo de lutar, a consciência acerca dos direitos, como ela efantiza:

Nesses grupos eu achava interessante discutia a palavra de Deus, e era o problema que a gente tava enfrentando. Começamos a organizar o povo para as lutas para aquilo que a gente precisava. Aí eu fui entendendo o que é igreja. Antes a gente pensava que era o templo lá, depois eu fui entendendo que tinha fazer, tinha ações. Aí você vai construindo a ideia de que apenas conversar não resolvia, tinha que partir para a ação. Isso vai acontecendo uma transformação na vida da gente. Muda o psicológico, a questão do espaço físico. E aí depois quando começamos a participar desses grupos começamos a lutar por água, abrigo, ruas, rede de esgoto. Aqui essas baixadas quando chovia enchia tudo. Fomos tomando consciência dos direitos. E aqui eu morei aqui muitos anos, agora que mudei, mas a gente carrega tudo, são muitas histórias. A gente carrega as CEBs, a gente muda e, as CEBs vai dentro da gente (FLAVIA ALMEIDA, 2018).

Depois da análise dessa entrevista, nos parece propício evocar o que Teixeira (1988 p.31) inferiu sobre o modo de comunidade proporcionado por essas: “As CEBs introduzem, de fato, uma gama de modificações na estrutura eclesial tanto no nível da doutrina, do culto como também da organização. Nesse sentido, as CEBs reinventam a Igreja”. As comunidades de base contribuíram para que ocorressem modificações estruturais no modo ser igreja. Essas modificações culminaram com um modelo de igreja voltado para o povo, seus interesses e necessidades.

Nesse sentido, o povo que participa das CEBs é um povo que luta pelos seus direitos, assim se expressa **M^a Isméria Ezequiel**: “É assim, o povo das CEBs é assim, quando um chama pra luta todo mundo tá de pé e lá vai”. Outra colaboradora, **M^a de Fátima Monção**, recorda a solidariedade e a união entre os membros da comunidade e considera todas/os irmãs/os de uma mesma família. Rememora que era uma pessoa deprimida e que a participação na comunidade contribuiu com o restabelecimento da sua saúde física e psicológica. Mencionou também as lutas por benefícios para o bairro e a conscientização acerca dos direitos e da política:

Eu lembro que fiquei doente tive que fazer uma cirurgia e minha família não morava aqui, e o pessoal da comunidade foi quem cuidou de mim. Aí foi isso que fez gostar mais, se já gostava aumentou o carinho que recebi do pessoal, o amor do pessoal da comunidade. Tínhamos os vizinhos como irmão, era uma comunidade mesmo. Nos inícios a gente considerava todos como irmãos da família. Era aquela amizade sincera. Se precisasse de um estava ali para ajudar. Era aquela luta pelos direitos, pelo asfalto, pela luz, pela saúde, isso que me cativou. Aqui em Montes Claros muita coisa nasceu das CEBs, por exemplo, a conscientização política do povo, ia pra câmara reivindicar dos vereadores, do prefeito saúde, denunciar corrupção. E outra coisa, eu vivia muito deprimida, triste, deprimida com a vida, depois que eu comecei a participar dos encontros de CEBs, refletir as cartilhas, minha vida foi mudando.... Aprendi com as irmãs Dominicanas que Deus é pai, e nós somos irmãos, que Deus que não quer a infelicidade de ninguém, isso me colocou muito pra cima, os encontros de CEBs também. Aí eu fui aprendendo que eu era gente, e que tinha direito, e aprendendo a me valorizar, né. Fui melhorando espiritualmente e fisicamente. Então, eu costumo falar que as CEBs me ajudou demais esses encontros (M^a DE FÁTIMA MONÇÃO, 2018).

Olga Silva ressaltou a participação de mulheres, homens, crianças e famílias. A solidariedade e o amor que os unia e comparou tal realidade ao texto bíblico dos Atos dos Apóstolos em que a narrativa versa sobre a vivência do cristianismo primitivo, mas também pontua as lutas realizadas para o favorecimento de todas/os. Assim, descreveu:

Sim, de mulheres, homens, era todos crianças, era a família. Hoje não, os grupos reúne umas poucas pessoas (emocionou e chorou ao mencionar esse detalhe). Foi um tempo muito bonito, de muito amor, solidariedade. Muita solidariedade, eu vou falar pra você que a gente não era na época Atos dos Apóstolos 2,42 dividia com os irmãos, mas era quase isso... (Entra um neto e me cumprimenta, ela pede para não falar nada, pois esta gravando), a gente tinha uma vida muito feliz, dividia tudo, ia pra roças fazia partilha de tudo. Lutávamos por tudo, reuníamos com muita facilidade, sabe? Se a conta de uma pessoa vinha muito grande, a gente reunia umas 40 pessoas pra ir para Copasa pra reivindicar, porque não tinha condições da conta vir tão alta. Os ônibus quantas vezes já fomos um grupo na prefeitura para falar que não estava de acordo com a lei, o aumento do preço, as pessoas não podiam pagar. Então, a gente reunia e conseguia tudo que a gente queria tudo à luz da bíblia. O que levava em conta era a fé e a vida. Aquelas casinhas da Ponte Branca fomos nós que fizemos filha, fomos nós, pedimos ao senhor que era dono de lá, ele nos deu a escritura, e aí construímos pedindo materiais de construção, nos depósitos, pedia. Fizemos lá 27 casinhas na Ponte Branca (OLGA SILVA, 2018).

Nesses relatos apresentados, percebemos fortemente que as CEBs representaram uma estrutura dinamizadora na vida dessas mulheres, impulsionando as lutas, a

solidariedade e a vivência em comunidade, dentre outros elementos. Nas palavras de Aquino (1992, p. 93): “En su contenido más profundo, las CEBs constituyen para las mujeres una experiencia primigenia de fe, esperanza y comunión”. Em concordância com Aquino, as CEBs da paróquia São Sebastião permitiram que as mulheres participantes avançassem no conhecimento de si, do outro, da igreja, da política e da sociedade. Esses conhecimentos adquiridos foram colocados por elas a serviço de outras pessoas nos bairros onde estavam residindo.

Tais bairros tornaram-se espaços de lutas para essas mulheres, luta por escola, esgoto, água, luz, pavimentação, dentre outras necessidades. Corolário dessas lutas, vieram às conquistas e a aquisição de bens que, no pensamento delas, as tornaram muito melhores. Depreendemos a partir das questões mencionadas que as CEBs, possibilitaram às mulheres adeptas em alguma medida, se empoderarem.

No que diz respeito ao empoderamento, tomamos neste trabalho como elemento relevante para a compreensão da participação e o desenvolvimento das mulheres que fizeram a experiência das CEBs na paróquia São Sebastião, entre os anos de 1985-1995. O uso do termo empoderamento tem sido corrente para agentes de base como para órgãos internacionais, empresários, educadores, ativistas, dentre outros, atribuindo significados diversos, o que provoca certa ambiguidade relacionada ao termo. O movimento feminista, como também os estudos feministas, se apossaram dessa palavra para fazer a leitura das ações de poder e as consequências sobre a vida das mulheres nas variadas instâncias da sociedade, o que denota sua importância e pertinência para os estudos relacionados com a mulher. No tocante à religião, esta se apresenta como a força produtora e detentora do poder, que incide sobre a vida afetiva, social e enfaticamente sexual das pessoas com o maior peso para as mulheres, portanto, tratar de empoderamento no cerne do cristianismo católico torna-se tarefa árdua e alvissareira aos estudos da religião. O empoderamento de mulheres no âmbito da Igreja Católica se traduz como liderança. Assim, tal prerrogativa apresenta-se como uma ameaça aos poderes masculinos que, por milênios, concebem à mulher o segundo lugar na hierarquia eclesiástica, ou seja, o cuidado doméstico e a maternidade.

O termo empoderamento advém originalmente do inglês *empowerment*, traduzido depois para o espanhol *empoderamiento* e, posteriormente, para o português. No que se refere às origens do termo empoderamento pelo movimento de mulheres, um dos textos de referência é o de Sen e Grown preparado para a 3ª Conferência Mundial da Mulher realizada em 1985, em Nairobi, no Quênia (LEÓN, 2001), intitulado *Desarrollo*,

crisis y enfoques alternativos: perspectivas de la mujer en el Tercer Mundo. É um texto paradigmático advindo das feministas e militantes do sul, que pedem por transformações das estruturas que as subordinam. Do mesmo modo, evocam temas atinentes ao desenvolvimento, à justiça social e econômica da mulher, assim como os impactos do desenvolvimento na vida de mulheres empobrecidas. Os temas centrais desse texto são o desenvolvimento e o feminismo, pensados a partir das situações em que vivem as mulheres no sentido de buscar ampliar o conceito de desenvolvimento levando-se em consideração temas como, raça, classe e gênero. Na perspectiva lançada por essa conferência, entendemos que o empoderamento surge como estratégia das mulheres alocadas no sul global e que ocorreram repercussões em todo o continente sul americano, com o avanço de estudos e publicações de feministas sobre o tema. Acrescentamos os estudos empreendidos pelas teólogas feministas nesse período, o que demonstra uma natureza empoderada de mulheres que buscam despatriarcalizar-se, lançar novas perspectivas quanto à participação de mulheres, especialmente as que são inseridas no universo das CEBs.

Autores como Michel de Foucault (1989) e o brasileiro Paulo Freire (1970) não utilizaram em suas obras o conceito de empoderamento, no entanto, teceram importantes considerações que favoreceram, bem como influenciaram os estudos na América Latina sobre as formas de poder, sendo possível consolidar o termo e as discussões acerca dessa questão. Para ambos os autores, o termo é histórico e culturalmente condicionado por lutas sociais. As palavras poder e empoderamento se entrelaçam. Para tanto, ao utilizá-las, é preciso dar atenção às relações de poder que se estabelecem, segundo León (2001 p. 13): “Son múltiples las formas de relacionarse con el poder”. Nesse sentido, destacamos que a ideia de empoderamento entrelaçado com o poder encontra-se baseada em relações sociais democráticas, nas quais o poder pode ser compartilhado. É no tocante ao poder que há questionamentos por parte de algumas feministas que contestam e veem o empoderamento de forma negativa.

Nessa perspectiva, a filósofa e feminista Marcia Tiburi (2016), em entrevista concedida ao Portal O Dia, responde questões atinentes ao poder e, sobre o empoderamento, argumenta o que segue:

O próprio conceito de empoderamento é um conceito que vem sendo muito usado pelos feminismos e, também, por outras vertentes de pensamento e de ativismo. É claro que há algo importante, valioso e de válido nesse conceito, porque em uma sociedade em que o poder

fica nas mãos de alguns donos, digamos assim, pensar em empoderamento remete uma ideia de que o poder está sendo compartilhado. Ao mesmo tempo, no campo do feminismo, essa palavra nem sempre é vista com bons olhos, porque as mulheres ou as feministas, melhor dizendo, quando se relacionam com o poder, esperam outras formas de poder, outras formas às vezes tão diferentes que chamar de poder já é uma expressão, já é um erro epistemológico. Neste caso, eu acho que existem duas coisas interessantes. De um lado, você ver que essa ideia de empoderamento não é muito ligada à ideia de valorização de si, fortalecimento da própria condição pessoal, daria para dizer até tomada de posição, ocupar-se da sua própria posição política, o tomar as rédeas da própria vida, algo também que diz respeito à consciência e à prática de uma autonomia pessoal em termos sóciopolítico e técnico.

Tiburi enfatiza os muitos usos do termo empoderamento e a sua validade em uma sociedade perpassada pelos signos do patriarcalismo e do machismo, como é o Brasil, mas também a América Latina. Ao falar sobre o poder nesse contexto específico, a autora realiza uma crítica ao afirmar que o poder da forma que se encontra engendrado na sociedade não é um poder que gera empoderamento, pois é um poder que está dentro de uma estrutura opressora e repressora e que, portanto, ofusca os direitos e o desenvolvimento das mulheres. No entendimento de Tiburi, é preciso pensar outras formas de poder que integrem os feminismos e as feministas, assim como todas as pessoas na sociedade.

As questões apontadas por Tiburi emergem ao estudar o empoderamento de mulheres no sertão norte mineiro. Um espaço fortemente marcado pela cosmologia cristã católica e, por sua vez, perpassado por traços predominantes dessa vertente religiosa que traz em seu bojo o patriarcalismo sustentado e alimentado por tal cosmologia. Nesse contexto é o machismo que impera e isso pode ser percebido em alguns relatos das entrevistadas, assim como pela colonialidade fruto da modernidade colonial que se reproduz nas dimensões: do poder, do saber, do ser e do gênero, sendo a última a colonialidade de gênero que atenta contra o corpo e à vida das mulheres, visto que se manifesta assustadoramente nos inúmeros casos de feminicídios, estupros coletivos, violência doméstica, laboral e religiosa (MENDONZA, 2014). Além disso, não se pode esquecer de salientar que a colonização não foi totalmente extinta e, ainda, permanece nos assassinatos e desapropriação das terras de comunidades tradicionais, nas migrações forçadas de famílias inteiras de suas terras, dentre outras formas que afetam as pessoas no mundo atual (MIGNOLO, 2018).

Podemos considerar que as realidades descritas e recorrentes no chão do sertão norte mineiro, são facetas de um poder concentrado nas mãos de alguns donos como mencionou Tiburi. Nos parece importante evocar esses elementos ao fazer a análise do empoderamento ocorrido na trajetória de mulheres no âmbito das CEBs de Montes Claros. Não obstante, adotamos a palavra empoderamento empregada no sentido proposto por Magdalena de León, ou seja, uma perspectiva positiva que visava o fortalecimento individual das mulheres, mas também do coletivo. Concluímos esta parte salientando que o empoderamento de mulheres no espaço da tradição religiosa cristã católica é um desafio, uma vez que tal espaço é permeado por estruturas de poder cristalizadas e que não privilegiaram a participação de mulheres em suas instâncias como já discutimos acima.

A partir da década de 1970, com a segunda onda do feminismo, emergem grupos impulsionando o uso do termo empoderamento. Com mais ênfase nas décadas seguintes, com o impulso das Conferências de Nairóbi (1985) e Beijing (1995) organizadas pela ONU, que tratam especificamente da promoção da mulher, da igualdade entre homens e mulheres, justiça social, direitos das mulheres e desenvolvimento. No marco das discussões que assinalaram as referidas conferências no tocante ao desenvolvimento das mulheres do sul global, Barragán, Lang, Chávez e Santillana (2016 p.99) afirmaram que:

Insistiram que o desenvolvimento econômico deveria ser considerado uma ferramenta para chegar ao desenvolvimento humano, e não vice-versa. As feministas do Sul também criticaram as políticas de desenvolvimento como uma forma de continuação do colonialismo, destacando sua sistemática desvalorização de atitudes e instituições tradicionais nos países “subdesenvolvidos”.

Para essas autoras, o desenvolvimento é muito amplo e envolve muitas outras dimensões, e não deve ser reduzido à economia. E que este deveria ser uma ferramenta eficaz para se chegar ao desenvolvimento da pessoa humana e não o contrário como tem ocorrido no mundo capitalista. O que as autoras sugerem é um desenvolvimento integral de todos os seres humanos. No que se refere às sociedades do sul global, vítimas do colonialismo e, também, da colonialidade, as autoras denunciam que as políticas de desenvolvimento contribuíram para dar continuidade ao colonialismo existente e acrescido da colonialidade que abarca todas as instâncias da sociedade e do ser humano, processos esses que impedem o empoderamento das mulheres.

Contudo, a categoria empoderamento tem sido um dos temas que tem ocupado a agenda feminista nas últimas décadas na América Latina. Por sua importância e abrangência ao que diz respeito à autonomia, a ascensão e aos direitos das mulheres, esta temática tem pautado os estudos sobre a mulher nas academias, em diversas áreas do conhecimento como: sociologia, psicologia, economia, antropologia, filosofia, dentre outras. Cientes de que o campo das religiões, e aqui nos referimos ao cristianismo, historicamente é um campo de poder masculino, nesse sentido, o conceito de empoderamento tem sido pouco explorado nos estudos da religião. Todavia, as mulheres inseridas nos espaços cristãos em todos os tempos sempre buscaram formas de subverter as estruturas que as oprimem (ROESE, 2015). Isso pode ser verificado nos níveis de empoderamento experimentados pelas mulheres cebianas.

León designa empoderamento como um processo gradativo, que possui um ritmo e tempo próprio e é dinâmico. Sobre este aspecto, León (1997, p. 20) sinaliza: “El empoderamiento no es un proceso lineal con un inicio y un fin definidos de manera igual para las diferentes mujeres o grupos de mujeres”. Entendemos a partir da instrutiva análise desta autora que o empoderamento é um processo distinto para cada grupo de mulheres, considerando as que foram adeptas das CEBs, em razão das suas histórias de vida, habitantes do Norte de Minas Gerais, a pertença religiosa, processos que moldam suas concepções de mundo e de sociedade.

Outro conceito importante ao evocar empoderamento é gênero, pois marca a produção das teorias feministas latino-americanas (LEÓN, 2001). Ambos os termos auferem relevância ao evocar temas concernentes ao desenvolvimento, aos direitos das mulheres e à igualdade. As produções feministas assentadas nesses binômios tiveram grande alcance internacional, nacional e local, contribuindo com a concepção de outros rumos e sentidos às histórias locais. Sobre empoderamento e gênero, León (2001, p. 94) elucida:

El primero tiene su origen en pensadoras del primer mundo y el segundo representa un encuentro de éstas con sus colegas del tercer mundo. En el campo de los estudios de género el empoderamiento es tal vez la herramienta analítica más importante que recoge diferentes preocupaciones encuancto al impacto del desarrollo sobre las mujeres, y que compromete avances teóricos y metodológicos de diferentes disciplinas como la psicología, la antropología, la ciencia política, la sociología, la educación, el derecho y la economía.

As ideias apontadas por León neste excerto sugerem que o empoderamento se constitui nos países do sul como uma ferramenta analítica que permite analisar, bem como apontar soluções para o desenvolvimento das mulheres situadas em diversas regiões. Dessa forma, os estudos acerca do empoderamento encontram-se em ampla expansão entre as feministas latino-americanas e também alcança outros espaços, o que gera muitos usos e abusos ao empregar este termo. Com os muitos usos da categoria empoderamento, o termo carrega em seu bojo contradições e paradoxos, o que permite que muitas pessoas pensem e elaborem proposições positivas e negativa crítica, conforme evocamos acima. Ao que concerne ao gênero, o empoderamento se converte em uma ferramenta de intervenção eficaz na compreensão do desenvolvimento de mulheres. No universo das CEBs, a categoria gênero não foi um assunto que ocupou destaque nos materiais elaborados, nos encontros, nos intereclesiais, essa ausência causou o distanciamento e desconhecimento entre suas/seus adeptos, o que podemos perceber nas respostas evasivas das nossas colaboradoras. Sobre a relação de gênero nas CEBs, Domezzi (2016, p. 129) assinala:

Uma pesquisa feita pelo ISER/Assessoria nos Estados de Rio de Janeiro e Minas Gerais na virada do século mostrou que, nas CEBs, as mulheres estavam numericamente acima dos homens, chegando a 62% dos membros. Elas também eram maioria entre os que exerciam os ministérios eclesiais leigos da eucaristia, da palavra, do batismo, da presidência à celebração da palavra, maioria ainda na participação em movimentos sociais. Paradoxalmente, continuavam arcando com uma divisão sexista de trabalho em tarefas como limpeza e arrumação, enquanto as que se candidataram em eleições política eram em número três vezes menor que o de homens.

Os resultados das pesquisas que foram apresentados pela autora demonstram que o número de mulheres nas CEBs excede o número de homens, mas também em outros serviços e atividades próprias dessas comunidades. Além disso, menciona a divisão sexista que supõe uma distribuição desigual das tarefas. Tal questão pode ser comprovada nos relatos das mulheres que compõem o estudo em voga, pois elas compuseram e lideraram as comunidades da paróquia, tanto em nível urbano quanto rural, porém, sua atuação e trabalho não foram devidamente reconhecidos.

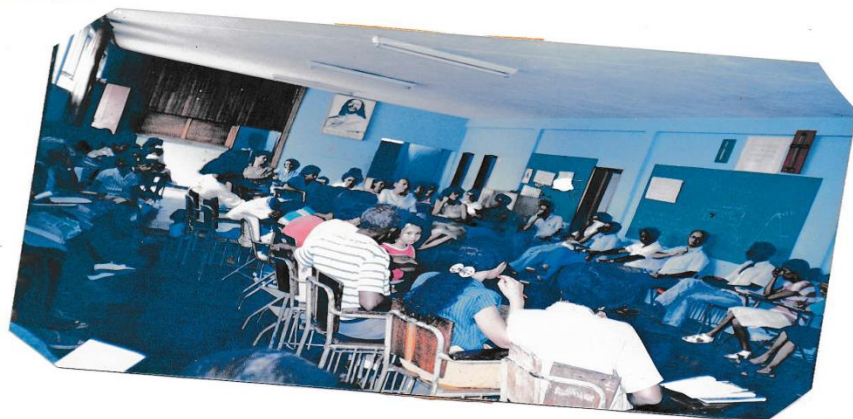
Após esses pressupostos relativos ao gênero, voltemos à categoria empoderamento. Essa categoria está associada a um processo individual e coletivo de emancipação, de autonomia e de poder. Contudo, tais proposições carregam contradições, conforme adverte León (2001, p. 96): “para quienes lo usan desde el área de lo

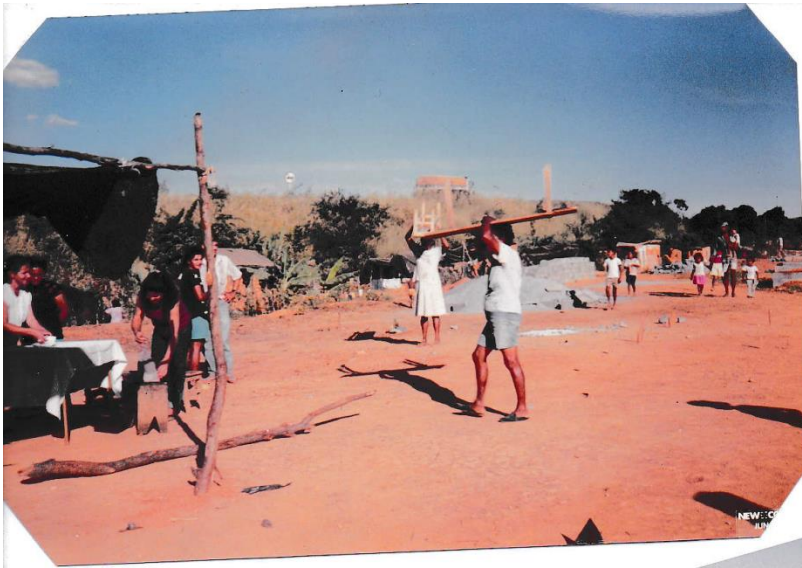
individual, con énfasis en los procesos cognitivos, el empoderamiento se circunscribe al sentido que los individuos le autoconfieren. Toma un sentido de dominio y control individual, de control personal”. A autora confere valor ao caráter individual do empoderamento, entretanto, admite ser limitada e individualista. Assim, são desconsiderados aspectos atinentes às estruturas de poder que submetem, subjagam pessoas e, especialmente, as mulheres nas suas relações sociais e religiosas. Desse modo, León privilegia em seus estudos o caráter coletivo do empoderamento, que possibilita ampliar o olhar para as inúmeras situações que precisam ser transformadas no âmbito do desenvolvimento das mulheres, com vistas aos espaços das tradições religiosas. No entanto, o processo de empoderamento ocorre individualmente, mas não se encerra na subjetividade, porque a pessoa humana não vive para si, ela esta inserida em uma comunidade. Por isso, quem se empodera, conseqüentemente, empodera as suas comunidades, foi o que ocorreu com as mulheres das CEBs.

A seguir, acompanharemos a origem, o desenvolvimento da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista, bem como a recepção dessas teologias pelas mulheres das CEBs.

FIGURA 3- Fotos das comunidades







Fonte: Arquivo pessoal das colaboradoras.

2.3 As mulheres das CEBs assumiram o discurso da Teologia da Libertação e relativizaram a Teologia Feminista.

Na perspectiva descolonial, um dos principais pressupostos é o lugar de enunciação das/dos agentes, que habitam na diferença colonial, e como temos concebido nesse estudo, também, é o local do viajar-entre-mundos em concordância com o pensamento descolonial de Maria Lugones. Estes são lugares propiciadores da criatividade e da subversão, conforme discorreremos no capítulo anterior. Em outras palavras, é o lugar no qual podem ocorrer fissuras consideradas descoloniais, que burlam o sistema moderno colonial vigente com suas várias facetas. É nessas fissuras ditas descoloniais que, a nosso ver, configura-se a Teologia da Libertação latino-americana, circunstanciada e condicionada ao espaço sociocultural, histórico e religioso emergente do sul global.

Uma teologia que nasce, desenvolve e dissemina no sul global carrega em seu bojo as circunstâncias históricas, sociais e religiosas que afligem os povos e advoga responder às adversidades que incidem sobre tal povo. Assim, a teologia da libertação é uma teologia contextualizada ou, também ousamos afirmar, descolonial. Justificamos tal intento, porque ela nasce na diferença colonial, bem como no viajar-entre-mundos, portanto, tem suas atoras/atores e interlocutores alocadas/os nesse espaço. Ademais, impulsionou uma produção teológica que parte das necessidades prementes dos povos da América Latina, prescindindo de modelos teológicos europeus. Esse fazer teológico significou para o continente americano assumir a sua história colonial, e os seus povos colonizados, na busca de sua própria identidade. Nesse sentido, a teologia da libertação foi libertadora ao enunciar a própria experiência do continente, desvencilhando das narrativas hegemônicas utilizadas para contar suas histórias.

A teologia da libertação, como uma corrente de pensamento, emerge na América Latina na década de 1960 do século XX, considerada uma das grandes elaborações teológicas do cristianismo no referido século. Segato, no livro *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos*, para introduzir o tema da colonialidade do poder, assunto que permeia toda a obra, enceta a discussão anunciando quatro teorias genuinamente latino-americanas surgidas no último século que, no seu entendimento, causaram grande impacto mundial. É uma citação extensa, porém necessária para compreendermos a teologia da libertação e seu alcance. Nas palavras de Segato (2015, p. 35):

En siglo de las disciplinas de la sociedad, son solamente cuatro las teorías originadas en el suelo latinoamericano que cruzaron en sentido contrario la Gran Frontera, es decir, la frontera que divide el mundo entre el Norte y el Sur geopolíticos, y alcanzaron impacto y permanencia en el pensamiento mundial. En otras palabras, son escasamente cuatro los vocabularios capaces de reconfigurar la historia ante nuestros ojos que han logrado la proeza de atravesar el bloqueo y la reserva de mercado de influencia de los autores del Norte, eufemísticamente presentada hoy con el respetable tecnicismo “evaluación de pares”. Estas teorías, por su capacidad de iluminar recodos que no pueden ser alcanzados sino por una mirada localizada-aunque lanzada sobre el mundo-, por su novedad y rendimiento en el virage de la comprensión que instalan en sus respectivos campos han, además, realizado esa hazaña sin acatar las tecnologías del texto de la tradición anglosajona ni de la tradición francesa, que dominan el mercado mundial de ideas sobre la sociedad a partir de la segunda mitad del siglo XX, y sin sumisión a la política de citación dominante, a la lógica de la productividad en términos editoriales, al networking que condiciona el acceso a los journals de más amplia circulación, o la impostura de la neutralidad científica. Ellas son: la Teología de la Liberación, la Pedagogía del Oprimido, la Teoría de la Marginalidad que fractura la Teoría de la Dependencia y, más reciente, la Perspectiva de la Colonialidad del Poder.

A autora enuncia as quatro teorias para debruçar-se sobre a última, a colonialidade do poder, tema de interesse em suas pesquisas antropológicas, que ora utilizamos para análise que propomos realizar. Na visão de Segato, as teorias elaboradas no cerne da América Latina cruzaram e dividiram o Norte e o Sul global e encontraram espaço entre outras formulações existentes, consagradas no meio social e acadêmico. Essas teorias foram inovadoras ao enunciar e, especialmente, denunciar situações de exclusão social, econômica, cultural, histórica e religiosa que assolam o sul do mundo, questões até então inauditas nos ambientes acadêmicos.

Cada uma das referidas teorias, a seu modo, e desde a área do conhecimento as quais estão vinculadas, causaram impactos e transformações o meio em que se estabeleceram e lograram atingir outros espaços para além do continente latino americano. Tais ideias questionam elementos centrais de uma sociedade constituída sobre o espectro da colonização. Elas surgem com forte apelo ao denunciar as contradições do sul. Nosso foco não é discuti-las. Entretanto, o que queremos é apenas apresentar a Teologia da Libertação, dentro de um contexto mais amplo de formulações teóricas, para fazermos as devidas problematizações a que nos propomos.

A Teologia da Libertação foi uma tentativa de alguns luminares masculinos como o peruano Gustavo Gutierrez, os brasileiros Hugo Assmann e Leonardo Boff e o

argentino Enrique Dussel, radicado no México, Rubem Alves³⁸ de entender e escrever as reflexões teológicas a partir das situações de exclusão, pobreza e opressão do povo latino-americano. Sobre seus fundadores, o sociólogo e pensador crítico latino-americano Michel Löwy (1991, p. 41) argumenta que “Hugo Assmann, 1970 desempenha um papel pioneiro, elaborando os primeiros elementos de uma crítica cristã e libertadora ao desenvolvimentismo”. Desta forma, Hugo Assmann é o primeiro a esboçar algo que depois viria a ser denominado teologia da libertação. Em seguida, reitera Löwy (1991, p. 41) que foi em “1971 com Gustavo Gutierrez que a teologia da libertação nasceu realmente. Vale ressaltar também a relevância da obra intitulada *“Teologia da libertação-perspectivas”*. Assim, Gustavo Gutierrez é considerado efetivamente o pai desta teologia. Em seu livro, ele nos oferece um esboço do que é esta teologia e sistematiza o pensamento teológico da libertação. É preciso dizer que a teologia da libertação não possui somente um escopo teórico, mas logo se apresentou como teoria voltada para a prática.

Ao definir tal teologia, Dussel (1992, p. 48) enfatiza que “se trata de uma teologia-ética pensada desde la periferia, desde los marginados, desde los lumpen del mundo”. É uma teologia que difere das formuladas até então, como fonte viável para fazer a leitura da complexa realidade dos povos latino-americanos. A teologia da libertação retira da Igreja a ideia assistencialista, e a coloca em contato direto com as mazelas e querelas sofridas pelos seres humanos. Vista a partir desse prisma, a teologia da libertação é um produto da modernidade, portanto, dialoga com ela, bem como faz uso das ciências humanas, tais como: Ciências Sociais, Antropologia e Ciência Política aportes que farão possíveis as reflexões estabelecidas pelos teólogos. Além disso, existem outros assuntos que emergem da modernidade, ou seja, secularização, laicidade, cultura e outras questões ignoradas pelas teologias existentes. Assim, o fazer teológico impulsiona a Igreja a se colocar em contato direto com o mundo moderno.

Löwy (1991, p. 25) classifica a teologia da libertação como

Um movimento- é a expressão de um vasto movimento social, que surgiu no início dos anos 60. Esse movimento compreendia setores da Igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação Católica, juventude universitária cristã... comunidades eclesiais de base).

³⁸ Este último no campo protestante, para indicar que tal teologia não foi uma iniciativa somente de católicos, mas tiveram outros nomes que dedicaram especial atenção a essa fonte de conhecimento.

Para o autor, a Teologia da Libertação possui uma dupla conotação, sendo a primeira citada acima, é um movimento social que uniu pessoas e grupos de diversas naturezas: padres, religiosos/as, leigos/as, Ação Católica, Comunidades Eclesiais de Base, etc., em torno de uma proposta/ideal, os marginalizados socialmente. Em contrapartida, o autor a concebe como uma doutrina, sendo que tal dimensão é fator de divergências entre os teólogos da libertação. Vejamos alguns dos preceitos apresentados por Löwy (1991, p. 28):

Implacável requisitório moral e social contra o capitalismo, utilização instrumental marxista para compreender os campos da pobreza, opção preferencial em favor dos pobres e da solidariedade, desenvolvimento Ceb's, como nova forma de igreja e como alternativa ao modo de vida individualista, nova leitura da bíblia, libertação humana histórica, crítica da teologia dualista.

A teologia da libertação é, seguindo o pensamento de Löwy, uma nova forma de fazer e conceber a teologia. Em outras palavras, uma teologia que se acerca das distintas realidades dos povos, especialmente, aquelas que exigem a libertação das amarras da opressão. Essa forma teológica provoca, em certa medida, um rompimento com as teologias estabelecidas até então, consideradas hegemônicas. Tal teologia busca resgatar as culturas subsumidas e subalternas, enfim, procura dar voz a elas. Ambas as perspectivas apontadas por Löwy coadunam com a proposta teológica da libertação.

Nesse sentido, essa teologia busca escutar os clamores dos povos e dar respostas às situações de exclusão das culturas e povos nativos, considerando o passado colonial da América Latina e Caribe. É decorrente desse passado a colonialidade e suas expressões de poder, saber, ser e gênero. Com isso, fazem com que os povos ainda estejam atrelados a inúmeras formas de opressão que impedem a libertação.

É importante salientar que os contributos do pontificado do Papa João XXIII e o Concílio Vaticano II (discorremos no primeiro capítulo sobre tal evento e a sua importância para a igreja latino-americana) favoreceram o surgimento desta teologia. Igualmente, foram importantes as mudanças ocorridas na América Latina, no âmbito social e político, que apontaram novos direcionamentos para a igreja local. Recorremos novamente a Löwy (1991, p. 34) que destaca tais mudanças ocorridas no continente. Para ele, a “industrialização do continente a partir dos anos 1950, Revolução Cubana, em 1959, inicia novo período histórico na América Latina, intensificação de lutas sociais, aparição de guerrilhas, a sucessão de golpes de Estado militares”.

Os fatores elencados por Löwy conduzem a Igreja latino-americana e, especialmente, a brasileira a pensar em formas de atuação mais condizentes com a realidade que aquele momento exigia. Os crescentes problemas sociais que assolavam toda a América Latina começavam a inquietar e a preocupar pessoas de dentro da Igreja Católica. Assim, membros da hierarquia eclesial e leigos imbuídos do senso de justiça e transformação social, começaram a posicionar-se contra as situações degradantes em que se encontravam milhares de seres humanos em toda a América. O método dessa teologia favoreceu que os membros da Igreja pudessem se posicionar, apoiar e agir com relação a tais situações. Acerca do método que envolve a Teologia da Libertação, Beozzo (1993, p. 237) afirma que é

uma teologia que, ao tomar como ponto de partida a realidade, valeu-se intensamente das ciências do social para desvendar os mecanismos de opressão sociais, econômicos, políticos e culturais; uma teologia que se enriqueceu com o intenso apropriar-se da bíblia pelo povo e com a renovação da exegese, a partir do serviço às comunidades e à pastoral comprometida com a Igreja.

Nesse sentido, a teologia da libertação traça uma leitura da realidade social e histórica das comunidades em que estão alocadas. Assim, os pobres inseridos nas comunidades de base (estas são expressões práticas dessa teologia) são os principais interlocutores de tal teologia. Sendo uma leitura feita a partir do pobre e para o pobre, sua ênfase é cristã, pois parte da pessoa de Jesus Cristo e de seus ensinamentos. Por isso, é utilizada a bíblia como fonte inspiradora. Essa teologia se desenvolve extensamente na América Latina e no Caribe. Aferiu repercussão internacional e desperta a atenção do Vaticano que, a partir da década de 1980, enceta um período de caça e combate à Teologia da Libertação e de seus autores/as por meio da figura do então Papa João Paulo II e seguido do Papa Bento XVI.

Atualmente, a teologia da libertação apresenta novas perspectivas de análises e evoca temas como a ecologia, tendo um dos grandes expoentes o autor Leonardo Boff que tem realizado diversos aportes. Na articulação entre essa teologia e economia, tem nas elaborações do teólogo Jung Mo Sung um dos seus principais sistematizadores. Entendemos, a partir desses exemplos, que a teologia da libertação tem buscado ressignificar seu legado. Questões atinentes à sexualidade, gênero e à vida das mulheres são vislumbradas, principalmente, pelas teólogas feministas, conforme veremos a seguir. No bojo fértil da teologia da libertação, bem como seguindo suas intuições

prioritárias, insurgem povos e culturas subsumidos nos processos de colonização das Américas e Caribe.

Dessa forma, essa teologia concede lugar para novas formulações e possibilita o ressurgimento desses grupos que tiveram suas histórias ocultadas como, por exemplo: teologia indígena, negra e feminista. São temáticas pouco contempladas nas teologias existentes. Tudo isso nos permite afirmar que a teologia da libertação, que nasce na diferença colonial e no viajar-entre-mundos, é uma teologia descolonial ao permitir a emergência desses povos e culturas, assim como realizar uma leitura a partir das suas histórias. Após este recorrido pela teologia da libertação, e alguns de seus aspectos, entraremos no universo da teologia feminista.

O ano de 1968 é emblemático na história da humanidade e, de modo semelhante, para a história da América Latina. Ocorreram diversos fatos marcando definitivamente a história mundial e continental. O mundo estava sob o escopo da Guerra Fria, os jovens protagonizaram eventos nunca antes vistos que causaram rupturas e provocaram mudanças na sociedade, na cultura e nos costumes. É um período histórico que vivenciou eventos como a Guerra do Vietnã, a Primavera de Praga, a Revolta de Maio protagonizada por estudantes na França e o assassinato do líder Martin Luther King. No Brasil, há o recrudescimento do regime ditatorial com o decreto do AI 5, a Passeata dos 100 mil contra o regime militar, que reúne religiosos, estudantes e artistas. Em meio a esses e outros acontecimentos ocorridos na sociedade, no âmbito da Igreja Católica latino-americana, ocorria a Conferência de Medellín, responsável por evocar as intuições do Concílio Vaticano II e as traduzir para a realidade continental, assumindo, assim, a teologia da libertação (ANDRADE, 2012).

É nesse período também que se irrompe a teologia feminista, com o lançamento da obra *A Igreja e o Segundo Sexo*, da filósofa, teóloga, lésbica e feminista Mary Dayle. Essa obra teve grande repercussão acadêmica e eclesial, bem como rendeu a demissão da referida autora da universidade onde trabalhava, dirigida pela congregação dos padres jesuítas nos Estados Unidos. Na obra em questão, Dayle, orientada pelo pensamento da filósofa e feminista francesa Simone de Beauvoir que, em 1949, lançou a obra seminal *O Segundo Sexo*, livro que se tornou, naquela época, referência para as feministas e estudos feministas. Mary Dayle desenvolveu críticas intransigentes ao cristianismo no que diz respeito à participação e à atuação pastoral de mulheres, críticas que depois as teólogas feministas latino-americanas retomam com bastante acuidade em suas obras.

Dessa forma, a teologia feminista eclode nos Estados Unidos e se dissemina por todos os continentes. Na América Latina, essa teologia impacta a teologia da libertação, esse foi o caminho que possibilitou o avanço para as reflexões desse fazer teológico feminista no continente. A teologia feminista alimenta-se dos pressupostos da teologia da libertação, contudo, avança, evoca discussões e provoca questionamentos que são caros ao cristianismo, como questões referentes à sexualidade, ao corpo, às imagens patriarcais de Deus, gênero, ausência de mulheres nos ministérios ordenados, dentre outros assuntos que foram silenciados em certa medida pela teologia da libertação.

O contexto do surgimento da Teologia Feminista na América Latina estava delineado por relações sociais e eclesiais assimétricas e antagônicas, o que gerou desigualdades e o impedimento ao acesso aos direitos básicos, no contexto do novo modelo social proposto pelo neoliberalismo capitalista. Por outro lado, o movimento e a experiência feminista, os movimentos de mulheres com larga trajetória na América Latina, alimentaram e impulsionaram a teologia feminista. Assim, nasce esse fazer teológico feminista no seio de uma sociedade e uma igreja envolta ao espectro da colonialidade e de suas formas perversas de estabelecimento.

As teólogas feministas Aquino e Tamez (1998, p. 16) discorrem sobre o conceito dessa teologia e assim a definem:

La teologia feminista latinoamericana se autocomprende como una reflexión crítica sobre la vivencia que las mujeres tenemos de Dios dentro de nuestras prácticas que buscan transformar las causas que producen empobrecimiento y violencia contra las mujeres como grupo social, con el fin de avanzar hacia nuevas relaciones sociales basadas en la justicia y la integridad de vida para las mujeres y para todo organismo de la tierra.

Nessa perspectiva, a teologia feminista latino-americana é uma teologia cristã, não somente católica, mas também de outras denominações cristãs, embora surja no meio católico. É a teologia da mulher que carrega consigo a coragem de lutar e de transformar a sociedade e a Igreja, tendo como meta a liberdade e a libertação. Carrega em seu bojo a peculiaridade de fazer uma reflexão que lança mão da vivência e experiência da mulher, especialmente da pobre e oprimida da sociedade. Nesse sentido, possui como objetivos principais o que segue proposto pelas mesmas autoras acima (1998, p. 21):

Nuestro quehacer también tiene el propósito de ofrecer una reconstrucción de los símbolos cristianos, de las fuentes y de las

tradiciones religiosas que fundan la autoridad de las mujeres. Igualmente, buscamos nuevos paradigmas en el campo de los estudios de género que nos permitan interpretar, explicar y actuar sobre los aspectos que envuelven la experiencia de las mujeres, como la vida cotidiana, la sabiduría práctica, la condición racial, sociedad y sexualidad, poder y violencia, salud y derechos reproductivos, estética y política, autonomía intelectual y campos de espiritualidad común, entre otros.

Os objetivos propostos por essa teologia impulsionaram o empoderamento da mulher no âmbito eclesial e também social. Empoderaram-se as teólogas ao formularem questões desde o espaço da diferença colonial e do viajar-entre-mundos em que expressam, com suas próprias palavras e experiências, concepções de Deus, de Igreja e de sociedade desde a ótica da mulher. Igualmente, empoderaram suas interlocutoras inseridas nas periferias desse grande continente, na medida em que reconhecem seus direitos e começam a sair do mundo doméstico e se lançam para o mundo da política, da cultura, das associações, dos sindicatos e outros. Em consequência, tornam-se autônomas, insubmissas nas relações constituídas, sujeitos da sua própria história, ao romperem com os poderes patriarcais impostos que as subjugaram. Em outras palavras, ocorre a descolonialidade das amarras até então impostas pela Igreja e a sociedade. A expressão prática dessa teologia encontram-se nas CEBs, espaços que concedem às mulheres uma nova consciência do ser mulher, e do seu papel diante da Igreja e da sociedade.

Ainda acerca do empoderamento que tal fonte teológica pode provocar, entendemos que este é um processo abrangente e dinâmico. Para melhor entendimento e vivência dessa categoria para as mulheres e seus grupos, León, a partir de diálogos com outras estudiosas do empoderamento da mulher, o subdivide em quatro tipos de poder, pois o próprio termo conduz para a ideia de poder, enquanto relação social. Para León (2002, p. 53), o poder está dividido em: “poder sobre, poder para, poder com, poder de dentro”. Entendemos que as pessoas e, nesse caso, as mulheres das CEBs da paróquia São Sebastião podem experimentar cada tipo de poder em suas trajetórias, alguns tipos com maior intensidade e outros menos, lembrando que León explica que o empoderamento é diferente para grupos e pessoas. No pensamento dessa autora, as feministas latino-americanas, durante muito tempo, haviam crido ser o poder sobre a única forma de poder que incidia sobre a mulher, portanto, ignoraram outras formas de poder.

No entanto, foi no Quarto Encontro Feminista Latino-americano em Taxco, no México, em 1987, que as feministas presentes reconheceram a necessidade de evocar outras formas de expressão do poder, que afetam a vida das mulheres no continente. León (2002, p. 54) elucida essa questão:

O poder para serve para catalisar a mudança quando uma pessoa ou um líder de grupo promove o entusiasmo e a ação de outros. É um poder gerador ou produtivo, um poder criativo ou facilitador que abre possibilidades e ações sem dominação, ou seja, sem o uso do poder sobre. O poder para está relacionado ao poder com, pois permite que o poder seja compartilhado... Outra forma de poder positivo e aditivo é o poder de dentro, ou poder interior. Este tem a ver com gerar força de dentro da pessoa e está relacionado à autoestima.

A nosso ver, todas essas formas de poder encontram-se fortemente nas sociedades e incidem diretamente na vida das pessoas, de maneira especial das mulheres que são as maiores vítimas das formas de poder. E em se tratando de religião, como é o caso do trabalho em questão, essas formas de poder auferem outros contornos. Na perspectiva lançada acima por León, entendemos que tais formas de poder ocorrem nos grupos de forma heterogênea, pois estes são distintos. Por isso, o empoderamento é um processo dinâmico, como já expressado acima. Dessa forma, podemos afirmar que as mulheres das CEBs da paróquia São Sebastião experimentaram o empoderamento em alguns aspectos no que se refere aos tipos de poder elencados, mas não em todos. Veremos tal questão no próximo capítulo ao discutirmos os indicadores de empoderamento. No momento, o que queremos é mostrar que a teologia feminista provocou o empoderamento das suas agentes, o que possibilitou outras formas de inserção feminina dantes impensada.

Na América Latina, as mulheres que haviam sido esquecidas pelas teologias construídas no bojo do cristianismo encontram na teologia feminista o aporte necessário para dialogar com as vicissitudes do cotidiano. Tal saber teológico aproximou-se do universo cotidiano de várias mulheres inseridas nas CEBs, impulsionando suas ações, contribuindo para mudanças significativas nas formas de participação e inserção social, o que pode denotar descolonialidade e empoderamento. Muitas mulheres leigas ou religiosas assumiram esse fazer teológico e contribuíram extensamente para o desenvolvimento dessa teologia e para incluir questões que na visão dessas foram esquecidas pelas teologias existentes.

Nesse sentido, na visão de várias teólogas feministas, a teologia da libertação esqueceu o cotidiano, pois, para os teólogos, as mulheres eram contabilizadas no grupo que costumeiramente era chamado de marginalizado. Assim, não concederam atenção ao mundo feminino. É preciso dizer aqui que ambas as teologias, da libertação e feminista, e aqui acrescentamos o feminismo descolonial cada uma prestou serviço à sociedade latino-americana, ao questionar e denunciar questões muito específicas da Igreja (as duas primeiras), e da sociedade latino-americana que carrega consigo expressões de colonialidade, que afetaram e afetam as relações entre pessoas, grupos e instituições, pois encontram-se permeadas por esse padrão moderno colonial. Ao denunciar a colonialidade (proposta do feminismo descolonial) presente na sociedade e na Igreja, contribuem para a emergência da descolonialidade que supõe a transformação da consciência individual e coletiva, que perpassa as identidades, sexualidades, corpos, religiões etc. Além disso, também compreende as ressignificações da história até então empreendida e levada a cabo pelo sistema colonial europeu, branco, heterogêneo e patriarcal que presume a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Com referência aos temas contemplados por teólogos da libertação, alguns abordaram a relação entre homem e mulher, a exemplo de Júlio de Santa Ana, Pablo Richard, Leonardo Boff, Enrique Dussel, dentre outros. Procuraram trabalhar a importância da mulher, mas nenhum desses debruçou-se sobre questões que dizem respeito aos direitos, à participação nas instâncias de poder eclesiástico, ao corpo, aborto, gênero, às imagens patriarcais de Deus, dentre outros aspectos questionados pelas teólogas feministas. Em tais questões apresentadas, encontram-se tensões entre a teologia da libertação e a teologia feminista, o que gerou críticas de algumas teólogas feministas latino-americanas. Muitas mulheres que assumiram a versão feminista da teologia realizaram críticas aos teólogos da libertação, no entanto, optamos por apresentar nesse estudo a crítica realizada pela teóloga Marcella Althaus-Reid, por considerá-la uma das críticas mais contundentes, incisiva e ousada no campo teológico feminista, mas que também contribui para nos aproximar das questões que evocamos nesse tópico, referentes às colaboradoras dessa pesquisa. Para compreendermos a crítica dessa autora, acionaremos brevemente alguns aspectos da sua teologia.

Marcella Althaus-Reid (1952-2009) argentina, teóloga da libertação feminista pós-colonial. Protestante de tradição Metodista, nos últimos anos de sua vida adotou a Igreja da Comunidade Metropolitana (igreja dedicada à participação e a acolhida das pessoas LGBT). É uma autora pouco conhecida do público de língua portuguesa, em

razão das suas obras não terem sido traduzidas para o idioma. Seu pensamento fortemente marcado pelos ideais da teologia da libertação e feminista, não a impediu de desenvolver críticas severas e, também, de transcender os modelos vigentes de tais teologias, o que realiza desde a ferramenta teórica metodológica pós-colonial. Sua teologia está baseada na sexualidade e na diversidade sexual, por isso, ela afirma que faz uma teologia sexual da libertação (ALTHAUS-REID, 2008). As críticas assentadas pela referida autora são voltadas para o campo da sexualidade. No seu entendimento, a teologia e, por sua vez, os teólogos rejeitaram essa dimensão humana que possui intrínseca relação com as estruturas sociais e com as posturas das mulheres investigadas nesse trabalho no tocante às questões concernentes à sexualidade.

Dessa forma, Althaus-Reid (2008, p.59) enuncia que “En la teología de la liberación, se ha utilizado un concepto biológico de la sexualidad, mediado por el discurso médico de la sexualidad en el siglo XIX-XX y con un fundamento que viene de la mal informada biología medieval”. Este conceito utilizado pela teologia não leva em consideração as mudanças ocorridas na sociedade no que se refere à diversidade sexual, portanto, criminaliza e inferioriza pessoas, especialmente pessoas LGBT. Em seguida, a autora faz uma crítica aos moldes teológicos utilizados para fazer a leitura da realidade em uma época com constantes mudanças. Acompanhamos seu pensamento (p. 60):

Curiosamente, estamos en una época en que en teología usamos elementos sofisticados para entender la realidad, como por ejemplo, el materialismo histórico, la antropología social, los estudios culturales. Estudiamos la Biblia con mediaciones de la semiótica, del postestructuralismo, con perspectivas postcoloniales. Y cuando llegamos al tema de la sexualidad, reversionamos a una posición medieval de la iglesia basada en Aristóteles que de biología sabía menos que de su misma sexualidad.

Na visão de Althaus-Reid, a teologia da libertação não rompeu com o imaginário sexual estabelecido pela teologia Ocidental, por meio da análise de classe excluiu de seu horizonte o cotidiano, o idealismo sexual, bem como esqueceu o cotidiano de vida das pessoas do continente. Para isso, propõe uma nova forma de pensar e fazer teologia da libertação. Assim, estabeleceu uma teologia que designou como teologia indecente (2005, p. 12), ou seja: “Teología Indecente no es sino la que cuestiona y desnuda las míticas capas de opresión múltiple em Latinoamérica” (2005, p.12). É uma teologia ética coerente com o cotidiano de milhares de mulheres e homens desse continente. É fazer teologia levando em consideração as experiências sexuais diferentes. Dessa forma,

a teologia indecente quer romper com o padrão heteronormativo hegemonicamente estabelecido e aceito pelo cristianismo e sua teologia como única forma de se experimentar a sexualidade. A sua crítica se estende também à teologia feminista. Em entrevista concedida à Revista *Época* em sua primeira e única passagem pelo Brasil, em 2004, ela afirmou:

Critico a teologia feminista porque é uma teologia de igualdade. E eu busco uma teologia da diferença. Deus não é mãe. Botar a mãe no lugar do pai é só uma troca de roupagem. Não me interessam as metáforas de maternidade e de paternidade. São coloniais. Madre Espanha, Madre Portugal, Madre Igreja. Elas implicam a existência de uma menor de idade. E eu quero sair disso.

Ainda assim, afirmamos que as teologias da libertação e feminista provocaram fissuras no tecido religioso cristão, que podem ser considerados signos de descolonialidade, ao romperem com a lógica teológica eurocêntrica. Concordando com Althaus-Reid ambas as teologias, de modo especial, a teologia da libertação contribuiu para legitimar a colonialidade do poder e de gênero no meio cristão, colonialidade que se expressa, por exemplo, na linguagem dos documentos pontifícios. No capítulo anterior, apresentamos os documentos de Medellín e Puebla, nos quais existe um forte apelo lançado à mulher para ser mãe e esposa, tendo o modelo mariano como o legítimo e aceito. Tais expressões podem ser verificadas nas falas das mulheres da CEBs da paróquia São Sebastião. Voltaremos a nos referir a essas ideias posteriormente.

As CEBs foram o canal prático da teologia da libertação e da teologia feminista na América Latina, que permitiu alcançar as comunidades. Nos parece que entre o discurso da teologia da libertação e da teologia feminista, o primeiro provocou maior fascínio entre as mulheres da paróquia São Sebastião entrevistadas nesse estudo. O que pode ser verificado nas falas que seguem.

Nossas colaboradoras, ao serem questionadas sobre assuntos relacionados com a violência contra mulher, machismo, participação de mulheres na Igreja, aborto, maternidade, imagens de Deus, cada uma a seu modo nos responde, porém algumas apontam dados superficiais relacionados as questões mencionadas. O que nos leva a considerar a ausência de uma reflexão feminista nas comunidades, ou o desconhecimento, ou ainda relativizaram tal teologia em função das necessidades básicas que assolavam a região na época. Ademais, as CEBs que se estabeleceram na paróquia surgiram por meio de um religioso homem, o Padre Tardin, adepto fervoroso

da Teologia da Libertação, isso também é uma possível justificativa. No tocante ao empoderamento, podemos considerar que houve avanços em alguns aspectos, o que será analisado no último capítulo. Consideramos que as mulheres empreenderam diversas ações que podem ser consideradas fissuras no bojo das CEBs, mas que não podem ser consideradas descoloniais. No que diz respeito à violência enfrentada pelas mulheres no período estipulado para a realização da pesquisa, nossas colaboradoras sinalizaram o que segue:

Ao ser questionada sobre a violência contra mulheres, **M.^a Rita Rios** responde: “Sempre, sempre”. Perguntamos se eram com as mulheres que estavam inseridas nos grupos? Ela responde: “Não, não até que quanto às pessoas inseridas não era tanto assim”. Já **M.^a de Fátima do Nascimento** relata que:

Difícil, tinha marido que não deixava as mulheres ir participar. Tinha marido ruim espancava a mulher. Isso tudo nós passava. A gente chamava até a polícia, a gente ajudava. Tinha uma amiga nossa que apanhava direto, ela tinha medo de chamar a polícia. Mas eu tinha um marido muito bom, ele era um anjo pra nós.

Celecina Madureira também tem opinião parecida, ela afirma: “Tinha mulheres que enfrentavam a resistência dos maridos, eu graças a Deus não sofria”. Questionamos, então, existiam casos de violência doméstica nesse período? Com isso, ela respondeu: “Não era tão forte naquela época, era oculta, porque hoje se fala mais, mas naquela época elas tinham tanto medo, que se calavam uma ou outra que comentava”. A entrevistada lembra que nesse período não existia uma lei que amparasse as denúncias dessas mulheres. Perguntamos, então, sobre a postura do marido dela: “Eu no meio de muitas...tinha a facilidade que o meu até participava, ia nas reuniões comigo, eu não posso reclamar, que muitas das nossas companheiras sofriam com a não aceitação dos maridos”. Ao contrário do marido de algumas das companheiras, o seu aceitava e até ficava em casa com as crianças para a que pudesse participar. “Quando ele não ia, não importava que eu fosse ele aceitava, até ficava com as crianças”.

A colaboradora **Francisca Rodrigues** destaca que a violência existia não apenas dentro de casa, mas em outros ambientes, porém, a falta de conhecimento e informação geravam o silêncio e o isolamento das mulheres, nesse sentido ela afirma:

Olha aquele tempo, e quando eu falo aquele tempo é porque já tem mais de 40 anos que eu estou aqui. Então, naquela época não tinha o conhecimento e a informação que tem hoje, às vezes muitos casos que

acontecia, mas ficava isolado, detido dentro da família, né?! Um ou outro que você sabia. Às vezes, a mulher não sabia de seu direito. E quando se fala de violência doméstica não só dentro da família, mas fora, no trabalho, verbal ou exploração no trabalho ou né?! A injustiça. Hoje as mulheres estão mais informadas, mais espertas conhecem seu direito, naquele tempo já havia essa organização, né?!

Para **M.^a Isméria Ezequiel**, a violência doméstica não foi empecilho que a levasse desistir de participar da CEBs, mas ao contrário foi nesse espaço que encontrou motivação para resistir e vencer, como podemos constatar em relato:

Eu fui uma pessoa, quando eu casei eu não conheci a família de meu marido, entendeu? Conhecia assim de fachada, de ver e foi um ano, quase dois de conhecimento e de namoro, casamos foi muito rápido. Depois de casada que eu fui ver a realidade, o que era a vida de casada. Eu casei muito nova, casei com 18 anos. Então, aí começou a tribulação da vida. E eu fiquei nesse sofrimento até mais ou menos um espaço que eu já tinha uns 2 ou 3 filhos que foi a época que eu conheci as CEBs. Foi através das CEBs que eu fui é, amadurecer, o que eu podia fazer na minha casa e o que não podia. Até nesse ponto aí eu fui uma pessoa que apanhei de marido, perdi a minha liberdade dentro de casa, não tinha liberdade de conversar com as pessoas, de sair. Eu consertei minha vida foi através das CEBs, foi onde eu aprendi que eu não podia ficar calada, que eu tinha que responder. Tinha época que eu saía pra reuniões chegava, e a casa tava toda quebrada, mas eu pensava, não vou afastar da igreja. Foi onde eu aprendi a me abrir também, procurar as pessoas certas. Comecei a ter contato com Pe. Tardin, expliquei pra ele minha situação, aí ele foi me ajudar, e consertou minha vida de casada. Na minha época, era muito fácil homem socar mulher e ela ficar calada.

A violência psicológica experimentada por **M.^a de Fatima Monção** é mencionada em seu depoimento como a pior forma de agressão contra a mulher. Nesse sentido, ela se posiciona: “Eu vivi muita violência psicológica que é a pior de todas. Hoje em dia não aceito isso mais pra minha vida não. Se tenho oportunidade de ajudar outras mulheres eu ajudo”.

Diante dos relatos expostos pelas nossas colaboradoras, recordamos os dados do dossiê sobre *Violência Doméstica e familiar*, realizado pela Agência Patrícia Galvão, em 2014: “No Brasil, estima-se que cinco mulheres são espancadas a cada 2 minutos; o parceiro (marido, namorado ou ex) é o responsável por mais de 80% dos casos reportados”. Tais dados são recentes se comparados à época das narrativas desse estudo.

Pelas questões expostas por nossas entrevistadas, a violência doméstica perpassava a vida das mulheres que compõem as comunidades de base da paróquia

daquela época. De modo que a violência naquele tempo era algo naturalizado, comum e velado. Sofrer violência dos companheiros era um ato permitido, embora uma tenha citado que chamava a polícia, outras falaram do impedimento de alguns companheiros das colegas dos grupos em apoiar a participação nas comunidades. As demais afirmaram a compreensão dos seus companheiros que permitiam a participação nas comunidades. As colaboradoras M.^a Isméria Ezequiel e M.^a de Fátima Monção, que relataram terem sofrido violência dos seus companheiros, ao final afirmaram que a participação nas CEBs contribuiu para dar fim a essa situação de violência e autoritarismo dos seus companheiros.

Outros aspectos evocados nas entrevistas estão relacionados ao machismo experimentado pelas mulheres na família e na Igreja. Sobre essa questão, obtivemos as seguintes respostas de algumas das colaboradoras:

Nossa colaboradora **M^a Rita Rios**, ao ser questionada sobre o machismo na Igreja, respondeu:

Sim, machista. Muito machista (risos).

Letícia Rocha: Como você lidava com o machismo existente na Igreja?

M. Rita Rios: Houve momentos que eu fiz como Maria, eu guardei no coração e meditar até encontrar o porquê, mas muita coisa até hoje eu não entendi, nem aceitei e nem engoli. Eu continuo ainda tendo algumas dificuldades porque falam, mas não fazem. Falam da mulher, presença da mulher, mas sempre se tiver uma mulher e um homem, o homem vai ser escolhido. Porque, inclusive, foi uma coisa que me marcou, e chegou a me ofender. Nos tempos de padre José Pedro aqui na paróquia, ele adoeceu, e o padre Paulo Lisboa veio ficar, né? E o padre Paulo foi assim uma das pessoas que eu mais vi reconhecer o trabalho e o papel da mulher. Ele não tinha vergonha de falar que a gente que fazia e acontecia, sabe? Ele sempre incentivou e falou. É... nunca nenhum padre tinha falado isso. A gente trabalhava, trabalhava, trabalhava, mas você nunca era mencionada e citada, e ele não, fazia questão. Não é por vaidade, mas a gente queria saber se realmente era alguém, ou se era um número a mais.

Letícia Rocha: E a que conclusão chegou?

M. Rita Ornellas: Cheguei, cheguei sim. Que eu era só uma a mais (risadas). Porque ia haver um conselho, um congresso, alguma coisa lá em Itaici com os jesuítas, e pediram leigos representantes de cada paróquia. E eu me lembro na época Padre Paulo veio a minha casa, eram dois leigos, e falou assim, oh! estou querendo que seja você e a Dorinha que vão nos representar. Você aceita? Bom, a gente vai, né? Fiquei muito feliz assim... com aquilo, de poder... uma mulher ir representar a paróquia com outra mulher em Itaici. E, depois eu vi que o Padre Paulo estava meio constrangido, ele me rodeava... cheio de dedos e tal, e um dia acho que ele não teve mais jeito, e me comunicou que naquele lugar, naquela representação eu não iria mais

porque foi feita uma conversa lá entre eles, os da casa, e que achava melhor que fosse um homem. E ele foi, e eu fiquei indignada com aquilo, nunca engoli, sabe?

Sobre esse fato citado por M^a Rita Rios, a autora Delir Brunelli (1988, p. 40) alertou: “...a mulher participa da vida eclesial, da ação evangelizadora e dos movimentos populares tanto quanto seus irmãos e companheiros homens. Sua luta pela vida e sua participação nas lutas libertárias acontecem ao lado de seus companheiros. Mas ainda é importante a tomada de consciência da opressão específica da mulher”. São as mulheres que carregam com força e determinação as CEBs, lutam pela libertação e a opressão que pesam sobre a vida do povo, no entanto, a igreja ainda não reconheceu a opressão específica que a mulher sofre em seu meio, e afirmamos que não há ações que indicam que possa haver mudanças no cerne da igreja relacionada à tal questão. Nos discursos do Papa Francisco, ele eleva o trabalho dos leigos instigando-os a assumir cada vez mais sua identidade de cristão católico no serviço e nas decisões das comunidades, paróquias e dioceses. Contudo, no que se refere à mulher, o Papa ainda está devendo um pronunciamento pontual (OROFINO, 2018).

Ao ser perguntada se a participação nas CEBs ajudou para que tivesse uma outra visão no que se refere à relação entre mulher e homem, **Celecina Madureira** recordou que:

Mais ou menos porque tinha um monte de dificuldade, porque tinha homens que faziam críticas dizia que essas mulheres não tão com nada, não faz nada. Essas mulheres só caminhando pra cima, e pra baixo (risos) fazia esse tipo de comentário. Eu penso que seria ciúmes, porque a gente tava trabalhando para trazer as coisas pra cá e eles, nada. Então, foi difícil tinha uns que até parabeniza, falava que o bairro esta melhorando.

Letícia Rocha: Então, não pensavam em igualdade?

Celecina Madureira: Não, era muito machista.

Letícia Rocha: E hoje, continua o machismo?

Celecina Madureira: Continua. Naquela época então, oh meu Deus! Era um grupo significativo pela quantidade, eh por essas dificuldades, por essa resistência dos homens, mas tinha muitas mulheres que tinha vontade de participar, e os maridos não deixavam.

Letícia Rocha: Na época, os companheiros impediam suas companheiras de participar?

Celecina Madureira: Era sim.

Letícia Rocha: E nenhuma tinha coragem de enfrentar os maridos?

Celecina Madureira: Não, sabe? (meio engasgada), não tinha uma força, uma coragem de sobressair, elas tinham medo dos maridos.

Letícia Rocha? E como pessoalmente enfrentava isso?

Celecina Madureira: Nos grupos, nos debates, no grupo de reflexão, eu falava que a gente não podia calar diante de questões dessas, tinha

que falar, tem desafios, mas temos que mostrar que somos fortes. Nós que temos de olhar marido, filho e ainda sair para reuniões, rezar, fazer esses encontros de CEBs. Aí é... eu falava que os maridos têm que ter a gente como uma companheira, não como alguém uma submissa a tudo. Temos que abrir a esse companheirismo, que abram a cabeça. Eu falava isso.

O relato a seguir está relacionado ao machismo na família, sobretudo ligado à figura do pai, como mostrou em seu depoimento **M^a Ismeria Ezequiel** ao afirmar que:

Meu pai ele não tinha leitura, ele não incentivava a gente nada. Esse pouco que a gente estudou porque mamãe tinha a 4^a série, e ela incentivava a gente a estudar e meu pai não. Meu pai era muito machista, mulher não precisa de estudar não, mulher era tomar conta de fogão.

Entendemos que todas essas mulheres participantes dessa pesquisa encontram-se sobre a égide católica, portanto, são vítimas do machismo e do patriarcalismo que impera nessa tradição religiosa. Algumas delas afirmaram que, ao se inserirem nas CEBs, conquistaram conhecimento dos seus direitos como mulher. É importante ao estudarmos mulheres que vivem no sertão Norte Mineiro, considerarmos que este local é culturalmente machista e patriarcal, como já exposto no Capítulo I. Na origem da cidade de Montes Claros, encontramos as bases do machismo e do patriarcalismo. Construída a partir de fazendas que se sustentavam com a criação de gado e a plantação de cana de açúcar, essas fazendas eram governadas pela figura do pai, o chefe da família que possui plenos poderes na casa e a na fazenda, relações de domínio que contribuem para a sustentação e predomínio do machismo e patriarcalismo (SOUZA, 2009).

Ao que concerne à participação da mulher na Igreja, **M.^a Rita Rios** relatou sua experiência que antecedeu o Concílio Vaticano II, e as dificuldades enfrentadas enquanto mulher para participar da Igreja. Logo após a inserção na CEBs, algumas mudanças na maneira de pensar da colaboradora puderam ser percebidas:

Eu fui criada, eu participei, na época do Concílio Vaticano II eu já estava raciocinando, vivi naquela igreja da missa de costa, sofri alguns constrangimentos assim, até um dia num casamento, o padre que depois se tornou um grande amigo meu, padre Janjão, ele me convidou a ficar na porta da igreja porque eu estava com vestido de maguinhas curtas, manguinha japonesa (risadas), e eu não pude participar do casamento, então algumas coisinhas assim, que deixava meio sem entender aquele negócio. Vivi e convivi com muitos padres, naquele tempo, as confissões, o olhão de Deus, aqueles negócios todo,

eu vivi isso. Depois eu mesma fui entender melhor quem era Deus na minha vida, às vezes até assim, sozinha, né? Eu fazia minhas reflexões, e com a participação nas CEBs realmente eu descobri esse Deus pai e mãe, né? E ficou muito forte na minha cabeça e no coração, Deus é pai então somos irmãos.

Letícia Rocha: Você acha que na forma de tratar a mulher houve mudanças na Igreja?

M.^a Rita Rios: Ah, Eu acho que não, sabe? Nós ainda somos tarefeiras, eu acho que ainda somos. Porque na hora da decisão a gente não tem muita voz não.

As mudanças que podem ser notadas se restringem ao âmbito pessoal das colaboradoras, enquanto na parte institucional não é possível perceber avanços significativos da parte da Igreja, como **Francisca Rodrigues (2018)** mencionou:

Letícia Rocha: Você pensa que hoje a Igreja tem mais abertura para a mulher? Qual é a sua visão?

Francisca Rodrigues: Não, vejo assim como um todo não, ainda vejo assim muito domínio dentro da igreja.

Letícia Rocha: Que tipo de domínio?

Francisca Rodrigues: Por exemplo, a liderança, a mulher tem sim essa abertura na igreja, mas ainda há muito domínio, eu quero dizer assim essa parte, como liderança. Eu não vejo isso assim como, por exemplo: Estamos no ano do laicato, (...), o leigo isso aquilo e outro, mas eu não vejo toda essa abertura, qualquer coisa o leigo tá sendo tizorado, podado.

Na memória de **M.^a Ismeria Ezequiel**, ficou marcado o momento em que a mulher teve acesso ao altar do templo, um espaço conquistado, menciona, inclusive, tanto o momento no qual sua filha foi uma das pioneiras ao se tornar coroinha³⁹, quanto a oportunidade que teve de passar a realizar as leituras durante as celebrações.

Letícia Rocha: O que marcou nessa caminhada de CEBs a sua vida?

M.^a Isméria Ezequiel: Foi ver o direito da mulher de ajudar nas celebrações porque a mulher dentro da Igreja nas missas ficava lá sentadinha, era só homem que participava lá na frente, no altar. Quando minha menina foi ser coroinha na época, não tinha menina mulher coroinha, era só menino homem, ela foi ser coroinha pra mim foi uma vitória. Oh, minha menina! Estava servindo o altar junto com o padre. E que eu conseguia subir no altar pra fazer uma leitura. Porque eu lembro bem da missa em latim que o padre tava lá de costa, e a gente só entendia o amém. Então, pra mim foi o que mais me marcou poder participar, fazer uma leitura no altar.

³⁹ Crianças que colaboram nas celebrações das comunidades, mais especificamente no altar com o sacerdote.

Letícia Rocha: Então, o que mais te marcou foi essa presença ativa da mulher na Igreja?

M^a Isméria Ezequiel: Foi, foi eu lembro antes dos 13 anos que a gente ia na igreja na missa, o padre celebrava de costa, né. A gente olhava os padres lá pelas costas, e pronto. Aí quando pegou aí meus 17 anos eu já vi a diferença, eu que vi que tava mudando, tentando mudar.

O relato a seguir demonstra que o espaço conquistado pela mulher dentro da Igreja é limitado, mesmo com sua atuação efetiva. Novamente, outra entrevistada, **Flávia Almeida**, destaca que elas são deixadas de fora no que concerne às decisões consideradas importantes no âmbito eclesial. No entanto, também se nota que existe uma intenção e disposição em lutar pela conquista desse espaço ainda não ocupado pela mulher:

Letícia Rocha: E sobre a participação de mulheres na Igreja, você acha que tem aberto canais significativos de participação? Mas também na sociedade e na política?

Flávia Almeida: A mulher é presença viva, mas a igreja nunca dá espaço, a igreja tá fechada com relação à mulher. Nós mulheres ainda devemos lutar muito, os espaços estão fechados na política, no trabalho, na religião. Elas servem para eucaristia, mas coisas importantes ainda não. É um desafio a participação, a valorização da mulher. Nas lutas das audiências públicas sempre vão as mulheres, de referência são as mulheres da paróquia aqui, e todas elas foram que viveram aquela espiritualidade das CEBs (FLÁVIA ALMEIDA, 2018).

Mesmo compondo a maioria dos membros das comunidades, dos eventos organizados nos níveis diocesanos, estaduais e nacionais, a mulher ainda não é tão valorizada no espaço eclesial. **M^a de Fatima Monção** compartilha, por exemplo, a opinião das outras entrevistadas e destaca que falta, por parte da Igreja, valorizar mais a mulher:

Letícia Rocha: E como você vê a participação da mulher na igreja?

M.^a de Fátima Monção: Oh, eu acho assim, sabe, melhorou um pouco antes era mais fechado, mas hoje em dia ainda não tá uma igreja muito aberta não, né? Tem muitas coisas que é só para homens, né? Mulheres, muitas vezes é deixadas de lado. Não acho que a mulher é tão valorizada na igreja igual ela deveria ser. E não deveria ser assim, quando a gente chega em qualquer encontro a maioria é mulher, mas mesmo assim, a igreja ainda esta fechada.

Do ponto de vista de **Olga Silva**, as mulheres conquistaram o espaço ao ser permitido que desempenhassem algumas tarefas como, por exemplo, ser ministra da

eucaristia ou coordenadora da igreja. Essas tarefas também são mencionadas por outras entrevistadas, sendo que todas afirmaram insatisfações com os espaços restritos. Contudo, a colaboradora acredita que existe sim uma valorização significativa, mas também é possível notar que em sua opinião a mulher é merecedora do espaço conquistado:

Letícia Rocha: O que você pensa da relação da Igreja e mulher?

Olga Silva: Olha, eu acho que agora de uns tempo pra cá, eu acho que melhorou sim. Tá reconhecendo as mulheres está sendo mais valorizadas, antes era mais fechada, a igreja se abriu e as mulheres estão aí.

Letícia Rocha: Você nos falou que foi dada uma abertura, em quais aspectos?

Olga Silva: Olha eu acho, pra ser ministra da eucaristia, fazer culto, as mulheres como coordenadoras da igreja, contabilistas, eu tô achando que a igreja tá valorizando, e dando o papel que ela merecem.

As informações fornecidas pelas nossas colaboradoras nos permitem entender que experimentaram dois modelos de Igreja, um antes do Concílio Vaticano II, uma Igreja fechada para a participação de leigos/os, especialmente, da mulher. Nas palavras de Domezzi (2016, p.127): “a recepção do Concílio na América Latina teve sua originalidade e, da parte das mulheres atuantes desde o espaço das CEBs, chegou a alguns avanços importantes e até inusitados”. Foi após o Concílio Vaticano II que, por meio da Teologia da Libertação e sua expressão nas CEBs, ocorreu a emergência, entre outros fatores, do sujeito feminino na Igreja. Tais modelos eclesiais foram importantes parâmetros na vida das colaboradoras dessa pesquisa. As entrevistadas reconhecem que, no modelo de igreja proporcionado pelo Concílio Vaticano II, houve avanços no que se refere à participação de mulheres na Igreja, conquanto, sinalizaram para lacunas e posturas que ainda impedem a participação efetiva da mulher na Igreja.

Acerca dos direitos reprodutivos das mulheres, acenamos para aspectos relacionados com a maternidade e ao aborto. Sobre o aborto vejamos o pensamento e a opinião dessas mulheres. **M.^a Rita Rios** é enfática: “sou totalmente contra, eu creio que nada, nada pode justificar você eliminar uma vida que não pode se defender, jamais”.

M.^a de Fátima do Nascimento também expõe sua opinião:

Eu não sou a favor não, porque, acho que o aborto é tirando uma vida, tirando uma criança. Igual aquele caso que saiu na televisão agora uma pessoa que enterrou uma criancinha viva, como é que uma pessoa enterra uma pessoa viva gente!? Você viu?

Letícia Rocha: Não assisti.

M.^a de Fátima do Nascimento: Passou moça esses dias. Como pode um trem desse? Dá até medo na gente. Uma pessoa fazer isso com um bebezinho inocente... Não sou a favor, não.

Compactuando com a opinião das outras entrevistadas, **Celecina Madureira** também diz ser contra o aborto. Quando questionamos se sua opinião seria contrária em qualquer circunstância, ela demonstra em algum momento a possibilidade de pensar no assunto a partir de um possível amadurecimento de suas ideias, mas logo ela volta atrás e justifica que isso seria difícil por ir contra valores religiosos que ela conserva:

Aí é difícil, é a vida, tirar a vida. Deus dá a vida com tanto carinho, doou a vida, e vai uma pessoa, e apaga aquele sopro da vida. Então, eu vejo muito doloroso, além de tudo, as mulheres ficam muito fragilizadas, um sofrimento tão grande justamente por que... por não querer, mas é a situação que faz esse não querer aquela criança, aquele feto. Eu não sou a favor do aborto de jeito nenhum, peço muito a Deus que um dia possamos todos nós conscientizar disso aí.

Letícia Rocha: Em nenhuma circunstância?

Celecina Madureira: Isso é uma coisa assim, que eu penso que ainda tenho que amadurecer diante disso aí, mas acho que... olhando para minha fé e pro lado religioso, eu vejo que Deus é todo amparo, doador da vida, deve a ele, portanto, cabe a ele tirar. Acho que não estou suficientemente madura, preparada para responder assim, mas meu pensamento é esse.

Francisca Rodrigues demonstra estar em concordância com a Igreja, contra o aborto e em defesa da vida. Contudo, ela se posiciona de maneira crítica e destaca que também existem outras questões envolvidas, as quais o aborto pode interessar, por exemplo, o comércio.

O aborto? O aborto é uma vida em jogo, né? E nós como igreja, a gente luta contra o aborto para defender a vida. Mas a massa, a grande massa sem consciência, e tem aqueles que querem fazer disso aí, talvez, até um comércio, né Letícia? Como existe e, às vezes a gente não tem coragem de denunciar, eu acho que se a gente unisse mais contra o aborto, e a favor da vida, talvez, a gente ganharia essa causa. Mas vamos ganhar o que tiver ao alcance ir fazendo, esclarecendo para as pessoas, principalmente para esse povo mais novo, né? É a vida em jogo.

Com opinião semelhante, **Flávia Almeida** também se posiciona contra o aborto. Contudo, ela chama a atenção para alguns casos específicos, diante dos quais ela acredita que é preciso considerar os fatores externos às questões religiosas, mesmo sendo questões pontuais. Como comenta a seguir:

Olha Leticia, é uma questão muito séria. Eu defendo a vida, eu sou contra o aborto. É uma vida, dada por Deus. O feto tem que cuidar mais do que se fosse grande, só tem a proteção da mãe, ele não pode cuidar por si só. Sou contra o aborto. Agora temos que entender, tem casos igual, por exemplo, teve um caso real vou te contar. Quando estava no conselho tutelar, tinha uma criança de 12 anos que engravidou. Só que uma menininha que não tinha desenvolvido nada, raquítica, desnutrida, uma criança que desenvolve ali não tinha como desenvolver no corpo dessa criança. Não tem jeito, temos que decidir entre uma vida ou outra nesse caso, aí é até favorável. Outro caso de uma menina deficiente que engravidou e, a gravidez foi gerada numa trompa... eu não entendo o caso direito, só que não teria condições de gerar uma criança da forma que estava. Há casos e circunstâncias que precisa acontecer.

Outra colaboradora destaca que milita, inclusive, em grupos de redes sociais contra o aborto. Contudo, ela preferiu destacar o trabalho social realizado com adolescentes na periferia de Montes Claros. Propriamente em relação ao aborto, ela não aprofundou muito o tema no seu relato:

Ah eu sou contra, totalmente contra. Eu acho que se você tirou a vida de uma pessoa, de um ser dentro de você, é a mesma coisa que tirar a vida de uma pessoa que está perto. O que eu posso fazer de campanha para tirar isso da cabeça das pessoas, eu faço.

Letícia Lopes: Participa de algum grupo que luta nesse sentido?

M.^a Isméria Ezequiel: Participo assim, pela internet. Quando eu vejo que é um grupo sadio, e que é contra eu entro, participo mesmo, divulgo. E outra coisa Letícia, eu acho que meu trabalho social dentro da paróquia, e dentro da diocese, é de eu ver o tanto de adolescente que eu tirei de lá de dentro dos lugares mais terríveis, e hoje eu vejo que venceram, tem dois que é advogado, um é biomédico, um tá fazendo faculdade de designer, eu tirei ele de dentro da Vila Mauricéia, rudiado de traficantes... saber que foi meninos que eu tirei do meio que não dava pra eles viver. Às vezes eu estou em casa, e eles me liga falando Isméria eu vou aí. Então, eu vejo esses meninos, foi algo que eu fiz, eu busquei, pus eles na caminhada (M.^a ISMÉRIA EZEQUIEL, 2018).

Fundamentada nos valores religiosos, **M.^a de Fátima Monção** destacou: “Eu sou contra, né. Extremamente contra, porque essa decisão de uma vida é Deus. A decisão de uma vida é Deus, e não da mulher e do homem”. Para emitir sua opinião sobre o assunto, **Olga Silva** evoca sua experiência como mãe e demonstra não estar de acordo em hipótese alguma quando o assunto é o aborto, inclusive, destaca o aspecto jurídico, o fato de ser crime: “Pra mim, é inconcebível, é uma pessoa. A partir do momento que a pessoa é gerada, você já sente. Eu que tive sete filhos eu sei, a partir do momento que a gente espera um filho, a gente muda toda, tudo muda em você. Sabe que

está com um ser dentro de você. É um crime, em hipótese nenhuma” (OLGA SILVA, 2018).

Pelas narrativas das mulheres, a inserção religiosa de todas ainda na infância, o local de origem, lembramos o espaço sertanejo marcado por fortes expressões de machismo, e, mormente sobre o auspício do tradicionalismo cristão católico predominante na região, referendou um modo de participação na Igreja. Denotamos que o projeto a atravessar suas histórias foi o matrimônio como opção cristã válida para a época, por isso, todas casaram-se ainda na juventude e logo assumiram a maternidade. **Francisca Rodrigues** em tom jocoso nos disse: “Aí os meninos vieram mais, mais filhos, segundo o povo fala, não tinha televisão (risos)”. Embora todas as entrevistadas são favoráveis à família, como podemos perceber nas suas assertivas, é interessante notar que muitas compactuam com o divórcio em diversas circunstâncias. Posteriormente, dissertaremos sobre tal fato.

No tocante à prática do aborto, todas relataram que é uma prática inconcebível, suas respostas caminham no discurso da sacralidade da vida, pois é dom de Deus, portanto, exige respeito. Ressaltamos uma vez mais que todas as mulheres participantes dessa pesquisa encontram-se alocadas na periferia da cidade e é nas periferias que ocorrem os maiores números de abortos clandestinos com graves sequelas para as mulheres, especialmente, as pobres e negras que se veem obrigadas em algum momento de suas vidas a recorrer a essa prática. As respostas apresentadas pelas colaboradas quanto às nossas perguntas carregam consigo suas idiossincrasias e estão imbricadas com a experiência religiosa da infância e juventude nas suas cidades de origem, o que pode justificar ainda terem um olhar pio para determinados assuntos.

Pelo exposto, somos tentadas a concluir que a Teologia Feminista não alcançou a experiência das CEBs dessas mulheres. Elas foram alimentando discursos teológicos da libertação, que contribuíram para a legitimação da colonialidade do poder e de gênero. No texto intitulado *La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo latino-americano*, a hondurenha, cientista política e feminista descolonial Breny Mendonza apresenta críticas aos autores Aníbal Quijano e Enrique Dussel que, ao abordar gênero em seus estudos, ainda o fazem desde uma perspectiva demasiado colonial e masculina, que obstaculiza uma análise pormenorizada da mulher e suas especificidades. Mendonza (2014, p. 99) ainda denuncia os teólogos da libertação: “Los teólogos de la liberación que bien reconocen el sufrimiento de clase, aceptan si discusión la doctrina del Vaticano cuando se trata de los derechos reproductivos de las

mujeres”. A denúncia realizada por Mendonza encontra respaldo nos estudos de várias teólogas feministas latino-americanas, como verificamos acima. Há um silêncio ensurdecedor na teologia da libertação no que se refere aos direitos reprodutivos da mulher. Para esta autora, esses teólogos são coniventes com a doutrina vaticana que omite e esquece questões importantes para o universo feminino, bem como poderia contribuir para o avanço do empoderamento das mulheres.

Nos discursos apresentados pelas mulheres participantes do estudo, ao evocarem o sofrimento das pessoas que vivem à margem da sociedade montesclarensense, o fazem tendo como referência o horizonte teológico da libertação e esqueceram-se de trazer à baila uma discussão mais consistente e eficaz sobre assuntos que dizem respeito à realidade da mulher. As mulheres das CEBs da paróquia São Sebastião podem não ter muito avançado nas questões acima levantadas, o que consideramos a continuidade das colonialidades, porém, avançaram em outros aspectos e abriram-se para outros espaços. São esses avanços e aberturas que consideramos as fissuras que propomos analisar no terceiro e último capítulo desse estudo.

CAPÍTULO III

A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS CEBs: FISSURAS E CONTINUIDADES.

3.1 “As CEBs pra mim foi uma estrutura muito boa de conhecimento”. Celecina Madureira (2018).

Até aqui foi elucidada a descoberta, a participação, as histórias de luta em favor da região e da solidariedade, traço que marca a atuação nas CEBs. Foi apresentado também um breve histórico da paróquia São Sebastião, local escolhido para a realização dessa pesquisa. Como referencial teórico, foi problematizado o conceito de empoderamento e o seu desenvolvimento, no que tange aos desafios de empoderar-se em uma sociedade perpassada por relações de poder, patriarcal e machista. E, ainda de dialogarmos com as teologias da libertação e a teologia feminista, universos teológicos a partir dos quais emanam e se alimentam as CEBs. Neste capítulo, tentaremos adentrar, o quanto possível, no universo narrado pelas mulheres, para buscarmos as fissuras provocadas pela participação nas CEBs, que podem sugerir que esta prática religiosa possibilitou a descolonialidade e o empoderamento e, por outro lado, verificar posturas e pensamentos que denotam a continuidade de colonialidades cristalizados no bojo desse grupo. Destacaremos os indicadores de empoderamento para percebermos os níveis alcançados pelas mulheres na trajetória empreendida nas CEBs. Assim, seguiremos o diálogo com nossos aportes teóricos e metodológicos.

O subtítulo desse tópico extraído de umas das falas das nossas interlocutoras evidencia que as CEBs favoreceram a aquisição de conhecimento das mulheres da paróquia São Sebastião, que fizeram a experiência de tais comunidades. Ao mencionarmos conhecimento, não nos restringiremos somente ao que é construído nas academias. De acordo com o feminismo descolonial, será considerado o conhecimento produzido nas comunidades por meio das formações, das cartilhas e livretos, que a nosso ver contribuiu extensamente na formação social, humana, religiosa e política das participantes. Tais formações, segundo os relatos das entrevistadas, ocorriam no âmbito paroquial, entre comunidades urbanas ou rurais, e versavam sobre temas diversos atinentes à realidade da região e do país. Do mesmo modo, também ocorriam formações nos âmbitos diocesanos, estadual e nacional. E todas essas foram fundamentais para que as mulheres pudessem acessar o conhecimento.

É importante lembrarmos que o feminismo descolonial dialoga essencialmente com os saberes e as narrativas das/dos agentes que se encontram na fronteira colonial, sendo por excelência a matéria sobre a qual é construída tal teoria. Ao evocar essas questões, lembramos o que Zulma Palermo (2010, p. 63) afirmou: “Para la opción decolonial, pensar con significa buscar construcciones epistemológicas que no se originan en el Estado sino que surgen de los pueblos y sus movimientos visibilizados en sus argumentos, demandas y reclamos”. O pensamento descolonial privilegia, em sua construção epistemológica, além dos saberes já construídos e consagrados por diversas fontes, outras fontes de conhecimento e saber que se aproximam das situações prementes do ser humano, no que diz respeito à relação consigo, o cosmo e com o outro. Nessa perspectiva, as CEBs arrogam para si o fato produzir conhecimentos gestados e elaborados nas bases, melhor dito, nas zonas periféricas, lugar de exclusão social, cultural e religiosa. Assim, nesse espaço periférico, são produzidos materiais chamados por nossas interlocutoras de cartilhas, em que a matéria principal são as realidades gestadas no cotidiano das/dos participantes. Posteriormente, veremos os conteúdos desses materiais.

No que se refere à exclusão religiosa, mencionada acima, a religião que até então era sedativo para os sofrimentos das pessoas, sem nenhuma interação com as questões que causam tais sofrimentos, com o advento das CEBs na sociedade brasileira, e no sertão Norte de Minas Gerais, especialmente na cidade de Montes Claros estabelece um espaço crítico diante do poder dominador e que submete os povos. As CEBs com sua metodologia focada no povo, centrada na fé e na vida despertaram a criticidade das/dos suas/eus agentes, muitas/muitos desses analfabetas/os ou semianalfabetas/os. Recordamos o que afirmamos no capítulo I acerca do ingresso tardio das mulheres na universidade latino-americana, se comparado a outras sociedades. Isso é o reflexo de uma sociedade colonizada em que a figura da mulher foi invisibilizada, ou ainda, relegada às funções maternas e do lar, todas essas legitimadas pela religião. As consequências de tais questões podem ser verificadas nos relatos que seguem, das mulheres que voltaram às escolas depois que assumiram a função materna, e algumas nos contaram das dificuldades enfrentadas para voltar aos estudos devido o cuidado com os filhos, ou ainda os companheiros.

Como nos conta a colaboradora **M^a de Fátima Nascimento**, que teve cinco filhos seguidos, bem como precisou buscar trabalho para contribuir no sustento da família:

Estudei só até a 4ª série, estudei aqui mesmo no Maracanã.

Letícia Rocha: Com o passar do tempo você não sentiu vontade e necessidade de estudar?

Mª de Fátima Nascimento: Senti muita vontade sim, mas não pude porque tive cinco filhos assim ó (gesto com braço) tive um atrás do outro, aí eu fui trabalhar para ajudar cuidar dos meus filhos. Aí quando meus filhos cresceu, aí eu voltei para a escola de novo. Estudei mais uns dois anos.

Letícia Rocha: E conseguiu concluir?

Mª de Fátima Nascimento: Não.

Com relato similar ao da colaboradora acima, **Celecina Madureira** descreve seu retorno aos estudos impulsionado pela sua participação na Igreja, em que sentia a necessidade de maior conhecimento para lidar com as questões que emergem do cotidiano das comunidades. Destaca o nome da Irmã Mariana que, segundo ela, foi quem influenciou e apoiou a sua iniciativa. Acompanhemos seu relato.

Letícia Rocha: Com relação aos estudos você estudou aqui ou na sua cidade?

Celecina Madureira: Lá como era pequeno... Distrito pequeno só tinha até o 4º ano primário. E foi o que conseguir fazer. E, quando eu vim pra cá que comecei nessa caminhada de CEBs, essas reuniões, a gente foi lutando para conseguir as coisas, eu fui pensando assim, que eu devia ter mais conhecimento para ajudar melhor os outros. Foi então que uma Irmã Dominicana que nos atendia aqui me convidou, e perguntou, porque você não trabalha na educação, ser professora? Eu perguntei pra ela, irmã cê já viu uma pessoa só tem o 4º ano primário ser professora? A Irmã me falou, mas você só tem o 4º ano? Falei é... irmã cheguei fui tendo os filhos, dificuldades financeiras, não deixou que eu continuasse a estudar. Aí ela falou, não, mas agora você vai estudar, me deu toda força, apoio aí eu voltei a estudar, com essa ajuda dela, sabe, esse empurrão. Aí voltei a estudar houve um concurso, eu tentei o concurso para trabalhar e passei. Depois só com o ensino médio, depois com a faculdade, e estou aí às vésperas de aposentar. E eu não ainda aposentei porque eu comecei tarde, aposento mais tarde (risos). Essa irmã posso falar o nome dela? Ir Mariana, eu tenho essa irmã como uma pessoa assim... que me mostrou uma luz, foi uma luz. Também por causa da necessidade que eu também via para ajudar as outras pessoas.

Ao mencionar a necessidade que sentia de ajudar outras pessoas, perguntamos se outras mulheres que participavam dos grupos começaram a estudar, ela nos respondeu: “Algumas começaram a estudar, mas não perseveraram, muitas não deram conta das dificuldades, eu enfrentei, ia a pé para a escola, estudava na escola normal. Não tinha dinheiro para tá pagando todos os dias, e não tinha ônibus que vinha até aqui, era até no São Judas (latidos de cachorro)”.

Diante do exposto, percebemos que as dificuldades, sobretudo as de ordem financeiras, não foram obstáculo para que abandonassem os estudos. E ela se orgulha ao dizer que realizou o ensino médio, o curso superior e, no momento, está próximo de se aposentar. Ainda perguntamos se o conhecimento adquirido na academia mudou sua vida, mudou a forma de ver a sociedade ou a Igreja. Ela destacou que aprendeu a conversar com as autoridades e os tratava como pessoas iguais. Conforme afirma:

Mudou demais (ênfase) aprendi muito. Eh... ganhei muitas experiências, aprendi até a conversar com esse pessoal aí... Que se acha muito grande que é vereador é prefeito. Juntava as mulheres aqui, a gente ia lá conversar com esse povo, prefeito, vereador, eu ia à frente, questionava nas reivindicações, era desse jeito, a gente com os pés empoeirados, ia a pé, não tinha asfalto. E a gente enfrentava esse povo todo. E eles tinha que nos receber assim, ia um grupo grande (risos) (CELECINA MADUREIRA, 2018).

Para **Francisca Rodrigues**, que também abandonou os estudos para cuidar dos filhos e do companheiro, mas carregava consigo o desejo de concluí-los. Na sua memória, destacamos a conclusão do ensino médio e, em seguida, o curso técnico de enfermagem, já com 60 anos. Reconhece o conhecimento adquirido ao retomar aos estudos ainda que tardiamente. E, atualmente, como técnica de enfermagem oferece serviço gratuito de aferição de pressão a aquelas pessoas idosas ou doentes da comunidade. Ela enfatiza que são os esquecidos pela comunidade. Nesse sentido, declarou:

Mas eu tinha um propósito de qualquer tempo continuar meus estudos. No final eu vou falar. Aí é... Deus abençoo que ele arrumou um serviço, né? Igual eu falei no início, que eu parei lá na 4ª série... 4ª série naquela época era quase uma faculdade, e com o tempo ela perdeu, né? E eu tinha aquele propósito de qualquer tempo, chegar aqui e continuar meus estudos, mas foram chegando os filhos, primeiro eu vou educar meus filhos, depois eu vou fazer o que quero. Aos pouco Deus foi concedendo essa benção e eu fui aprendendo também. Meus estudos também foi uma luz, né? Então, depois de 60 anos, eu fiz... o ensino médio terminei, e fiz o curso técnico de enfermagem, era um sonho que eu tinha. Então, Deus foi me concedendo que fiz o curso técnico de enfermagem, não atualizo na área, mas e foi um aprendizado, um conhecimento que hoje... igual quando você chegou aqui eu já ia visitar os doentes. Tá ali o aparelho de pressão (risos e aponta para o aparelho encima da mesa), nós temos muitos doentes na comunidade, aqueles que fica lá ó, ó... afogadinho, poucos que vão, então, a gente vai descobrindo isso na comunidade. Então, tudo é CEBs. Então, foi uma mudança de vida, um antes e um depois, a gente não pode ficar parada no tempo. A idade chega, mas

you tem que ir avançando, chega à idade, mas o espírito tem que ser renovado (sorridente). Também, aprendi muito com as comunidades rurais.

Já a colaboradora **Flávia de Araújo Almeida**, que migrou para Montes Claros com o companheiro e um filho, com o objetivo de estudar, atribui a realização do curso superior e da pós-graduação a participação nos grupos de CEBs, pois impulsionavam a busca por conhecimento das/dos suas/seus participantes. Entretanto, foi também a partir dos estudos (concurada municipal para o cargo de professora) que logrou contribuir nas despesas da casa. Relatou o que segue,

Eu me formei, consegui fazer uma faculdade, consegui fazer pós-graduação, isso pra mim foi uma mudança de vida, talvez, se tivesse parada sem participar não teria o incentivo que tive dentro desses grupos, para que a gente estudasse, lutasse... Eu recebi muita luz, devo a muita gente. Começamos a reunir um grupo para estudar para o concurso da prefeitura, passei e conseguir meu trabalho. Era grupinho voluntário de estudo. Nós formamos um grupo, e a maior parte desse grupo passou. Eu consegui um trabalho, e isso é uma transformação na vida da gente. Aí eu consegui ajudar em casa, o sustento da família... A gente estudava e crescia nos direitos humanos, e levava para os grupos. No grupo falava de tudo. Era um grupo coeso, isso aí foi uma base que eu acredito ser muito boa.

Na memória emoldurada por **M^a Isméria Ezequiel**, ela relatou que estudou até a 4^a série na zona rural em que morava com os pais e os irmãos. Depois nos disse que não foi possível dar continuidade, em razão dos serviços exigentes que supõe a vida na roça, mas também a figura do pai desempenhou um papel importante na sua decisão em abandonar os estudos. Como pode ser verificado abaixo:

Letícia Rocha: E por que parou os estudos?

M^a Isméria Ezequiel: Porque não tava dando conta, trabalhar, estudar e naquele tempo, a gente não tinha aquele incentivo para estudar. Meu pai ele não tinha leitura, ele não incentivava a gente nada.

Semelhante ao relato de **M^a Isméria Ezequiel**, ocorreu com **M^a de Fátima Monção** no tocante à realização dos estudos. Esta também viveu parte da infância e juventude no meio rural, com difícil acesso aos ambientes escolares. No seu relato, destaca que após o casamento o companheiro não a incentivou como também não a deixou a estudar. Anos depois, após uma situação experimentada e que gerou constrangimento, mas também vale destacar que nesse período já experimentava certa

autonomia sobre sua vida, foi capaz de enfrentar o companheiro e voltar aos bancos escolares para concluir o ensino médio. Segundo essa colaboradora:

Eu estudei até a 7ª série porque a gente morando né? Na roça, era difícil estudar, porque tinha que deslocar do povoado para a cidade... Aí eu parei, casei e o marido não me incentivou a continuar com os estudos.

Letícia Rocha: E ele estudou? *Mª de Fátima Monção:* Sim.

Letícia Rocha: E não a deixou estudar?

Mª de Fátima Monção: Não me deixou estudar. Aí os meninos pequenos também, e não tinha com quem deixar aí eu deixei. Eu me lembro que ia ter um curso de teologia na paróquia, eu fui convidada para fazer o curso, quando eu fui fazer a ficha eu não podia fazer, porque não tinha o ensino médio. Eu me senti um lixo. Aí eu pensei, vou começar a estudar, aí mesmo depois de mais velha comecei a estudar. Fui para o CESEC fiz até a 8ª série, depois fiz o ensino médio.

Letícia Rocha: E nessa época seu marido contribuiu nessa decisão de estudar?

Mª de Fátima Monção: Não, não favoreceu não. Eu fui por insistência mesmo, era meu direito, e eu corri atrás mesmo.

Letícia Lopes: Depois disso terminou o ensino médio, e fez graduação?

Mª de Fátima Monção: Aí eu conclui o ensino médio graças a Deus, e não quis seguir mais não, porque pra mim, eu fiquei desanimada, adoentada, tive até incentivo da família, e dos filhos para fazer uma faculdade, mas achei que pra mim não dá mais.

A respeito da percepção dos estudos, o retorno aos bancos escolares (*Mª de Fátima Monção* e *Francisca Rodrigues*) e o ingresso na academia (*Flávia Almeida* e *Celecina Madureira*) sugerem que as CEBs foram o mecanismo que impulsionou e deflagrou o conhecimento e a autonomia, o que possibilitou um avanço na vida pessoal, o acesso aos trabalhos com rendimentos melhores e, assim, contribuir na melhoria das condições de vida para suas famílias. Por consequência, esse acesso aos estudos melhorou a vida das comunidades onde elas se encontravam presentes, conforme pode ser verificado nas afirmações. Assim, a aquisição de conhecimento contribuiu na realização das atividades nas comunidades. Enfatizamos que as CEBs impulsionaram a busca pelo conhecimento por parte das mulheres, na medida em que participavam despertava nelas o desejo de obter outros conhecimentos. Isto pode ser visto, por exemplo, no relato de *Mª de Fátima Monção*, que ficou impossibilitada de realizar um curso na paróquia porque não havia o ensino médio.

Nos relatos descritos no decurso desse texto, muitas colaboradoras, ou melhor dito, todas as nossas colaboradoras mencionaram em algum momento o nome de

alguma irmã pertencente à Congregação das Irmãs Dominicanas da Anunciata que, naquela época, coordenavam as atividades do Centro Comunitário do bairro Maracanã. Tais religiosas contribuíram extensamente na formação dessas e de outras mulheres, assim como incentivaram muitas para que pudessem voltar aos estudos como, por exemplo, Celecina Madureira.

Nos pareceu importante conversar com uma das Irmãs Dominicanas para ouvirmos a percepção sobre o período, o local e as pessoas que participaram das CEBs naquele tempo, especialmente, a presença de mulheres, nosso foco. Assim, logramos acesso à Irmã Inácia Alvarez Urias, espanhola que chegou à Montes Claros no ano de 1976. Essa irmã esteve presente nos inícios do bairro Maracanã, acompanhou por um período as comunidades de base e logo partiu de Montes Claros para outra missão em outra cidade. Em nossa conversa, a Irmã Inácia forneceu diversas informações sobre a formação do bairro Maracanã, o trabalho desenvolvido no Centro Comunitário, as mulheres que trabalhavam na lavadeira, o clube de mães⁴⁰, a participação nos grupos de base, sua participação em intereclesiais e o decréscimo das CEBs na atualidade etc. Dentre os assuntos mencionados por essa irmã no que se refere às CEBs, um em especial nos chamou a atenção, trata-se de uma cartilha de Natal elaborada pela diocese, a partir da qual apresentaram o trabalho dessas comunidades. Entretanto, ao evocar as atividades desse grupo faz menção exclusiva a pessoa do Padre Tardin. No entendimento de Irmã Inácia, havia outras pessoas, mulheres que contribuíram com essa história, bem como deveriam ter sido contempladas/os no referido material.

Logramos acesso ao conteúdo da cartilha mencionada pela Irmã Inácia, que foi produzida no ano de 2010, para as reflexões nas comunidades que antecedem o natal. Esta cartilha fazia alusão aos 100 anos da diocese de Montes Claros. Em um dos encontros desse material, fizeram explícita referência ao trabalho das CEBs na cidade, a partir dos anos 1980, assim como entrevistaram o Pe. Tardin, uma vez que ele possui larga experiência e conhecimento das comunidades de base na cidade e na região. Na entrevista, Pe. Tardin abordou diversos temas concernentes à atuação das CEBs na Igreja do Brasil. No entanto, não percebemos especificamente tratar de tais comunidades no Norte de Minas Gerais, nem sobre os possíveis impactos na Igreja local

⁴⁰Espaço dirigido pelas referidas irmãs e que reunia mulheres do bairro e adjacências. Essas irmãs ensinavam crochê, tricô, bordado, faziam tapetes, artesanatos diversos. Além disso, havia palestras com temas que versavam sobre saúde, política, formação humana, dentre outros. Tal espaço contribuiu na formação e na geração de renda das mulheres daquela época.

e menos ainda da atuação de mulheres em todo o processo de construção das CEBs local, o que é criticado assertivamente por Irmã Inácia Urias em nossa conversa.

Após essa exposição necessária, que alerta para a ausência de mulheres na construção da memória das CEBs na diocese de Montes Claros, e na paróquia São Sebastião, voltamos a dissertar sobre as colaboradoras e o acesso aos estudos. Focamos agora nos esforços das mulheres da paróquia São Sebastião para acessar o conhecimento, que foi negado em razão do ideal materno legitimado pelos discursos eclesiais. Essa concepção continua a ser um entrave para a efetiva participação de mulheres no espaço religioso. Gebara (1992, p. 28) observa que:

Notamos que nos textos teológicos e pastorais mais progressistas, há sempre um parágrafo, um pequeno capítulo, uma alusão ou apêndice para lembrar a importância do tema mulher. Enquanto formos “tema” ou apenas “questão” da moda como uma série de outros cuja novidade se esgota facilmente, não estaremos tocando no fundo da “revolução” que está começando a se operar nos nossos tempos.

Gebara é enfática ao criticar textos teológicos que reduzem a importância da mulher, sendo seus autores em sua maioria homens que, ao escrever, apontam escassos parágrafos para dissertar sobre a relevância da participação da mulher na vida da igreja. São textos ainda superficiais e não tocam em assuntos concernentes à opressão que pesa sobre a mulher, a sexualidade, ao cotidiano dentre outras questões. A opressão surda, muda, dolorosa, que ronda o cotidiano da mulher e a violenta em condições normais de exclusão e subalternidade, é também potencialmente o fulcro de onde emerge o novo. Dessa forma, entendemos que o retorno aos estudos para as mulheres dessa pesquisa, pode ser o novo que emerge da fissura que provoca abalos nas estruturas eclesiais.

O acesso ao conhecimento que, por muito tempo, foi negado para algumas mulheres dessa pesquisa, por circunstâncias diversas, aufere importância e concede a elas mais independência e autonomia, rompeu com a submissão e transcendeu o espaço doméstico. Elas afirmaram terem angariado conhecimentos sobre seus direitos, o que permitiu certo empoderamento em seus lares, em relação aos seus companheiros.

Avançamos em outros aspectos narrados pelas mulheres colaboradoras dessa pesquisa. Consideramos, conforme afirmamos acima, não só a cultura adquirida nos bancos escolares e acadêmicos, mas valorizamos aquela cultura construída no calor da experiência humana nas comunidades de base da paróquia São Sebastião. Nesse sentido, nos referimos às formações proporcionadas pela paróquia, mas também em outras

instâncias diocesanas, estaduais e nacionais. Todas essas compuseram o arcabouço cultural, eclesial, sociopolítico adquirido por essas mulheres na participação nas CEBs.

A palavra formação no contexto das CEBs diz respeito a toda forma de instrução adquirida por meio de lideranças, padres, religiosas/os, materiais elaborados por equipe especializada para a reflexão das/dos participantes, os grupos de base, encontros em nível estadual e nacional, intereclesiais, enfim, tudo que possa contribuir para que as mulheres e homens inseridos tenham um olhar mais crítico e humano às realidades que circundam o espaço. Essas formações foram fundamentais na trajetória de participação das mulheres dessa pesquisa, já sinalizadas, contudo, nesse momento vamos ater a atenção especificamente a essa dimensão das CEBs para percebermos o que significou para as mulheres.

Narrou **M^a Rita Rios** com alguns esquecimentos em termos de datas, mas muito precisa e assertiva em questões atinentes a sua participação, as pessoas que considera importante na sua trajetória nas CEBs e a percepção do trabalho incisivo realizado pelo Padre Tardin. Em referência a tais questões ela afirmou:

Letícia Rocha: Você participou de algum intereclesial?

M^a Rita Rios: Participei, participei...

Letícia Rocha: De qual?

M^a Rita Rios: de Caxias, não sei se foi Duque de Caxias.

Letícia Rocha: Em 1989?

M^a Rita Rios: Por aí... é a cabeça já não tá gravando datas (sorriso), ficaram muitas lembranças, imagens, mas assim... as datas, como eu dei o material que tinha, né? O conteúdo mais específico assim... Mas foram encontros maravilhosos que nós participamos, e conheci pessoas incríveis como: Carlos Masters, Leonardo Boff, Clodovis Boff, então, assim... gente que realmente trouxe alguma coisa a mais na nossa caminhada. E o padre Tardin realmente ele entrou de sola, de cabeça, e como tinha a Casa de Pastoral em Montes Claros, ele assessorou por muito tempo a casa de Pastoral, então o envolvimento da paróquia acabou se tornando muito intenso, né? Com as CEBs.

Nessa mesma linha expressa pela colaboradora acima, **M^a de Fátima Nascimento** teceu as suas memórias do trabalho realizado naquele tempo que, segundo ela, “tinha muita participação”, enalteceu o envolvimento dos grupos e pessoas, e enfatizou a figura do Padre Manuel. Para ela:

As famílias tudo eram muito empenhadas em trabalhar e ajudar. A gente ia pro Santo Inácio a pé, de bicicleta, aquela turma de noite, era lindo demais... Aí, nós trabalhamos demais pra igreja, era bom demais, gratificante, tudo maravilhoso. E Pe. Manuel Maria foi um pai

espiritual pra todo mundo aqui conversava, fazia palestra, era um pai pra todos nós, ele ensina muito pra nós, foi uma sabedoria muito grande que trouxeram pra gente aqui. Porque as CEBs é fé e vida, né? Então, era muito bom, bacana demais da conta.

Em outra perspectiva, **Celecina Madureira** em seu relato se ateve a importância das cartilhas elaboradas na paróquia para a formação das comunidades. Assim argumentou:

Às vezes, a gente tinha os recursos, que eram as cartilhas elaboradas por padre Tardin. Tardin com uma linguagem muito acessível.

Letícia Rocha: Sobre o que se tratava essas cartilhas?

Celecina Rodrigues: Sobre a vida do povo e da sociedade da época, eram umas cartilhas muito boa.

Letícia Rocha: Algum tema dessa cartilha?

Celecina Rodrigues: Teve uma sobre a questão... que pegava aquela parte da bíblia sobre Deus é pai nós somos irmãos, aí ele pegava, e fazia toda uma preparação, falando do poder econômico, da questão social, essas questões assim... de uns ser mais ricos outros mais pobres, levava essa reflexão. Tinha uma cartilha me lembro bem que era um olho na vida outro bíblia, tinha até um olho na capa da cartilha desenhado, muito importante, ali a gente entendia que a palavra de Deus era condizente com a realidade. Era umas cartilhas muito bem elaboradas acessíveis. E nos ajudava demais.

Já a colaboradora **Francisca Rodrigues** fez menção aos encontros que ocorriam no âmbito da paróquia ou da diocese, e como forneciam as luzes necessárias para o desenvolvimento do trabalho das mulheres nas comunidades. Vejamos sua exposição: “Quando acontecia aqueles grandes encontros da diocese, fé e política, não é!? Aqueles encontros que a diocese oferecia, a paróquia oferecia, então, tudo isso era luz na nossa vida de mulheres, ali foi um aprendizado, uma escola, a gente vai amadurecendo e ajudando outras pessoas, e por aí lá vai nós até hoje”.

Da colaboradora **Flávia Almeida** emergiram as lembranças dos grupos e das lutas desses por benefícios nos bairros, mas também da sua própria casa, a formação da consciência crítica em razão da participação. E expressou que, atualmente, mora em outra cidade, mas que carrega as CEBs dentro de si. Acompanhemos seu relato.

E, aí depois quando começamos a participar desses grupos começamos a lutar por água, abrigo, ruas, rede de esgoto... Aqui essas baixadas quando chovia enchia tudo. Fomos tomando consciência dos direitos. E aqui eu morei aqui muitos anos, agora que mudei, mas a gente carrega tudo são muitas histórias. A gente carrega as CEBs, a gente muda, e as CEBs vai dentro da gente. Quando os grupos foram

crescendo eu já era uma liderança lá na escola eu fui entendendo, que eu poderia participar de outros espaços. Participava de outros encontros lá fora. A vida da gente ia mudando, imagina um barracão que era um só, cresceu já tinha luz, água... Era o momento de ajudar a outras pessoas a ter seu espaço.

M^a Isméria Ezequiel descreve seu processo formativo inicial e o desenvolvimento da participação nas CEBs e relembra nomes de pessoas que a conduziram nesse caminho. Ela nos contou sobre tal questão:

Fiz esses cursos corte e costura, aí através desse cursinho lá as pessoas de cá que participa lá, aí comecei descobrindo e participando, grupinho de base, reunia uma vez por semana para refletir a bíblia, as cartilhas que saia sobre as CEBs. Aí fui engajando teve uma época que foi o auge do cursinho, então eu participava nessa época que era Seu Alceole e Dona Maria Inês, que eles mexia com essas todas, então, eu acompanhava eles muito. Tinha a casa dos cursilhos lá no Jardim São Luís eu ia com eles, chegava lá eu sentava na plateia assistindo e ouvindo as coisas. Daí a pouco eu fiz o encontro de casais.

A nossa interlocutora **M^a de Fátima Monção** considerou, em sintonia com Celecina Madureira no seu relato, as formações e o uso das cartilhas que, no seu entendimento: “Ensinava a gente a lutar pelos nossos direitos, a ter uma vida digna... era mais ou menos nessa linha aí os trabalhos”.

Para essas mulheres sertanejas, as CEBs foram o despertar para outros mundos, mundos que habitam em seu próprio interior, para descobrir sua própria força, mas também mundos de outras, porque conhecer o mundo de outras mulheres permite conhecê-las em suas especificidades e amá-las, o que também permite lutar por outro mundo, em concordância com o pensamento de Lugones acerca do conceito de viajar-entre-mundos. O despertar para outros mundos para essas mulheres permitiu que entrassem em sintonia com o mundo de outras/os pessoas para assim aprender. Conforme vimos nas memórias evocadas por elas, prevaleceram certos nomes de pessoas que contribuíram em seus processos formativos. Tais processos são características daquelas e daqueles que se encontram no espaço da diferença colonial, lugar que permite, ou melhor, provoca o surgimento de novas enunciações, bem como é também o lugar da desobediência epistêmica. Assim, o espaço da diferença colonial consiste também em um ambiente de desobediência epistêmica.

Nesse sentido, a desobediência epistêmica na compreensão de Miñoso (2014, p. 203): “ha llegado el momento de una desobediência epistêmica amplia que derrumbe el

armazón de comprensión del mundo tal cual lo ha producido y ha sido impuesto por la modernidade occidental”. Miñoso se apropria do termo para se referir ao momento atual de produção latino-americana, com o surgimento de novos feminismos, dentre os quais destacamos o feminismo descolonial. É o momento da desobediência epistêmica, de desvencilhar do pensamento hegemônico eurocêntrico, contudo, sem eliminar suas contribuições, mas é principalmente pensar outras formas de pensamento e compreensão da realidade. Seguindo essa perspectiva lançada por Miñoso, podemos entender que as CEBs, mas especialmente, suas fontes primigênicas, ou seja, a teologia da libertação e a teologia feminista propiciaram um momento de desobediência epistêmica no bojo do cristianismo latino-americano. Por sua vez, as CEBs, na paróquia São Sebastião, provocaram a desobediência epistêmica ao elaborar materiais e formações que enunciavam a realidade das pessoas, com linguagem e símbolos, condizentes com as vivências do povo, mas que também fossem subsídios para a transformação do próprio ser das/dos participantes, conforme, sinalizaram várias das nossas colaboradas acima.

Nesse sentido, queremos fazer ainda uma última observação, tendo como referência o que nos disse Lesbaupin (1997, p.52) sobre o desenvolvimento das pessoas nos grupos de CEBs. “Nas CEBs, as pessoas são chamadas a expressar suas ideias, a falar: pessoas pobres, sem cultura letrada, sem acesso a outros estudos senão os primários, pessoas mais habituadas a escutar vão começar a falar; e acreditar em si mesmas, ou seja, a abandonar a tradicional desconfiança em sua própria capacidade”. As CEBs provocam nas pessoas adeptas a irrupção dos saberes e qualidades mais recônditas do ser humano. Esta questão será melhor desenvolvida no próximo tópico.

Ao acessar os materiais fornecidos pelas nossas interlocutoras e que nos foram disponibilizados, nos chamou a atenção a riqueza e a quantidade de subsídios elaborados pela paróquia, para a reflexão das comunidades de base, mas também encontramos cartas, convites para reuniões/encontros, relatório de assembleia paroquial, lista de presença dos encontros, todos estes impressos em mimeógrafos ou datilografados, instrumentos tecnológicos utilizados na época. Dentre as listas de presença, encontramos a do 1º Encontro de CEBs da Paróquia São Sebastião, realizado no dia 13 de setembro de 1987, no Centro Comunitário do bairro Maracanã. Deste encontro participaram 64 pessoas, sendo que das nossas colaboradoras estiveram presentes: Francisca Rodrigues, Olga Silva e M^a Rita Rios. O objetivo desse encontro foi o de refletir sobre a caminhada dos grupos de base da paróquia que, naquele

momento, estavam em expansão. Desse encontro elegeram a primeira equipe de animação das CEBs da paróquia, para atuar nos anos subsequentes, composta pelo Padre Tardin, outros dois homens e três mulheres, dentre essas M^a Rita Rios.

Ao ter contato com o conteúdo das cartilhas mencionadas pelas mulheres nas entrevistas, constatamos que são diversos e plurais os temas, em sua maioria atendem ao calendário eclesiástico católico, mas tratam também questões da conjuntura sociopolítica brasileira da época que exigiam uma reflexão. No que tange ao calendário eclesiástico, verificamos o estudo sobre a Campanha da Fraternidade do ano de 1989, que tinha como tema “A fraternidade e a Comunicação”. Esse estudo versava sobre o significado da quaresma na vida do cristão, e depois enuncia como também denuncia questões atinentes à comunicação, que nem sempre está a favor dos interesses dos mais pobres, pois omite a verdadeira realidade ou a manipula. Nesse sentido, cita como exemplo a morte do seringueiro e ambientalista Chico Mendes, ocorrida em 22/12/1988, e adverte que, concomitantemente, outras cinco pessoas haviam sido assassinadas, o que não foi noticiado. Outra Campanha da Fraternidade, de 1990, expôs o tema “A fraternidade e a Mulher e Homem: Imagem de Deus”. Esta temática nos chamou a atenção, pois está em concordância com a reflexão que temos desenvolvido no decurso desse estudo. O referido subsídio reflete sobre a situação da mulher naquele tempo, o descaso e o desconhecimento do seu trabalho, a opressão sofrida na sociedade, no matrimônio, a desigualdade entre mulheres e homens etc. Questões enunciadas escassamente pelas entrevistadas.

Assim, o processo formativo das CEBs, por meio dos materiais elaborados, foi formando a conduta pessoal, eclesial, social e cultural das mulheres da paróquia, lançando-as para espaços antes inimagináveis, como a política, a lideranças das suas comunidades, das associações de bairro, dos sindicatos, do conselho da criança e adolescente, o que demonstra que as CEBs provocaram certas fissuras e impulsionaram o empoderamento das mulheres. No entanto, o empoderamento experimentado pelas mulheres da paróquia São Sebastião pode ter ocorrido em alguns aspectos. Com isso, entendemos que o processo de empoderamento consiste na libertação das mulheres das amarras que causam a opressão, como também a subversão das relações patriarcais, ao desvencilhar da dominação masculina (LEÓN, 2002). E, a nosso ver, as mulheres não assumiram tais questões em suas trajetórias, mas afirmamos que houve empoderamento em alguns aspectos, porém, vale recordar que o empoderamento é um processo contínuo para a vida das mulheres.

Nas entrevistas e nas conversas estabelecidas com as mulheres contatadas para essa pesquisa, fomos extraindo aspectos que pudessem contribuir com a elaboração de um quadro com indicadores de empoderamento⁴¹, a serem verificados indícios de tal dimensão na vida das mulheres.

INDICADORES DE EMPODERAMENTO

M^a Rita Rios

TER- aquisição de casa, carro, dinheiro, ferramentas metodológicas (telefone residencial, celular, computador), viagens, cuidados pessoais, acesso à informação e à formação.

Antes das CEBs	Após as CEBs
	-Intensificação na formação no nível pastoral, participação em encontros diocesanos, estadual, intereclesiais
	Abertura de uma loja de artigos religiosos
	Contato com pessoas do universo das CEBs, que a ajudaram na sua formação

SABER e SABER FAZER- aquisição de conhecimento, leituras, capacidade de interpretação de fatos ocorridos no bairro e na cidade, interpretação de textos bíblicos, crítica e autocrítica diante dos acontecimentos pessoais, comunitários, sociais, eclesiais. Administração de bens, mediação de conflitos em casa, na comunidade.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Professora ensino básico	A participação a fez mais culta do que a faculdade, a fez mais gente
	Capacidade intelectual
Política entendida como politicagem pela experiência na família	Conscientização política
	Contribuição no crescimento de outras mulheres

QUERER- Medos, imagem de si mesma e das outras pessoas, crescimento/amadurecimento na fé, amor a si mesma, valores, coragem para tomar decisões sobre a própria vida.

Antes da CEBs	Após as CEBs
	Vivenciar os ensinamentos aprendidos na família

⁴¹Nos inspiramos no *Guía Metodológica-El proceso de empoderamiento de las mujeres, organizado pelo grupo de trabalho, Género y Indicadores de la Comisión de Mujeres y Desarrollo*, para a elaboração dos indicadores.

	Olhar o outro como igual como irmão
	Ver direitos respeitados
“Olhão de Deus”	Deus pai e mãe
Fé pouca esclarecida	Consciência da missão na Igreja

PODER- liberdade para assumir seus atos, capacidade de decisão, participação nas decisões da família, no trabalho, na comunidade, autonomia para exercer com liberdade seus direitos sexuais e reprodutivos, saber liderar grupos/pessoas, influência da igreja sobre sua vida.

Antes das CEBs	Após as CEBs
	Intensificou a capacidade de liderar as pessoas e grupos
Casamento, maternidade	Crítica e autocrítica da participação da mulher na Igreja
	Coragem para defender direitos dos outros
Pouco conhecimento	
	Encontra-se afastada das atividades pastorais da Igreja

M^a de Fátima Nascimento

TER- aquisição de casa, carro, dinheiro, ferramentas metodológicas (telefone residencial, celular, computador), viagens, cuidados pessoais, acesso à informação e à formação.

Antes das CEBs	Após as CEBs
pobreza	Conhecimento de si
Precariedade econômica e social	Confiança em si mesma
	Começou a trabalhar como salgadeira
	Participação nos cursos e formações da paróquia

SABER e SABER FAZER- aquisição de conhecimento, leituras, capacidade de interpretação de fatos ocorridos no bairro e na cidade, interpretação de textos bíblicos, crítica e autocrítica diante dos acontecimentos pessoais, comunitários, sociais, eclesiais. Administração de bens, mediação de conflitos em casa, na comunidade.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Não sabia se expressar	Aprendeu a falar
Pouco diálogo em casa por não saber	Expressar-se

como agir com os filhos	
Pouca consciência política	Conscientização política
	Dialogar com os filhos, incentivo aos estudos.
	Direito a ter voz e vez

QUERER- Medos, imagem de si mesma e das outras pessoas, crescimento/amadurecimento na fé, amor a si mesma, valores, coragem para tomar decisões sobre a própria vida.

Antes da CEBs	Após as CEBs
Medo de conversar	Aprendizado ao participar dos encontros
Possuía fé e rezava, mas era diferente	Possibilitou abertura
	Encontro consigo mesma
	Coragem

PODER- liberdade para assumir seus atos, capacidade de decisão, participação nas decisões da família, no trabalho, na comunidade, autonomia para exercer com liberdade seus direitos sexuais e reprodutivos, saber liderar grupos/pessoas, influência da igreja sobre sua vida.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Casamento	
Maternidade	Liderança de pessoas e grupos
Pouca expressão	Estar de acordo com a opinião no que se refere ao aborto
	A igreja possui influência na sua vida e decisões
	Continua frequente nas atividades pastorais da igreja

Celecina Madureira

TER- aquisição de casa, carro, dinheiro, ferramentas metodológicas (telefone residencial, celular, computador), viagens, cuidados pessoais, acesso à informação e à formação.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Precariedade econômica e social	Aquisição de casa, carro, sítio
Pobreza	Conhecimentos dos direitos enquanto mulher
Ausência de justiça social e política	Conhecimentos, direitos sociais, lutas para a conquista desses bens
Pouco estudo até 4ª série	Faculdade de pedagogia
Casa de aluguel	Conquista do trabalho remunerado através de concurso
Falta de transporte público e particular (dirigia-se a pé para a escola)	

Dona de casa	
--------------	--

SABER e SABER FAZER- aquisição de conhecimento, leituras, capacidade de interpretação de fatos ocorridos no bairro e na cidade, interpretação de textos bíblicos, crítica e autocrítica diante dos acontecimentos pessoais, comunitários, sociais, eclesiais. Administração de bens, mediação de conflitos em casa, na comunidade.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Desconhecimento dos direitos, da sociedade, da igreja, da política	Lutar, não desanimar diante dos desafios
	Experiência adquirida
	Formações paroquiais com materiais elaborados para a reflexão dos grupos
	Protagonismo e liderança na igreja
	Conhecimentos e experiência colocados a serviço da família em especial dos filhos

QUERER- Medos, imagem de si mesma e das outras pessoas, crescimento/amadurecimento na fé, amor a si mesma, valores, coragem para tomar decisões sobre a própria vida.

Antes da CEBs	Após as CEBs
Rezava o terço	Participação consciente na vida a igreja.
Timidez	Liderança na associação de bairro e da comunidade
Casamento	Confiança em si mesma
Maternidade	Capacidade de dialogar com pessoas do poder público

PODER- liberdade para assumir seus atos, capacidade de decisão, participação nas decisões da família, no trabalho, na comunidade, autonomia para exercer com liberdade seus direitos sexuais e reprodutivos, saber liderar grupos/pessoas, influência da igreja sobre sua vida.

Antes das CEBs.	Após as CEBs.
O desconhecimento provocava o medo	Capacidade de unir fé e vida
	Liderança na comunidade
	Busca por melhorias nas condições de vida das pessoas
	Conscientização de outras mulheres nas relações com os maridos.
	Continua frequente nas atividades pastorais da igreja

Francisca Rodrigues

TER- aquisição de casa, carro, dinheiro, ferramentas metodológicas (telefone residencial, celular, computador), viagens, cuidados pessoais, acesso à informação e à formação.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Vivência na zona rural com os pais e doze irmãos	Conhecimento de outras questões concernentes à política, à sociedade e à Igreja
Trabalhos em outros municípios como doméstica	
Participação na igreja e a reza do terço	Estudou ensino médio e curso técnico de enfermagem
Estudou até a 4ª série	Aquisição de casa
	Trabalho

SABER e SABER FAZER- aquisição de conhecimento, leituras, capacidade de interpretação de fatos ocorridos no bairro e na cidade, interpretação de textos bíblicos, crítica e autocrítica diante dos acontecimentos pessoais, comunitários, sociais, eclesiais. Administração de bens, mediação de conflitos em casa, na comunidade.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Visão da política como “politicagem”	Formações no âmbito da paróquia, diocese, estadual das CEBs
	Formação da consciência crítica
	Encontros da paróquia, diocese e no âmbito estadual
	Mudanças no comportamento, nas ações, aprendeu a se comunicar
	Aprendizado com outras mulheres da caminhada

QUERER- Medos, imagem de si mesma e das outras pessoas, crescimento/amadurecimento na fé, amor a si mesma, valores, coragem para tomar decisões sobre a própria vida.

Antes da CEBs	Após as CEBs
Fé pouco esclarecida	Fé comprometida
	Prestação de serviço gratuito às pessoas idosas da comunidade que necessitam de apoio
	Confiança em si mesma
	Comprometimento com a igreja

PODER- liberdade para assumir seus atos, capacidade de decisão, participação nas decisões da família, no trabalho, na comunidade, autonomia para exercer com

liberdade seus direitos sexuais e reprodutivos, saber liderar grupos/pessoas, influência da igreja sobre sua vida.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Casamento	Liderança comunitária
Maternidade	Protagonismo comunitário
	Capacidade de gerir recursos humanos nas comunidades urbanas e rurais
	Influente na vida da comunidade
	Concordância com a visão da igreja acerca do aborto, divórcio
	Participação ativa nas atividades pastorais da igreja

Flávia Almeida

TER- aquisição de casa, carro, dinheiro, ferramentas metodológicas (telefone residencial, celular, computador), viagens, cuidados pessoais, acesso à informação e à formação.

Antes das CEBs	Após as CEBs
8ª série	Faculdade de pedagogia
Poucos recursos financeiros e materiais	Pós-graduação
Família muito religiosa rezavam o terço todos os dias.	Professora concursada pela prefeitura da cidade de Montes Claros
	Mudança de vida
	Reconstrução da vida
	Melhoria na casa

SABER e SABER FAZER- aquisição de conhecimento, leituras, capacidade de interpretação de fatos ocorridos no bairro e na cidade, interpretação de textos bíblicos, crítica e autocrítica diante dos acontecimentos pessoais, comunitários, sociais, eclesiais. Administração de bens, mediação de conflitos em casa, na comunidade.

Antes das CEBs	Após as CEBs
	Crescimento na vida comunitária/liderança protagonismo
Igreja templo	Igreja Povo de Deus-fé e vida
	Comunidade de irmãos e espaço de ação
	Protagonismo na organização do povo para lutar em busca de recursos para o bairro

QUERER- Medos, imagem de si mesma e das outras pessoas, crescimento/amadurecimento na fé, amor a si mesma, valores, coragem para tomar decisões sobre a própria vida.

Antes da CEBs	Após as CEBs
Medo	Transformação interior/espiritualidade
Vergonha	Crescimento no conhecimento dos direitos humanos e sociais
Timidez	

PODER- liberdade para assumir seus atos, capacidade de decisão, participação nas decisões da família, no trabalho, na comunidade, autonomia para exercer com liberdade seus direitos sexuais e reprodutivos, saber liderar grupos/pessoas, influência da igreja sobre sua vida.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Casamento	Crescimento no relacionamento com os filhos e o marido
Maternidade	Candidata à vereadora por duas eleições
	Conselheira de direito da criança e adolescente
	Mantem participação ativa na vida da igreja

M^a Isméria Ezequiel

TER- aquisição de casa, carro, dinheiro, ferramentas metodológicas (telefone residencial, celular, computador), viagens, cuidados pessoais, acesso à informação e à formação.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Escassez de recursos econômicos	Aquisição de casa, carro, sítio
Vida na zona rural	Aprendizado com o povo
Trabalho pesado	Liderança no trabalho com comunidades de base urbana e rural
Estudos até 4 ^a série	Reconhecer as necessidades dos outros
Precariedade da região onde foi morar	Formações diversas

SABER e SABER FAZER- aquisição de conhecimento, leituras, capacidade de interpretação de fatos ocorridos no bairro e na cidade, interpretação de textos bíblicos, crítica e autocrítica diante dos acontecimentos pessoais, comunitários, sociais, eclesiais. Administração de bens, mediação de conflitos em casa, na comunidade.

Antes das CEBs	Após as CEBs
	Aprendizados para a vida
	Encontros, formações, grupos, cartilhas
	Autonomia para tomar decisões no âmbito da família

QUERER- Medos, imagem de si mesma e das outras pessoas, crescimento/amadurecimento na fé, amor a si mesma, valores, coragem para tomar decisões sobre a própria vida.

Antes da CEBs	Após as CEBs
	Amadurecimento na fé e como mulher
Dominação pelo marido	Crescimento da autoestima
Perda da liberdade	

PODER- liberdade para assumir seus atos, capacidade de decisão, participação nas decisões da família, no trabalho, na comunidade, autonomia para exercer com liberdade seus direitos sexuais e reprodutivos, saber liderar grupos/pessoas, influência da igreja sobre sua vida.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Medo	Autonomia
Submissão	Coragem
Desconhecimento de direitos	Liberdade para ir e vir
Violência doméstica	Decisão sobre a própria vida
	Continua frequente nas atividades pastorais da igreja

M^a de Fátima Monção

TER- aquisição de casa, carro, dinheiro, ferramentas metodológicas (telefone residencial, celular, computador), viagens, cuidados pessoais, acesso à informação e à formação.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Desinformação	Melhorou a casa, carro, telefone
Desconhecimento	
Pouco estudo	Conclusão do Ensino Médio
	Participação e intensificação nas formações
	Aquisição de conhecimento

SABER e SABER FAZER- aquisição de conhecimento, leituras, capacidade de interpretação de fatos ocorridos no bairro e na cidade, interpretação de textos bíblicos, crítica e autocrítica diante dos acontecimentos pessoais, comunitários, sociais, eclesiais. Administração de bens, mediação de conflitos em casa, na comunidade.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Pouca leitura	Capacidade de análise crítica da realidade
	Reivindicar direitos
	Autonomia

QUERER- Medos, imagem de si mesma e das outras pessoas, crescimento/amadurecimento na fé, amor a si mesma, valores, coragem para tomar decisões sobre a própria vida.

Antes da CEBs	Após as CEBs
Baixa autoestima	Reconhecimento de si
Depressiva	Confiança em si mesma
Dependência	Alegria
Subordinação	Coragem
Falta de autonomia	

PODER- liberdade para assumir seus atos, capacidade de decisão, participação nas decisões da família, no trabalho, na comunidade, autonomia para exercer com liberdade seus direitos sexuais e reprodutivos, saber liderar grupos/pessoas, influência da igreja sobre sua vida.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Casamento	Capacidade de gerir recursos humanos e financeiros
Maternidade	Influência na comunidade
Dependência do marido	Poder de decisão sobre sua própria vida
Violência psicológica no ambiente doméstico	
	Atualmente, mantém uma participação atividades pastorais, porém, não com a mesma intensidade e frequência de antes

Olga Silva

TER- aquisição de casa, carro, dinheiro, ferramentas metodológicas (telefone residencial, celular, computador), viagens, cuidados pessoais, acesso à informação e à formação.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Precriedade econômica e social do bairro	Intensificação das formações

SABER e SABER FAZER- aquisição de conhecimento, leituras, capacidade de interpretação de fatos ocorridos no bairro e na cidade, interpretação de textos

bíblicos, crítica e autocrítica diante dos acontecimentos pessoais, comunitários, sociais, eclesiais. Administração de bens, mediação de conflitos em casa, na comunidade.

Antes das CEBs	Após as CEBs
Conhecimento raso sobre a igreja	Capacidade de análise crítica e autocrítica
	Capacidade de gerir recursos humanos
	Reivindicar direitos

QUERER- Medos, imagem de si mesma e das outras pessoas, crescimento/amadurecimento na fé, amor a si mesma, valores, coragem para tomar decisões sobre a própria vida.

Antes da CEBs	Após as CEBs
	Conhecimento de si
Ausência da liberdade	Autoconfiança
	Força

PODER- liberdade para assumir seus atos, capacidade de decisão, participação nas decisões da família, no trabalho, na comunidade, autonomia para exercer com liberdade seus direitos sexuais e reprodutivos, saber liderar grupos/pessoas, influência da igreja sobre sua vida.

Antes das CEBs	Após as CEBs
	Candidata à vereadora
Limitações	Conscientização política
	Liderança comunitária
	Continua frequente nas atividades pastorais da igreja

Os aspectos apresentados nos indicadores de empoderamento sugerem que as mulheres das CEBs da paróquia São Sebastião alcançaram empoderamento no tocante ao conhecimento, visto que algumas retornaram à escola, outras fizeram graduação e pós-graduação, isso permitiu que assumissem postos de trabalhos públicos ou privados e, ainda, se capacitassem para o trabalho nas comunidades. Outro aspecto que indica que houve empoderamento das nossas colaboradoras foi no campo político, não somente a política partidária, mas também o entendimento da política como bem comum, no âmbito da justiça social. A conscientização política mencionada nos relatos das mulheres foi o fio condutor na busca de verificar as causas que geravam a extrema pobreza das suas comunidades e tal conscientização impulsionou Flávia Almeida e Olga Silva a concorrerem as eleições municipais da cidade, ambas não lograram o pleito, no

entanto, mostraram que são capazes de assumir tal posto, ainda considerado espaço de poder masculino. Um terceiro aspecto indicativo de empoderamento se refere à liderança e o protagonismo dessas mulheres, assumidos nas comunidades. Os conhecimentos adquiridos auferiram a elas autoconfiança e coragem para enfrentar os poderes públicos, mas também em suas próprias casas com seus filhos e companheiros. Questões como gênero, direitos das mulheres, embora todas por unanimidade tenham afirmado que a participação as fizeram buscar seus direitos, não estão relacionadas aos direitos reprodutivos das mulheres, à sexualidade, dentre outras.

Por essas questões expostas, percebemos que o empoderamento de mulheres nos espaços religiosos cristãos, predominantemente patriarcais e machistas, ainda incorrem em um desafio. León (1997, p. 20) alerta para os desafios dos processos de empoderamento das mulheres: “los procesos de empoderamiento son, para las mujeres, un desafío a la ideología patriarcal con miras a transformar las estructuras que refuerzan la discriminación de género y la desigualdad social. El empoderamiento, por lo tanto, se entiende como un proceso de superación de la desigualdad de género”. O processo de empoderamento de mulheres, na visão de León, precisa ser capaz de provocar a já cristalizada ordem patriarcal, pois torna-se um desafio para a sociedade latino-americana, mas também outras que vivenciaram em seu processo de formação a intervenção colonial eurocêntrica, que culminou na reinvenção de seus povos, culturas e crenças. E o que nos chama a atenção é que muitas mulheres que assumem os espaços sagrados do cristianismo, não raras vezes compactuam com os discursos misóginos e androcêntricos que oprimem e invisibilizam a mulher. É o que denotam algumas questões relatadas pelas mulheres, no que diz respeito ao divórcio, aos contraceptivos e ao aborto, sobre o qual dissertaremos nos tópicos seguintes.

3.2 “... E tínhamos mulheres, mulheres de raça mesmo”. **M^a Rita Rios (2018)**

O ideário das CEBs fundamentado no exercício formativo da transformação das causas, que geram a pobreza de uma grande maioria de seres humanos, forneceu um cabedal de conhecimentos para as mulheres da paróquia São Sebastião, que as capacitaram e as projetaram para o campo da política partidária, mas também o entendimento do que seja a política e o significado desse termo em uma sociedade marcada por exclusão e opressão. Dessa forma, as CEBs muniram as participantes de

uma capacidade combativa na defesa dos direitos pessoais e comunitários, as imbuíram de coragem e força para alcançar os mais necessitados da paróquia, assumir a causa de todos eles diante dos poderes públicos, bem como contribuir com o processo formativo e na transformação de vida de muitas pessoas.

As narrativas das mulheres das CEBs são narrativas em que se constroem, reconstroem e se ressignificam pessoalmente, pastoralmente, sobretudo quanto à identidade feminina por meio de um trabalho audacioso e ousado na defesa das minorias da paróquia cerceadas dos direitos básicos de sobrevivência. Nas palavras de Teixeira (1987, p.195), as mulheres participantes das CEBs “revelam-se o motor dinamizador das CEBs”. Em concordância com o autor, as adeptas da paróquia São Sebastião protagonizaram ações nas comunidades que as dinamizaram e repercutiram em outros espaços da sociedade montesclarensense, transformando suas trajetórias de vida. Vale destacar que, naqueles tempos, ou seja, as décadas de 1980 e 1990, a escassez de recursos humanos, financeiros e tecnológicos, a ausência de leis que assegurasse à vida das mulheres no tocante à violência doméstica, pelas narrativas, não foram empecilhos para que as mulheres levassem a cabo a missão.

Podemos considerar que as CEBs, em certa medida, liberaram as mulheres do jugo doméstico e as lançaram para a sociedade, conforme pode ser verificado nas falas. Sendo assim, as comunidades de base emergem na vida das mulheres da paróquia São Sebastião e transformam o medo, a desconfiança, a tristeza, a timidez em coragem, audácia, ousadia para enfrentar os embates sociais. Por isso, tomamos como subtítulo para esse tópico umas das falas da nossa entrevistada **M^a Rita Rios** que, ao ser questionada sobre tal afirmativa, respondeu:

[...] (risos) porque assim... é além dessa participação intensa da vida, da transformação da sociedade como um todo, eu vi e tiro o chapéu pra muitas que transformaram a própria vida, né? Pessoas assim que mal sabiam ler e que hoje tão aí formadas com curso superior, com empregos. Vi muita gente que tinha medo de olhar de cara, fixar os olhos nos outros e que hoje são pessoas transformadas.

A resposta em evidência expressa o que significou a adesão pessoal dessas mulheres às CEBs. Para David Regan (1995, p. 248), “participar nas CEBs é importante para as donas de casa em larga medida porque lhes abre horizontes, ajuda-as a superar medos do mundo fora de casa, e tira-as do isolamento levando a novas amizades e experiências”. Esse pensamento de Regan exemplifica o que ocorreu com as mulheres

donas de casa, mães, migrantes, negras, brancas, moradoras da periferia da cidade de Montes Claros e que fizeram a experiência das comunidades de base. Para estas mulheres, as CEBs possibilitaram crescimento no âmbito dos direitos, elas começam a desafiar seus cônjuges e a reivindicar seu direito no ambiente doméstico, desvencilhando-se da submissão e da obediência, como já apresentado nas falas de M^a Isméria Ezequiel e M^a de Fátima Monção. As CEBs concederam outras visões de mundo e de inserção. Vejamos mais algumas narrativas que apontam para o trabalho corajoso e destemido realizado pelas mulheres.

M^a Rita Rios aponta para o trabalho intenso que ela e outras mulheres assumiram nas inúmeras comunidades (entre urbanas e rurais) que compunha a paróquia naquela época.

Eram ao todo, parece... que mais de 50 comunidades rurais que a paróquia tinha. E nenhuma ficava sem missa, nenhuma ficava sem encontro, às vezes, a gente saía de casa de segunda a segunda, já nem pensando em domingo, a gente dormia nas roças, e encontrava o pessoal, fazia núcleos, e depois a cada primeiro sábado esse pessoal vinha pra cidade, então, foi muito forte. Agora aqui na paróquia na sede, nós tivemos um período bem interessante dos grupos de base, especialmente em São Judas.

Em concordância com M^a Rita Rios, a colaboradora **Francisca Rodrigues** enfatiza o trabalho realizado com as comunidades rurais e a presença de padres, bem como da própria M^a Rita Rios, que foram importantes na caminhada e que favoreceram o aprendizado, tal como explicitou:

Trabalhei com as comunidades rurais, com Pe. Kiyti, Pe. Tardin, Pe. César, esses padres que passaram aqui na paróquia, Isméria, tinha uma equipe rural, Rita Ornelas. Rita foi uma grande contribuidora da minha vida, sabe? Foi uma grande pessoa na minha vida, aprendi muito com ela. O padre Tardin pra mim foi um professor, ele nos ajudou muito, não só na questão espiritual, mas também essa questão social, financeira né? Aprendi muito com irmão João Luiz com aquele jeito (risos).

Nas palavras de Francisca Rodrigues, as CEBs estabeleceram um espaço de ajuda mútua entre as mulheres participantes. O aprendizado não ocorria somente no âmbito das formações oferecidas pela paróquia, mas tais mulheres buscavam enriquecer umas às outras em uma atitude criadora de sentido, como podemos ver no relato acima, mas também de outras mulheres. Denotamos certa gratidão por parte das entrevistadas

ao mencionar pessoas que foram importantes na trajetória de participação nas CEBs, porque as possibilitaram reler a vida e o mundo e transformá-lo.

Ao ler esses fragmentos das entrevistas de Rios e Rodrigues nos lembramos do livro *Vida Religiosa da Teologia Patriarcal à Teologia Feminista. Um desafio para o futuro* de Ivone Gebara ao descrever de forma poética a situação de exclusão, abandono, violência, pobreza etc de inúmeras mulheres, em meio a tais situações emergem mulheres corajosas que não medem esforços para fazer a vida da/do outra/o melhor. Assim, indica (1992, p. 65) que “há tantas Judites guerreiras, sempre prontas a ajudar em qualquer movimento de reivindicação, sempre prontas a dizer a palavra certa na hora certa”. As mulheres que fizeram parte das CEBs da paróquia São Sebastião foram figuras altruístas naquele tempo em que permeava um cenário social desolador. Francisca Rodrigues ainda nos contou outros fatos que demonstram o trabalho realizado pelas CEBs, especialmente, dirigido pelas mulheres:

Me lembro da ocupação no Ciro dos Anjos. Demos muita assistência. No Ciro dos Anjos, era só um matagal, na época o pessoal colocou barracas, e nós demos assistência. Ajudava as famílias, animava o povo, levava alimentos, e nós sempre enfrentou muitos desafios. A polícia ia derrubava os barracos e nós levantava de novo. Tivemos muitos momentos bons. Eu lembro essas casinhas aqui da baixa, um dia de noite chovendo, a gente saiu caçando gente nessa baixa, que tinha uns barraquinhos pra ver como estava a situação. Olha pra você ver o risco que a gente corria, de noite dentro de enchente. Hoje eu lembro, nós era corajoso demais. Mas aquilo era o ensejo do momento. No Canelas aqui, foi a mesma coisa...Veio uma grande enchente que inundou tudo, carregou gente, quando baixou a enchente só via gente colocando móveis, feira, pondo tudo pra fora pra carregar, desfazendo. A gente reuniu na igreja, fez aquelas panelas de comida, levou lá, caçou uma casa mais alta, colocamos a comida pro povo alimentar, a tarde levava lanche, café. Batia na porta das famílias oferecendo. Por quê? Eles estavam sem condições... fizemos grandes campanhas, a igreja mobilizou, sabe? Pra ajudar esse povo. Então, foi tantos momentos assim, né?

A colaboradora **Celecina Madureira** fez menção ao ardoroso trabalho empreendido como presidente da associação do bairro Santo Inácio com outras mulheres que possuíam como principal objetivo a construção de uma escola no bairro, mas outras questões concernentes às transformações no bairro, apontadas por ela, também acompanhava as agendas dessas mulheres, conforme afirmou:

[...] nós conseguimos trazer a escola pra cá. Essa escola aí Monsenhor Gustavo. Na época, eu era a presidente da associação, o objetivo maior desse grupo, dessa associação na época, era a escola. A gente já tinha conseguido a água, não era aquela água encanada como da Copasa, mas a gente tinha conseguido o caminhão pipa, ele vinha e fornecia, e trazia o caminhão, trazia água para as casas. Então, o objetivo maior era a escola, então reunimos na delegacia de ensino na época, a delegada de ensino nos atendeu muito bem e, foi assim que conseguimos trazer essa escola pra cá, através de petição, organização, mas isso foi com muita dificuldade, dava um passo pra frente, dois pra trás (risos). Mas deu certo a escola tá aí, tem até o ensino médio, graças a luta nossa, primeiro começou a funcionar na própria associação da sede. E aí eles falaram que nós tinha que conseguir uma casa para a escola, porque a associação não comportava os alunos, porque era bem pequenininha só dois cômodos, aí nós fomos batalhar pedir material de construção nos depósitos... mão de obra também, os pais dos alunos, as mulheres faziam o lanche levava lá, uma união muito bonita.

Em sua entrevista, **Flávia Almeida** evocou os embates com a prefeitura da cidade acerca das pessoas que construíram casas de lona em um bairro da paróquia, assim como destaca o trabalho que realizaram em defesa desses moradores, com a pretensa do amor a/ao outra/o cristão. Segue abaixo seu relato:

O povo do Ciro dos Anjos sofria bastante com umas casas de lona, aí na época as irmãs fizeram um projeto para tentar construir pelo menos construir um barracão para estas pessoas. A prefeitura na época mandou um trator para derrubar todas as lonas, e nós fomos para cima, teve mães que jogavam os filhos dentro das lonas para não passar o trator. Quando você começa entender o amor, a dar valor à vida, você não mede consequências parte pra luta mesmo... E luta para que a prefeitura não tirasse esse povo, mas que construísse casinhas para que o povo pudesse viver, nós vencemos. Fomos ajudando outras pessoas a ter seu lugar digno para viver, juntava a mulherada, ia alguns homens, mas era mais mulheres. Aí cê vai construindo...

Essa mesma colaboradora, movida por um desejo de transformação social e humano, assumiu o Conselho de Direito da Criança e Adolescente da cidade e nos falou sobre sua atuação nesse conselho:

[...] teve momentos que sai, e minha família nem sabia onde eu estava porque tinha que mudar de lugar muitas vezes para preservar a vida, e defender os meninos da morte. Resgatar meninas na zona rural que sofria abusos... coisas absurdas, hoje as pessoas nem acredita que Montes Claros teve isso. Meninos órfãos. Acredito que em tudo isso as CEBs ajudou, talvez, se não tivesse participado não teria essa força e coragem.

Nessa mesma perspectiva, lançada pela colaboradora acima, **M^a. Isméria Ezequiel** evidenciou o início do bairro **Ciro dos Anjos** e o trabalho despretensioso realizado que consistia, segundo ela, no cuidado com o povo. Outro aspecto mencionado também foi a elaboração de abaixo-assinados com o intuito de reivindicar direitos dos poderes públicos.

Esse bairro aqui do **Ciro dos Anjos** foi fundado bem naquele auge das CEBs, a gente ia pra lá cuidar daquele povo, cortava cabelo, tirar piolho, cê precisa de ver. E hoje já não tem isso mais. Então, a gente cuidava muito, enfrentava a polícia que chegava para tirar eles de lá. Foi através das CEBs que nós fizemos vários abaixo-assinados pra gente conseguir direitos, tem leis aprovadas até hoje daquele tempo.

Letícia Rocha: Um exemplo de lei que se atribui a essa luta de vocês?

M^a Isméria Ezequiel: Lei da Ficha limpa foi, por exemplo, esse foi trabalho das CEBs. Tem muita coisa agora a gente não lembra, mas foi luta nossa, dos grupos de CEBs.

Já para **Olga Silva**, as pessoas inseridas nas CEBs lutavam por tudo em busca do bem comum. Ela destacou a importância de unir fé e vida:

Lutávamos por tudo, reuníamos com muita facilidade, sabe? Se a conta de uma pessoa vinha muito grande, a gente reunia umas 40 pessoas pra ir para Copasa pra reivindicar, porque não tinha condições da conta vir tão alta. Os ônibus quantas vezes já fomos um grupo na prefeitura para falar que não estava de acordo com a lei, o aumento do preço, as pessoas não podiam pagar. Então, a gente reunia e conseguia tudo que a gente queria tudo à luz da bíblia. O que levava em conta era a fé e a vida.

Com os relatos em voga, no caso, queremos mostrar que as mulheres assumiram e levaram a cabo as reflexões empreendidas nos grupos de base, exercendo um trabalho corajoso e despretensioso diante das inúmeras comunidades da paróquia. O que pode ser percebido ao deixar suas famílias, passar dias ininterruptos nas comunidades com o intuito de prestar assessorias destinadas às pessoas, assim como buscar recursos como água, luz, rede de esgoto, saneamento básico, escola, construção de casas, campanhas para angariar fundos na construção de casas ou outros, abaixo-assinados para reivindicar dos vereadores ou mesmo do prefeito melhores condições para os bairros etc. Do mesmo modo, na efetivação de leis como no caso da Lei da Ficha da Limpa⁴², ao

⁴² Aprovada em 2010 na Câmara dos Deputados e no Senado, esta lei tem como objetivo a lisura no processo eleitoral e proíbe o candidato que estiver com o nome cassado a se candidatar a qualquer cargo público.

assumir a presidência da associação de bairro, como também a presidência do Conselho Municipal de Direito de Criança e Adolescente.

Todos esses empreendimentos encetados pelas mulheres das CEBs na década de 1980 e 1990 consolidaram-se na paróquia e na diocese, sendo que permanecem até os dias atuais. Por exemplo, a Escola Estadual Monsenhor Gustavo, situada no bairro Santo Inácio, se mantém e atende crianças, jovens e adultos desde o ensino fundamental, médio e o EJA⁴³, a construção de casas no bairro Ciro dos Anjos, a aquisição dos lotes e casas no bairro Santa Luzia, dentre outros. Tais mulheres defrontaram-se com desafios próprios daquele tempo e buscaram apoio nos próprios e exíguos recursos que possuíam, porém, de maneira criativa, construíram uma nova história dentro do espaço marginal sertanejo.

Rosado Nunes (1996, p. 62) sugere que “as práticas pastorais desenvolvidas nas comunidades e as novas interpretações do discurso teológico tradicional conduziram as mulheres a buscar uma autonomia de ação e de pensamento que a própria Igreja deve restringir, em função do controle de fiéis, particularmente das mulheres de que ela necessita”. Nessa perspectiva lançada por Rosado Nunes, as ações das CEBs provocaram um efeito inesperado, pois estas comunidades foram responsáveis por conceder novos direcionamentos para a vida das mulheres participantes, alcançar novos espaços de atuação, como é o caso a política, campo ainda predominantemente masculino. Notadamente, no que se refere à política, as mulheres alcançaram um alto nível de compreensão e participação. Percebemos a partir das falas das colaboradoras que as CEBs foram a porta de entrada para a compreensão e conscientização política, mas também do engajamento partidário. Tal questão sobressaiu nas falas de todas as mulheres entrevistadas.

Ao evocar a política nesse contexto das mulheres das CEBs, se faz importante lembrar que o feminismo descolonial é também um movimento de cunho político. Vale salientar que foi desenvolvido a partir de um pensamento crítico e político ao enunciar questões até então ignoradas pelas epistemologias hegemônicas do norte. Como enfatiza Pichardo (2009, p. 3), “la descolonización para nosotras se trata de una posición política que atraviesa el pensamiento y la acción individual y colectiva, nuestros imaginarios, nuestros cuerpos, nuestras sexualidades, nuestras formas de actuar y de ser en el mundo”. No feminismo descolonial, se atribui a função política como prática que

⁴³ Ensino de Jovens e Adultos.

permite desestabilizar os sistemas dominadores vigentes que são excludentes e opressores. Ao observar os relatos das colaboradoras, percebemos que as CEBs apresentaram a elas outro modo de ver a política, como um caminho na busca de uma sociedade mais humana e igualitária. No entanto, pensar a política de modo que perpassa outros campos da vida, como propõe o feminismo descolonial, ainda resulta em um desafio para as mulheres das CEBs, visto que elas focaram na marginalização e na exclusão dos povos da paróquia, desconsiderando outras dimensões como a sexualidade.

O foco na marginalização e na exclusão das pessoas da paróquia conduziu Flávia Almeida e Olga Silva a se projetarem na política partidária. As duas se candidataram ao cargo público de vereadora, porém, não lograram vencer o pleito. Compartilhamos os relatos de ambas atinentes à experiência no campo da política partidária.

Flávia Almeida

Letícia Rocha: Conta-nos sobre sua experiência política.

Flávia Araújo: Na verdade, a gente quer uma vida melhor para todo mundo. Vendo esse sofrimento de tentar lutar para que a gente tivéssemos esse espaço, e sabendo que é papel do poder público a gente não via isso, eles não tava nem aí. Então, umas pessoas, vimos que a fé e a política não pode andar separado, então, falaram Flávia é você, que vai nos representar. Aí eu falei que não sentia preparada, sempre que ia pegar uma missão não sentia que estava preparada. Aí teve uma pessoa, um rapaz que falou que já havia feito até a música da campanha... Outros fizeram panfleto, camiseta, mimeografaram alguns santinhos, o povo era simples, mas muito criativo.

Letícia Rocha: Qual o ano da sua candidatura?

Flávia Araújo: Não me lembro vou ficar te devendo Letícia⁴⁴. Teve umas pessoas que falou que ia fazer uma proposta mimeografada. Encontrei um senhor que doou alguns santinhos de presente para a campanha. A gente queria uma candidatura que fosse do povo, que lutasse pelo bem do povo. E como a gente não tinha dinheiro... E tinha mais essa, teve alguém do grupo que falou: é o seguinte, você tem que se filiar a algum partido político. Aí nós fomos estudar, porque eu não conhecia direitos os partidos e as propostas. Nós fomos estudar os partidos, e o que tinha mais a ver com as nossas lutas, e o que compartilhava de nossas luta era o PT, as ideias eram as mesmas. Algumas pessoas tiveram resistências, mas aí filiamos. Aí eu filiei no partido dos trabalhadores, e fiquei conhecendo muita gente. Não ganhamos o pleito, mas ganhou mais luz, mais luta, porque ganhar a eleição não é simplesmente ganhar o cargo.

Letícia Rocha: E você teve uma boa votação?

Flávia Araújo: Comparando o número de pessoas daquela época, e de pessoas que não conscientes, porque até a própria igreja naquela época não podia falar muito. Inclusive, teve um padre quando nós saímos para divulgar, não recebeu a gente, não aprovou.

⁴⁴ Realizamos uma pesquisa na internet e detectamos que ocorreu no de 1992. Nos anexos, foto da candidatura de Flávia Araújo.

Letícia Rocha: Mas por quê?

Flávia Araújo: Falou que nós não podíamos misturar política com igreja.

Letícia Rocha: Nessa época, você sentia resistência na Igreja por parte dos padres e das pessoas, por ser mulher?

Flávia Araújo: Na verdade, quando fui filiar eu não tive essa abertura, me falaram: moça vai nem que você seja uma candidata fria. Eu perguntei o que é isso? Me responderam: Uma candidata fria é só com o nome para completar a legenda. Eles não preocupavam da mulher na política, para discussão, mas importante completar a vaga só isso. Ao final, nós o grupo que era um muito pequeno, avaliamos como muito bom o processo, tivemos 200 e poucos votos, naquela época foi bastante expressivo. Aí quando tentamos a segunda vez, o grupo cresceu, eu fiquei muito assustada da primeira, a gente passa por muita coisa. Aí eu me candidatei de novo e foi mais forte, quando apresentava a candidatura de base, o poder podia fazer campanhas com maior divulgação de rádio, TV. Aí não elegi. Da terceira vimos que era difícil mesmo e desistimos, então, apostamos na juventude, em outra pessoa.

Vendo muito sofrimento das pessoas na região, na cidade, muita prostituição, eu resolvi candidatar ao conselho de direito de criança e adolescente. Eu comecei a estudar sobre os conselhos para tentar uma vaga no conselho. Entrei no conselho tutelar, com a ajuda do povo, ganhamos. Pude defender graças a Deus o foro de Montes Claros. Se não tiverem queimado o arquivo tem muitas histórias de muitos meninos que acompanhei, ameaçados...

Olga Silva

Letícia Rocha: Quais ações dessa época que você se lembra, algum fato?

Olga Silva: Essa abertura que a gente tem para falar de política, antes se falava que política e religião são diferentes. Deu pra notar que também a política está dentro da religião, porque as duas coisas se fundem, né? A gente mesmo tem que abrir a cabeça os horizontes para mexer com política. Eu mesma já fui candidata a vereadora uma época. Pela igreja, só não ganhei.

Letícia Rocha: Qual partido?

Olga Silva: PST. Então, assim, a gente fica mais aberta, de olho na vida de políticos. Nós tínhamos um grupo chamado ECAM, ia toda a semana assistir as reuniões da Câmara. Era muito bom esse grupo sabia o que estava acontecendo.... tudo isso a gente deve às CEBs.

A conscientização política alimentada no bojo das comunidades suscitou nessas mulheres um desejo de construir uma vida digna para todas as pessoas, embora a inserção em tais comunidades não seja conscientemente política, culmina em mudanças na mentalidade das mulheres participantes (REGAN, 1995). As mulheres imbuídas dessa conscientização política envidaram esforços no sentido de busca por melhorias que pudessem mudar a vida das pessoas das comunidades. Flávia Almeida e Olga Silva viram no comprometimento político partidário um caminho de resolução de grande

parte dos problemas que afetavam a população da paróquia, mas também da cidade. A participação nas comunidades de base, as formações e as reflexões das cartilhas contribuíram extensamente para a compreensão e a necessidade de uma prática concreta no campo político. Além disso, as necessidades das pessoas, tudo isso motivava essas duas mulheres citadas a se candidatarem ao cargo de vereadoras.

Verificamos dentre os materiais elaborados na paróquia alguns que fazem alusão ao momento político da época, mas também à formação continuada das comunidades. Manuseamos um estudo elaborado em função da campanha presidencial do ano de 1989, que evocava a inquietação e a expectativa das cidadãs e cidadãos para a escolha do novo presidente, o desânimo político que se abatia sobre a nação e, por outro lado, exaltava a conscientização política alcançada pelas pessoas. No final, foi apresentada uma lista dos principais nomes dos presidenciáveis.

Da extensa e detalhada narrativa emoldurada por Flávia Almeida, destacamos alguns aspectos de interesse nesse estudo. No tocante à resistência da candidatura de uma mulher, entendemos que, historicamente, o campo da política é um campo essencialmente masculino. Sandra Duarte de Souza (2015 p. 1262) chama atenção para tal questão: “A esfera política, considerada ‘lugar de homem’, tem sido uma das mais herméticas à participação feminina em todo o mundo”. Nas palavras de Souza, se anuncia a influência machista na atuação política de mulheres, assim como os desafios que supõe esse meio considerado historicamente masculino.

A candidatura de Flávia de Almeida ocorreu em 1992 e a de Olga Silva é recente. Com isso, está última não circunscreve o período da pesquisa. Flávia Almeida expressa as dificuldades enfrentadas naquela época em razão ainda da falta de conscientização política das pessoas, conquanto a paróquia investisse na formação das/dos suas/eus agentes, ainda havia muito desconhecimento referente à política, até mesmo por parte do clero que, conforme ela mesma afirmou, não a recebeu em visita.

Além disso, enfrentou a dificuldade de ser mulher no mundo político em que muitos a incentivaram a ser uma simples “candidata fria”, ou seja, apenas mais um número inexpressivo na câmara municipal. Com o intuito de não ser um número apenas a ocupar uma vaga em cargo público, ciente do seu papel, ela concorreu a vaga três vezes, entretanto, não logrou o intento. Vislumbrou a possibilidade de se candidatar como conselheira do direito da criança e do adolescente. Alcançou, assim, o cargo e pode exercê-lo em favor das minorias da cidade, conforme apresentado acima. Outro aspecto que nos chamou a atenção na fala da nossa colaboradora diz respeito a sua

filiação e a identificação com o Partido dos Trabalhadores-PT. Cabe destacar que os partidos intitulados de esquerda, como o PT, PC do B, PSOL, atualmente, têm contribuído para evocar o debate acerca de gênero, propiciando um acúmulo de forças que permite sustentar a luta de coletivos, ONGs e o movimento feminista.

Convém ressaltar que, na esfera política, ocorreu o empoderamento das nossas interlocutoras, conforme elucidado acima. Tal fato pode ser verificado não somente na exposição das mulheres que foram candidatas aos cargos públicos, mas também no âmbito da conscientização ocorrida nas comunidades. Ao mencionar que houve empoderamento no âmbito político alcançado por essas mulheres, se faz importante notar que houve também um empoderamento coletivo, ou seja, das pessoas e comunidades com as quais trabalharam. Dessa forma, o empoderamento está associado a um processo individual e coletivo de emancipação, de autonomia e de poder. Contudo, tais proposições carregam contradições, conforme adverte León (2001, p. 96): “Para quienes lo usan desde el área de lo individual, con énfasis en los procesos cognitivos, el empoderamiento se circunscribe al sentido que los individuos le autoconfieren. Toma un sentido de dominio y control individual, de control personal”. A autora confere valor ao caráter individual do empoderamento, entretanto, admite ser limitado e individualista. Nesse sentido, este desconsidera aspectos atinentes às estruturas de poder que submetem e subjagam pessoas e, especialmente, as mulheres nas suas relações sociais e religiosas.

Nessa perspectiva, León privilegia em seus estudos o caráter coletivo do empoderamento, que possibilita ampliar o olhar para inúmeras situações. Assim, as CEBs com sua forma de organização comunitária, possibilitaram às mulheres adeptas a criar laços de cooperação entre elas, para se fortalecerem e, em alguma medida, ir em busca de empoderamento, o que pode ser percebido no nível individual como também coletivo. Em León, o coletivo sobrepõe o individual, uma vez que, para a autora, um processo individual que prioriza apenas o sujeito e rechaça o coletivo, desconhecendo as práticas do grupo, não é coerente com o processo de empoderamento.

A partir do acima exposto, podemos ver como os ensinamentos vertidos do arcabouço das CEBs, embora contraditórios à experiência cristã católica avessa a promoção da mulher, contribuiu para o empoderamento das suas agentes. Não obstante, as mulheres permanecem nesse espaço religioso tendo presente tais ensinamentos, porém, insertas na sociedade moderna que cada vez mais desvencilha dos valores religiosos, bem como exige outros posicionamentos, conforme procuraremos verificar no próximo tópico.

3.3 Mulheres das CEBs: entre as normatizações eclesiais e as demandas sociais.

A estrutura hierárquica católica fundamentalmente conservadora e patriarcal em seus discursos e teologias, não abriu espaço efetivo à participação de mulheres. Entendemos que, nos últimos 50 anos, com a emergência do pensamento teológico da libertação, abriram-se brechas que possibilitaram a emergência de uma teologia de cunho feminista, como já apontamos acima. Na Teologia da Libertação, questões substanciais que envolvem o universo da mulher não foram analisadas, ou melhor, refletidas devidamente ou ainda foram rechaçadas, pois, o que estava no centro e no horizonte das discussões desses homens detentores do saber teológico, eram as situações degradantes de exclusão e opressão que afligem as populações latino-americanas, abrindo mão da discussão sobre a opressão específica sofrida pelas mulheres.

Em 1989, Elza Tamez organizou o livro intitulado *Teólogos da Libertação falam sobre a mulher*. Essa autora entrevistou vários teólogos da libertação católicos, protestantes e realizou perguntas atinentes à vida das mulheres na sociedade e na igreja latino-americana. Alguns com maior propriedade e conhecimento, abordaram questões como, opressão e marginalização da mulher, outros desconhecem tais realidades e partiram de assuntos superficiais que não tocam o cerne da problemática da mulher. Muitos dos teólogos entrevistados citaram o trabalho pastoral gestado a partir das CEBs, e como estas se apresentaram como espaço de libertação para as mulheres, especialmente as que vivem marginalizadas nas periferias dos grandes centros urbanos.

A partir do que temos exposto das trajetórias das nossas colaboradoras, acreditamos que tal libertação ocorreu em parte, pois a participação de mulheres no espaço religioso das CEBs ainda são permeadas por opressões e machismos. Portanto, as CEBs não foram muito libertadoras para as mulheres dessas comunidades. Em resposta à publicação dos teólogos, Tamez elaborou outro texto que se intitulava *Las mujeres toman la palabra*, que reuniu as principais teólogas feministas latino-americanas e, ainda, sociólogas para tecerem comentários acerca das afirmações dos teólogos da libertação. Dentre essas, destacamos a crítica ao texto desenvolvido pela socióloga Rosado Nunes (1989, p. 43): “Cual es la situación de las mujeres? Allí se encuentran ellas como miembros assexuados de clases populares (pobres en general) o como mujeres?”.

Observamos que a crítica e o questionamento assentado por Rosado Nunes se tornam bastante pertinente ao refletirmos questões que dizem respeito à sexualidade, visto que, no cristianismo, tal dimensão ainda se encontra velada sob o véu da vergonha e do tabu, repleto de verdadeiras incompreensões e desentendimentos. Ao percebermos os discursos, documentos, posturas e comportamentos da hierarquia católica, concordamos com a perspectiva de Rosado Nunes: as mulheres não são ainda reconhecidas em sua essência e necessidade de mulher, parecem muitas vezes como seres assexuados nas comunidades. Entendemos que as CEBs, ao propor um novo modo de ser Igreja centrada nas periferias e nas demandas que surgem desses espaços, abriram mão da sexualidade dos participantes e, especialmente, das participantes que são o número maior que conduz e leva a cabo as ações desse grupo religioso. Esta crítica acerca da sexualidade assentada por Rosado Nunes tem na teologia indecente de Althaus-Reid sua forte expressão como já apresentamos no capítulo anterior.

A sexualidade é um assunto caro ao cristianismo em todas as suas vertentes. Por isso, aqui, nos restringimos ao catolicismo desde os seus primórdios, visto que sofreu as incompreensões e desentendimentos de pessoas, grupos ou ideologias e essa proposição arrastou-se historicamente. Ao afirmamos em outro momento que a teologia feminista evoca para a mesa de debate a sexualidade, no entanto, é preciso dizer que tal perspectiva teológica não alcançou todas as comunidades de base. É o que podemos inferir em relação as comunidades da paróquia São Sebastião, lugar da nossa pesquisa. Verificamos nas entrevistas e nos materiais/cartilhas acessados por nós a inexistência de assuntos concernentes à sexualidade. Questões de ordem social e política foram prioritárias nas agendas das CEBs, o que pode ser percebido com clareza em todo o decurso desse estudo. Ao que concerne à sexualidade, há ausência ou, talvez, relegue este tema para um 2º plano, entendendo que essa questão se encontra no âmbito privado, portanto, deve ser resolvida pela família.

Ao nos referimos ao aborto, no capítulo anterior, percebemos a postura das mulheres alinhada com o discurso católico, referendando o ideal de defesa da vida. Constatamos nas afirmações de Celecina Madureira e Flávia Almeida uma atitude ponderada sobre o assunto, o que denota, em certa medida, discordância com o pensamento católico. A primeira destaca o sofrimento e a fragilidade das mulheres que se veem obrigadas a se submeterem à prática do aborto. Ela percebe que a situação (financeira, afetiva, profissional, etc.) em que vive a pessoa é que a obriga a optar por tal procedimento. Madureira, ao final, expressa que não está amadurecida

suficientemente e nem preparada para lidar com o tema, contudo, percebemos que demonstrou abertura para conhecer e aprofundar o tema. Já na visão de Flávia Almeida, há determinados casos em que o aborto deve acontecer. Ela citou dois casos ocorridos quando trabalhou no Conselho do Direito da Criança e Adolescente, em que foi viável a realização do aborto. Ressaltamos que, para essa entrevistada, a viabilidade do aborto deve ocorrer por questões de saúde da mulher, e não como uma decisão ou ainda um direito da mulher de decidir sobre o seu próprio corpo.

O aborto é uma prática recorrente na vida de mulheres em idade reprodutiva, embora proibida e criminalizada no Brasil. Segundo os dados da pesquisa sobre aborto no Brasil, no ano de 2016, apresentados pela antropóloga Debora Diniz (2016, p. 653), “os resultados indicam que o aborto é um fenômeno frequente e persistente entre as mulheres de todas as classes sociais, grupos raciais, níveis educacionais e religiões: 2016, quase 1 em cada 5 mulheres, aos 40 anos já realizou, pelo menos 1 aborto. Em 2015, foram, aproximadamente, 416 mil mulheres”. Com tal frequência de aborto realizado entre todas as classes de mulheres, o assunto ainda é um tabu e é encoberto pelo véu da vergonha e do medo, assim como do pecado incutido por meio do imaginário cristão.

Depreendemos das afirmativas das mulheres que elas não se encontram abertas para discutir tal questão, pois encerram sua opinião sobre o aborto no campo do inconcebível, do crime, que a vida é dada por Deus, portanto, somente este pode tirá-la. Nesse sentido, lutam pela conscientização das pessoas a não cometerem essa prática, como foi dito por M^a Isméria Ezequiel e Francisca Rodrigues. Nas entrevistas, percebemos que nossas interlocutoras eram reticentes e evasivas quando tratamos de assuntos como: aborto, contraceptivos e divórcio, sobretudo no que se refere ao aborto. Por exemplo, no relato de M^a Isméria Ezequiel, ao afirmar sua opinião sobre o aborto, logo desviou o assunto para outra questão relacionada aos adolescentes e sua colaboração para saírem das drogas. Por perceber que as mulheres se abstinham do assunto, o que geraria dificuldades para realizar perguntas específicas que envolvem a legalização e a descriminalização, nos limitamos a pedir que emitissem uma opinião sobre o tema.

Após evocar e discutir a polêmica e o controvertido tema do aborto, nos ateremos à questão da anticoncepção, assunto não menos polêmico no catolicismo, entretanto, encontramos uma maior abertura para tratar desse tema específico com as

mulheres, ainda com algumas reservas, que consideramos resquícios da doutrina católica concernente aos contraceptivos.

Na visão de **M^a Rita Rios**, trata-se de um assunto complicado, pois ela utilizou o método natural para evitar filhos e, depois de sofrer dois abortos espontâneos, optou pela laqueadura de trompas:

É muito complicado isso também. Eu, por exemplo, eu consegui durante um bom tempo da minha vida evitar filhos pelos métodos naturais, até chegar o momento em que eu tive problema renal que não podia mais, eu já tinha tido o 2º aborto natural, eu tive que fazer uma opção, eu tinha três filhos para criar, e tava ficando meio complicado, e eu tive que partir para ligação de trompas. E eu acho assim, que deveria ser respeitado a decisão de cada um, né? Existem métodos que realmente são desfavoráveis à saúde da mulher, mas assim, a decisão de cada uma precisa ser respeitada.

Contrária à nossa primeira colaboradora, **M^a de Fátima Nascimento** é favorável ao uso de contraceptivos e afirma ser correto recorrer a tal método. “Eu acho certo tomar, necessário. Eu mesmo, se eu não tomasse, teria tido uns 12 filhos, ó pro cê ver, com 26 anos eu fiz ligação, já tinha cinco filhos”.

No entendimento de **Celecina Madureira**, o importante seria se as pessoas soubessem fazer uso da prática sexual, portanto, ela aposta em uma educação sexual. Assim, expressa:

Isso é uma faca de dois gumes (risos), pois é Letícia, isso é um caso assim... que importante era fazer, usar o sexo consciente. Concorro com certas circunstâncias. Por exemplo, uma mulher casada tem os filhos aí, têm os filhos todos pequenos, tem que dar o tempo para crescer um pouco. Eu vejo que aí, tinha que ter/ preservar mais um pouco para não acontecer mais, no caso de marido e mulher.

Desde outra perspectiva, **Francisca Rodrigues** evidencia o trabalho da pastoral familiar que incentiva a contracepção por meio do método natural, afirma que as pessoas não têm paciência com tal método, no entanto, declarou que utilizou pílula anticoncepcional e realizou laqueadura de trompas, afirma em sua entrevista abaixo,

É... a pastoral familiar faz um trabalho muito bonito nessa parte, como prevenir de uma gravidez, com um método natural. Mas só que olhando a realidade de hoje, isso pouco acontece. As pessoas não têm paciência de usar método natural, e essa questão da pílula, esse trem também, é igual eu já falei, cada caso é um caso, têm pessoas que não têm condições de dar à luz, de dar uma vida. Que às vezes pode

colocar em risco mãe e o filho. Aí vem o estudo profundo, né?! Como fazer? Então, são situações assim, que a gente visualiza ou até também, no meu caso na época até participei também, de usar método da pílula, por exemplo.

Letícia Lopes: Você utilizou a pílula?

Francisca Rodrigues: Sim utilizei, mas, ainda, veio 9 bênçãos. Acho que contribui com o projeto de Deus (risos). Esforçamos em educar também. Hoje se cada tem um caminho, meu esposo e eu mostramos esse caminho de Deus para eles. Mas hoje a gente não sabe nem o que falar, mas a gente sabe que a igreja não é a favor desse tipo de método.

Letícia Rocha: Você utilizou pílula e fez laqueadura também?

Francisca Rodrigues: sim, fiz também na época, há trinta anos atrás. Naquele tempo, a gente não tinha aquele esse conhecimento que tem hoje. Hoje a igreja trabalha mais essas questões, tem as pastorais, que conscientiza que faz esse trabalho com as famílias, mas não é acatado por muitos.

Similar ao pensamento de Celecina Madureira exposto acima, a colaboradora **Flávia Almeida** também acredita que o caminho seja a educação sexual,

A pílula tem que ser acompanhada, tem que ser medicada, ver o que é melhor tomar. É bem melhor tomar uma coisa para não engravidar do que depois abortar. Uma época eu tive uma discussão com o pessoal no PSF do Alterosa, um menino chegou perguntando se tinha camisinha que servia nele... distribuía pra todos menininhos que chegava lá, reclamei isso não é educação.

Já **M^a Isméria Ezequiel** mostrou-se favorável à realização de laqueadura e a camisinha, sendo contra o uso de pílulas em razão das doenças que a mulher pode adquirir com o uso:

Oh, quando eu casei eu fiz o propósito, eu quero quatro filhos. E depois desses quatro filhos eu faço qualquer coisa pra mim não ter mais. Eu liguei com meus 24 anos, eu já tinha meus quatro filhos, e liguei. Não arrependi.

Letícia Lopes: Foi opção sua?

M^a Isméria Ezequiel: Sim, não arrependi, e fiquei feliz com os filhos que eu tenho. E... no mais... no jeito de hoje eu não sou contra que ninguém faz ligação não. Agora com relação a tomar remédio eu acho assim pesado, as pílulas adquiri vários tipos de doenças até incuráveis, um câncer, tudo. Também, não sou contra camisinha não.

A colaboradora **M^a de Fátima Monção** mostrou-se totalmente favorável ao uso de contraceptivos e destacou o seu pensamento relacionado ao sexo:

Letícia Rocha: E com relação aos contraceptivos?

M^a de Fátima Monção: Eu já não sou contra, hoje em dia as coisas está muito difícil, encher a casa de filhos como antigamente com 12 filhos, não dá... Então, eu acho que é válido sim. Sou favorável.

Letícia Rocha: E com relação ao sexo?

M^a de Fatima Monção: Eu acho que o sexo ficou hoje muito liberal, sexo hoje ficou tão comum como arroz e feijão. Hoje tá normal, eu sou contra.

Letícia Rocha: Por quê?

M^a de Fátima Monção: Eu sei que isso é impossível, mas acho que a mulher deve se guardar para o marido.

Letícia Rocha: Mas então, você acha que a mulher deve se casar sem ter mantido relação sexual?

M^a de Fátima Monção: Não só a mulher, como o homem também, os dois. Mas eu sei isso hoje é impossível, né? Letícia.

Na entrevista de **Olga Silva** afirma que fez uso de contraceptivo, no entanto, esclarece que nunca fez uso de qualquer medicamento abortivo. “Isso eu até que já usei, já tomei, tomei um tal de (tenta lembrar o nome), eu sei que era importado. Já usei pílula, mas essas coisas abortiva não. Ligadura, minhas filhas já fizeram”.

Em nossa análise, as falas dessas mulheres encontram-se em conformidade com o discurso da Igreja Católica no que tange ao uso de contraceptivos, conquanto, algumas tentam distanciar-se apresentando uma postura que relativiza a orientação da igreja, mas, ao afirmar posicionamento contrário do ensinamento católico, percebemos que elas sentiram certo desconforto. Entendemos que elas, por questões de pertencimento, não veem que é correto agir contra os ensinamentos da Igreja. Todas as participantes tiveram um número elevado de filhos, com exceção de M^a de Fátima Monção, que teve somente dois filhos. Pela exposição das mulheres, não houve planejamento de quantos filhos desejariam ter, conforme podemos perceber na fala de Francisca Rodrigues. Somente M^a Isméria Ezequiel nos contou que optou por ter exatamente quatro filhos. Algumas admitiram que fizeram o uso de contraceptivos, exceto M^a Rita Rios, a única a afirmar que utilizou método natural por um período que é o método indicado pela Igreja Católica, em que não há intervenção hormonal. As demais fizeram uso de pílulas anticoncepcionais. No entanto, destacamos a postura de Flávia Almeida que afirmou ser favorável ao uso de pílula do que abortar. Ou ainda a postura de Olga Silva, que já fez uso de pílulas, mas enfatizou que não fez uso de nada abortivo. As entrevistas sinalizam que a maioria é favorável ao uso de contraceptivos. Com reservas, elas justificaram tal posicionamento em razão da inviabilidade de ter muitos filhos atualmente. Há ainda as

que apostam pelo sexo consciente, como foi Celecina Madureira ou ainda a ideia de uma educação sexual como afirmou Flávia Almeida.

Tais questões levantadas pelas mulheres nos remetem à pesquisa realizada por Lucia Ribeiro, no ano de 1991, com mulheres também pertencentes às CEBs da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, quando fez referência a questões atinentes ao campo da reprodução. Segundo a autora (1994, p.154), “a abertura das CEBs a uma dimensão social e política não implica necessariamente a mesma abertura, quando se trata do campo da reprodução e da anticoncepção”. Em 2012, Ribeiro escreve o texto intitulado *Revisitando a questão de gênero nas CEBs*, quando retoma a pesquisa acima, realizada há 21 anos, e percebe que os dados colhidos no período ainda são válidos para as CEBs na atualidade, pois estas comunidades são ainda reticentes ao discurso da reprodução, da anticoncepção e outros temas que envolvem a sexualidade humana, especialmente de mulheres. Ribeiro (2012, p.171) nos informa: “Os rumos das CEBs ainda são marcados por um ‘estilo’ predominantemente masculino que se expressa, inclusive, na escolha da temática: os temas que tocam diretamente as mulheres-sexualidade, direitos reprodutivos-ainda são pouco desenvolvidos”.

No tocante ao tema do divórcio, as opiniões se encaminham, assim como no tema dos contraceptivos e do aborto, na linha de seguimento ao discurso católico, com algumas divergências de pensamento.

M^a Rita Rios

Eu não tenho estrutura para ser uma mulher divorciada, eu.

Letícia Rocha: Por quê?

M^a Rita Rios: Não só por questões de tradição, mas assim, ou eu creio naquilo que eu respondi diante de Deus ou não. Então, se ele é o parceiro principal do casamento tem que acreditar que ele vai me dar força para superar as dificuldades. Agora eu não tenho nenhum preconceito, assim..., não faço julgamento de quem parte para o divórcio, porque cada um sabe a estrutura que tem, cada um sabe até onde suportar, cada um sabe o motivo que o leva a tomar essa decisão. Eu respeito. Inclusive, eu tenho uma filha que é separada... sei que ela não teria condições de levar a diante. Eu não julgo, não me escandalizo, inclusive, eu acho que o Papa tem demonstrado atitudes muito misericordiosas com pessoas que partem para essa decisão, tomam novos rumos, novas uniões. Acho que é o momento de pensar nisso. Não é só aceitar, mas é olhar a pessoa como pessoa, e procurar entender que cada um tem seus motivos, suas razões.

Letícia Rocha: Então, você é favorável ao divórcio?

M^a. Rita Rios: Não é favorável, eu não sou favorável, gostaria que não houvesse, eu aceito o que não tem jeito.

As declarações de M^a Rita Rios nos chamam a atenção, porque, dentre todas as entrevistadas, ela foi a única a afirmar que não teria estrutura para ser divorciada. As questões levantadas pelas outras mulheres encontram-se nessa mesma perspectiva, porém, elas não foram tão enfáticas ao afirmar tal dificuldade. Para ela, a importância do casamento é algo que precisa ser vivido por toda a vida, a partir do compromisso assumido, na visão dela diante de Deus. Disse que não tem preconceito, que respeita e não julga aqueles e aquelas que optam por se divorciar, porém, mantém uma postura firme em relação às normatizações religiosas, ao citar que o Papa tem apresentado uma atitude misericordiosa para com as pessoas divorciadas.

Em outra perspectiva, **M^a de Fatima Nascimento** afirma que é favorável ao divórcio. Para ela, se há brigas, desentendimentos, sofrimentos de ambas as partes e, sobretudo, para os filhos o melhor é divorciar e seguir como amigos. Acompanhemos seu relato:

Ó divórcio eu acho assim, o divórcio tem hora que as pessoas casa não dá certo, fica aquela briga dentro de casa, sofrendo os filhos, a família toda, eu acho que se não dá certo, separa.

Letícia Lopes: Então, nesse caso você é favorável ao divórcio?

M^a de Fátima Nascimento: É, quando casa e tem briga dentro de casa, a família, os filhos sofrendo, se não dá certo, cada um, né... não precisa ficar com raiva, vai ser amigos, criar os filhos se tiver, né? Se não tem, cada um procura seu lado.

Já na compreensão de **Celecina Madureira**, a vida a dois é muito complexa. Por isso, ao mesmo tempo reconhece que é uma riqueza a vida compartilhada com outra pessoa. Além disso, destaca ainda o pensamento da igreja acerca do casamento ao dizer que Deus uniu o homem. E coloca em xeque ao questionar se Deus uniu de verdade determinados casais. E contextualiza situações recorrentes na vida familiar atual: vícios, uso de drogas, alcoolismo fatores que na visão da mesma podem culminar no divórcio. Assim afirma,

Eu vejo Letícia que o divórcio, porque se fala que o que Deus uniu o homem não separa. Só que muitos casos, muitos casos, não sei se Deus uniu de verdade, aqueles casamentos bonitos, muito bem organizado... aquelas coisas todas, a vida a dois é muito complexa, mas também é muita bonita, vale a gente olhar a beleza, para conseguir enxergar essa caminhada a dois. Mas também tem situações que não vale a pena... por exemplo, um casal tem um filho, às vezes não tá dando certo, às vezes o marido é...viciado, é usuário de drogas, alcoólatra, espanca a mulher na frente dos filhos, será se um isso é

uma família que possa pensar o futuro, fico pensando na mulher ter que suportar isso, às vezes não tem o que fazer. Aí eu vejo que não é felicidade, se nenhum está sendo feliz, cabe cada um procurar seu caminho. Eu vejo muitos casamento em segunda união que dão certo demais, os dois dão certo e são felizes, então, não sei não.

Para **Francisca Rodrigues**, o casamento tornou-se um comércio na sociedade atual, nesse sentido, menciona os altos custos e os luxuosos casamentos que, no seu entendimento, são frutos de uma sociedade consumista e materialista. Tais questões, para ela, omitem a espiritualidade que deveria estar em primeiro lugar. Ainda fala sobre a “confusão” que as pessoas fazem entre amor e paixão, o que torna as relações vulneráveis. E segue o raciocínio afirmando que o divórcio não é parte do plano de Deus. Acredita que o divórcio não deveria ocorrer, mas que é preciso ter atenção a determinadas situações que conduzem a essa prática. Se expressa,

O divórcio também é uma outra situação se você for olhar a realidade hoje, o sacramento do matrimônio pra muitos é um comércio, e é uma... coisa na sociedade (como que se fala assim... tenta lembrar). Se você vai hoje o casamento é um desfile de moda, cada um quer apresentar melhor que o outro, muita preocupação com o material, né? Eu não sou contra, cada um tem sua vida é livre, mas às vezes a espiritualidade no matrimônio fica pra depois. Às vezes o casamento hoje eles confunde o amor com a paixão. Que quando há amor, você enfrenta o desafio, mas quando é paixão, é passageira. Se torna tudo frio. Então, o divórcio também não faz parte da construção da vida que é o projeto de Deus. Então, merece muita atenção na hora da preparação dos casamentos, que tem os grupos que fazem essa preparação.

Letícia Rocha: Em sua opinião, o divórcio não deve acontecer?

Francisca Rodrigues: Ele não deve acontecer, mas pensando assim, cada caso é um caso. Que tem casamento que acontece para os olhos de Deus ele não existe. O casamento foi pra ser feliz, construir uma família. Mas se for para viver junto dando mal testemunho... por isso, eu falo cada caso é um caso, tem que ser verificado e estudado, se vale a pena continuar essa vida ou não.

Flávia Almeida é peremptória ao afirmar ser a favor do divórcio e justifica com base na ideia de que o ser humano precisa ser feliz, que o casamento é a realização para ambas as partes, e se não há realização, o divórcio deve acontecer. A nosso ver, essa colaboradora introduz a ideia de céu, tal ideário cristão consiste no comportamento expresso na vida terrena, baseado no cumprimento das leis de Deus, o mesmo tem seu ápice após a morte. Interessante notar que as outras colaboradoras não explicitam tal questão, mas está subentendido nas falas.

Oh Letícia, você tem que ser feliz e fazer o outro feliz. Se você tá casada e tá feliz tudo bem, dê graças a Deus, mas se você tá casada e não tá vivendo bem, o melhor é separar para que você tem sua vida tranquila e ele também. Sou a favor do divórcio. Acho que a pessoa tem que ter uma vida digna e feliz. Agora ficar ali se torturando porque acha que tem que ir pro céu, não existe isso pra mim. Não é que eu quero que todo mundo divorcie não é isso não, a gente torce pra que as famílias vivam, porque as famílias é o ninho do amor. Mas se ali não existe o amor mais, é preciso ver.

M^a Isméria Ezequiel relatou que teve dificuldades no casamento, porém mantém firme a opinião que o divórcio não é uma boa escolha, portanto, ele não deve acontecer mesmo que as relações sejam complicadas. Ela não é divorciada do seu cônjuge, porém, ele vive no sítio da família e ela na cidade. Segundo informou, existe uma relação de respeito entre eles. A participação nas CEBs possibilitou a ela meios de conviver com seu cônjuge que era muito violento. Por outro lado, acredita que deve acontecer o divórcio, porque, no seu entendimento, pode “acontecer pior”, ou seja, a morte. Ao final, enfatiza que não acha correta a troca de parceiro e que marido deve ser um apenas. Percebemos clara posição com o pensamento católico. Vejamos seu relato:

Letícia Rocha: Mas nunca divorciaram?

M^a Isméria Ezequiel: Não.

Letícia Rocha: E nem pensa?

M^a Isméria Ezequiel: Nem penso. Mas me ensinou a conviver com ele, porque ele era uma pessoa muito chucro, muito bruto, eu aprendi... a mudança entre ele e eu foi essa, eu aprendi a não deixar ele me dominar, entendeu? Você cuida da sua vida, que eu cuido da minha. E nós respeitamos um ao outro ele lá eu cá, pronto. Uma vez no mês eu vou lá, uma vez no mês ele vem cá. Ele vem fazer as compras, eu vou lá pra passear, ver as coisas, porque tem ir lá porque eu lutei, segurei e consegui porque se não fosse eu tinha não.

Letícia Rocha: E sobre o divórcio o que você pensa?

M^a Isméria Ezequiel: Isso é uma coisa assim... que eu não sei falar muito não. Que pra mim o divórcio é o último caso. Mas tem casos que eu acho que tem que ter o divórcio porque se não complica ou vem coisa pior, né?! Só que no mundo de hoje tá muito complicado, antes no meu tempo ou 10, 15 anos atrás, o divórcio acontecia de último caso, a gente se ajeitava pra se viver e hoje não, qualquer motivozinho tá divorciando, virou brincadeira. Tem situações que têm como consertar e viver, e outras não têm como consertar. Não sei pela criação que tive, marido é um só. Hoje não, as pessoas vive trocando de parceiro. Eu não vejo como algo correto não.

Dentre as entrevistadas, a que manteve clara posição quanto ao pensamento católico acerca do divórcio foi **M^a de Fátima Monção**, pois nunca aceitou a ideia do divórcio, embora concorde que se as pessoas querem divorciar ela é favorável. E a

recusa do divórcio se dá por questões religiosas, não acha que a pessoa deve arrumar outros homens.

Oh, eu nunca divorciei, apesar das coisas que aconteceu na minha vida, entre eu e meu marido, nós ainda estamos naquela da bíblia que vamos morrer juntos. Mas acho que se a pessoas quer divorciar não sou contra, não. Eu não me divorcio.

Letícia Rocha: Mas você não divorcia por quê? Por causa da igreja? Mas você já teve o desejo de divorciar?

M^a de Fátima Monção: Sim, já tive. Mas por causa da igreja mesmo. Eu não sou a favor assim, de ficar com um e outro e formando família.

Olga Silva mencionou o divórcio de duas filhas, a ausência do marido, as traições que ocorriam etc. Contudo, permanece casada e afirma tal necessidade para continuar engajada no serviço religioso:

Também é outra coisa, eu tenho duas filhas divorciadas. Eu sofri muito com marido porque ele trabalhava fora, eu com esse tanto de filho em casa só, às vezes, a gente sabia de umas novidadezinhas assim...

Letícia Rocha: Que novidadezinhas são essas?

Olga Santos: Que tinha mulher, que tava com mulher no carro. E outra coisa filha, deixa eu falar com você. Eu não falo que fui submissa, eu vivi com meu marido toda vida assim, eu sei que a muito tempo ele vive com outra pessoa, nós não temos uma relação de marido e mulher. Nós somos companheiros, porque ele é responsável com a casa e os filhos, sabe? Eu o respeito, comungo, porque eu preciso da comunhão diária. Então, tá pronto. Ele tá pra lá né, em Januária, e eu tô aqui com meus filhos, meus amigos, meu Deus.

Letícia Rocha: E você nunca pensou em arrumar um outro companheiro?

Olga Santos: Nunca pensei que porque tenho a comunidade, tenho muito afazeres, tenho uma vida cheia, não preciso... eu canto...

Letícia Rocha: Então você não concorda com o divórcio?

Olga Santos: Não, acho que não. Até porque às vezes eu caio na contradição de dizer que tá sofrendo demais, apanhando, eu sou de comum acordo que separe, mas assim, cê tendo um jeitinho pra você ir levando seus filhos na presença do pai, porque a presença do pai é muito importante na criação dos filhos. Depois quando os filhos já são grande pode explicar como eu fiz.

Letícia Rocha: E vocês nunca pensaram em divorciar?

Olga Santos: Não, nunca pensei. Vivemos assim como bons amigos.

A partir desses relatos concernentes ao divórcio empreendidos pelas mulheres das CEBs da paróquia São Sebastião, percebemos que elas mantêm uma postura ancorada nos ensinamentos católicos que o casamento é indissolúvel, conquanto apresenta ressalvas e fissuras.

Algumas delas destacaram abertura para tal questão, mas ainda é perceptível a influência normativa dos ensinamentos católicos em suas argumentações. Nesse sentido, o sentimento normativo religioso atravessa as falas dessas mulheres. Dentre elas, M^a de Fatima Nascimento e Flávia Araújo afirmam serem favoráveis ao divórcio, mostrando que o casamento é para ser feliz, para ambos se realizarem. Por isso, se ocorre o contrário, a relação pode ser desfeita. As demais mulheres são contra o divórcio e apresentam argumentos de cunho religioso para suas afirmações e, embora elas não asseveram, percebemos que os relatos são encaminhados na direção de uma transformação das formas de relacionamentos, o que nos dá a entender que o mundo moderno, com suas rápidas mudanças, provoca também mudanças nas relações.

Os três últimos relatos de M^a. Isméria Ezequiel, M^a de Fátima Monção e Olga Silva foram os que apontaram problemas em seus casamentos. As duas primeiras sinalizaram o autoritarismo, submissão e violência física e psicológica exercida por seus cônjuges. A terceira, ao expor o distanciamento do seu cônjuge em razão da rotina de trabalho, ao final revelou que ele, agora, mantém relação com outra mulher. Tais experiências no casamento não foram determinantes para que elas mudassem de opinião acerca do casamento ou ainda apoiassem o divórcio.

Diante das questões mencionadas pelas nossas interlocutoras, ora emerge um pensamento que parece caminhar ao contrário do proposto, ou melhor, imposto pela igreja, ora o pensamento dessas mulheres está de acordo com os ensinamentos católicos. Ao final das exposições, percebemos posturas ainda com certas fissuras, muitas das nossas colaboradoras mantiveram a postura religiosamente colonial. Recordamos e concordamos com a assertiva de Lugones (2014) quando afirmou em uma entrevista que: “Los colonizados viven en la colonialidad”.

Diante de alguns posicionamentos das colaboradoras, realizamos o seguinte questionamento: A Igreja Católica possui um pensamento sobre as questões que expusemos aqui? Qual a sua opinião acerca da Igreja em relação a tais assuntos? Extraímos as respostas de algumas que aduzimos nesse momento.

M^a Rita Rios acredita que a igreja é dividida em termos de pensamentos e comportamentos por parte das/dos participantes, bem como acrescenta que há questões que são de foro íntimo, entendemos que se refere que Igreja não deve ter uma última fala sobre quaisquer assuntos. Por outro lado, fala sobre a fidelidade dos que querem seguir as orientações da igreja. Afirma também que a igreja está a caminho de novas

atualizações, mas não explicita com clareza o que quis dizer com a ideia de a igreja estar a caminho.

Eu acredito que ela é muito dividida e tem gente que fala, mas pensa de outro jeito e, às vezes, tem medo de externalizar o pensamento pelo fato de pensar diferente da Igreja, não é a questão de pensar diferente da igreja. É...existe toda uma orientação, um posicionamento, mas eu acho que tem coisas que é de foro íntimo, né?! Se a pessoa quer realmente ser fiel à Igreja que busque naqueles que estão habilitados a fazer essa orientação. Mas penso que a igreja esta a caminho, ela começa a talvez, não externar muito as coisas porque de fato, poderia criar uma certa bagunça, como qualquer coisa que você coloque antes da hora, pode gerar uma anarquia, né?! E o Espírito Santo ele não é anárquico, né?! Então, eu acho que se ele vai orientando a igreja vai chegar um momento em que vai se pensar de uma forma mais profunda, mais atual, porque ele também não é desatualizado (sorriso).

Em contrapartida, **Celecina Madureira** no início da sua fala declara o quanto gosta da igreja e acredita na doutrina imposta. No entanto, ela denuncia posturas que, a seu ver, são equivocadas e prejudicam a participação de pessoas na igreja e cita, como exemplo, a situação de pessoas que se divorciam, quando menciona especialmente as mulheres. Para ela, os homens continuam a usufruir da comunhão sagrada. Enquanto as mulheres não podem receber e são as mesmas que, inúmeras vezes buscam separar dos seus cônjuges em razão das situações de violência, vícios, etc.

Sim, pois é eu vejo que a Igreja precisa é minha opinião, gosto demais da minha igreja, acredito muito na doutrina que a gente vive, mas têm coisas que eu vejo até com certo exagero, na parte de normas. Eu vejo prejudicar até a acolhida das pessoas. Eu vejo que a Igreja tem que ser mais aberta às necessidades das pessoas. Por exemplo, a comunhão, tem mulher por ser separada não pode receber, mas homem pode. A Igreja não faz uma reflexão com o povo sobre isso. É uma discriminação... Às vezes, a mulher porque não tá suportando ou o marido que separou dela, tá ali trabalhando, vivendo, cuidado dos filhos, chega na igreja pra buscar uma força espiritual através da comunhão, não pode, e não tem uma reflexão sobre isso.

Em outra perspectiva, **M^a Isméria Ezequiel** apresenta-se favorável aos ensinamentos da Igreja e justifica que há banalidade em questões que dizem respeito à sexualidade. Portanto, a igreja deve ter um posicionamento mais rígido, porém não vê que deve abrir mão de seus preceitos. Por outro lado, acredita que a igreja deveria ser

mais aberta, no sentido de preparar as pessoas para o mundo. A visão de M^a Isméria oscila entre o conservadorismo e a atualidade.

oh Letícia, essa é uma pergunta bem complicada pra mim responder ela. Porque a maioria das partes tá super certa. Que as coisas tá muito banal, mas tem coisa que não tem jeito. Que eu concordo que a igreja tem que cobrar, se a igreja abrisse mão como não seria? Travando do jeito que ela trava tá do jeito que tá, imagina se ela não fizesse.

Letícia Rocha: Você acha que a igreja deveria ser mais rigorosa?

M^a Isméria Ezequiel: Deveria

Letícia Rocha: E você acha que esse rigor todo no tempo de hoje, convém? Porque hoje há uma abertura das/os leigos, as pessoas vivem uma dinâmica muito grande na forma de lidar com todas essas questões. Com todo esse rigor, você acha que faria com que as pessoas buscassem mais a igreja?

M^a Ismeria Ezequiel: O problema é que se eles afastam da igreja católica eles vão pra igreja evangélica, lá também eles cobram a mesma coisa quase. Eu não acho que a igreja deve abrir mão dos critérios dela não. Porque se ela abrir mão de algumas coisas com o tempo ela vai ter que abrir mão de outras coisas também, de outros conceitos. Agora tem uma coisa que eu culpo a igreja assim, que a igreja devia ser mais aberta, e preparar o povo aberto ao mundo de hoje, entendeu?

Letícia Rocha: E você acha que não tá?

M^a Ismeria Ezequiel: Não tá. Não tá fazendo isso mais, e fazia um tempo atrás.

Por fim, **M^a de Fátima Monção** afirmou: “Eu observei tudo isso agora... já meus filhos, meus netos, que virão, não vai fazer isso. Então, temos que encarar a realidade, e isso é um fato. As coisas mudam”. Tal colaboradora parte do pressuposto de que, em sua vida cristã católica, observou tudo que ela acredita fazer para ser cumpridora da vontade do Deus cristão. Ela é consciente da mudança de tempo, bem como que as questões mudam rapidamente. Portanto, não espera que seus filhos e netos experimentem a Igreja da mesma forma que ela exerceu a fé católica.

Nós afirmamos, ao final dessas exposições, que as mulheres transitam entre as normas eclesiais e as demandas sociais, visto que utilizam frases como “no mundo de hoje” e outras frases de igual teor. Nos parece que vivem um paradoxo acerca de tais questões, pois, por um lado, buscam estar e serem obedientes aos ensinamentos da Igreja, por outro, percebem que as demandas sociais exigem posturas contrárias às proposições eclesiásticas.

OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS

No final do trabalho proposto, cabe retornar às questões que nortearam e direcionaram nossa investigação. Tivemos como foco principal refletir a trajetória de participação de mulheres nas CEBs da paróquia São Sebastião, na cidade de Montes Claros-MG, entre os anos de 1985-1995. Ademais, queríamos compreender os efeitos e as mudanças advindas de tal participação quanto à política, à Igreja, à sociedade, mas também questões referentes ao aborto, à maternidade, ao divórcio e contraceptivos.

Partimos dos referenciais teóricos da descolonialidade, com ênfase no feminismo descolonial e do empoderamento, para captar a participação e as mudanças na vida das mulheres decorrentes da inserção nas CEBs. A partir dessas categorias, realizamos a leitura da participação de nossas interlocutoras nas CEBs e perguntamos se teriam experimentado tais processos de mudanças em suas trajetórias de vida. Subjacente às questões acima elencadas, está o pressuposto de que o cristianismo católico romano, como uma empresa cooperadora no processo de conquista e de colonização dos povos latino-americanos e caribenhos, carrega em seu bojo expressivos vestígios coloniais, conversos em colonialidades. Isso se evidencia nos discursos, nos documentos e nos comportamentos expressos por lideranças da hierarquia, entre outros, com consequências maiores para a vida das mulheres que aderem ao universo católico. Nessa perspectiva, evocamos expressões de colonialidade que rondam o tecido religioso católico das CEBs que, não raras vezes, relegam à mulher aos trabalhos de menor importância. Buscamos rememorar, a partir de tais referenciais teóricos e metodológicos, a história de participação de mulheres advindas desse grupo religioso, destacando as mudanças ocorridas na vida pessoal, mas também em suas comunidades.

No desenvolvimento desse estudo, utilizamos o recurso metodológico da história oral (temática) como ferramenta que nos permitiu perfazer o caminho de participação das nossas colaboradoras nas CEBs. Essa metodologia revelou-se eficaz na medida em que possibilitou o desvelamento do cotidiano das mulheres com suas lutas, conquistas, aprendizados e desafios que supõe o espaço urbano da periferia, bem como o espaço eclesial sertanejo, ainda reticente à participação de mulheres. Como características peculiares da história oral e do feminismo em sua versão descolonial, se impõem a necessidade de evidenciar e dar voz as/aos esquecidas/os da história. Em concordância com os referidos aportes metodológicos, procuramos evidenciar a memória das

participantes em sua riqueza de detalhes, para que o labor incansável dessas mulheres das CEBs seja reconhecido no âmbito da academia.

Inicialmente, partimos do suposto de que as práticas e as ações desenvolvidas no cerne das CEBs, ora pareciam ter contribuído para novos posicionamentos e posturas das participantes, o que denotaria descolonialidade e empoderamento, ora corroboraram para que se mantivesse a colonialidade já presente em seu interior. Nesse sentido, nos propusemos a uma abordagem, no capítulo I, que caracterizasse a participação e a inserção da mulher na Igreja latino-americana até o sertão Norte Mineiro, enfatizando aspectos sócio-históricos e teológicos. Em seguida, no capítulo II, enfatizamos a memória da descoberta e da participação nas CEBs, como prática que possibilitou a transformação nas trajetórias de vida das participantes. No último capítulo, nosso intento foi o de adentrar no universo narrado pelas colaboradoras para buscarmos as fissuras provocadas pela participação nas CEBs, que poderia indicar que esta prática religiosa possibilitou a descolonialidade e o empoderamento, ou ainda continuidades que entendemos como colonialidade.

Podemos, portanto, resumir o foco central que conduziu esta pesquisa como um esforço para responder a seguinte indagação: A participação de mulheres da periferia urbana da paróquia São Sebastião nas CEBs abriu fissuras que podem ser consideradas descoloniais e de empoderamento, causando transformações em suas trajetórias de vida? A partir desse questionamento, outros se fizeram necessários ao longo da pesquisa: Houve a manutenção da colonialidade ainda vigente e que impera no interior dessa prática religiosa, no que se refere à maternidade, ao aborto, ao divórcio, aos contraceptivos? Quem são estas mulheres, qual a sua origem? Quais as visões de Igreja e de sociedade que permeiam o seu cotidiano?

Ao longo do estudo, constamos alguns elementos que nos permitem tecer o que nominamos de observações conclusivas. Justificamos a opção dizendo que não apresentamos resultados definitivos. O que evidenciamos são apenas alguns indicativos acerca das categorias desenvolvidas nesse estudo. Ademais, queremos instigar outras/os pesquisadoras/es a investir nesse campo de estudos ainda exíguo, em nossa opinião. Em relação à categoria descolonialidade, pensada a partir do feminismo descolonial construído na América Latina, tendo como principais agentes e interlocutoras mulheres pobres, trabalhadoras, com pouco ou nenhum estudo, militantes, dentre outras, constatamos em nossa pesquisa que as CEBs, como expressão prática da Teologia da Libertação, podem ser consideradas uma fissura descolonial, dentro de uma estrutura

conservadora e patriarcal, ao causar rupturas no arcabouço teológico dessa instituição religiosa, ao evidenciar histórias e culturas subsumidas e subalternas, ao dialogar com a modernidade, ao enunciar a própria experiência do continente, desvencilhando-se das narrativas hegemônicas utilizadas para contar suas histórias. Ao que se refere à paróquia São Sebastião, a pesquisa revelou fissuras no modo de construção dos materiais das CEBs elaborados para a formação das/dos agentes ao enunciar a própria realidade das pessoas na participação.

Contudo, percebemos que as CEBs ainda carregam a colonialidade em suas ações, o que impede um diálogo profícuo com questões como gênero, sexualidade, direitos reprodutivos (aborto, maternidade, contraceptivos), dentre outros, o que implica na vida das mulheres que estão em maioria nas comunidades. A colonialidade que impera no bojo do cristianismo também impede que a descolonialidade de mulheres e de gênero seja uma práxis nos espaços religiosos cristãos (LUGONES, 2014).

As CEBs surgem no mesmo período em que explode a segunda onda do movimento feminista no Brasil (RIBEIRO, 2012). No entanto, não há diálogo entre esses dois domínios que possibilitasse acercar-se da realidade das mulheres. Desse modo, as comunidades de base não privilegiaram em seus discursos e ações questões de gênero, portanto, não ocorreu a superação das desigualdades de gênero. Embora, afirmamos que a luta feminista atual deve ser pelo reconhecimento das diferenças e da aceitação das suas formas, e não somente pelo discurso da igualdade, análogo constatamos em alguns textos das CEBs. Entendemos que a Igreja Católica ainda tem um longo caminho a percorrer para o reconhecimento das diferenças, e a sua valorização, não meramente com o uso do discurso da misericórdia, mas com o discurso da afirmação da vida do ser humano.

Concretamente, a experiência das nossas colaboradoras nas CEBs da Paróquia São Sebastião causaram mudanças significativas nas suas trajetórias de vida, tal como o retorno aos estudos (Francisca Rodrigues, M^a de Fátima Monção, Celecina Madureira, Flávia Almeida), a concessão de trabalhos advindos dos estudos (Flávia Almeida e Celecina Madureira), a consciência política alcançada, a imersão na política partidária (Flávia Almeida e Olga Santos), bem como a autonomia conquistada na família e com seus companheiros. Tais mudanças consideramos exemplos de fissuras no tecido das CEBs revelados pela pesquisa.

A respeito de questões concernentes ao aborto, contraceptivos, divórcio e maternidade, as opiniões se mostraram divergentes e, por alguns acenos, apontavam

certa discordância quanto às prescrições da Igreja, o que também evidenciam fissuras. Contudo, nos pareceu que, ao afirmar posicionamento contrário ao ensinamento católico, percebemos certo desconforto por parte das participantes. Tal postura ocorre por questões de pertencimento, ao passo que, para essas mulheres, não é correto agir contra os ensinamentos da Igreja. Em contrapartida, as dificuldades percebidas por elas no próprio casamento como afirmado por algumas, o divórcio de filhas como mencionado por duas das colaboradoras, os desafios de gerar muitos filhos atualmente, situações que impedem a gestação de uma criança (um corpo frágil de uma adolescente em formação ou uma pessoa com deficiência) como foram os fatos rememorados por Flávia Almeida, em que o aborto necessita ocorrer para resguardar a vida da pessoa. Todos os exemplos evidenciam questões que colocam tais mulheres entre as normatizações e as demandas sociais do mundo atual que as interpelam.

Inferimos a partir de tais questões que a participação de mulheres nas CEBs não contribuiu para que ocorresse a descolonialidade, porém, existem indícios que chamamos de fissuras, sinalizados acima, que nos conduzem a dizer que as CEBs possibilitaram transformações na vida dessas mulheres, isso não significa uma ruptura com a tradição cristã católica, que seria descolonialidade. O que persiste, a rigor, é uma colonialidade no interior desse grupo. Pensar em processos descoloniais a partir dos sistemas religiosos, ou ainda, de seus/as agentes são desafios aos estudos e pesquisas no campo de conhecimento das Ciências da Religião, visto que a religião e, nesse contexto específico, o cristianismo católico figura como um projeto da modernidade colonial, bem como se apresenta como a fonte de onde emerge muitas facetas da colonialidade. A aplicação de tal teoria aos estudos da religião resulta na revisão de seus pressupostos teóricos, assim como no questionamento das epistemologias do norte global utilizadas para realizar a leitura da experiência religiosa dos povos do sul, ocultando seu lugar específico (WIRTH, 2013).

No que se refere ao empoderamento, a participação dessas mulheres não contribuiu no sentido de desestabilizar a ordem patriarcal e machista vigente no sertão norte mineiro, ordem que sustenta a opressão de gênero ou, melhor dito, a manutenção da colonialidade de gênero. León (1997, p. 20) alerta para os desafios dos processos de empoderamento das mulheres: “los procesos de empoderamiento son, para las mujeres, un desafío a la ideología patriarcal con miras a transformar las estructuras que refuerzan la discriminación de género y la desigualdad social. El empoderamiento, por lo tanto, se entiende como un proceso de superación de la desigualdad de género”. O processo de

empoderamento de mulheres na visão de León precisa ser capaz de provocar a já cristalizada ordem patriarcal, o que se torna um desafio para a sociedade latino-americana, mas também outras que vivenciaram em seu processo de formação a intervenção colonial eurocêntrica, que culminou na reinvenção de seus povos, culturas e crenças.

Nesse sentido, nossas colaboradoras experimentaram o empoderamento no que diz respeito ao conhecimento adquirido via escola e academia, formações oferecidas pelos grupos de CEBs, na política, o crescimento na liderança e no protagonismo, na autonomia sobre suas vidas e no relacionamento com seus companheiros. Contudo, o empoderamento representa um desafio porque implica na libertação das opressões as quais foram submetidas e são submetidas as mulheres na sociedade. Ou também a transformação das estruturas que reforçam a discriminação e a opressão da mulher. Sendo assim, o cristianismo católico se constitui nesse processo como uma instituição que, por meio de seus líderes masculinos, das suas doutrinas, discursos, documentos e normatizações contribuíram para reforçar a opressão relacionada com a figura da mulher, o que impossibilita a sua libertação ou, melhor dito, o seu empoderamento.

Por outro lado, entendemos que a mulher e as nossas colaboradoras buscaram formas criativas de participação no meio religioso e, mesmo que inconscientemente, burlaram em certa medida a ordem patriarcal e machista vigente. Isso pode ser percebido na liderança assumida, nas lutas por melhorias nos bairros, na defesa dos mais empobrecidos, na insubmissão aos seus companheiros, na participação incisiva na vida política da cidade, conselhos, associações, dentre outros. Consideramos que ocorre com as mulheres inseridas nos espaços religiosos uma desobediência silenciosa ou ainda formas de resistências ao já estabelecido sistema colonial (ROESE, 2015). É uma desobediência silenciosa e uma resistência porque ocorre no cotidiano das comunidades religiosas, porém, não se limita a tais espaços, mas os transcendem e chegam ao campo social e político provocando rupturas com os poderes estabelecidos. Enfim, as mulheres buscam outras e novas formas de relacionamento com as instituições religiosas que, não raras vezes, as relegaram a um papel secundário.

REFERÊNCIAS

- ÁITA, Lucia. **A desaprender: Walter Mignolo, referente del pensamiento decolonial 2018**. Disponível em <https://www.lavaca.org/notas/a-desaprender-walter-mignolo-referente-del-pensamiento-decolonial/>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- ANDRADE, Luis Martínez. **Religión sin redención. Contradiciones sociales y sueños despiertos en América Latina**, 2. ed. Mexico, 2012.
- AQUINO, Maria Pilar. **A Teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina**. Paulinas, São Paulo, 1997.
- _____. (Ed.). **Aportes para una teología desde la mujer**. Escuela Bíblica Editorial. Biblia y Fe. Madrid-España, 1988.
- _____. **Nuestro clamor por la vida. Teología latino-americana desde la perspectiva de la mujer**. San Jose, Costa Rica-DEI 1ª ed., 1992.
- _____; TÁMEZ, Elza. **Teología Feminista Latinoamericana**. Plurimonor, Quito, Ecuador, 1998.
- AZEVEDO, Marcello de Carvalho. **As Comunidades Eclesiais de Base e a Inculturação da Fé. A realidade das CEBs e sua tematização teórica, na perspectiva de uma evangelização inculturada**. São Paulo, Ed. Loyola, 1986.
- BARBOSA, Denílson Meireles. **A Caminho da periferia: A descentralização católica em Montes Claros- 1980-1990**. São Paulo. PUC- São Paulo, 2010 (Dissertação de mestrado).
- _____. **Heranças de fé no Sertão do São Francisco: devotos e romeiros na Tradicional festa de Santo Antônio em Serra das Araras, MG**. Tese (Ciências da Religião) PUC-SP, São Paulo, 2016.
- BARRAGÁN, Margarita Aguinaga; LANG, Miriam; CHAVEZ, Dunia Mokranie; SANTILLANA, ALEJANDRA. **Pensar a partir do feminismo. Críticas e alternativas ao desenvolvimento**. In: DILGER, Gerhard; LANGER, Miriam; FILHO, Jorge Pereira. *Descolonizar o imaginário*. Tradução de Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.
- BAUMGARTEN, Maíra (org.). **Sociedade, Conhecimentos e Colonialidade. Olhares sobre a América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II- 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. **A Igreja do Brasil. De João XXIII a João Paulo II- De Medellín a Santo Domingo**. 2. Ed., Petrópolis, RJ:Vozes, 1993.
- BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. Coleção Primeiros Passos. 4. ed. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1981.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: A Reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BORGES, Angela Cristina. **Tambores do sertão, diferença colonial e interculturalidade: entrelaçamento entre Umbanda/Quimbanda e Candomblé Angola no Norte de Minas Gerais**. 2016. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

_____. Umbanda Sertaneja. **Cultura e religiosidade no sertão norte mineiro**. 244 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUNELLI, Delir. **Libertação da mulher. Um desafio para a Igreja e a vida religiosa da América Latina**. Publicações CRB, Rio de Janeiro, 1988.

CARNEIRO, Elisabete Barbosa. **História e memória das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, e a construção do espaço feminino em Montes Claros**. (Dissertação de Mestrado em Geografia)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. **Mulher negra**. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

CELAM. **Documento de Puebla. Texto conclusivo da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. São Paulo, Paulinas, 1979.

CENSO DEMOGRÁFICO. <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/historico>> Acesso em: 20 dez. 2018.

Comissão Pastoral da Terra. Disponível em <http://www.cptmg.org.br/portal/>- Acesso em: 18 nov. 2018.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, Documentos do CELAM: **Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**, São Paulo, Paulus, 2005.

COSTA, Albertina de Oliveira. AMADO, Tina (orgs.). **Alternativas Escassas. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina**. São Paulo: PRODIR/FCC- Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. 344 p.

COSTA, João Batista de Almeida. **Cultura Sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas**. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (Org.) Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Editora Best Comunicação e Marketing, 1997.

_____. **Fronteira regional no Brasil: o entre-lugar da identidade e do território baianos em Minas Gerais.** In: Sociedade e cultura, v. 5, n. 1, jan./jun. 2002, p. 53-64.

_____. **Mineiros e baianos: englobamento, exclusão e resistência.** Brasília, tese de doutorado, Departamento de Antropologia, UnB, 2003.

_____. **Minas Gerais da Contemporaneidade: identidades fragmentadas, a diversidade e as fronteiras regionais.** Cad. Esc. Legis., Belo Horizonte, v.11, nº16, p.117-137, jan./jun. 2009.

CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** (L. Schneid, trad.). Revista Estudos Feministas, 10 (1), 171-188.

CUNHA, Maria das Graças Campolina. **Territorialidades sertanejas: permanências e transformações no espaço rural nordestino.** In: COSTA, João Batista Almeida; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (orgs.). Cerrado, gerais, sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos. Montes Claros, Unimontes, 2012.

DALY, Mary. **The Church and the Second Sex.** New York, Harper & Row, 1968, p.221.

DEERE. Carmen Diana; León Magdalena. **O Empoderamento da Mulher. Direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DE LIMA COSTA, Claudia. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. **Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 045-059, jun. 2013. ISSN 2175-7992. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29649>>. Acesso em: 25 fev. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/29649>.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. **Pesquisa Nacional de Aborto 2016.** Ciênc. saúde coletiva [online]. 2017, vol.22, n.2, pp.653-660. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017222.23812016>. Acesso em: 03 jan. 2019

DOMEZZI, Maria Cecília. **Mulheres do Concílio Vaticano II.** Paulus, São Paulo, 2016 (Coleção Marco Conciliar).

Dossiê Violência doméstica e familiar, 2014. Agência Patrícia Galvão. Disponível em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/> Acesso em: 31 jan. 2019.

DUSSEL, Enrique. **1492 El encubrimiento del otro. Hacia el origen del mito de la modernidad.** Plural Editores, La Paz, Bolivia, 1994.

_____. **Historia de la Iglesia en América Latina. Medio Milenio de coloniaje y liberación (1492-1992)**. Madrid-Espana, 6. ed. Mundo Negro, 1992.

_____. **Liberación de la mujer y erótica latinoamericana**. Editorial Nueva América. Bogotá-Colombia, 4. ed. 1990.

El proceso de empoderamiento de las mujeres. Guía Metodológica. Comisión de Mujeres y Desarrollo, Bruselas, 2007. Disponível em:
<www.dhl.hegoa.ehu.es/.../proceso_empoderamiento_mujeres_CF> Acesso em: 30 jun. 2017.

FEDERECI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 2004. Tradução do Coletivo Sycorax.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **CEBs e o Pluralismo Religioso: Identidades em (re)construção?** In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo; RODRIGUES, Solange S. **CEBs e os desafios do mundo contemporâneo**. São Paulo, Paulus, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 3. ed. 2000.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

FUENTES VÁSQUEZ, Lya Yaneth. Magdalena de León Gómez: **Uma vida consagrada a tender puentes entre las mujeres, el conocimiento y la acción**. Nómadas (Col) [en línea] 2003, (Mayo-Sin mes) : [Fecha de consulta: 15 marzo de 2018] Disponible em: < <https://goo.gl/s6d76M> > ISSN 0121-7550.

GARGALLO, Francesca. **Feminismos desde Abya Yala. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América**. Editora Corte y confección, Ciudad de Mexico, 2014.

_____. **Ideas feministas latinoamericana**. 2.ed. revisada y aumentada. Ciudad de Mexico, México. Ediciones Fem-e-libros, 2006.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, Religião e Poder. Ensaio feministas**. Edições Terceira Via, São Paulo, 2017.

_____. **Teologia em ritmo de mulher**. Ed. Paulinas, São Paulo, 1994.

_____. **Vida Religiosa da Teologia Patriarcal à Teologia Feminista. Um desafio para o futuro**. São Paulo, Paulinas, 1992.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo, ANPOCS, Ciências Sociais Hoje, 2. ANPOCS, 1983, p. 223-244.

GUIMARÃES ROSA, João. **Minas Gerais. In: Ave palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 245-250.

HORÁCIO, Heiberle Hirsberg (org.). **Dinâmicas Religiosas no Norte de Minas e reflexões concernentes**. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2018.

LEÓN, Magdalena. **El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de gênero**. Conferencia presentada en el Primer Encuentro: Género y democracia en las universidades e instituciones de educación superior de América Latina y el Caribe. Revista LA VENTANA, n°. 13 / 2001. Disponível em: <https://goo.gl/K1hFpU>. Acesso em: 26 fev. 2018.

_____. **El empoderamiento en la teoria y práctica de feminismo**. In: LEÓN, Magdalena (compiladora). Poder y empoderamiento de las mujeres. UM Faculdades Ciências Humanas. Tm Editores. Primera edición, 1997.

_____. **Mujer, Género y Desarrollo. Concepciones, instituciones y debates en América Latina**. Corte Interamericana de Derechos Humanos, 1997, Disponível em: <https://goo.gl/p12oGd>. Acesso em: 26 fev. 2018.

LESBAUPIN, Ivo. **As comunidades de base e a transformação social**. In: BOFF, Clodovis (et.ali). As Comunidades de base em questão. São Paulo, Paulinas, 1997.

_____. **Comunidades de base no Brasil de hoje**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES Renata. Catolicismo no plural. Dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

LIMA, Pe. Josenildo F. **A crise das CEBs-entre a perseguição e o martírio, a fidelidade aos pobres**. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo; RODRIGUES, Solange S. (orgs). CEBs e os desafios do mundo contemporâneo. Paulus, São Paulo, 2012.

LOPES, Frederico Antônio Mineiro. **Fé e vida: Ação Educativa para a participação social nas Comunidades Eclesiais de Base Rurais da Paróquia São Sebastião-Montes Claros-M.G.** Lavras-M.G. Universidade Federal de Lavras, 2004 (Dissertação de mestrado).

LORA, Carmen. **Mujer Latinoamericana. Historia de una rebeldía: America del Sur**. In: PILAR, Maria Pilar (Ed.). Aportes para una teologia desde la mujer. Escuela Biblica Editorial. Biblia y Fe. Madrid-España, 1988.

LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

LUGONES, María. **Colonialidad y Género**. In: MIGNOLO, Walter et al. Género y Descolonialidad. 2. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

_____. **Género y Descolonialidad: debates e reflexiones.** Entrevista a Maria Lugones realizada por Suyai M. García Gualda. Revista de Estudios Críticos, 2014.

_____. **Hacia um feminismo descolonial.** Tradução de Gabriela Castellanos. Revista La Manzana de la discordia. Vol 6, nº2, p.105-118. Julio-Diciembre, Año 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/kSVNf1>>. Acesso em: 19 set. 2015.

_____. **Multiculturalismo radical y feminismos e mujeres de color.** Revista Internacional de Filosofía política, nº 25, 2005, p.63. Disponível em: <<https://goo.gl/kWrZQE>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

_____. **Playfulness, “world”-Travelling, and loving perception.** Hypatia vol2, nº 2, p.3-19, (Summer, 1987). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3810013> Acesso em: 12 set. 2018.

_____. **Subjetividad esclava, colonialidad de género, marginalidad y opresiones múltiples.** In: Pensando los feminismos en Bolivia. La Paz, bolivia: Conexión Fondo de Emancipaciones, 2012. (Serie Foros, 2).

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília. **Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos.** Revista Brasileira de Ciência do solo. v. 12, n. 34, p. 71-87, 1997.
<www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_05.htm> Acesso em: 03 set. 2015.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Algumas propostas metodológicas para o estudo da história da mulher Latino-Americana.** In: MARCÍLIO, Maria Luiza. (org). A mulher pobre na história da Igreja Latino-Americana/CEHILA. Ed. Paulinas, São Paulo, 1984.

MARCOS, Sylvia. **Curas, Diosas y Erotismo: El Catolicismo frente a los Índios.** In: PORTUGAL, Ana Maria (ed.). Mujeres y Iglesia: Sexualidade y Aborto en América Latina. Washington: Catholics for a free Choice, 1989, p. 11-33

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowa. História de vida oral.** São Paulo. Edições Loyola, 1991.

_____. **Manual de História Oral.** São Paulo. Edições Loyola, 5. ed. 2005.

_____. **(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

MENDONZA, Breny. **La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo.** In: MIÑOSO, Yuderlys Espinosa; CORREAL, Diana Gomes; MUÑOZ, Karina Ochoa (editoras). Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemologia e apuestas descoloniales en Abya Yala. Ed. UC. Universidade del Cauca, 2014.

MENEZES, Pe. Daniel Higino Lopes de. **CEBs: do Vaticano a Aparecida.** In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio Ricardo; RODRIGUES, Solange S. CEBs e os desafios do mundo contemporâneo. São Paulo, Paulus, 2012.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **Una concepción descolonial del mundo: conversaciones de Francisco Carballo com Walter Mignolo.** Buenos Aires: Ediciones del Signo: Buenos Aires, Colección el desprendimiento, Project (Duke University, 2014).

_____. **Desobediencia epistêmica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y a gramática de la descolonialidad.** Colección razón política. Ediciones del signo. Primeira edição, Buenos Aires, 2010.

_____. **Desafios decoloniais hoje.** Epistemologias do Sul, Foz do IGUAÇU/PR, 1 (1), PP. 12-32, 2017 Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645> Acesso em: 12 ago. 2018

_____. **Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade.** Trad. Marco de Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais-vol. 32 nº, 94, junho de 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>> Acesso em: 2 out. 2018.

_____. **Herencias coloniales y teorías postcoloniales.** In: STEPHAN, Beatriz González (Org.). *Cultura y Tercer Mundo: 1. Cambios en el Saber Académico.* Caracas: Editorial Nueva Sociedad, 1996. p. 99-136.

_____. **La ideia de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial.** Barcelona-España. Editorial Gedisa, 2005

MINOSO, Yuderkys Espinosa. **De por qué es necesario un feminismo descolonial: diferenciación, dominación constitutiva de la modernidade occidental y el fin de la política de identidade.** Revista Solar, Año 12, Volumen 12, Número 1, Lima, pp.171. Disponível em: <https://goo.gl/72j1xv>. > Acesso em 16 dez. 2017.

_____. **El feminismo descolonial como epistemología contra-hegemónica.** In: FUNCK, Susana Bornéo, MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Glauca de Oliveira (orgs.). Linguagens e narrativas. Desafios feministas. (Desafios feministas, v.1), tubarão, Santa Catarina. Ed. Copiart, 2014.

_____. **Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latino-americanos.** In: Miñoso, Yuderkys Espinosa, CORREAL, Diana Gomez; Muñoz, Karina Ochoa. (org.). Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemologia y apuestas descoloniales en Abya Yala. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

_____. **Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional.** In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa MINOSO; CORREAL,

Diana Gomez; Muñoz, Karina Ochoa. (org.). Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemologia y apuestas descoloniales en Abya Yala. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

Movimento de trabalhadores rurais sem terra. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/>> Acesso em: 18 nov. 2018.

NASCIMENTO, Maria de Fátima Gomes Lima. **Tiburtina de Andrade Alves: entre as relações de poder e as representações sociais de uma mulher (Montes Claros, primeira metade do século XX).** 2004, 177f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassoura (RJ), 2004.

OROFINO, Francisco. **Francisco e a igreja em saída.** In: CARIAS, Celso; RODRIGUES, Solange. CEBs: Igreja em saída. Rio de Janeiro, GraVida, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. **LA INVENCION DE LAS MUJERES. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género.** Editorial en la frontera, 2017 Bogotá, Colombia.

PALERMO, Zulma. **La Universidad Latinoamericana en la encrucijada decolonial.** Revista de Estudios Críticos Otros Logos. Año 1, nº1, 2010. Disponível em <http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/revistas/0001/palermo.pdf> Acesso em: 2 jan. 2019.

PAMELA, Abellón. María Lugones, **una filósofa de frontera que ve el vacío:** entrevista a María Lugones. Mora (B. Aires), Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v.20, n.2, dic. 2014. Disponible em: <https://goo.gl/dzZ9W2>. Acesso em: 9 abr. 2018.

PAREDES, Julieta. Hilando Fino. **Desde el feminismo comunitário.** Primeira Edição, La Paz, Bolívia, 2010.

PAULA, Hermes. **Montes Claros, sua gente, sua história, seus costumes.** 2. ed., Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1979, p.271.

PICHARDO, Ochy Curiel. **Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial.** In: AZKUE, Irantzu Mendia; LUXÁN, Marta; LEGARRETA, Matxalen; GUZMÁN, Gloria; ZIRION, Iker; CARBALLO, Jokin Azpiazu. (eds.). Otras formas de (re)conocer. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista. Bilbao-ES, UPU/EHU, 2014.

_____. **Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde América Latina e Caribe.** 2009 Disponível em: <http://feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf > Acesso em: 28 jan. 2019.

PT- Partidos dos Trabalhadores. Disponível em: <<https://pt.org.br/nossa-historia/>> Acesso em 14 set. 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, Poder, Globalização e Democracia.** **Colonialidade, poder, globalização e democracia.** Revista Novos Rumos, v. 17, n. 37,

p. 4-25, maio./ ago. 2002. Disponível em < <https://goo.gl/sPJ4eX>. >, Acesso em: 1 fev. 2016.

REGAN, David. **Experiência cristã das comunidades de base: mistagogia**. São Paulo: Paulinas, 1995.

REID, Marcella Althaus. **La teología indecente. Perversiones teológicas en sexo, género e política**. Ediciones bella terra, Barcelona, 2005.

_____. **Marx en un Bar Gay: La Teología Indecente como una Reflexión sobre la Teología de la Liberación y la Sexualidad**. NUMEM- Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, p. 55-69, v.11, nº 1 e 2, 2008. Disponível em <http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/numem/article/view/21772> Acesso em: 19 nov. 2018

_____. **Teologia Indecente**. Entrevista Revista Época 2004. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT805466-1666,00.html> Acesso em: 19 nov. 2018.

RIBEIRO, Lúcia. **Comunidade de irmãs e irmãos. A questão de gênero nas CEBs**. In: Texto-Base 10º Encontro Intereclesial de CEBs- Editora Fonte Viva, Ilhéus-Bahia, 2000.

_____. **Revisitando a questão de gênero nas CEBs**. In: OROFINO, Francisco, COUTINHO, Sérgio Ricardo, RODRIGUES, Solange S. (orgs). *CEBs e os desafios do mundo contemporâneo*. São Paulo, Paulus, 2012.

_____. **“Comunidades de irmãs e irmãos – A questão de gênero nas CEBs”** In: *CEBs: povo de Deus, 2000 anos de caminhada*. Paulo Afonso: Ed. Fonte Viva. pp.152 / 177. 1999.

_____. **Relações de Gênero: Camponeses e camponesas discutem na Bahia**- Centro João XXIII/IBRADES-Rio de Janeiro, 1996.

_____. **Práticas reprodutivas entre mulheres católicas de setores populares**. In: BIDEGAIN, Ana Maria. *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Col. Cristianismo na América Latina no Caribe: Histórias, debates, perspectivas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996 CEHILA.

_____. **Anticoncepção e Comunidades Eclesiais de Base**. In: COSTA, Albertina de Oliveira; AMADO, Tina. (orgs.). *Alternativas Escassas. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina*. São Paulo: PRODIR/FCC-Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

ROCHA, Letícia Ap. Ferreira Lopes. (2017). **Feminismo Descolonial e Religião em Diálogo**. Entrevista com Anete Roese. Mandrágora, São Paulo, vol.23, nº2, p.119-138. Disponível em < <https://goo.gl/m1r8Mu>. >, Acesso em: 1 fev. 2018.

ROCHA, Marcos Antônio Monte (org.). **Feminismos Plurais**. Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora, 2016.

RODRIGUES, Mauro Toledo Silva; COSTA, João Batista de Almeida. **Descolonizando os Gerais: situação colonial e estratégias de resistência das comunidades tradicionais geraizeiras do Norte de Minas Gerais.** Revista PerCursos, Florianópolis, v. 19, n.39, p. 77 - 103, jan./abr. 2018.

RODRIGUES, Solange S. **As CEBs e o mundo urbano à luz dos ensinamentos de Francisco.** In: CARIAS, Celso; RODRIGUES, Solange. CEBs: Igreja em saída. Rio de Janeiro, GraVida, 2018.

ROESE, Anete. **Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI.** HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, p. 1534-1558, out. 2015. ISSN 2175-5841. Disponível em: < <https://goo.gl/r9g81x>. >. Acesso em: 2 Abr. 2018.

ROSADO NUNES, Maria José Fontelas. **Autonomia das mulheres e controle da Igreja: uma questão insolúvel.** In: BIDEGAIN, Ana Maria. Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina. Col. Cristianismo na América Latina no Caribe: Histórias, debates, perspectivas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996 CEHILA.

_____. **De mulheres, Sexo e Igreja: Uma pesquisa e muitas interrogações.** In: COSTA, Albertina de Oliveira; AMADO Tina. Alternativas Escassas. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina. São Paulo: PRODIR/FCC-Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Las mujeres toman la palabra.** Entrevistas Elza Tamez. 1ª Ed. San José: DEI, 1989.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: Mito e Realidade.** Petrópolis, Vozes, 1976.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos. Y una antropología por demanda.** 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2015.

_____. **Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial.** De Próxima aparición en Quijano, Aníbal y Julio Mejía Navarrete (eds.): La Cuestión Descolonial. Lima, Peru: Universidad Ricardo Palma -Cátedra América Latina y la Colonialidad del Poder, 2010. www.nigs.paginas.ufsc.br/.../genero_y_colonialidad. Acesso em: 01set. 2015.

SEN, Gita; GROWN, Karen. **Desarrollo, Crisis y Enfoques Alternativos: perspectivas de la mujer en el Tercer Mundo,** Mexico. Colegio de Mexico, 1988.

SILVA, Francino Oliveira. **Sub Umbra Alarum Tuarum: História da criação e organização da diocese de Montes Claros (1903-1943),** Belo Horizonte: FUMARC, 2005.

SOUZA, Antônio Alvimar. **A Igreja entrou renovadamente na festa: Igreja e carisma no sertão de Minas Gerais.** 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-05072007-104010. Acesso em 21 de nov. 2018.

SOUZA, Fabio Vieira de. **Vaticano II e a Igreja Local: Aspectos históricos e teológicos da recepção do Concílio Vaticano II na (arqui)diocese de Montes Claros (1966-1990)**. São Paulo- PUC-São Paulo, 2014 (Dissertação de mestrado).

SOUZA, Maria Clarice Rodrigues. **Violência contra mulheres: Uma questão de gênero-Montes Claros 1985-1994**. Uberlândia-MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (Dissertação de mestrado).

SOUZA, Sandra Duarte. **Violência de gênero e religião: alguns questionamentos que podem orientar a discussão sobre a elaboração de políticas públicas**. Mandrágora, São Paulo, vol. v. 13, n. 13, 2007, p.15-21, 2013. Disponível em:<https://www.metodista.br/.../violencia_de_gênero> Acesso em: 23 jan. 2019.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Ditadura militar brasileira: a propósito da agência política das mulheres cristãs**. In: SOUZA, Sandra Duarte de, SANTOS, Naira Pinheiro dos (orgs.). **Estudos feministas e religião: tendências e debates**. Curitiba: Prisma, 2014. 304p.

SUNG, Jung Mo. **Teologia e Economia. Repensando a teologia da libertação e utopias**. São Paulo: Fonte Editorial, 2008

TAMEZ, Elza. **Las mujeres toman la palabra**. Entrevistas Elza Tamez. 1ª Ed. San José: DEI, 1989.

TEIXEIRA, Faustino. **A fé na vida: um estudo teológico pastoral sobre a experiência das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil**. Ed. Loyola, São Paulo, 1987.

_____. **A Gênese das CEB's no Brasil: elementos explicativos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. **Os encontros intereclesiais de CEBs no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1996.

TÁMEZ, Elza. **Teólogos da Libertação falam sobre a mulher**. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **Las mujeres toman la palabra**. Entrevistas. 1 ed. San Jose: DEI, 1989.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1993.

TEXTO-BASE 8º Encontro Intereclesial de CEBs. **Culturas Oprimidas e a Evangelização na América Latina**. Gráfica Palloti, Santa Maria-RS 1991.

TIBURI, Márcia. **Poder é algo a ser descoberto pelas mulheres.** Disponível em <https://www.portalodia.com/noticias/politica/poder-e-algo-a-ser-descoberto-pelas-mulheres,-dia-marcia-tiburi-262333.html> 08/03/2016. Acesso em: 02 jan. 2019.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O sistema mundial moderno.** Porto: Afrontamentos, 1990.

WIRTH, Lauri Emilio. **Religião e epistemologias pós-coloniais.** In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião.* Paulinas/Paulus. São Paulo: 2013, p.129-142.

ANEXO A- FONTES PRIMÁRIAS- NOMES DAS ENTREVISTADAS E DATA DAS ENTREVISTAS

Maria Rita Lima de Ornellas Rios- Entrevista concedida em 24/07/2018

Maria de Fátima Barbosa Nascimento- Entrevista concedida em 17/07/2018

Celecina Rodrigues Madureria – Entrevista concedida em 11/07/2018

Francisca das Dores Rodrigues- Entrevista concedida em 19/07/2018

Flávia de Araújo Almeida- Entrevista concedida em 09/07/2018

Maria Isméria Pinheiro Ezequiel- Entrevista concedida em 24/07/2018

Maria de Fátima Soares Monção- Entrevista concedida em 10/07/2018

Olga dos Santos Silva- Entrevista concedida em 10/07/2018

Inácia Alvarez Urias- Entrevista concedida em 12/07/2018

Padre José Flávio Monnerat Tardin- Entrevista concedida em 14/08/2016

Dom Giovane Pereira Melo- Entrevista concedida em 18/11/2017

ANEXOS B- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- Nome completo, idade.
- É natural de qual cidade?
- Em que ano veio para Montes Claros? O que motivou a sua vinda para esta cidade?
- Com era essa região da paróquia na época que mudou para Montes Claros?
- Como começou sua história nas CEBs?
- Como você avalia sua participação nas CEBs, o que mudou na sua vida pessoal, afetiva e social?
- Qual a sua opinião sobre sexo, aborto, divórcio, contraceptivos?
- Qual a sua opinião acerca da posição da Igreja sobre tais assuntos?
- Você costumava seguir corretamente as normas prescritas pela igreja, ao que diz respeito ao uso de contraceptivos, aborto, divórcio, maternidade?

ANEXO C- ENTREVISTAS

1- Entrevista de Maria Rita Lima de Ornellas Rios- 46:39 min.

Cheguei em sua casa às 16h. Ao abrir o portão, nos cumprimentamos e ela me convidou para entrar. Seu esposo estava deitado em uma rede e, logo na entrada, me encontrei com sua neta. Passamos pela cozinha e fui indagada se aceitava um café. Eu disse: não obrigada, aceito água. Enquanto me servia água, fez uma pergunta a respeito da minha mãe. Eu disse que ela havia falecido há sete anos. Com isso, ficou surpresa ao saber e disse que não sabia. Falei os motivos do falecimento de minha mãe e fomos caminhando para outro espaço da casa onde realizamos a entrevista. Ao chegar nesse local, ela havia separado alguns materiais que solicitei sobre a história da paróquia. Maria Rita havia feito muitos registros da paróquia, tanto fotográficos quanto manuscritos. Tomei posse de todo o material. Logo, iniciamos a gravação da entrevista. A nossa conversa foi embalada pelo som de um pássaro de estimação que cantava quase o tempo todo e, em certos momentos, atrapalhou a gravação. Ela nos contava com alegria e entusiasmo os momentos vividos e, em alguns instantes, demonstrou certa frustração com algumas experiências próprias do processo.

Letícia Rocha: Podemos começar, diga seu nome completo e idade.

M^a Rita Rios: Maria Rita Lima de Ornellas Rios, 73 anos.

Letícia Rocha: É natural de qual cidade?

M^a Rita Rios: Rita: Montes Claros

Letícia Rocha: Então, nasceu aqui mesmo... Em qual região?

M^a Rita Rios: Sim. Nasci, cresci (sorriso). Sempre na região da Vila Guilhermina pra cá, então, assim... antigamente lá era mais centro, mas hoje já, né?... então, do centro para o sul. Mas sempre na paróquia de São Sebastião (sorriso).

Letícia Rocha: E como era aquela região na época? Que lembranças você tem da sua infância e adolescência nessa região?

M^a Rita Rios: Muito (ênfase) muito marcantes né?! Éramos assim... ainda bem provincianos, né? A região da Vila Guilhermina mesmo era um local ainda bastante sem recursos, tinham as dificuldades físicas, barrocas que impediam de caminhar, mas a liberdade daquele tempo, né? nos permitia transitar ir e vir sem a preocupação dos pais. E tive uma infância bem feliz! E... logo que começou a paróquia de São Sebastião eu já adolescente, o meu pai foi... fez uma amizade com padre Frederico, porque ele era técnico em eletrônica.

Letícia Rocha: Isso foi em que ano?

M^a Rita Rios : Mil novecentos e cinquenta e ... é da década de 50, já no finalzinho da década de 50. E aí quando ele veio para construir a igreja de São Sebastião, acabou que nasceu essa amizade entre nós, a família toda por causa do meu pai, que foi ajudar na parte de instalação de som, das torres, né? Então, o padre Frederico ele acabou sendo o nosso grande catequista. Por que ele ia quase todos os domingos almoçar em nossa casa. Ele adorava macarronada (risos), e lá ele acabou nos ajudando muito nessa formação, ele nos contava muitas histórias da terra dele, da Áustria, as guerras e nessas histórias, ele ia colocando também Jesus, né? É... E toda aquela evangelização que só ele sabia fazer. E com a igreja de São Sebastião ele criava também uns recursos bem interessantes. Ele construiu dentro da igreja a Terra Santa, então de um lado da igreja a

gente tinha assim... todas as caminhadas de do povo cristão, não, do povo judeu naquele tempo, aí depois no outro tinha o nascimento de Jesus, já com um outro momento de caminhada. Então, com aquelas histórias ali de argila de papel construídos assim, por mãos artísticas que ele tinha, né? Ele acabou ensinando a muitos a adolescentes e jovens daquele tempo ao vivo e a cores. Porque além dele falar, a gente via as coisas, né? E os cantos, tudo isso foi formando na nossa cabeça e no coração um amor muito grande pela igreja. Então, essa passagem dos jesuítas começando por ele foi muito forte. E eu sempre participei assim... dessa forma, e logo depois de casada, batizando os filhos lá acabamos conhecendo o padre Manuel mais de perto.

Letícia Rocha: E com qual idade você casou?

M^a Rita Rios: Eu casei com 24 anos.

Letícia Rocha: Teve quantos filhos?

M^a Rita Rios: três filhos e todos três batizados lá na igreja São Sebastião. Me casei lá com a igreja inacabada (sorriso), ainda estava com grande parte por acabar. Mas, assim, era uma participação mais de missa, de sacramentos, né?

Letícia Rocha: Sem muita prática, é isso?

M^a Rita Rios: É... isso.

Letícia Rocha: Seu marido era de lá também?

M^a Rita Rios: Não, ele veio de Abaeté no Oeste de Minas, e aqui a gente se conheceu. E aí com essa... com a chegada do padre Manuel, eu fiz o cursilho em 75.

Letícia Rocha: E o que era o cursilho?

M^a Rita Rios: Era um curso de conversão, cursilho era para a conversão, né? E foi muito forte em Montes Claros, muito forte. E na paróquia, eram poucas as pessoas que estavam passando pelo cursilho então, ele gostou muito, e me pediu que se eu não gostaria de juntar os cursilhistas da paróquia e formar um grupo. Então, esse grupo foi o ponto de partida para o meu ingresso de fato, né, participativo na igreja.

Letícia Rocha: E nessa época você já havia estudado? Antes de casar?

M^a Rita Rios: Eu era professora, me formei no magistério antes de casar, com 19 anos. Quando casei já era mais adulta, profissional (risos), graças a Deus. Em 75 quando eu conheci o padre Manuel nessa proposta do grupo, eu tinha tentado um vestibular para estimular meu marido, e acabei passando na faculdade de direito, fiz três anos e meio, mas depois eu percebi que não ia dar pra seguir em frente, porque assim, não sei se foram alguns professores que começaram a colocar a ética como se um advogado precisava assim, às vezes pisar nos próprios princípios para se dar bem, sabe? E eu um dia conversei com padre Manuel e... não é meu caminho. Eu quero uma profissão que eu possa crescer, mas não assim, né? E depois de muito pensar, muito rezar e... eu resolvi parar por ali, não fui muito aplaudida pela família (risos) que entrou... todo mundo contra. Mas eu não me arrependi.

Letícia Rocha: E tentou algum outro curso depois?

M^a Rita Rios: Não, aí eu parti para meu trabalho pastoral. Assumi o trabalho pastoral, família e trabalho pastoral.

Letícia Rocha: Você disse antes que foi fazer a faculdade para estimular seu marido, e ele continuou?

M^a Rita Rios: Ele queria fazer direito e ficou em segundo opção para geografia, aí não era o que ele queria, e parou.

Eu só me arrependi uma vez de não ter continuado, quando nós recebemos aquele lote lá no Santa Luzia, né? Para a distribuição dos lotes com o pessoal da comunidade, eram 62 lotes. Nós estávamos muito felizes com a conquista, mas houve uma denúncia do antigo dono do lote, e nós fomos parar no fórum, todo mundo em cima daquela carroceria da caminhonete de padre Tardin já, aí já com padre Tardin. E quando eu me vi no fórum diante de uma advogada muito fraca (risos), para defender nosso povo. Aí eu senti uma ânsia e uma agonia tão grande, que eu não podia falar nada, e dentro da minha cabeça estavam fervilhando os argumentos que eu precisava (risos). Então, foi o único momento da minha vida que eu me arrependi muito de não ter um diploma de advogada, mas no mais eu consegui administrar bem a desistência, assim... com o meu trabalho e da igreja.

Letícia Rocha: Você falava que foi dedicando a pastoral, aprofundado...

M^a Rita Rios: Foi. Nós criamos um grupo de cursilhistas, e com esse grupo, nós partimos para ajudar o padre Manuel que começava no Maracanã os grupos de base. A gente ia com candeeiros tinha um casal na Vila Graice, que nunca deve ser esquecido Maria Inês e Alceole, né? Que foram assim... pioneiros. E esse nosso grupo, como ele era mais do centro, a gente fazia um trabalho também de sustentação.

Letícia Rocha: Nessa época, você não morava aqui?

M^a Rita Rios: Não, eu morava na rua João Pinheiro.

Letícia Rocha: E deslocava pra cá?

M^a Rita Rios: Sim, a gente vinha pra aqui, Vila Telma, onde tinha o Seu Basílio que fazia um grande trabalho de base, sem saber que era CEBs. Mas ele fazia a formação de grupo, ele era vicentino, e sem entender de CEBs ele fazia acontecer as CEBs. E no Maracanã então, começou com a chegada das irmãs dominicanas. A gente teve uma forte caminhada, aí nós implantamos na paróquia o encontro de casais com Cristo em 1979. E esse encontro de casais, embora ele fosse um serviço, a pastoral da igreja, mas assim, ele foi muito aproveitado no fortalecimento de CEBs porque dele, do encontro de casais surgiram elementos que foram fortalecendo a caminhada das CEBs na paróquia.

Letícia Rocha: Então, podemos dizer que esse encontro de casais possibilitou...

M^a Rita Rios: Possibilitou... Muitas muitas pessoas que passaram pelo encontro de casal acabaram se encantando com esse novo jeito de ser igreja, né? E foram fortalecendo a caminhada de grupos mais nessa linha, né? De CEBs.

Letícia Rocha: E eram muitos casais?

M^a Rita Rios: Muitos! Era bem forte o encontro, bem forte. E... eu acho que com padre Tardin que tinha assim... uma visão... ele alcançava muito longe, e então, ele começou esse momento mais forte nas comunidades rurais. Eram ao todo, parece... que mais de 50 comunidades rurais que a paróquia tinha. E nenhuma ficava sem missa, nenhuma ficava sem encontro, às vezes a gente saía de casa de segunda a segunda, já nem pensando em domingo, a gente dormia nas roças, e encontrava o pessoal, fazia núcleos, e depois a cada primeiro sábado esse pessoal vinha pra cidade, então, foi muito forte. Agora aqui na paróquia na sede, nós tivemos um período bem interessante dos grupos de base, especialmente em São Judas.

Letícia Rocha: Mas a sua contribuição maior foi nas comunidades urbanos ou rurais?

M^a Rita Rios: Foi médio, porque eu tava lá e cá. Particpei de vários encontros em nível estadual. É...

Letícia Rocha: Participou de algum intereclesial?

M^a Rita Rios: Particpei, particpei...

Letícia Rocha: De qual?

M^a Rita Rios: de Caxias, não sei se foi Duque de Caxias.

Letícia Rocha: Em 1989?

M^a Rita Rios: Por aí... é, a cabeça já não tá gravando datas (sorriso), ficaram muitas lembranças, imagens, mas assim... as datas como eu dei o material que tinha, né? o conteúdo mais específico assim... Mas foram encontros maravilhosos que nós participamos e conheci pessoas incríveis como: Carlos Masters, Leonardo Boff, Clodovis Boff, então, assim... gente que realmente trouxe alguma coisa a mais na nossa caminhada. E o padre Tardin, realmente, ele entrou de sola, de cabeça, e como tinha a Casa de Pastoral em Montes Claros, ele assessorou por muito tempo a casa de Pastoral, então o envolvimento da paróquia acabou se tornando muito intenso, né? Com as CEBs. E durante um certo tempo, inclusive na diocese, né? a gente ri muito ainda hoje, quando a gente chegava o pessoal da paróquia São Sebastião nos encontros diocesanos, as pessoas falavam assim: é... vem a turma dos comunistas, é vem o pessoal da pasta preta, a gente era considerado assim, mais revolucionário, né? Achava que tudo a gente tinha que ser taxado, e como nos envolvíamos muito também com a luta política.

Letícia Rocha: Era um dos motivos?

M^a Rita Rios: Sim, era um dos motivos, porque nós tínhamos uma organização forte e que era respeitada, né? Esse trabalho das CEBs, na paróquia ele era respeitado. Por que os políticos realmente nos respeitavam e até temiam, porque a gente fazia debates sérios, e organizava pra ir na prefeitura para investigar questão de lotação, a gente ia para os pontos, era um trabalho efetivo, não era só de grupinho de CEBs reunindo. Era um trabalho efetivo, né?! A luta pelo Ciro dos Anjos foi o trabalho das CEBs aqui da paróquia, Santa Luzia foi, né?! E eu acho que houve momentos assim... muito fortes, na parte urbana da paróquia.

Letícia Rocha: O que você destaca desses momentos fortes da paróquia?

M^a Rita Rios: da paróquia, em nível urbano? *Letícia Rocha:* Sim, nível urbano?

M^a Rita Rios: Eu acho que foi mais um trabalho de conscientização política, né?

Letícia Rocha: As pessoas não tinham antes essa conscientização?

M^a Rita Rios: Não, não. Era muito fraco. Éramos alienados, mas com reflexões muito profundas... padre Tardin elaborava cartilhas muito interessantes pra cada época, cada momento, né? Então, a gente não ficava só na catequese, mas da catequese para a prática. E algumas coisas assim, interessantes que a gente fazia eram as partilhas que hoje quase não ver.

Letícia Rocha: E em que consistia essas partilhas?

M^a Rita Rios: Em vários momentos, tanto as partilhas de alimentos nos encontros que não tinha esse negócio de cozinha no encontro, a gente cada um levava sua marmita, essas marmitas eram colocadas sobre as mesas, e ali todo mundo comia da comida de todo mundo, éramos companheiros mesmos. E aquilo alimentava esse espírito de luta, de solidariedade. Então, quando a gente... houve um momento que a gente teve umas chuvas muito intensas aqui em Montes Claros, e pessoas que ficaram alagadas, a gente

ia buscar trazia pra igreja, né? É... quando tinha, por exemplo, assim, alguma violência contra pessoas, a gente ia também pra buscar defesas não só legais, mas também assim, de solidariedade, de cuidados com as famílias.

Letícia Rocha: E havia muita violência relacionada com a mulher nesse período?

M^a Rita Rios: Sempre, sempre.

Letícia Rocha: Mulheres que estavam inseridas nos grupos?

M^a Rita Rios: Não, não até que quanto às pessoas inseridas não era tanto assim. Mas na linha de pobreza a gente teve né? Bastante oportunidade de trabalhar a solidariedade, de participar da vida diretamente, é... interessante que hoje com tanta comunicação que a gente tem, você eu não sabia de sua mãe... tão próximo, e tantos outros que a gente não tem noção do que tá acontecendo, e naquele tempo a gente não tinha celular, a gente não tinha tantos meios de rede social para saber das coisas, e a gente sabia da vida das pessoas. Era um rastro de pólvora, tinha um sofrendo aquilo passava, e num instante aquilo se tornava um assunto comum. Isso hoje tá difícil eu sinto muita falta disso na minha vida de igreja. Por que eu acho... hoje ficamos distantes, né? E... os próprios companheiros daquele tempo, muitos ficaram distantes hoje. Então, se um tá sofrendo o outro não sabe. Vivemos momentos muito, muito fortes, e tínhamos mulheres, mulheres de raça mesmo.

Letícia Rocha: O que tinha essas mulheres que as tornavam mulheres de raça?

M^a Rita Rios: (risos), porque assim... é além dessa participação intensa da vida, da transformação da sociedade como um todo, eu vi e tiro o chapéu pra muitas que transformaram a própria vida, né? Pessoas assim que mal sabiam ler, e que hoje tão aí formadas com curso superior, com empregos. Vi muita gente que tinha medo de olhar, de cara, fixar os olhos nos outros, e que hoje são pessoas transformadas.

Letícia Rocha: E você acha que contribuiu na transformação dessas mulheres?

M^a Rita Rios: Olha... não vou te dizer que sinto orgulho de falar que... mas eu acho que tive uma participaçãozinha, sabe? Eu acho, acredito que tive uma certa liderança naqueles tempos e... na caminhada rural, por exemplo, nossa até hoje passado quase trinta anos, não tem nada melhor do que você encontrar com aquelas pessoas enrustidas, medrosas, e que tão aqui hoje na cidade de peito aberto encarando o outro como igual. Aí eu fico encantada! Sabe? E lá no fundo do coração aí eu fico orgulhosa (risadas). Nem que foi um dedinho... Às vezes escuto isso me dá uma alegria muito grande. Você saber que influenciou que participou do crescimento da transformação, né? Dessa igualdade que as pessoas encontraram isso é bom, bom demais (risos).

Letícia Rocha: E na sua vida pessoal, o que mudou a partir das CEBs?

M^a Rita Rios: Eu fui criada numa família muito política, naquela época chamava política, depois eu fui descobrir que era politicagem (risos). Eu tinha pessoas na família que tinham contatos muito fortes com políticos da época. Então, eu sempre convivi com aquilo, não era estranho para mim a política. Mas com a caminhada das CEBs eu descobri o outro lado da política, e eu sempre tive uma consciência muito forte em relação ao dever e ao direito, eu sempre gostei. Mas com a caminhada das CEBs ficou mais potencializado em mim esta capacidade de olhar o outro como igual, de olhar o outro como irmão, de ver direitos dos outros respeitados, passei a ver a justiça de uma forma mais profunda. E não só ver mais também, a tentar encarnar mais dentro da minha família essa posição, e acho que valeu a pena.

Letícia Rocha: E no âmbito eclesial quais foram às mudanças que você percebeu após as CEBs?

M^a Rita Rios: Bastante (risos), eu fui criada, eu participei... na época do Concílio Vaticano II eu já estava raciocinando, vivi naquela igreja da missa de costa, sofri alguns constrangimentos assim... até um dia num casamento, o padre que depois se tornou um grande amigo meu, padre Janjão, ele me convidou a ficar na porta da igreja porque eu estava com vestido de maguinhas curtas, manguinha japonesa (risadas), e eu não pude participar do casamento, então algumas coisinhas assim... que deixava meio sem entender aquele negócio. Vivi e convivi com muitos padres, naquele tempo, as confissões, o olhar de Deus, aqueles negócios todo, eu vivi isso. Depois eu mesma fui entender melhor quem era Deus na minha vida, às vezes até assim... sozinha, né? Eu fazia minhas reflexões, e com a participação nas CEBs realmente eu descobri esse Deus pai e mãe, né? E ficou muito forte na minha cabeça e no coração, Deus é pai então somos irmãos. Foi assim, uma coisa que marcou minha vida, e padre Tardin repetitivo, né? Às vezes chegava a ser cansativo, mas tudo que a gente falava ele falava: Deus é pai, nós somos irmãos. E depois, ele trabalhou muito com a gente o miolo do evangelho, então, ele repetia, repetia, repetia... Então, e isso foi transformando a gente.

Letícia Rocha: Você falava a pouco que descobriu a partir das CEBs, um Deus pai e mãe. Como você vê essa relação da igreja com a mulher? Por que sabemos que a igreja é machista, não é?

M^a Rita Rios: Sim, machista. Muito machista (risos).

Letícia Rocha: Como você enquanto liderança nas comunidades, como lidava com o machismo?

M^a Rita Rios: Houve momentos que eu fiz como Maria, eu guardei no coração e meditava até encontrar o porquê, mas muita coisa até hoje eu não entendi, nem aceitei e nem engoli. Eu continuo ainda tendo algumas dificuldades porque falam, mas não fazem. Falam da mulher, presença da mulher, mas sempre se tiver uma mulher e um homem, o homem vai ser escolhido. Por que, inclusive, foi uma coisa que me marcou, e chegou a me ofender. Nos tempos de padre José Pedro aqui na paróquia, ele adoeceu e o padre Paulo Lisboa veio fica, né? E o padre Paulo foi assim uma das pessoas que eu mais vi reconhecer o trabalho e o papel da mulher. Ele não tinha vergonha de falar que a gente que fazia e acontecia, sabe? Ele sempre incentivou e falou. É... nunca nenhum padre tinha falado isso. A gente trabalhava, trabalhava, trabalhava, mas você nunca era mencionada e citada, e ele não, fazia questão. Não é por vaidade, mas a gente queria saber se realmente era alguém, ou se era um número a mais.

Letícia Rocha: E a que conclusão chegou?

M^a Rita Rios: Cheguei, cheguei sim. Que eu era só uma a mais (risadas). Por que ia haver um conselho, um congresso, alguma coisa lá em Itaici com os jesuítas, e pediram leigos representantes de cada paróquia. E eu me lembro na época padre Paulo veio a minha casa, eram dois leigos, e falou assim, oh estou querendo que seja você e a Dorinha que vão nos representar. Você aceita? Bom, a gente vai, né? Fiquei muito feliz assim... com aquilo, de poder... uma mulher ir representar a paróquia com outra mulher em Itaici. E depois eu vi que o padre Paulo estava meio constrangido, ele me rodeava... cheio de dedos e tal, e um dia acho que ele não teve mais jeito e me comunicou que naquele lugar, naquela representação eu não iria mais porque foi feita uma conversa lá

entre eles, os da casa, e que achava melhor que fosse um homem. E ele foi, e eu fiquei indignada com aquilo, nunca engoli, sabe?

Letícia Rocha: Você chegou a externalizar isso?

M^a Rita Rios: Nunca, nunca falei, mas nunca engoli. Eu achei um absurdo, sabe? Por que na hora de montar as coisas, de trabalhar a morrer, de correr, de fazer, nós todas éramos ativas e... importantes, inteligentes, capazes, mas na hora de representar foi preciso um homem, e por escolha deles mesmos, né? Quer dizer foi um grupo de homens que rejeitou uma mulher, e indicou um homem. Eu nunca entendi isso não.

Letícia Rocha: Você sempre lutou por esse lugar da mulher na igreja? Para que ela tivesse voz e vez nas decisões.

M^a Rita Rios: Sim, sim sempre. Sempre fui uma pedra no sapato, incomodei muito. Mesmo assim eu participei umas três vezes da coordenação da diocese, e depois da arquidiocese. Estive em dois conselhos e sempre brigando por isso, e sempre sentindo isso por mais que eu sentisse... por exemplo, eu Maria Rita tinha minha voz, porque eu brigava por aquilo, mas outras mulheres não tinham. Eu sempre vi isso, e não tô vendo mudança assim não, falam muito.

Letícia Rocha: Você acha que não houve mudança?

M^a Rita Rios: Ah... Eu acho que não, sabe? Nós ainda somos tarefeiras, eu acho que ainda somos... Por que na hora da decisão a gente não tem muita voz não.

Letícia Rocha: No início, você falava que ia para as roças, dormia lá... E seu marido concordava, acompanhava você?

M^a Rita Rios: Totalmente, ele não ia, ficava com os filhos.

Letícia Rocha: E nunca teve problemas com ele?

M^a Rita Rios: Não, graças a Deus. Ele é muito acomodado, no encontro de casais, no cursinho ele trabalhou, no encontro ele trabalhou mais tempo, inclusive em alguns municípios fora, ele foi comigo para implantação de encontros, mas depois ele cansou (risos). Mas aí nunca me impediu, né?! e até hoje se eu preciso ir ele me leva me põe lá depois busca (risos). Mas é uma grande participação, porque sem essa participação eu não poderia ter ido. Eu ia tranquila porque eu sabia que tava correndo tudo bem em casa. Acho que ele foi missionário quanto eu (nesse momento coincidentemente ele entra onde estávamos para buscar o telefone, ela indica e ele sai, ela retoma a fala), ele acompanhou tudo, leva os meninos na escola, buscava, às vezes lá, a gente dormia, teve momento que nós passamos cinco dias nas comunidades, andando pelas comunidades, né?! Mas ele sabia o quanto aquilo era importante para minha vida. E eu tenho certeza de que eu chegava em casa melhor do que eu era. Por que esse trabalho missionário me fez mais gente, mais culta do que a faculdade.

Letícia Rocha: Qual a sua opinião sobre o aborto?

M^a Rita Rios: Sou totalmente contra, eu creio que nada, nada pode justificar você eliminar uma vida que não pode se defender, jamais.

Letícia Rocha: E com relação ao divórcio?

M^a Rita Rios: Eu não tenho estrutura para ser uma mulher divorciada, eu.

Letícia Rocha: Por quê?

M^a Rita Rios: Não só por questões de tradição, mas assim, ou eu creio naquilo que eu respondi diante de Deus ou não. Então, se ele é o parceiro principal do casamento tem

que acreditar que ele vai me dar força para superar as dificuldades. Agora eu não tenho nenhum preconceito, assim..., não faço julgamento de quem parte para o divórcio, porque cada um sabe a estrutura que tem, cada um sabe até onde suportar, cada um sabe o motivo que o leva a tomar essa decisão. Eu respeito. Inclusive eu tenho uma filha que é separada... sei que ela não teria condições de levar a diante. Eu não julgo não me escandalizo, inclusive eu acho que o papa tem demonstrado atitudes muito misericordiosas com pessoas que partem para essa decisão, tomam novos rumos, novas uniões. Acho que é o momento de pensar nisso. Não é só aceitar, mas é olhar a pessoa como pessoa, e procurar entender que cada um tem seus motivos, suas razões.

Letícia Rocha: Então, você é favorável ao divórcio?

M^a Rita Rios: Não é favorável, eu não sou favorável, gostaria que não houvesse, eu aceito o que não tem jeito.

Letícia Rocha: Sobre contraceptivos:

M^a Rita Rios: É muito complicado isso também. Eu, por exemplo, eu consegui durante um bom tempo da minha vida evitar filhos pelos métodos naturais, até chegar o momento em que eu tive problema renal que não podia mais, eu já tinha tido o 2º aborto natural, eu tive que fazer uma opção, eu tinha três filhos para criar, e tava ficando meio complicado, e eu tive que partir para ligação de trompas. E eu acho assim, que deveria ser respeitada a decisão de cada um, né? Existem métodos que realmente são desfavoráveis à saúde da mulher, mas assim, a decisão de cada uma precisa ser respeitada.

Letícia Rocha: A Igreja tem uma posição sobre todas essas questões, e qual a sua opinião acerca da Igreja sobre esses assuntos?

M^a Rita Rios: Eu acredito que ela é muito dividida e tem gente que fala, mas pensa de outro jeito, e às vezes tem medo de externalizar o pensamento pelo fato de pensar diferente da igreja, não é a questão de pensar diferente da igreja. É... existe toda uma orientação, um posicionamento, mas eu acho que tem coisas que é de foro íntimo, né?! Se a pessoa quer realmente ser fiel a igreja que busque naqueles estão habilitados a fazer essa orientação. Mas penso que a igreja esta a caminho, ela começa a talvez, não externar muito as coisas por que de fato, poderia criar uma certa bagunça, como qualquer coisa que você coloque antes da hora, pode gerar uma anarquia, né?! E o Espírito Santo ele não é anárquico, né?! Então, eu acho que se ele vai orientando a igreja vai chegar um momento em vai se pensar de uma forma mais profunda, mais atual, porque ele também, não é desatualizado (sorriso).

2- Entrevista de Maria de Fátima Barbosa Nascimento- 30:56 min.

Marcamos a conversa com a filha dessa colaboradora, pois a mesma estava sem telefone naqueles dias. Cheguei à sua casa pontualmente, as 15h., conforme agendado, bati no portão, ao abrir ela estava enxugando o cabelo com uma toalha, e estava arrumada para sair. E me disse: eu esqueci. Estava de saída para fazer compras no supermercado, para levar para a viagem de Bom Jesus da Lapa-BA (destino turísticos de muitos montesclarenses no mês julho), atualmente, trabalha com organização de viagens.

Mesmo assim, me atendeu muito bem, alegre, mandou sentar no alpendre da casa. Ligou para sua filha dizendo que eu havia chegado, e que não poderia mais sair, marcaram para outro dia. E ali, começamos nossa conversa. Estava com medo de não

saber falar, que não tinha costume, expliquei do que se tratava a pesquisa, qual era o objetivo, e começamos a gravar. Num primeiro momento percebi que estava um pouco tímida, logo se soltou, e relatou diversas histórias. Sempre mostrava entusiasmo e animação ao evocar os fatos do passado. Ao término da entrevista continuamos a conversa, me serviu queijo e café. E me contou sobre a morte da sua mãe, relembrou do marido, dentre outros assuntos, dos tempos em participávamos de encontros das CEBs.

Letícia Rocha: Qual seu nome completo e idade?

M^a de Fátima Nascimento: Eu sou Maria de Fátima Barbosa do Nascimento, eu sou de 1954, tenho 63 anos.

Letícia Rocha: É natural de qual cidade?

M^a de Fátima Nascimento: De Montes Claros mesmo?

Letícia Rocha: De qual região você era antes de vir para cá?

M^a de Fátima Nascimento: Eu vim pra cá com um ano e meio. Meus pais eram de Coração de Jesus.

Letícia Rocha: Então, eles eram de Coração de Jesus, mas você nasceu em Montes Claros?

M^a de Fátima Nascimento: Foi isso.

Letícia Rocha: Quais foram as motivações dos seus pais para vir pra cá?

M^a de Fátima Nascimento: Minha mãe contava que era na roça onde eles moravam, muita dificuldade, aí eles vieram pra cá... com uma malinha, minha irmã e eu nos braços.

Letícia Rocha: E já vieram para o Maracanã?

M^a de Fátima Nascimento: Eu fui criada no Maracanã aqui era uma roça. (nesse momento chega um neto pedindo dinheiro, pois, estava de saída, ela pede para ele não interromper, paramos um pouco, para que pudesse atendê-lo e retomamos). Aqui tinha quatro casas.

Letícia Rocha: Quais as lembranças desse período?

M^a de Fátima Nascimento: Boas demais e ruins, porque era muito sofrido, então a gente sofreu demais, lata de água na cabeça, candeia, mas era uma época muito boa, gostosa, a gente brincava de roda, as crianças tinha outras brincadeiras bonitas, diferente das brincadeiras de hoje, aí a gente foi crescendo, trabalhou. Logo, meu pai faleceu, e minha mãe ficou cuidando da gente. Minha mãe trabalhou 30 anos no hotel São José pra criar nós. Foi aí que a gente foi aprendendo a trabalhar.

Letícia Rocha: E que tipo de trabalho vocês faziam?

M^a de Fátima Nascimento: Nós trabalhava sempre de salgadeira, minha mãe era cozinheira, e ela ensinava pra gente fazer essas coisas. Aí quando eu tinha 15 anos casei.

Letícia Rocha: Casou-se com 15 anos?

M^a de Fátima Nascimento: Sim, com 15 anos.

Letícia Rocha: E seu marido era daqui mesmo?

M^a de Fátima Nascimento: Meu marido não. Era da Bahia, mas ele foi criado mais lá no Maracanã, ele veio pequeno pra cá.

Letícia Rocha: E em que ano você casou?

M^a de Fátima Nascimento: Eu casei foi 70, 72, 72 (dúvida) parece.

Aí a primeira vez eu conheci as CEBs foi em Belo Horizonte. Um encontro que teve lá. Dessa vez, foi eu, meu marido, Dorinha, Seu Alceole, Seu Francisco mais outras pessoas.

Letícia Rocha: Você foi conhecer as CEBs depois que casou?

M^a de Fátima Nascimento: Sim, depois. Antes eu não conhecia (nesse momento bate no portão). Nós pegamos a participar... Pe. Manuel Maria começou aqui no Maracanã, foi uma época muito boa. A gente aprendeu muitas coisas. A gente parecia índio.

Letícia Rocha: Índio? Por que parecia índio?

M^a de Fátima Nascimento: Porque a gente era assim, tinha medo das coisas, medo de conversar. Ai agente foi participando, com Pe. Manuel a gente foi aprendendo, foi levando a gente pra cursilho, para coisa boa, foi experiência muita rica para nós.

Letícia Rocha: Você estudou aqui?

M^a de Fátima Nascimento: Estudei só até a 4^a serie, estudei aqui mesmo no Maracanã.

Letícia Rocha: E depois que passou o tempo você não sentiu vontade e necessidade de estudar?

M^a de Fátima Nascimento: Senti muita vontade sim, mas não pude porque tive cinco filhos, assim ó (gesto com braço) tive um atrás do outro, aí eu fui trabalhar para ajudar cuidar dos meus filhos. Aí quando meus filhos cresceu, aí eu voltei para a escola de novo. Estudei mais uns 2 anos.

Letícia Rocha: E conseguiu concluir? *M^a de Fátima Nascimento:* Não.

Letícia Rocha: E qual era a profissão do seu marido?

M^a de Fátima Nascimento: pedreiro, eletricitista, bombeiro, ele fazia de tudo um pouco, todos esses lugares aqui tinha mão dele, a igreja do Maracanã, esses trem tudo ele fazia.

Letícia Rocha: E o que você fazia para ajudá-lo?

M^a de Fátima Nascimento: Salgado, tecia, eu aprendi a tecer com as irmãs, tecia pano de prato. Já trabalhei na lavadeira das irmãs comunitária lá, muitos anos, tenho lembranças boas demais. Aí quando lembro, eu quase não podia lavar roupa porque eu tinha reumatismo no pé, e arruinava demais. Aí eu passava roupa para as mulheres. Eu colocava os meninos dentro de uma banheira enquanto passava roupa, quando cresceu pus lá na creche das irmãs, coloquei tudo lá. Graças a Deus meus filhos foi muito abençoado, aprenderam muitas coisas boas.

Letícia Rocha: Nessa época você trabalhava na lavadeira, e ainda participava dos grupos?

M^a de Fátima Nascimento: Participava era lindo os grupos. Tinha muitos grupos.

Letícia Rocha: E seu marido participava?

M^a de Fátima Nascimento: Sim, tocava violão nos grupos, na igreja, você precisa de ver como ele era, alegre demais.

Letícia Rocha: Quem eram as pessoas desse período que mais te marcou?

M^a de Fátima Nascimento: Muita participação, as famílias tudo eram muito empenhadas em trabalhar e ajudar. A gente ia pro Santo Inácio a pé, de bicicleta, aquela turmona de noite, era lindo demais... Aí, nós trabalhamos demais pra igreja, era bom demais, gratificante, tudo maravilhoso. Era Pe. Manuel Maria foi um pai espiritual pra todo mundo aqui, conversava, fazia palestra, era um pai pra todos nós, ele ensina muito pra nós, foi uma sabedoria muito grande que trouxeram pra gente aqui. Porque as CEBs é fé e vida, né? Então, era muito bom, bacana demais da conta.

Letícia Rocha: Você acha que a participação nas CEBs ajudou na sua vida pessoal, contribuiu para abrir outros horizontes? Como era antes e depois da CEBs?

M^a de Fátima Nascimento: Eu acho assim, a gente tinha fé, rezava, mas era diferente, as CEBs abriu a mente da gente, abriu a cabeça da gente.

Letícia Rocha: O que era diferente?

M^a de Fátima Nascimento: Sei lá a gente era acanhado, não tinha voz, achava que não podia falar, sei lá, coisa da gente mesmo. E depois das CEBs não, nós aprendemos muitas coisas boa, seu Alceole era muito bom, ajudava a gente demais. Dona Maria Inês também.

Letícia Rocha: Então, você aprendeu a desinibir, a falar?

M^a de Fátima Nascimento: É, é... Eu às vezes ficava com uma pergunta um ano, e não tinha coragem de perguntar, acredita? (risos). Aí depois das CEBs não, a gente aprendeu que tinha voz e vez, e que podia falar todo mundo era igual.

Sabia ensinar suas filhas que ela podia ser o que ela quisesse, porque antes falava que filho de pobre não podia fazer faculdade, tinha essas coisas. Eu falava pra minhas, pra estudar. Naquele tempo minha mãe falava que mulher não tinha estudar, só homem. Um irmão de criação meu estudou mais que eu, e minha irmã. Nós fomos tiradas do estudo para poder trabalhar.

Letícia Rocha: Você disse que voltou a estudar depois que os filhos cresceram. Seu marido concordava?

M^a de Fátima Nascimento: Sim, ele concordava, meu marido era um pai pra mim, era ótimo. Bom demais! Ele fazia toda força, me buscava, me levava na escola. Depois não deu mais, ele viajou pra fora para trabalhar, porque aqui não tinha emprego, era muito sofrido, depois que acabou as obras ai, ele deu de sair pra fora, coitado! Ele trabalhava mais era Belo Horizonte, São Paulo, olha pro cê ver, tanto que ele morreu em Curitiba, ele trabalhava fora demais.

Letícia Rocha: Então, quem mais cuidou dos filhos foi você?

M^a de Fátima Nascimento: Foi ele trabalhava fora, e eu trabalhava aqui. Depois arrumei serviço na escola, graças a Deus, meus meninos participou de muita coisa boa, de conservatório, de tudo meus meninos participou. Foi muito bom! Graças a Deus, eu tive uma boa chance de criar meus filhos, ensinar.

Letícia Rocha: E todos eles estudaram?

M^a de Fátima Nascimento: Estudaram, ó lá, ó lá (nesse momento aponta para sala onde tem uma foto da formatura dos filhos). Uma fez pedagogia, outro fez direito, outra tá terminando agora psicologia, graças a Deus, só os dois que não quis. Um mora na roça, gosta muito de roça, e o outro tem uma venda, mas graças a Deus todos meus filhos estudaram.

Letícia Rocha: Quais eram as dificuldades das mulheres naquela época, na lavandeira, nos grupos?

M^a de Fátima Nascimento: Difícil, tinha marido que não deixava as mulheres ir, participar. Tinha marido ruim espancava a mulher. Isso tudo nós passava. A gente chamava até a polícia, a gente ajudava. Tinha uma amiga nossa que apanhava direto, ela tinha medo de chamar a polícia. Mas eu tinha um marido muito bom, ele era um anjo pra nós.

Letícia Rocha: A participação nas CEBs contribuiu para que sua conscientização política?

M^a de Fátima Nascimento: Sim ajudou, a gente reivindicava o grito (se refere ao Grito dos Excluídos realizados pelos setores progressistas da igreja no dia 07 de setembro), era lindo naquele tempo, hoje em dia não, pro cê ver, no dia 07 de setembro que tem o grito é tão sem graça. O povo não tem ânimo, o povo não tem nada... Esse neto meu que saiu, adora as CEBs até hoje, eu levava eles na época, tinha uma garra, era uma sede, aquela fome mesmo de reivindicar os direitos das pessoas, agora não, acabou. Quem tá bem que teje.

Letícia Rocha: Qual a sua opinião quando se fala em aborto, o que você pensa?

M^a de Fátima Nascimento: Eu não sou a favor não, porque, acho que o aborto é tirando uma vida, tirando uma criança. Igual aquele caso que saiu na televisão agora, uma pessoa que enterrou uma criancinha viva, como é que uma pessoa enterra uma pessoa viva gente!? Você viu?

Letícia Rocha: Não assisti.

M^a de Fátima Nascimento: Passou moça esses dias. Como pode um trem desse? Dá até medo na gente. Uma pessoa fazer isso com um bebezinho inocente... Não sou a favor, não.

Letícia Rocha: E sobre o divórcio?

M^a de Fátima Nascimento: Ó divórcio eu acho assim, o divórcio tem hora que as pessoa casa não dá certo, fica aquela briga dentro de casa, sofrendo os filhos, a família toda, eu acho que se não dá certo, separa.

Letícia Rocha: Então, no caso você é favorável ao divórcio?

M^a de Fátima Nascimento: É, quando casa e tem briga dentro de casa, a família, os filhos sofrendo, se não dá certo, cada um, né... não precisa ficar com raiva, vai ser amigos, criar os filhos se tiver, né? Se não tem, cada um procura seu lado.

Letícia Rocha: E com relação a contraceptivos?

M^a de Fátima Nascimento: Eu acho certo tomar, necessário. Eu mesmo, se eu não tomasse teria tido uns 12 filhos, ó pro cê ver, com 26 anos eu fiz ligação, já tinha cinco filhos.

3- Entrevista de Celecina Rodrigues Madureira- 56:02 min.

Ao fazer o contato com Celecina, se dispôs a conceder a entrevista qualquer dia depois das 17h. Pois antes estaria no trabalho. Cheguei à sua casa às 18h. Como havia duas entradas bati no portão que dava acesso ao quintal sem saber, abriu o portão, me cumprimentou alegremente, e me levou para a cozinha. Me pediu desculpas, pois as

coisas estavam um pouco desordenadas, havia mandioca, bananas no chão, me disse que seu companheiro traz do sítio que eles possuem. Estava também sua filha e conversamos um pouco, em seguida apareceu outro filho cumprimentamos, e logo este saiu. Ela me perguntou, se eu não queria ir para a sala. Eu disse que ali mesmo estava bom. E começamos a conversar foi uma longa conversa onde partilhou diversos aspectos da sua vida pessoal e a participação nas CEBs. Fixei em seu olhar reluzente enquanto contava as histórias de luta, sofrimentos, solidariedade, buscas e conquistas pessoais, mas também, da comunidade. Parecia feliz e contente em relatar tais fatos, não parecia cansada depois de um dia de trabalho. Ao final me perguntou se eu gostaria de levar algumas bananas, aceitei e fui embora.

Letícia Rocha: Seu nome completo e idade?

Celecina Madureira: Celecina, mais na caminhada de muitos anos, o pessoal me apelidaram de Cé, e aí fiquei conhecida na comunidade, arquidiocese, na paróquia, na vida profissional, todos me conhece assim. Minha idade é 66 anos.

Letícia Rocha: Você é natural de onde?

Celecina Madureira: Eu sou de natural de um município chamado de São João da Ponte, hoje já é cidade, sou de Lontra, mas tem... 40 anos que moro em Montes Claros. Me considero montesclarenses.

Letícia Rocha: E quando veio pra cá já veio casada?

Celecina Madureira: Eu vim casada, casei lá, quando eu vim pra cá, só tinha Jaqueline, e aqui eu tive mais quatro filhos, uma mulher e quatro homens, e aí estou aqui até hoje.

Letícia Rocha: Em qual ano vieram pra cá?

Celecina Madureira: Em 82.

Letícia Rocha: Quais foram as motivações que levaram vocês a virem pra cá?

Celecina Madureira: Foi nessa busca de emprego mesmo sabe, meu marido tinha uma pequena mercearia lá em Lontra, e depois veio uma dificuldade muito grande, de uma seca enorme, as pessoas perderam lavoura, todos eles compravam na nossa venda lá, para pagar com a colheita. E depois não teve a colheita, né. Foi um ano muito ruim nas lavouras, ele tava lá... a gente tava lá muito parado, com muita dificuldade, aí ele veio pra cá, mais aí já com serviço arrumado sabe, foi na padaria Real na época, como eles conheciam a gente porque forneciam coisas pra venda. Então, nós viemos, veio trabalhou nessa padaria, trabalhou bom tempo por lá.

Letícia Rocha: Nessa época lá você já trabalhava ou era apenas dona de casa?

Celecina Madureira: Não, era só dona de casa. Quando eu cheguei aqui é... já tinha os filhos todos. Aí quando eu cheguei aqui comecei a participar da comunidade, toda vida eu tive caminhada na igreja por conta de meus pais, lá eu já eu já participava.

Letícia Rocha: E lá você já trabalhava em grupos já na linha das CEBs?

Celecina Madureira: Não, era mais ou menos na linha de CEBs, mas agente não conhecia essa palavra, não conhecia. Mas a gente fazia aquela caminhada da vida, a gente não unia fé e vida como é forte nas CEBs, mas a gente tinha aquela questão de conhecer as pessoas pelo nome, rezava o terço, conversava com os vizinhos sobre os problemas... Quando eu cheguei aqui tive muita sorte, eu fui lá pra os Morrinhos, na época fazia parte da paróquia São Sebastiao, que era paróquia dos jesuítas.

Letícia Rocha: Então, quando vocês chegaram não vieram pra esse bairro?

Celecina Madureira: Não, primeiro morei nos Morrinhos. Nós pagávamos aluguel lá, aí apareceu uma oportunidade, um moço ofereceu uma casa no Santo Inácio, onde é essa casa aqui hoje, falando pra gente vir cá porque a casa estava fechada, e a menina tava destruindo, né... aí não tinha quem ficasse aqui, aí estávamos passando por dificuldade, meu marido resolveu e eu concedi, aí viemos pra cá, pagava muito pouquinho de aluguel, era mas pra olhar a casa, e até que um dia conseguimos comprar essa casa, ele fez uma condição boa.

Letícia Rocha: Em que ano vocês vieram morar no Santo Inácio?

Celecina Madureira: Viemos pra cá em 85. E aí quando eu cheguei aqui, eu já procurei a igreja e os padres, eram os mesmos que fazia parte da mesma paróquia. Eram os jesuítas, as irmãs Dominicanas... Viam pra cá pra trabalhar com a gente. Comunidade muito pobre, muito sofrido o pessoal daqui.

Letícia Rocha: Quais eram as dificuldades enfrentadas pelas pessoas quando vieram para este bairro?

Celecina Madureira: Era dificuldade financeira mesmo, pessoal desempregado, muito filhos pequenos, não tinha como cuidar direito, e dificuldade, não tinha ônibus, não tinha luz, nem água, todas essas dificuldade nós enfrentamos, não tinha escola, ficava muito longe. E aí foi a necessidade da gente formar uma associação de bairro, eu já tava engajada na igreja, e nós conversamos sobre essa situação nos grupos de base, que é a raiz das CEBs no meu entendimento. Aí nós começamos a lutar, nós organizamos uma associação de moradores, aí começamos a pedir, aí veio luz, veio água, veio depois de um tempo veio, asfalto. Aí corremos atrás de uma escola, porque a escola ficava muito longe para os meninos. Os meninos tinha que estudar numa escola que tinha na Vila Sion perto da BR, uma vez uma criança foi atropelada. E aí nós conseguimos a escola aqui para o bairro, e nós não deixamos de ligar a essa questão igreja e os trabalhos sociais. Foi um amadurecimento assim, para as pessoas.

Letícia Rocha: Nessa época havia participação mais de mulheres ou de homens?

Celecina Madureira: Mais de mulheres, inclusive a nossa associação que foi formada aqui pra te falar a verdade, só tinha mulheres na associação.

Letícia Rocha: Quais mulheres?

Celecina Madureira: Casadas, solteiras, viúvas... e era assim, tinha mulheres que enfrentavam a resistência dos maridos, eu graças a Deus não sofria.

Letícia Rocha: Havia casos de violência doméstica, era algo forte nesse período?

Celecina Madureira: Não era tão forte naquela época, era oculta, porque hoje se fala mais, mas naquela época elas tinham tanto medo que se calavam uma ou outra que comentava. Mas não tinha o amparo que tem hoje. Hoje tem lugares que tem amparo da lei, denúncia. Não tinha lei naquela época.

Letícia Rocha: Com relação ao seu marido?

Celecina Madureira: Eu no meio de muitas... tinha a facilidade que o meu até participava, ia nas reuniões comigo, eu não posso reclamar, que muitas das nossas companheiras sofria com a não aceitação dos maridos. Quando ele não ia, não importava que eu fosse ele aceitava, até ficava com as crianças.

Letícia Rocha: Como era um composto mais de mulheres, vocês discutiam questões/dificuldades que tinha com a família, filhos, marido?

Celecina Madureira: Às vezes a gente tinha os recursos, que eram as cartilhas elaboradas por padre Tardin. Tardin com uma linguagem muito acessível.

Letícia Rocha: Sobre o que tratava essas cartilhas?

Celecina Madureira: Sobre a vida do povo e da sociedade da época, eram umas cartilhas muito boa.

Letícia Rocha: Algum tema dessas cartilhas?

Celecina Madureira: Teve uma sobre a questão... que pegava aquela parte da bíblia sobre Deus é pai nós somos irmãos, aí ele pegava, e fazia toda uma preparação, falando do poder econômico, da questão social, essas questões assim... de uns ser mais ricos outros mais pobres, levava essa reflexão. Tinha uma cartilha, me lembro bem que era um olho na vida outro bíblia, tinha até um olho na capa da cartilha desenhado, muito importante, ali a gente entendia que a palavra de Deus era condizente com a realidade. Era umas cartilhas muito bem elaboradas acessíveis. E nos ajudava demais.

Letícia Rocha: Essas reflexões ajudavam vocês mulheres a tomarem conhecimento dos seus direitos?

Celecina Madureira: Sim.

Letícia Rocha: Com relação aos estudos você estudou aqui ou lá?

Celecina Madureira: Lá como era pequeno... Distrito pequeno só tinha até o 4º ano primário. E foi o que conseguir fazer. E quando eu vim pra cá que comecei nessa caminhada de CEBs, essas reuniões, a gente foi lutando para conseguir as coisas, eu fui pensando assim, que eu devia ter mais conhecimento para ajudar melhor os outros, foi então que uma Irmã Dominicana que nos atendia aqui me convidou, e perguntou, porque você não trabalha na educação, ser professora? Eu perguntei pra ela, irmã cê já viu uma pessoa só tem o 4º ano primário ser professora? A Irmã me falou, mas você só tem o 4º ano? Falei é... irmã, cheguei fui tendo os filhos, dificuldades financeiras, não deixou que eu continuasse a estudar. Aí ela falou, não mas, agora você vai estudar, me deu toda força, apoio aí eu voltei a estudar, com essa ajuda dela, sabe, esse empurrão. Aí voltei a estudar, houve um concurso, eu tentei o concurso para trabalhar e passei. Depois só com o ensino médio, depois com a faculdade, e estou aí às vésperas de aposentar. E eu não ainda aposentei porque eu comecei tarde, aposento mais tarde (risos). Essa irmã posso falar o nome dela? Ir Mariana, eu tenho essa irmã como uma pessoa assim... que me mostrou uma luz, foi uma luz. Também por causa da necessidade que eu também via para ajudar as outras pessoas.

Letícia Rocha: E essas mulheres lá começaram a estudaram?

Celecina Madureira: Algumas começaram a estudar, mas não perseveraram muitas não deram conta das dificuldades, eu enfrentei, ia a pé para a escola, estudava na escola normal. Não tinha dinheiro para tá pagando todos os dias, e não tinha ônibus que vinha até aqui, era até no São Judas. (latidos de cachorro).

Letícia Rocha: A partir do momento que você adquiriu conhecimento isso mudou a sua vida, mudou a forma de ver a sociedade e a igreja?

Celecina Madureira: Mudou demais (ênfase) aprendi muito. Eh... ganhei muitas experiências, aprendi até a conversar com esse pessoal aí... Que se acha muito grande

que é vereador é prefeito. Juntava as mulheres aqui, a gente ia lá conversar com esse povo, prefeito, vereador, eu ia à frente, questionava nas reivindicações, era desse jeito, a gente com os pés empoeirados, ia a pé, não tinha asfalto. E a gente enfrentava esse povo todo. E eles tinham que nos receber assim, ia um grupo grande (risos).

Letícia Rocha: Como você avalia sua participação nas CEBs, o que mudou na sua vida pessoal?

Celecina Madureira: Eta meu Deus! Eh essa questão mesmo de enfrentar... de ir a lutar, de não desanimar diante os desafios. Gente tem hora que a gente tem vontade desistir.

Letícia Rocha: E antes você tinha algum medo que a impedia?

Celecina Madureira: Sim, certa timidez... com medo das pessoas, vim com palavras mais bonitas... tinha mais conhecimento que eu, eu tinha essa preocupação, eu tinha essa timidez. Aí com isso, depois eu fui adquirindo força dessas caminhadas, muita experiência, graças a Deus. Colocar em prática na família, meus meninos todos têm esse gosto, foi uma semente... Os meninos pequenos eu levava para esse caminho das CEBs, os encontros, a caminhada das CEBs, eu eduquei eles. Tanto que hoje eles estão envolvidos.

Letícia Rocha: Na questão social o que avançou na sua vida? (o cachorro latiu).

Celecina Madureira: Avançou a busca, sobretudo da escola aqui, porque nós conseguimos trazer a escola pra cá. Essa escola aí Monsenhor Gustavo. Na época eu era a presidente da associação, o objetivo maior desse grupo, dessa associação na época, era a escola. A gente já tinha conseguido a água, não era aquela água encanada como da Copasa, mas a gente tinha conseguido o caminhão pipa, ele vinha e fornecia, e trazia o caminhão, trazia água para as casas. (nesse momento aparece a netinha, conversando, ela fica preocupada, e pede para tirar esse pedaço). Então o objetivo maior era a escola, então reunimos na delegacia de ensino na época a delega de ensino nos atendeu muito bem, e foi assim que conseguimos trazer essa escola pra cá, através de petição, organização, mas isso foi com muita dificuldade, dava um passo pra frente, dois pra trás (risos). Mas deu certo a escola tá aí, tem até o ensino médio, graças à luta nossa, primeiro começou a funcionar na própria associação da sede. E aí eles falaram que nós tinha que conseguir uma casa para a escola, porque a associação não comportava os alunos, porque era bem pequenininha, só dois cômodos, aí nós fomos batalhar pedir material de construção nos depósitos... mão de obra também, os pais dos alunos, as mulheres faziam o lanche levava lá, uma união muito bonita.

Letícia Rocha: Isso tudo ajudou a ter uma outra visão, pensar diferente a relação entre homem e mulher, a partir da sua participação?

Celecina Madureira: Mais ou menos porque tinha um monte de dificuldade, porque tinha homens que faziam críticas dizia que essas mulheres não tão com nada, não faz nada. Essas mulheres só caminhando pra cima e pra baixo (risos) fazia esse tipo de comentário. Eu penso que seria ciúmes, porque a gente tava trabalhando para trazer as coisas pra cá e eles, nada. Então foi difícil tinha uns que até parabeniza, falava que o bairro esta melhorando...

Letícia Rocha: Então, não pensavam em igualdade?

Celecina Madureira: Não, era muito machista.

Letícia Rocha: E você acha que ainda hoje continua o machismo?

Celecina Madureira: Continua. Naquela época então oh meu Deus! Era um grupo significativo pela quantidade, eh por essas dificuldades, por essa resistência dos homens, mas tinha muitas mulheres que tinha vontade de participar e os maridos não deixavam.

Letícia Rocha: Na época o empecilho para participação eram os maridos?

Celecina Madureira: Era sim.

Letícia Rocha: E nenhuma tinha coragem de desafiar os maridos?

Celecina Madureira: Não, sabe? (meio engasgada), não tinha uma força, uma coragem de sobressair, elas tinham medo dos maridos.

Letícia Rocha: E como enfrentava isso aí?

Celecina Madureira: Nos grupos, nos debates, no grupo de reflexão, eu falava que a gente não podia calar diante de questões dessas, tinha que falar, tem desafios, mas temos que mostrar que somos fortes. Nós que temos de olhar marido, filho e ainda sair para reuniões, rezar, fazer esses encontros de CEBs. Aí é é... eu falava que os maridos tem que ter a gente como uma companheira, não como alguém uma submissa a tudo. Temos que abrir a esse companheirismo, que abram a cabeça. Eu falava isso.

Letícia Rocha: Você acha que conquistou algo com esse discurso?

Celecina Madureira: De certa forma muito pouco porque, tinha umas cabeça dura que acha que o homem é que manda.

Letícia Rocha: Qual a sua opinião acerca do aborto?

Celecina Madureira: Aí é difícil, é a vida, tirar a vida... Deus dá a vida com tanto carinho, doou a vida, e vai uma pessoa, e apaga aquele sopro da vida. Então, eu vejo muito doloroso, além de tudo, as mulheres ficam muito fragilizadas, um sofrimento tão grande justamente por que... por não querer, mas é a situação que faz esse não querer aquela criança, aquele feto. Eu não sou a favor do aborto de jeito nenhum, peço muito a Deus que um dia possamos todos nós conscientizar disso aí.

Letícia Rocha: Em nenhuma circunstância?

Celecina Madureira: Isso é uma coisa assim, que eu penso que ainda tenho que amadurecer diante disso aí, mas acho que... olhando para minha fé e pro lado religioso, eu vejo que Deus é todo amparo, doador da vida, deve a ele, portanto, cabe a ele tirar. Acho que não estou suficientemente madura, preparada para responder assim, mas meu pensamento é esse.

Letícia Rocha: E com relação ao divórcio?

Celecina Madureira: Eu vejo Letícia que o divórcio, porque se fala que o que Deus uniu o homem não separa. Só que muitos casos, muitos casos, não sei se Deus uniu de verdade, aqueles casamentos bonitos, muito bem organizado... aquelas coisas todas, a vida a dois é muito complexa, mas também é muita bonita, vale a gente olhar a beleza, para conseguir enxergar essa caminhada a dois. Mas também tem situações que não vale a pena... por exemplo, um casal têm um filho, às vezes não tá dando certo, às vezes o marido é...viciado, é usuário de drogas, alcoólatra, espanca a mulher na frente dos filhos, será se um isso é uma família que possa pensar o futuro, fico pensando na mulher ter que suportar isso, às vezes não tem o que fazer. Aí eu vejo que não é felicidade, se nenhum esta sendo feliz, cabe cada um procurar seu caminho. Eu vejo muitos casamento em segunda união que dão certo demais, os dois dão certo e são felizes, então, não sei não.

Letícia Rocha: Contraceptivos-

Celecina Madureira: Isso é uma faca de dois gumes (risos), pois é Letícia, isso é um caso assim... que importante era fazer, usar o sexo consciente. Concordo com certas circunstâncias. Por exemplo, uma mulher casada tem os filhos aí, têm os filhos todos pequenos, tem que dar o tempo para crescer um pouco. Eu vejo que aí, tinha que ter/preservar mais um pouco para não acontecer mais, no caso de marido e mulher.

Letícia Rocha: Sua opinião diante do pensamento da igreja acerca dessas questões?

Celecina Madureira: Sim, pois é eu vejo que a igreja precisa é minha opinião, gosto demais da minha igreja, acredito muito na doutrina que a gente vive, mas têm coisas que eu vejo até com certo exagero, na parte de normas. Eu vejo prejudicar até a acolhida as pessoas. Eu vejo que a igreja tem ser mais aberta as necessidades das pessoas. Por exemplo, a comunhão, tem mulher por ser separada, não pode receber, mas homem pode. A igreja não faz uma reflexão com o povo sobre isso. É uma discriminação... Às vezes a mulher porque não tá suportando ou marido que separou dela, tá ali trabalhando, vivendo, cuidado dos filhos, chega na igreja pra buscar uma força espiritual através da comunhão, não pode, e não tem uma reflexão sobre isso.

Letícia Rocha: Então, você acha que a mulher sofre em maior medida o machismo dentro da igreja?

Celecina Madureira: acho que sim.

Letícia Rocha: E você acha que a igreja avançou em algum aspecto relacionado a essa questão? As CEBs têm contribuído ou contribuiu?

Celecina Madureira: As CEBs têm contribuído e muito para que houvesse esse avanço da igreja, mas ainda tá muito assim, sabe? A sociedade, a mídia, né? Tá nesse progresso e a igreja não tá acompanhando muito. Se bem que tem mudado, o papa Francisco tem ajudado demais, eu vejo que é um caminho, que é uma luz no fim do túnel. E às mulheres têm contribuído muito, sobretudo, as mulheres das CEBs.

Letícia Rocha: Em que sentido essas mulheres das CEBs têm contribuído, pode apontar algo concreto?

Celecina Madureira: As CEBs é semente na massa, e as mulheres são essas semeadoras. Mas a grande maioria desse trabalho é feito pelas mãos das mulheres, esse enfrentamento, desafios, as mulheres são protagonistas na igreja, mas ainda tem muita coisa que precisa avançar, vejo a necessidade de buscar mais informação.

Letícia Rocha: Você vivencia as normas prescritas pela igreja na sua vida?

Celecina Madureira: Então, por isso que falo que sou a favor de rever cada situação, porque cada pessoa é uma pessoa. No meu caso na época eu usei sim, e eu era de dentro da igreja, porque se não eu teria um menino de diferença de 9 meses, porque não tinha né? essas coisas, eu muito nova, meu marido novo. Eu vejo por esse lado.

Letícia Rocha: Algum outro fato que você gostaria de mencionar sobre as CEBs?

Celecina Madureira: Sim, na questão política, por exemplo, nós formamos o ECAM na época é Equipe de Acompanhamento à Câmara Municipal. E a gente ia pra lá escutava as discussões dos vereadores e dava opinião das reuniões, não podia durante a reunião, aí a gente apresentava cartazes, dava vaia, passava por cima daquele regimento. Foi uma época muito importante.

Letícia Rocha: E tinha bons resultados?

Celecina Madureira: Na época até que a gente conseguiu os resultados. Então, foi uma caminhada, uma experiência linda. As CEBs pra mim foi uma estrutura muito boa de conhecimento. Eu gosto da CEBs é essa questão da justiça é muito forte, tem uma reflexão muito boa, e nos leva a refletir muita coisa.

4- Entrevista de Francisca das Dores Rodrigues-1:01:17h.

Foi um pouco difícil à comunicação com Francisca Rodrigues, marcamos um encontro no dia 12/07, não foi possível, nesse mesmo dia tive uma consulta médica, a qual não podia desmarcar. E depois desse dia não conseguia contato por telefone, este chamava até desligar, ou quando atendia não conseguíamos nos comunicarmos. Como fiz várias tentativas sem sucesso, decidir ir a sua casa sem comunicar, por sorte a encontrei, estava preparada para sair, na entrevista nos conta o local para onde se dirigia. Fui cedo em sua casa receosa se a encontraria. Ao bater no portão, a mesma abriu e com alegria me cumprimentou e mandou entrar. A encontrei com o braço na tipóia e perguntei o que havia acontecido, e me explicou. Entrei e sentei na varanda onde estava uma mesa com café, bolo, leite... Me ofereceu café, e eu recusei. Estavam algumas pessoas na casa, um netinho que em determinado de nossa conversa nos interrompeu, pois, queria um pedaço de bolo, um irmão que entrou em nossa conversa. Quando cheguei vi seu companheiro. Ao começar a conversar solicitei que falasse tudo e não omitisse nada. Me parece que seguiu de fato tal pedido, e relatou muitos fatos vividos e experimentados com riqueza de detalhes, e sempre de modo alegre e divertido. Transmitia felicidade ao contar os fatos que vivenciou pessoalmente, e também em comunidade.

Letícia Rocha: Primeiro, poderia falar seu nome completo e idade?

Francisca Rodrigues: Me chamo Francisca das Dores, conhecida na comunidade como Dorinha, tenho 64 anos.

Letícia Rocha: É natural de qual cidade?

Francisca Rodrigues: Sou natural do município de Montes Claros, né?! São Pedro da Garça.

Letícia Rocha: Então, você nasceu em São Pedro da Garça?

Francisca Rodrigues: É... São Pedro da Garça é... Município de Montes Claros.

Letícia Rocha: Você nasceu lá, e viveu até que período nesse município?

Francisca Rodrigues: Lá eu vivi até... (dúvida) acho que os trinta anos lá, né?!

Letícia Rocha: E como era sua vida lá?

Francisca Rodrigues: Então, como sou do município de Montes Claros, lá do São Pedro das Garças, mas só que a gente morava na zona rural, com meus pais. Vim de uma família de 12 irmãos, meu pai era lavrador, e eu estudava nos comércios ali mais próximos, e no final de semana eu ia pra casa dos pais, ajudar minha mãe nos afazeres domésticos, na lavada da roupa, lavava as roupas na fonte, no rio, né?! Ah... Levava o banco colocava lá dentro do lago e aí a bacia, né? Lavando roupa na bacia, esfregando oh, oh (fazia o gesto com a mão de lavagem de roupa), colocando naquelas gramas, pondo para quasar (mostrava entusiasmo ao lembrar esse período). E naquele tempo a gente não usava escova como hoje, usava a... a escova daquele tempo, a gente pegava a

palha de milho e desfiava ela toda, e passava na roupa como escova. Você não foi desse tempo, mas foi bonito, a gente era feliz e não sabia. Também, ajudava a cuidar dos meninos pequenos.

Letícia Rocha: Você era a mais velha?

Francisca Rodrigues: Sim, era a mais velha. Ajudava a fazer a comida, a cuidar das coisas. No início dos meus estudos, a gente estudava numa escolinha lá perto, né? Aí eu ajudava minha mãe, fazia almoço, levava na roça, voltava, socava arroz, torrava café, socar milho, né? Eu gostava muito de fazer isso, ajudar minha mãe. Aí depois que eu fui estudar nos colégios mais perto, nos finais de semana a gente voltava.

Letícia Rocha: Onde você estudava, trabalhava também?

Francisca Rodrigues: Não lá não, mais era pra estudar. Eu estudava, morava com uma senhora lá, teve todo um cuidado comigo, mas eu ajudava essa senhora que ela era de idade, pegava lenha, tinha isso nessas cidades pequenas, a gente ia no mato pegar lenha, ajudava ela nos afazeres domésticos. Estudava à tarde, a noite tinha a igreja que eu ia, né?! Tinha também a reunião de amigos e amigas, às vezes ia até num forrozinho (risadas).

Letícia Rocha: E tinha muito forró nessa época?

Francisca Rodrigues: tinha, mas meu pai era muito ciumento, se ele chegasse e achasse eu nesse forrozinho... (risos). Mas naquele tempo a gente não tinha maldade, não é igual hoje. Naquele tempo era um pessoal assim, sem maldade.

Letícia Rocha: E que tipo maldade você fala?

Francisca Rodrigues: Maldade que eu falo assim, por exemplo, hoje... o pessoal sem maldade assim, sem querer denigrir a imagem do outro, aproveitar o outro, explorar o outro, por exemplo, o corpo do outro, então era umas conversas sadias, tudo sadio, ambiente familiar. E hoje não, as pessoas já olham com outros olhos. Não é maldade quero dizer dessas de raiva, é sem malícia isso que quero dizer. Então, assim, a gente era mais livre, dentro do respeito, da dignidade, né?

Letícia Rocha: Seu pai era mais ciumento e sua mãe como era?

Francisca Rodrigues: Minha mãe também, os pais. Mas eu procurava ser obediente, eu era uma menina obediente, né? Respeitava. (Nesse momento um irmão que mora na roça, mas que neste dia estava na casa dela, respondeu: Olha quem tomava conta, por isso, ela respeitava kkkk). Rapidamente, ela o responde isso era quando eu morava em São João da Lagoa, você não estava lá não.

Letícia Rocha: Desde a sua infância já gostava de participar da igreja?

Francisca Rodrigues: É... e eu gostava muito de estudar, gostava de participar da igreja, tanto que quando eu voltei pra casa pra onde a gente morava, na roça, eu dava catequese. Então, não era igual essa catequese hoje que cê tinha uma formação. Buscava formação na bíblia e nos livros, naquele livrinho chamava Porta do Céu, né? A gente pegava os dez mandamentos, os sete sacramentos, passava pros meninos. Tinha uma senhora lá muito religiosa, e que morava aqui em Montes Claros, levava os livrinhos da novena de natal pra nós, e reunia as famílias lá naquele momento. Eu gostava muito de rezar o terço. Mas essa sabedoria ela veio do Espírito Santo, não quer dizer que tinha uma liderança, que reunia a gente que dava formação, mas a gente buscava formação nos livros. Naquela época também, eu dava aula pro Mobral, naquele tempo era Mobral para as crianças, né? Muitos meninos hoje que já são adultos, igual esse irmão meu aí,

ele já tem 60 anos. Quando eles me encontram, eles agradecem o que sabem até hoje que aprendeu comigo, né? Aí depois eu me casei.

Letícia Rocha: Com qual idade se casou?

Francisca Rodrigues: Eu casei com 18 anos, lá mesmo.

Letícia Rocha: Seu esposo é de lá mesmo?

Francisca Rodrigues: Não, meu esposo é de Coração de Jesus. Mas como ele trabalhava numa fazenda lá, do povo de Antônio Augusto parece (dúvida). A gente se conheceu numa noite de São João (muitas risadas), e aí moda pegou.

Letícia Rocha: Vocês se conheceram na sua cidade?

Francisca Rodrigues: Sim, ele estava na nossa roça, meu pai tinha uma rocinha, então nós nos conhecemos lá. Nós namoramos lá quase um ano, aí tratamos o casamento. E fomos casar lá em São Pedro das Garças. Fomos pra lá a minha família e a dele, convidados, amigos... foi pra lá. A distância da igreja onde a gente morava era daqui a igreja Santo Antônio é... E aí eu vesti de noiva, né?! Não é aquele vestido de hoje que arrasta no chão, aquele cabo. Vesti de véu e grinalda, sapatinho branco de salto, e até minha filha... (muitas risadas entre nós). Aí eu lembro nós saímos dessa casa indo a pé eu vestida de noiva indo lá pra igreja, coisa que hoje, ninguém faz. Mas eu saí de casa e por isso, eu sou feliz até hoje, sai pedindo a Deus para abençoar meu casamento, pra ser feliz, nas aquelas alturas sabia que tava indo casar, mas nem sabia de nada, porque naquela época não tinha aquelas formações que tem hoje. A formação que você tinha era da própria vida que levava, dos pais, exemplo de vida das pessoas mais velhas. Então, era isso. Então, eu casei e ficamos lá um tempo, tive três filhos. Aí quando foi no ano de 75 eu vim para Montes Claros. Com toda essa bagagem, três filhos. Chegou aqui marido desempregado, meu pai já estava morando aqui na época, ele veio antes. Ai nós fomos ficar na casa na do meu pai.

Letícia Rocha: Quais foram os motivos que levaram a vocês a vir para Montes Claros?

Francisca Rodrigues: Então, nós morava no sítio do meu pai, então ele vendeu e veio embora, pra com o tempo a gente vim também. Nós viemos porque nós não tínhamos onde ficar, nós não tínhamos terreno, não tinha roça, aí nós tivemos que vir. Ficamos um tempo aqui, depois Deus abençoo, ele conseguiu serviço. Nós viemos com a cara e a coragem e as crianças, porque pode dizer sem leitura, sem profissão, chega numa cidade... cê não conhece ninguém.

Letícia Rocha: E lá você estudou até que série?

Francisca Rodrigues: Lá eu estudei até a 4ª série, assim, contando que eu estudei nos comérciosinhos, né? São Pedro das Garças, São João da Lagoa. Aí nós viemos pra cá.

Letícia Rocha: Quando chegou aqui você parou os estudos?

Francisca Rodrigues: Mas, eu tinha um propósito de qualquer tempo continuar meus estudos. No final eu vou falar. Aí é... Deus abençoo que ele arrumou um serviço, né?

Letícia Rocha: E qual era o serviço?

Francisca Rodrigues: De servente de pedreiro. A gente continuou com meu pai.

Letícia Rocha: Você trabalhava ou só cuidava das crianças?

Francisca Rodrigues: No início não, depois é... eu passei a trabalhar, lavar roupa, trabalhei de faxina pra ajudar né, no orçamento da família. E com o tempo a gente foi adquirindo, né? Forças e equilíbrio.

Letícia Rocha: Vocês tiveram mais filhos?

Francisca Rodrigues: Teve mais. Depois nós compramos esse espaço aqui, junto com meu irmão que mora em São Paulo. Aí quando ele foi embora e construiu lá, ele nos deu a parte dele. E aos poucos nós fomos construindo um barracão, dois cômodos uma cozinha e um banheiro. Aí os meninos vieram mais, mais filhos, segundo o povo fala, não tinha televisão (risos). Mas assim que nós chegamos pra cá com o tempo, aí nós fomos convidados pra participar das reuniões da comunidade.

Letícia Rocha: Então, logo que vocês chegaram em 75, já vieram para esse bairro?

Francisca Rodrigues: Pro bairro foi, já viemos pra cá. Assim que nós ficamos conhecidos do pessoal aqui do bairro, da igreja, né? convidaram pra participar da igreja, para um grupo de reflexão, Seu Cão e Dona Nair. Então, nessa época já tinha as irmãs, já tinha a creche, padre Manuel Maria, né?! Logo, eu coloquei meus filhos lá na creche, que me ajudou muito, aquelas irmãs dominicanas, os padres, foram nosso apoio. Falo que elas foram a segunda mãe, ou seja, a terceira porque, a primeira mãe é Maria, a segunda eu, e a terceira elas. Lógico, claro com o apoio dos padres jesuíta, a força dos padres jesuítas, também, padre Manuel com aquela garra toda. Aí nós começamos a participar do grupo de reflexão, lá vai nós acompanhando esse povo, pra riba e pra baixo.

Letícia Rocha: Você disse que tiveram mais filhos depois que vieram para Montes Claros, quantos mais tiveram?

Francisca Rodrigues: Aí os meninos foi aumentando, a cada dois, três anos vinha uma benção (risos). Aí hoje eu sou mãe de nove filhos, né?! E criei um, 10. Todos criados, meu caçula hoje esta com 30 anos. E graças a Deus estudaram, né? tem sua vida própria, trabalhando né? Nos ajuda até hoje. A maioria mora fora, inclusive eu tenho uma das minhas filhas que formou na Unimontes, é em Ciência da Religião, Romilda. Aí a partir do grupo de base, comecei a participar da liderança.

Letícia Rocha: Antes disso, conte um pouco da realidade dessa região quando vocês chegaram aqui?

Francisca Rodrigues: Quando nós chegamo pra cá, aqui era mais era mato, só tinha aquela estradinha do ônibus... é no início ele ia até o São Judas, depois ele passou a vir até o Maracanã. Muita lama quando chovia, mato, poeira. Não tinha rede de esgoto, não tinha água, não tinha luz. Então, a gente tinha o poço/cisterna, inclusive era poucos que tinha cisterna aqui. Com o tempo nós ajeitamos uma cisterna aqui e nós ajudava outras pessoas com água. Depois justamente com a luta da comunidade, do grande Maracanã, começou lá com as irmãs dominicanas e os padres jesuítas, com essa luta do vai e vem na prefeitura reivindicando água, luz, saneamento básico, aos poucos é... foi chegando o progresso, né?! Então, foi um tempo muito bonito que a gente viveu, assim, tempos de união, de luta. Porque as CEBs nasce é aí... através da união do povo, né? Através da oração, ação e a luta.

Letícia Rocha: E nessa época tinha mais participação de mulheres ou de homens?

Francisca Rodrigues: Tinham muitas mulheres na época tinha D. Ana de Seu João que hoje ela é falecida, D. Nair mais Seu Cão, Rita Ornelas, era Olga, Isméria, tinham

muitas mulheres que participavam, né? Seu Osmar, D. Elza essas lideranças mais velha aí. Que muitos já foram (o netinho fala: Vô eu vou pegar mais um pedaço de bolo, nesse momento ela para um pouco para servir o bolo ao neto), mas outros persiste até hoje. Graças a Deus que hoje as lideranças vai renovando, eu louvo e agradeço a Deus, porque tem gente que fala assim: ah... no nosso tempo fazíamos assim, assim... Eu falo assim: graças a Deus que esse tempo passou. Por que se esse tempo fosse hoje ainda nós não tava progredindo, não progredia. E tem que inovar porque a gente tem que ir dando espaço para os que chegam, e você ser suporte pra quem chega ajudar. Então, foi um tempo difícil, mas um tempo bom e um tempo alegre.

Letícia Rocha: Quais eram as dificuldades de vocês mulheres? Havia diálogo entre vocês para falar de questões do relacionamento, tinha violência doméstica?

Francisca Rodrigues: Olha aquele tempo, e quando eu falo aquele tempo é porque já tem mais de 40 anos que eu estou aqui. Então, naquela época não tinha o conhecimento e a informação que tem hoje, às vezes muitos casos que acontecia, mas ficava isolado, detido dentro da família, né?! Um ou outro que você sabia. Às vezes a mulher não sabia de seu direito. E quando se fala de violência doméstica não só dentro da família, mas fora, no trabalho, verbal ou exploração no trabalho ou né? a injustiça. Hoje as mulheres estão mais informadas, mais espertas conhecem seu direito, naquele tempo já havia essa organização, né?! As mulheres eram organizadas em grupos, associações de moradores, de mulheres em movimentos. Organização para as lutas, o grito dos excluídos, isso tudo era uma formação na vida da gente. Quando acontecia aqueles grandes encontros da diocese, fé e política, não é?! Aqueles encontros que a diocese oferecia, a paróquia oferecia, então, tudo isso era luz na nossa vida de mulheres, ali foi um aprendizado, uma escola, a gente vai amadurecendo e ajudando outras pessoas, e por aí lá vai nós até hoje.

Letícia Rocha: Isso tudo contribuiu na sua vida pessoal? Podemos pensar um paralelo antes e depois das CEBs.

Francisca Rodrigues: Oh... como eu disse no início, quando eu morava lá no interior, eu já tinha aquela luz que vinha movida, por que lá não tinha formação nenhuma ficava nos livros sagrados, né? eu até falava que naquela época se eu tivesse conhecido uma congregação (risos), eu tinha ido pra congregação, mas só que hoje eu não falo isso mais, por que eu já tenho a minha família que também é uma vocação, é um dom. Quando eu cheguei aqui que comecei a participar, então, a tendência é mudar pra melhor, né? Tanto a visão, como o comportamento, como proceder, como agir, como até ouvir, como falar. Então, toda a nossa vida é uma escola, todos os dias é um aprendizado, desde quando damos abertura para o novo que chega. Cada dia é um novo, né?! Igual eu falei no início, que eu parei lá na 4ª série... 4ª série naquela época era quase uma faculdade, e com o tempo ela perdeu, né? perdeu. E eu tinha aquele propósito de qualquer tempo, chegar aqui e continuar meus estudos, mas foram chegando os filhos, primeiro eu vou educar meus filhos, depois eu vou fazer o que quero. Aos pouco Deus foi concedendo essa benção e eu fui aprendendo também. Meus estudos também foi uma luz, né? Então, depois de 60 anos, eu fiz... o ensino médio terminei, e fiz o curso técnico de enfermagem, era um sonho que eu tinha. Então, Deus foi me concedendo que fiz o curso técnico de enfermagem, não atualizo na área, mas e foi um aprendizado, um conhecimento que hoje... igual quando você chegou aqui eu já ia visitar os doentes. Tá ali o aparelho de pressão (risos e aponta para o aparelho encima da mesa), nós temos muitos doentes na comunidade, aqueles que fica lá ó, ó... afogadinho, poucos que vão, então, a gente vai descobrindo isso na comunidade. Então, tudo é CEBs. Então, foi uma mudança de vida, um antes e um depois, a gente não pode

ficar parada no tempo. A idade chega, mas você tem que ir avançando, chega à idade, mas o espírito tem que ser renovado (sorridente). Também, aprendi muito com as comunidades rurais.

Letícia Rocha: Então, você trabalhou com as comunidades rurais?

Francisca Rodrigues: trabalhei, com as comunidades rurais, com Pe. Kiyti, Pe. Tardin, Pe. César, esses padres que passaram aqui na paróquia, Isméria, tinha uma equipe rural, Rita Ornelas. Rita foi uma grande contribuidora da minha vida, sabe? foi uma grande pessoa na minha vida, aprendi muito com ela. O padre Tardin pra mim foi um professor, ele nos ajudou muito, não só na questão espiritual, mas também essa questão social, financeira né? Aprendi muito com irmão João Luiz com aquele jeito (risos), tanto no mundo da política, né? A política com a politicagem aprendi muito a separar uma coisa da outra. E por aí a gente vem... né? discernindo a vida. E aí com essa caminhada das CEBs criamos pequenas comunidades.

Letícia Rocha: Qual a sua opinião sobre o aborto?

Francisca Rodrigues: O aborto? O aborto é uma vida em jogo, né? E nós como igreja, a gente luta contra o aborto para defender a vida. Mas, a massa a grande massa sem consciência, e tem aqueles que querem fazer disso aí, talvez, até um comércio, né Letícia? Como existe e às vezes a gente não tem coragem de denunciar, eu acho que se a gente unisse mais contra o aborto, e a favor da vida, talvez, a gente ganharia essa causa. Mas vamos ganhar o que tiver ao alcance ir fazendo, esclarecendo para as pessoas, principalmente para esse povo mais novo, né? É a vida em jogo.

Letícia Rocha: E a sua opinião acerca do divórcio?

Francisca Rodrigues: O divórcio também, é uma outra situação se você for olhar a realidade hoje, o sacramento do matrimônio pra muitos é um comércio, e é uma... coisa na sociedade (como que se fala assim... tenta lembrar). Se você vai hoje o casamento é um desfile de moda, cada um quer apresentar melhor que o outro, muita preocupação com o material, né? Eu não sou contra, cada um tem sua vida é livre, mas às vezes a espiritualidade no matrimônio fica pra depois. Às vezes o casamento hoje eles confunde o amor com a paixão. Que quando há amor, você enfrenta o desafio, mas quando é paixão, é passageira. Se torna tudo frio. Então, o divórcio também não faz parte da construção da vida que é o projeto de Deus. Então, merece muita atenção na hora da preparação dos casamentos, que tem os grupos que fazem essa preparação.

Letícia Rocha: Em sua opinião o divórcio não deve acontecer?

Francisca Rodrigues: ele não deve acontecer, mas pensando assim, cada caso é um caso. Que tem casamento que acontece para os olhos de Deus ele não existe. O casamento foi pra ser feliz, construir uma família. Mas se for para viver junto dando mal testemunho... por isso, eu falo cada caso é um caso, tem que ser verificado e estudado, se vale a pena continuar essa vida ou não.

Letícia Rocha: E com relação a contraceptivos?

Francisca Rodrigues: É... a pastoral familiar faz um trabalho muito bonito nessa parte, como prevenir de uma gravidez, com um método natural. Mas só que olhando a realidade de hoje, isso pouco acontece. As pessoas não tem paciência de usar método natural, e essa questão da pílula, esses trem também, é igual eu já falei, cada caso é um caso, tem pessoas que não tem condições de dar a luz, de dar uma vida. Que às vezes pode colocar em risco mãe e o filho. Aí vem o estudo profundo, né?! Como fazer?

Então, são situações assim, que a gente visualiza ou até também, no meu caso na época até participei também, de usar método da pílula, por exemplo.

Letícia Rocha: Você utilizou a pílula?

Francisca Rodrigues: Sim utilizei, mas, ainda veio 9 bênçãos. Acho que contribui com o projeto de Deus (risos). Esforçamos em educar também. Hoje se cada tem um caminho, meu esposo e eu mostramos esse caminho de Deus para eles. Mas hoje a gente não sabe nem o que falar, mas a gente sabe que a igreja não é a favor desse tipo de método.

Letícia Rocha: Você utilizou pílula e fez laqueadura também?

Francisca Rodrigues: sim, fiz também na época, há trinta anos atrás. Naquele tempo a gente não tinha aquele esse conhecimento que tem hoje. Hoje a igreja trabalha mais essas questões, tem as pastorais, que conscientiza que faz esse trabalho com as famílias, mas não é acatado por muitos.

Letícia Rocha: Você pensa que hoje a igreja tem essa abertura a mais para a mulher, dentro disso que estamos falando? Qual é a sua visão?

Francisca Rodrigues: Não, vejo assim como um todo não, ainda vejo assim muito domínio dentro da igreja.

Letícia Rocha: Que tipo de domínio?

Francisca Rodrigues: Por exemplo, a liderança, a mulher tem sim essa abertura na igreja, mas ainda há muito domínio, eu quero dizer assim essa parte, como liderança. Eu não vejo isso assim como... o leigo isso aquilo e outro, mas eu não vejo toda essa abertura, qualquer coisa o leigo tá sendo tizorado, podado...

Letícia Rocha: Você se refere o leigo homem ou a leiga mulher?

Francisca Rodrigues: Eu falo do conjunto. Mas essas podas fere e afasta as pessoas. Mas a mulher tem sim essa participação na igreja, essa abertura, mas ainda falta melhorar, muita coisa ainda, agora eu não sei que coisa (risadas). Ela tem que ser valorizada sabe por quê? Por que a mulher principalmente a mãe de família, ela muitas vezes ela deixa família, sacrifica um pouco do seu tempo, às vezes até do seu tempo, da sua saúde, às vezes de seu trabalho pra dedicar de alguma forma a... mas às vezes não é visto isso não. Você quer me entender? Eu sou dona de casa, tenho os afazeres da família, tenho parente, tenho comunidade, eu tenho que ter um jogo de cintura e conciliar tudo pra não poder ficar só na família, porque também, não tem sentido, eu tenho que desprender me despojar. Tem que ser mais valorizada, ser vista com mais amor. Principalmente a mãe de família, o homem não, chega e encontra tudo pronto, ele não tem aquele compromisso que tem chegar e fazer as coisas, arrumar cozinha, lavar roupa, tem que mexer com menino.

Letícia Rocha: Você não acha que deveria haver essa distribuição das funções entre homem e mulher?

Francisca Rodrigues: Deveria, mas ainda há esse machismo.

Letícia Rocha: E esse machismo nas famílias, você acha que reflete na igreja?

Francisca Rodrigues: Sim, mas quem viver verá (risadas), no futuro quem sabe uma diaconisa. Você não viu que levou anos para ter uma presidenta, e ainda tiraram (risos).

Letícia Rocha: E com relação ao seu marido? Qual a postura dele com relação a sua participação? Ele impedia você de fazer esse trabalho na comunidade? Ele acompanhava você?

Francisca Rodrigues: No início teve assim... ele começou participando com a gente nos grupos de base, porque ele é uma pessoa muito tímida, chegava no meio de gente ele não tinha paciência de ficar esperando. Depois eu passei a participar mais, eu. Às vezes eu tinha o apoio e às vezes não. Participar de comunidade você sai muito. Às vezes tinha resistência, a gente não chegou assim, a entrar em conflito por causa da igreja não. Por outro lado eu sempre tive o apoio dele, depois ele começou a participar mais ativamente das missas, dos movimentos, quando falo movimento, Associação São Vicente de Paula. Hoje ele tá no terço dos homens. Hoje eu tenho mais apoio, nos inícios que a gente era mais novo, mulher nova, essa saição... (risos).

Letícia Rocha: Podia ser ciúmes?

Francisca Rodrigues: Sei lá (risadas). Nós sempre tivemos uma vida conjugal de mais harmonia, né? Um homem muito paciente, um bom esposo, um bom pai.

Letícia Rocha: Você participou de algum Intereclesial de CEBs?

Francisca Rodrigues: De Rondônia, e participei mais em nível estadual, em Santa Maria, teve um outro aqui... Mas hoje quase não tá acontecendo mais, né Letícia? Tá acontecendo pouco, mas os grupos de base estão nas comunidades.

Letícia Rocha: E a que você atribui o enfraquecimento das CEBs atualmente?

Francisca Rodrigues: Pois é menina, acho que hoje na igreja são muitos movimentos, pastorais, grupos, e não só isso, não sei... de acordo com a animação do povo, antes era mais animado, destacava mais. Mas as CEBs, ela esta viva aí, é só você soprar, aí aparece o brasilão, tá naquelas cinzas... vivinhas (risos). Aqui na nossa comunidade temos sete grupos de base, capegando, mas vai. O trabalho de CEBs continua não tá com animação toda, mas tá na vida, na luta, nas bases.

Letícia Rocha: Conte algumas ações concretas dos grupos de CEBs naquela época.

Francisca Rodrigues: me lembro da ocupação no Ciro dos Anjos- demos muita assistência. No Ciro dos Anjos era só um matagal, na época o pessoal colocou barracas, e nós demos assistência. Enfrentamos, ajudava as famílias, animava o povo, levava alimentos, e nós sempre enfrentou muitos desafios. A polícia ia derrubava os barracos e nós levantava de novo. Tivemos muitos momentos bons. Eu lembro essas casinhas aqui da baixa, um dia de noite chovendo, a gente saiu caçando gente nessa baixa que tinha uns barraquinhos pra ver como estava a situação. Olha pra você ver o risco que a gente corria, de noite dentro de enchente. Hoje eu lembro, nós era corajoso demais. Mas aquilo era o ensejo do momento. No Canelas aqui, foi a mesma coisa... Veio uma grande enchente que inundou tudo, carregou gente, quando baixou a enchente só via gente colocando móveis, feira, pondo tudo pra fora pra carregar, desfazendo. A gente reuniu na igreja, fez aquelas panelas de comida, levou lá, caçou uma casa mais alta, colocamos a comida pro povo alimentar, a tarde levava lanche, café. Batia na porta das famílias oferecendo. Por quê? Eles estavam sem condições... fizemos grandes campanhas, a igreja mobilizou, sabe? Pra ajudar esse povo. Então, foi tantos momentos assim, né? Sabe Letícia, as comunidades de base tinham muito essa solidariedade uns com os outros. Quando sabe que tem um irmão sofrendo, doente precisando, as comunidades estão ali, principalmente as mulheres, porque as mulheres que dá notícia das coisas, boas ou ruins, a mulher que mobiliza a comunidade a ajudar, fazer

campanhas, que mulher que sabe das coisas, a mulher que descobre as coisas da comunidade... que dá notícia de tudo. Igual Maria lá que falou com Jesus que estava faltando vinho.

5- Entrevista de Flávia Araújo de Almeida- 1:11:15h.

Atualmente está colaboradora não mora em Montes Claros, voltou para a cidade onde nasceu depois que aposentou-se, no interior, conforme, consta em seu relato. Fui recebida na casa desta (atualmente quem mora nesta casa é a filha), cheguei pontualmente, às 20h. Estava me aguardando, demos um abraço, e começamos a conversar, contou que viajou muito para esta ali naquele momento. Também, falou do falecimento de uma vizinha ocorrido naquele dia, portanto, estava um pouco triste. Percebi que num primeiro momento estava receosa se saberia falar mesmo, eu disse que sim, falei que ficasse tranquila. Falou muito, e percebemos que tinha necessidade de se expressar. Percebemos uma fala firme, corajosa, mas também, saudosista. Fomos interrompidas algumas vezes, uma vez com a delicadeza da filha, que nos levou suco e biscoitos, depois com a entrada na sala em que estávamos das netinhas. Outro momento alguém que bateu fortemente no portão, e nos assustamos. A gravação não ficou muito nítida, e tivemos que omitir alguns trechos no processo de transcrição.

Letícia Rocha: Fale seu nome completo e idade.

Flávia Almeida: Então, meu nome é Flávia de Araújo Almeida, nasci em 1959, tem 59 anos, na cidade de São Francisco. Distrito do Morro.

Distrito bem pequeno onde não existia muitas pessoas. Era um lugar... assim, muito pobre. Lá quem ensinava as pessoas, dava aula era meu pai, ele tinha 4º ano primário. Ele começou a educar as pessoas daquela região. Tinha fazendas, bem distantes umas das outras. Eu vivi um tempo lá, depois sair com minha família, fui com minha família morar em Janaúba, depois, Porteirinha.

Letícia Rocha: Qual motivo?

Flávia Almeida: Fui estudar, porque lá onde eu nasci não tinha escola. Como meu pai estudava fazendo aquelas provas... supletivo. Essas provas antigamente tinha que fazer lá para ele continuar dando aula, ele arrumou a casa dos professores para eu ficar. Aí eu estudei até a 8ª série. Aí voltei para São Francisco. Em São Francisco comecei o Ensino Médio, por algumas questões familiares voltei para o distrito, e lá eu fui dar aula, não tinha nem o ensino médio completo. Eu fiquei fazendo o ensino médio por supletivo igual meu pai, só que em Montes Claros. Aí casei lá em São Francisco, lá eu dava aula, mas aí foram uns professores formados pra lá, e eu perdi meu lugar. Eu sonhava em estudar e dar aula.

Letícia Rocha: Então, você veio p Montes Claros para estudar?

Flávia Almeida: Eu casei, eu vim para Montes Claros, mas o motivo maior foi estudar para mim ser professora, era meu sonho.

Letícia Rocha: Quando veio já tinha os filhos? Qual ano mudou-se para Montes Claros?

Flávia Almeida: Eu mudei pra cá em 82, 83. Eu tive um filho lá, ele veio bem pequeno, os outros todos nasceram aqui, duas. Eu cheguei aqui, e continuei estudando e fiz o CESU, aí eu terminei. Depois que terminei tentei a prova da prefeitura, trabalhei muito tempo como voluntária aqui na creche, era uma forma de trabalhar levava meu menino. Meu marido tava com muita dificuldade de arrumar emprego.

Letícia Rocha: E qual era o trabalho do seu marido?

Flávia Almeida: Meu marido o primeiro trabalho dele aqui foi abrir fossa, não tinha rede de esgoto, tinha poucas casas, poucos moradores.

Letícia Rocha: Você chegou e veio morar nessa região?

Flávia Almeida: Sim, nessa região, construímos um cômodo, lá era a sala, quarto, a cozinha, fazia tudo lá. Era lugar da gente dormir, fazia a comida de um lado... Hoje quem me ver e ver a minha casa não pensa....

Naquele córrego que hoje é esgoto, naquela época, a gente lavava roupa, pegava água...tinha um chafariz, aí começou minha luta aqui, por água, esgoto, luz.

Letícia Rocha: Não foi possível voltar para sua cidade?

Flávia Almeida: A vida da gente vai andando e construindo história. Chega um ponto que vai conhecendo pessoas, amizades, laços e vai construindo sua própria vida. Dentro desse contexto eu vi que era melhor ficar aqui.

Aí comecei estudar, fui incentivada por uma irmã chamada irmã Rosa. Eu tentei o concurso da prefeitura, trabalhei depois que aposentei, voltei pra terra natal.

Letícia Rocha: Você começou a falar da região aqui quando mudou como eram as pessoas nesse período? Como começou a sua inserção aqui nas CEBs?

Flávia Almeida: Na verdade Letícia foi assim, uma história impressionante, eu vim de uma família muito simples, humilde, mas muito religiosa, rezávamos o terço todos os dias. Aí quando mudei pra cá tinha muito mato, mas já tinha as irmãs, a tarde colocava o sino, o sino batia todas as tardes, tinha a Ave Maria. Ai eu peguei, e fiquei curiosa e subir para ver o que era o sino. Pensei que deve ser que tinha uma igreja por aqui, chamei meu marido, e nós fomos andando pra olhar. Vimos que tinha uma grande obra lá, quando ia subindo, vimos outras pessoas subindo, e perguntamos o que era. As pessoas responderam é um centro onde funciona tudo. Perguntaram pra nós, tá morando aqui? Respondemos que sim, e falaram que tem a missa todo domingo. A missa era na creche, não tinha igreja. Lá tinha o posto de saúde, lavadeira, a creche pra colocar as crianças. Eu pensava que era algo fechado que não era todo mundo que podia ir, elas falaram que podia sim. E aí, a primeira vez que fui na missa lá com meu marido, ficamos mais de longe, com vergonha de aproximar. Porque as irmãs tinha as palavras diferentes da gente. Como nós viemos da zona rural lá longe. Aí começamos a participar, conversando com as pessoas, fomos misturando. As irmãs começou a visitar a casa da gente, visitou nossa casa. E como a gente tem sede de Deus, acredita e tem muita fé, a tendência é agregar ao povo de Deus.

Nessa época essa região estava com muita dificuldade, assim, logo as irmãs convidaram a gente para ir para uns grupos de base. Era com dificuldade porque não tinha luz, e nós íamos, as irmãs tinha lanterna, nós não tínhamos lanterna, usava vela e a vela apagava, a gente ia.

Letícia Rocha: Seu marido acompanhava?

Flávia Almeida: Sim, porque era nós dois, e o menino pequeno, ele ia. E a gente escutava que tinha muito terreiro de macumba nessa região que o povo falava, tinha uns batuques de tambor, aí muita gente tinha medo. Eu nunca tive, nunca acreditei nessas coisas... Encontrava muita coisa assim, cachaça, farofas, frango nas encruzilhadas, mas era muito bom tudo. Aí nós fomos para os grupinhos, só ouvindo, nós fomos ouvindo, uma hora soltava uma perguntinha. Um dia meu marido disse que não ia mais porque não queria responder, ele tinha medo de responder as perguntas.

Letícia Rocha: Que tipo de perguntas?

Flávia Almeida: Às vezes tinha reflexão lá, tinha palavra de Deus, e discutia as necessidades do povo, não tinha luz, água, não tinha ruas...

Letícia Rocha: Quem participava mais desses grupos?

Flávia Almeida: Mais mulheres que homens, os homens sempre tinha, mais poucos.

Nesses grupos eu achava interessante, discutia a palavra de Deus, e era o problema que a gente tava enfrentando. Começamos a organizar o povo para as lutas para aquilo que a gente precisava. Aí eu fui entendendo o que é igreja. Antes a gente pensava que era o templo lá, depois eu fui entendendo que tinha fazer, tinha ações. Aí você vai construindo a ideia de que apenas conversar não resolvia, tinha que partir para a ação. Isso vai acontecendo uma transformação na vida da gente... muda o psicológico, a questão do espaço físico.

E aí depois quando começamos a participar desses grupos começamos a lutar por água, abrigo, ruas, rede de esgoto... Aqui essas baixadas quando chovia enchia tudo. Fomos tomando consciência dos direitos. E aqui eu morei aqui muitos anos, agora que mudei, mas a gente carrega tudo, são muitas histórias. A gente carrega as CEBs, a gente muda e as CEBs vai dentro da gente.

Letícia Rocha: Como você avalia sua participação nas CEBs? O que mudou na sua vida pessoal?

Flávia Almeida: Em vários aspectos, eu construí através dos trabalhos de grupo a minha vida e aprendi a lutar, para mim e para os outros. Eu me formei, consegui fazer uma faculdade, consegui fazer pós-graduação, isso pra mim foi uma mudança de vida, talvez, se tivesse parada sem participar não teria o incentivo que tive dentro desses grupos, para que a gente estudasse, lutasse... Eu recebi muita luz, devo a muita gente. Eu não tinha consciência do que era CEBs quando eu entrei depois que tomei consciência. Aí eu via que era uma igreja de fato, aquela Igreja que Jesus queria. Uma Igreja onde todos conhecesse as pessoas até pelo nome. Começamos a reunir um grupo para estudar para o concurso da prefeitura, passei e conseguir meu trabalho. Era grupinho voluntário de estudo. Nós formamos um grupo, e a maior parte desse grupo passou. Eu consegui um trabalho, e isso é uma transformação na vida da gente. Aí eu consegui ajudar em casa, o sustento da família... A gente estudava e crescia nos direitos humanos e levava para os grupos. No grupo falava de tudo. Era um grupo coeso, isso aí foi uma base que eu acredito ser muito boa. Uma outra questão foi a criação dos filhos, a creche contribuiu muito. A creche, a primeira educação dos meninos foi lá. Nossos filhos estudava lá. As irmãs sempre tiveram dificuldade de manter a creche, e nós fomos lutar com a prefeitura para que pudesse aprovar o convênio, tudo foi uma luta...

Letícia Rocha: E no âmbito social o que mudou o em você?

Flávia Almeida: Quando os grupos foram crescendo eu já era uma liderança, lá na escola, eu fui entendendo que eu poderia participar de outros espaços. Participava de outros encontros lá fora. A vida da gente ia mudando, imagina um barracão que era um só, cresceu já tinha luz, água... Era o momento de ajudar a outras pessoas a ter seu espaço.

O povo do Ciro dos Anjos sofria bastante com umas casas de lona, aí na época as irmãs, fizeram um projeto na época para tentar construir pelo menos construir um barracão para estas pessoas. A prefeitura na época mandou um trator para derrubar todas as lonas, e nós fomos para cima, teve mães que jogavam os filhos dentro das lonas para não passar o trator. Quando você começa entender o amor, a dar valor à vida, você não

mede consequências parte pra luta mesmo... E luta para que a prefeitura não tirasse esse povo, mas que construísse casinhas para que o povo pudesse viver, nós vencemos. Fomos ajudando outras pessoas a ter seu lugar digno para viver, juntava a mulherada, ia alguns homens, mas era mais mulheres. Ai cê vai construindo...

Letícia Rocha: Conta um pouco da sua experiência na política?

Flávia Almeida: Na verdade a gente quer uma vida melhor para todo mundo. Vendo esse sofrimento de tentar lutar para que a gente tivéssemos esse espaço, e sabendo que é papel do poder público, a gente não via isso, eles não tava nem aí. Então, umas pessoas, vimos que a fé a política não pode andar separado, então, falaram Flávia é você, que vai nos representar. Aí eu falei que não sentia preparada, sempre que ia pegar uma missão não sentia que estava preparada. Aí teve uma pessoa, um rapaz que falou que já havia feito até a música da campanha... outros fizeram panfleto, camiseta, mimeografaram alguns santinhos, o povo era simples, mas muito criativo.

Letícia Rocha: Qual ano foi sua candidatura?

Flávia Almeida: Não me lembro vou ficar te devendo Letícia. Teve umas pessoas que falou que ia fazer uma proposta mimeografada. Encontrei um senhor que doou alguns santinhos de presente para a campanha. A gente queria uma candidatura que fosse do povo, que lutasse pelo bem do povo. E como a gente não tinha dinheiro... E tinha mais essa, teve alguém do grupo que falou: é o seguinte, você tem que se filiar a algum partido político. Ai nós fomos estudar, porque eu não conhecia direitos os partidos e as propostas. Nós fomos estudar os partidos, e o que tinha mais a ver com as nossas lutas, e o que compartilhava de nossas luta era o PT, as ideias eram as mesmas. Algumas pessoas tiveram resistências, mas aí filiamos. Aí eu filiei no partido dos trabalhadores, e fiquei conhecendo muita gente. Não ganhamos o pleito, mas ganhou mais luz, mais luta, porque ganhar a eleição não é simplesmente ganhar o cargo.

Letícia Rocha: E você teve uma boa votação?

Flávia Almeida: Comparando o número de pessoas daquela época, e de pessoas que não conscientes, porque até a própria igreja naquela época não podia falar muito. Inclusive teve um padre quando nós saímos para divulgar, não recebeu a gente, não aprovou.

Letícia Rocha: Mas por quê?

Flávia Almeida: Falou que nós não podíamos misturar política com igreja.

Letícia Rocha: Nessa época você sentia resistência na igreja por parte dos padres e das pessoas por ser mulher?

Flávia Almeida: Na verdade quando fui filiar eu não tive essa abertura, me falaram: moça vai nem que você seja uma candidata fria. Eu perguntei o que é isso? Me responderam: Uma candidata fria é só com o nome para completar a legenda. Eles não preocupavam da mulher na política, para discussão, mas importante completar a vaga só isso. Ao final nós o grupo que era um muito pequeno, avaliamos como muito bom o processo, tivemos 200 e poucos votos, naquela época foi bastante expressivo. Ai quando tentamos a segunda vez, o grupo cresceu, eu fiquei muito assustada da primeira, a gente passa por muita coisa. Aí eu me candidatei de novo e foi mais forte, quando apresentava as candidatura de base, o poder podia fazer campanhas com maior divulgação de radio, tv. Ai não elegei. Da terceira vimos que era difícil mesmo e desistimos, então, apostamos na juventude, em outra pessoa.

Vendo muito sofrimento das pessoas na região, na cidade, muita prostituição, eu resolvi candidatar ao conselho de direito de criança e adolescente. Eu comecei a estudar sobre os conselhos para tentar uma vaga no conselho. Entrei no conselho tutelar, com a ajuda

do povo, ganhamos. Pude defender graças a Deus o foro de Montes Claros. Se não tiverem queimado o arquivo tem muitas histórias de muitos meninos que acompanhei, ameaçados... teve momentos que sai, e minha família nem sabia onde eu estava, porque tinha que mudar de lugar muitas vezes para preservar a vida e defender os meninos da morte. Resgatar meninas na zona rural que sofria abusos... coisas absurdas, hoje as pessoas nem acredita que Montes Claros teve isso. Meninos órfãos. Acredito que em tudo isso as CEBs ajudou, talvez, se não tivesse participado não teria essa força e coragem.

Letícia Rocha: Qual a opinião sua acerca do aborto?

Flávia Almeida: Olha Letícia, é uma questão muito séria. Eu defendo a vida, eu sou contra o aborto. É uma vida, dada por Deus. O feto tem cuidar mais do que se fosse grande, só tem a proteção da mãe, ele não pode cuidar por si só. Sou contra o aborto. Agora temos que entender, tem casos igual, por exemplo, teve um caso real vou te contar. Quando estava no conselho tutelar, tinha uma criança de 12 anos que engravidou. Só que uma menininha que não tinha desenvolvido nada, raquítica, desnutrida, uma criança que desenvolve ali não tinha como desenvolver no corpo dessa criança... Não tem jeito, temos que decidir entre uma vida ou outra, nesse caso aí sou até favorável. Outro caso de uma menina deficiente que engravidou e a gravidez foi gerada numa trompa... eu não entendo o caso direito, só que não teria condições de gerar uma criança da forma que estava. Há casos e circunstâncias que precisa acontecer.

Letícia Rocha: E sobre contraceptivos?

Flávia Almeida: A pílula tem que ser acompanhada, tem que ser medicada, ver o que é melhor tomar. É bem melhor tomar uma coisa para não engravidar do que depois abortar. Uma época eu tive uma discussão com o pessoal no PSF do Alterosa, um menino chegou perguntando se tinha camisinha que servia nele... distribuía pra todos menininhos que chegava lá, reclamei isso não é educação.

Letícia Rocha: E com relação ao divórcio, o que você pensa?

Flávia Almeida: Oh Letícia, você tem que ser feliz e fazer o outro feliz. Se você tá casada e tá feliz tudo bem, dê graças a Deus, mas se você tá casada e não tá vivendo bem, o melhor é separar para que você tem sua vida tranquila e ele também. Sou a favor do divórcio. Acho que a pessoa tem que ter uma vida digna e feliz. Agora ficar ali se torturando porque acha que tem que ir pro céu, não existe isso pra mim. Não é que eu quero que todo mundo divorcie não é isso não, a gente torce pra que as famílias vivam, porque as famílias é o ninho do amor. Mas se ali não existe o amor mais, é preciso ver.

Letícia Rocha: E sobre a participação de mulheres na igreja, você acha que tem aberto canais significativos de participação, digo igreja, mas também na sociedade e na política?

Flávia Almeida: A mulher é presença viva, mas a igreja nunca dá espaço, a igreja tá fechada com relação a mulher. Nós mulheres ainda devemos lutar muito, os espaços estão fechados na política, no emprego, religioso. Elas servem para eucaristia, mas coisas importantes ainda não. É um desafio à participação, a valorização da mulher. As lutas das audiências públicas sempre vão às mulheres, de referencia são as mulheres da paróquia aqui, e todas elas foram que viveram aquela espiritualidade das CEBs.

6- Entrevista Maria Isméria Pinheiro Ezequiel- 47:08 min.

Das colaboradoras a única que recebi em minha casa foi M^a Isméria, porque encontrava-se em sua casa os netos, estava impossibilitada de me atender em sua casa, devido à movimentação. Ela foi bastante pontual, quando chegou a minha casa, eu ainda estava na casa de M^a Rita (pois, entrevistei as duas no mesmo dia), minha irmã me ligou dizendo que a mesma havia chegado. Pedi que esperasse que logo chegaria. Na verdade, cheguei bastante atrasada, e pedi desculpei. Começamos a entrevista imediatamente, com generosidade e abertura relatou fatos pessoais e da experiência comunitária. Percebia em sua expressão força, coragem, determinação, esperança, saudades de um tempo que segundo a mesma, foi bom! Ao terminar a entrevista, continuamos a conversar um pouco, e a convidei para um café.

Letícia Rocha: Fale seu nome todo e a idade.

M^a Ismeria Ezequiel: Maria Isméria Pinheiro Ezequiel, sou de 12 de janeiro de 1958, tenho 60 anos, fiz agora esse ano.

Letícia Rocha: Você é natural de qual cidade?

M^a Ismeria Ezequiel: Eu sou natural de Claros dos Porções.

Letícia Rocha: Conte um pouco da sua infância, adolescência em Claros dos Porções.

M^a Ismeria Ezequiel: Claros dos Porções é a cidade natal, mas eu fui criada na zona rural lá do município de Claros dos Porções. Fui criada assim, na roça até meus 13 anos, vivi normalmente na roça. Depois dos 13 anos foi que eu vim pra cidade, pra trabalhar pra ajudar meus pais. Eu trabalhava cá e o dinheiro que eu ganhava, eu mandava pra meus pais, para o sustento da família, que a gente éramos muitos irmãos, 12 irmãos.

Letícia Rocha: E você trabalhava com quê na cidade?

M^a Ismeria Ezequiel: Eu trabalhava em casa de família, é... olhando criança, trabalhava de babá. Foi um tempo bom! Depois eu peguei uns 17 anos, eu já comecei a tomar conta de cozinha de casa dos outros, passar roupa, lavar. Essas famílias que eu trabalhei com eles, até hoje qualquer uma dessas casas que eu trabalhei, ainda vou na casa, tenho amizade, me vê na rua, grita.

Letícia Rocha: Em que ano você veio para Montes Claros?

M^a Ismeria Ezequiel: Assim, que eu vim foi mais ou menos em 19... e 77 que eu vim que eu casei em 1979.

Letícia Rocha: Então, você veio pra cá antes de casar?

M^a Ismeria Ezequiel: Foi

Letícia Rocha: E quais foram os motivos que levaram você a vir para Montes Claros?

M^a Ismeria Ezequiel: Foi exatamente isso que na roça você trabalhava no pesado, né? Ou então... não tinha condições de trabalhar e estudar. Eu que lembro que nessa idade de 13 anos, trabalhava de enxada com meu pai na roça, era tomando conta de gado nas fazendas com ele, andava de a cavalo, corria atrás de bezerro, vaca (risos). E depois, quando eu vi que precisava ajudar, e que eu não ia aguentar aquele trabalho, sol quente, aí eu vim pra cidade para trabalhar na casa dos outros.

Letícia Rocha: Você estudava nessa época na roça?

M^a Ismeria Ezequiel: Estudei até a 4^a série na roça. Depois eu vim pra cá estudei mais um pouco depois parei, não terminei o ensino médio.

Letícia Rocha: E por que parou os estudos?

M^a Ismeria Ezequiel: Porque não tava dando conta, trabalhar, estudar e naquele tempo, a gente não tinha aquele incentivo para estudar. Meu pai ele não tinha leitura, ele não incentivava a gente nada. Esse pouco que a gente estudou porque mamãe tinha, né? tinha 4^a série, e ela incentivava a gente a estudar e meu pai não. Meu pai era muito machista, mulher não precisa de estudar não, mulher era para tomar conta de fogão.

Letícia Rocha: Você falou que casou aqui em Montes Claros?

M^a Ismeria Ezequiel: Foi aqui em Montes Claros.

Letícia Rocha: E conheceu seu marido aqui também?

M^a Ismeria Ezequiel: Ele é de São João da Ponte, e morava aqui.

Letícia Rocha: Vocês casaram, e já vieram para essa região?

M^a Ismeria Ezequiel: Foi. Inclusive na época eu morava no centro, perto ali da Matriz, na casa de uma tia. E de lá... inclusive, eu casei na paróquia São Sebastião, quem fez meu casamento foi padre Ignácio. Eu conheci ele foi na casa que eu trabalhei, e uma prima dele trabalhava comigo, e foi através dela que conheci. Aí a gente começou namorar e com quase dois anos, não tinha dois anos completos não, aí nós casamos. Nessa mesma época já vim morar aqui na Vila Graice.

Letícia Rocha: Conte um pouco como era a região aqui quando mudou.

M^a Ismeria Ezequiel: Quando eu mudei o que tinha muito aqui era mato, onde cês moram aqui era tudo mato, não tinha nada. A Vila Graice não tinha luz, não tinha água, a luz era de lamparina, tinha as irmãs aí no maracanã, então, não tinha água, a água era de cisterna. E depois, começou aquela luta das mulheres, então a gente lembra bem. Eu grávida da minha primeira filha, a gente descia pra prefeitura a pé pra cobrar melhoria pro bairro. Era muito escuro, muita poeira, tinha um ônibus, um lotação que corria no meio da terra, era terra que só vendo, a gente via só aquele tufo de poeira no escuro, pro cê pegar ônibus. Uma coisa que tinha demais aqui era centro espírita, como eu era assim... eu não tinha costume, eu morria de medo (risos). Aí inclusive o ponto de ônibus, tinha dois centro espírita, um de lado outro de outro, eu ficava lá pra morrer de medo pra pegar o ônibus. Nessa época meu marido trabalhava no banco do Estado de guarda.

Letícia Rocha: Depois que casou você continuou trabalhando?

M^a Ismeria Ezequiel: Eu continuei um tempozinho depois parei. Até o 6^o, 7^o meses de gravidez eu trabalhava, e depois começava a ficar pesada eu parei.

Letícia Rocha: Isso da primeira filha?

M^a Ismeria Ezequiel: Sim, aí depois com o passar do tempo eu voltei a trabalhar de novo. Inclusive, eu trabalhei na casa paroquial lá do São Sebastião.

Letícia Rocha: Quantos filhos você teve?

M^a Ismeria Ezequiel: Quatro. Dois homens, duas mulheres.

Eu me lembro que quando veio a primeira melhora pro bairro, foi a luz, pelejamos, pelejamos... ia lá e brigava, brigava na prefeitura, aí conseguimos a luz, ligaram a luz. Aí depois foi a limpeza do bairro, né. Abrir as ruas. A luz chegou numa semana, no

início da semana, no fim da semana já tava as luzes acesas, os postes nas ruas, eles vieram limpavam as ruas, colocaram uns montes de brita, as crianças saiam correndo em encima. Aí passado o tempo foi à luta pela água. Foi pedir essa rede de água na prefeitura, Copasa, aí veio à água, outra luta foi o asfalto. Então, eu sempre morei na rua principal, a Frei Caneca, então, tudo que eles queria trazer pro Maracanã passava na porta lá de casa. Então, eu fui a primeira a ter luz, a ter água (risadas). Eu lembro quando chegou à água, a gente ligava a mangueira enfiava a mangueira nos lotes para dar água os vizinhos que estavam na rua de baixo, tipo assim... passando a água da gente pros outros.

Letícia Rocha: Lá na sua cidade você já tinha uma participação na igreja?

M^a Ismeria Ezequiel: Não. Minha participação na igreja era de missa, e nas festas de época, aquelas festas era Claro dos Porções, Água Boa...

Letícia Rocha: Mais ou menos em ano que começou a participar das CEBs?

M^a Ismeria Ezequiel: Isso em 89, lá pelos anos 90 eu já estava bem mais aperfeiçoada nas CEBs. Então, era onde a gente aprendia muito a trabalhar com o povo, a simplicidade, a humildade, começamos a trabalhar com o pobre, e com isso, eu peguei uma experiência muito grande pra trabalhar nas comunidades rurais, eu trabalhei 12 anos com as comunidades rurais, com a experiência das CEBs. Foi onde eu enfiquei minhas raízes. Foi com as CEBs que a gente aprendeu a lidar com o irmão, e ver o que é melhor pra gente, aprendeu a conhecer os direitos da gente, as lutas. Se eu tô na luta até hoje quem me ensinou foi as CEBs. Foi onde a gente aprendeu o essencial pra se viver. Esse bairro aqui do Ciro dos Anjos foi fundado bem naquele auge das CEBs, a gente ia pra lá cuidar daquele povo, cortava cabelo, tirar piolho, cê precisa de ver. E hoje já não tem isso mais. Então, a gente cuidava muito, enfrentava a polícia que chegava para tirar eles de lá. Foi através das CEBs que nós fizemos vários abaixo assinado pra gente conseguir direitos, tem leis aprovadas até hoje daquele tempo.

Letícia Rocha: Um exemplo de lei que se atribui a essa luta de vocês?

M^a Ismeria Ezequiel: a Lei da Ficha limpa foi, por exemplo, esse foi trabalho das CEBs. Tem muita coisa, agora a gente não lembra, mas foi luta nossa, dos grupos de CEBs. Antes das CEBs, os padres ficava bonitinho no altar, e depois das CEBs eles viram que são igual nós. Aprendemos a viver a fé e a vida. É assim, o povo das CEBs é assim, quando um chama pra luta todo mundo tá de pé e lá vai.

Letícia Rocha: Então, ao mudar para esse bairro que começou a participar?

M^a Ismeria Ezequiel: Foi aqui que comecei esse trabalho de igreja, foi aqui. Antes de casar eu ia às missas domingo na matriz quando eu morava lá no centro, nunca fui afastada da igreja, entendeu? Por minha tia ser muito religiosa eu lia a bíblia, aí depois que eu casei que eu comecei a engajar, nos grupos, nos trabalhos, na paróquia já de São Sebastião. Aqui já tinha grupo de reflexão, aí eu comecei participando, rezando terços nas casas.

Letícia Rocha: E como você descobriu, como começou?

M^a Ismeria Ezequiel: Foi... porque eu mexia assim... logo que eu casei eu engravidei, né. Então, eu tive minha primeira filha, e no eu ter a menina, eu comecei a mexer nas irmãs lá do maracanã, com as irmãs dominicanas, aí eu fui movimentando com as dominicanas.

Letícia Rocha: Movimentando o quê?

M^a Ismeria Ezequiel: Assim... nos cursinhos que elas davam lá, né. Curso de crochê, corte de cabelo, de unha. Então, eu ia pra lá fazer, e lá com as outras eu descobria o que não funcionava aqui no meu bairro, e que eu não sabia, e aí eu comecei participar, que era os grupinho de reflexão.

Letícia Rocha: Você fez esses cursos também?

M^a Ismeria Ezequiel: Fazia, fiz esses cursos corte e costura, aí através desse cursinho lá as pessoas de cá que participa lá, aí comecei descobrindo e participando, grupinho de base, reunia uma vez por semana para refletir a bíblia, as cartilhas que saía sobre as CEBs. Aí fui engajando teve uma época que foi o auge do cursinho, então eu participava nessa época que era Seu Alceole e Dona Maria Inês, que eles mexia com essas todas, então, eu acompanhava eles muito. Tinha a casa dos cursinhos lá no Jardim São Luís eu ia com eles, chegava lá eu sentava na plateia assistindo e ouvindo as coisas. Dai a pouco eu fiz o encontro de casais.

Letícia Rocha: E tinha muita participação de mulheres nesse período?

M^a Ismeria Ezequiel: Tinha. Aquela participação daquelas mulheres mais nova, assim... que tinha minha idade na época, sabe? Mas as mais velhas era assim... dos terços pra lá, minha sogra mesmo ela ia em algum terço. Não participava dos grupos de reflexão não, agora as mais novas, reunia nos grupos de reflexão, das cartilhas...

Letícia Rocha: Então, o trabalho de CEBs nessa época era conduzido pelas mulheres mais jovens?

M^a Ismeria Ezequiel: Era sim. As mais jovens essas mulheres que na época devia ter 20 a 45 anos. Nesse época eu tinha o quê? uns 20 poucos anos mais ou menos. Era Rita Ornelas, Olga, Dorinha nesse tempo elas eram novas. Tinha as irmãs no maracanã, Dona Maria Inês, eram essas pessoas dessa faixa de idade. A gente buscava aquelas pessoas que estavam afastadas. E eu fui pegando aquele gosto de está nos trabalhos, daí a pouco eu já tinha um grupo de reflexão, que eu coordenei muito tempo. Comecei um trabalho, um primeiro grupo de adolescentes aqui da nossa paróquia que era paróquia São Sebastião na época, peguei aquela criançada e formei um grupinho de reflexão, porque eles ia nas reuniões não participavam e atrapalhavam a gente. Aí eu pedi o Tardin para fazer uma cartilha pra gente trabalhar com as crianças, porque eles chegavam nos grupos e ficavam perdidos. Aí ele fez a cartilha pra eles, eu refletia com eles, foi o primeiro grupo de adolescentes.

Letícia Rocha: Você falava anteriormente que participou do encontro de casais, com seu marido. Ele participava de outros grupos?

M^a Ismeria Ezequiel: Não, ele nunca foi de igreja não. Ele era de igreja/ missa, mas também, não tentava me proibir, e quando tentava me proibir eu já tinha o conhecimento dos direitos também, eu passava por cima. Ele falava não ia eu falava eu vou. Às vezes ele apelava e tudo... eu enfrentei muita dificuldade, resistência dele, de às vezes a gente ia pra uma reunião, por exemplo, a gente ia muito no São Judas, porque o trabalho de reflexão nosso de mulheres era mais no São Judas, eu ia às vezes ele apelava, falava, cê vem sozinha tarde da noite... não sei quê, não sei quê. Naquele tempo não tinha problema nenhum a gente andar a noite sozinha. E dizia, ah porque eu não vou? eu ia carregava os meninos, pra não dizer que ele tava em casa tomando conta de menino. E ele falava: eu não sou muito de jeito novo de cês ta mexendo na igreja, que mulher passa por cima da palavra do marido, e vai. Eu dizia eu vou. Eu falava muito

com Tardin, e Tardin falava que a gente não pode ficar por baixo de palavras suas não. E na bíblia não ensina a gente tá mandando nos outros não, ensina a gente ser livre (sorriso). Saia, levava os meninos, voltava às vezes debaixo de chuva... Seu Alceole me ajudava muito, ele tinha um carrinho, um fusca na época, pegava esses meninos jogava lá dentro então, ele foi um apoio muito grande pra mim, nesse trabalho de igreja, as irmãs, e... foi assim... fui seguindo. Os encontros de casais ele participava dessa época, mas era uma reunioenzoeira, quando chegou uma época eu falei assim, isso não é o que eu quero pra mim não. Aí eu falei pra ele se você quiser continuar, eu não vou mais. Eu prefiro o trabalho de cá, tá surgindo cartilhas novas, jeito novo de igreja, de ir nas lutas, cobrar as coisas que a gente tem direito, reivindicar melhoras pra gente, eu vou mais pra esse lado de cá, aí ele pegou e se afastou também dos encontros de casais. Tanto que eu não cheguei a ficar um ano, eu sai logo, eu vi que não era aquilo que eu queria.

Letícia Rocha: O que marcou nessa caminhada de CEBs a sua vida?

M^a Ismeria Ezequiel: Foi ver o direito da mulher de ajudar nas celebrações, porque a mulher dentro da igreja nas missas ficava lá sentadinha, era só homem que participava lá na frente, no altar. Quando minha menina foi ser coroinha na época, não tinha menina mulher coroinha, era só menino homem, ela foi ser coroinha pra mim foi uma vitória, oh, minha menina! Estava servindo o altar junto com o padre. E que eu conseguia subir no altar pra fazer uma leitura. Porque eu lembro bem da missa em latim que o padre tava lá de costa e a gente só entendia o amém. Então, pra mim foi o que mais me marcou poder participar, fazer uma leitura no altar.

Letícia Rocha: Então, o que mais te marcou foi essa presença ativa da mulher na igreja?

M^a Ismeria Ezequiel: Foi, foi eu lembro antes dos 13 anos que a gente ia na igreja na missa, o padre celebrava de costa, né? A gente olhava os padres lá pelas costa e pronto. Aí quando pegou aí meus 17 anos eu já vi a diferença, eu que vi que tava mudando, tentando mudar.

Letícia Rocha: A participação nas CEBs contribuiu para você enquanto mulher? De quê forma?

M^a Ismeria Ezequiel: Oh Letícia, as CEBs me ajudou muito a conhecer meus direitos dentro do meu lar. Eu fui uma pessoa... quando eu casei eu não conheci a família de meu marido, entendeu? Conhecia assim de fachada, de ver e foi um ano, quase dois de conhecimento e de namoro, casamos foi muito rápido. Depois de casada que eu fui ver a realidade, o que era a vida de casada. Eu casei muito nova, casei com 18 anos. Então, aí começou a tribulação da vida. E eu fiquei nesse sofrimento até mais ou menos um espaço que eu já tinha uns 2 ou 3 filhos que foi a época que eu conheci as CEBs. Foi através das CEBs que eu fui é... amadurecer, o que eu podia fazer na minha casa e o que não podia. Até nesse ponto aí eu fui uma pessoa que apanhei de marido, perdi a minha liberdade dentro de casa, não tinha liberdade de conversar com as pessoas, de sair. Eu consertei minha vida foi através das CEBs, foi onde eu aprendi que eu não podia ficar calada, que eu tinha que responder. Tinha época que eu saia pra reuniões chegava e a casa tava toda quebrada, mas eu pensava, não vou afastar da igreja. Foi onde eu aprendi a me abrir também, procurar as pessoas certas. Comecei a ter contato com Pe. Tardin, expliquei pra ele minha situação, aí ele foi me ajudar, e consertou minha vida de casada. Na minha época era muito fácil homem socar mulher e ela ficar calada.

Letícia Rocha: Como você avalia a sua participação nas CEBs, o que mudou na sua vida pessoal?

M^a Ismeria Ezequiel: o que mudou foi isso, porque eu aprendi ser eu, ser mulher. Não ser pessoa dominada por outras pessoas. Isso... foi um dom que eu tinha e não sabia.

Letícia Rocha: E você voltou a estudar depois de casada?

M^a Ismeria Ezequiel: Não, não. O que eu mais fiz foi formação na área de igreja, o que eu pude participar e ter conhecimento disso aí eu fiz. Tanto aqui dentro de Montes Claros como fora. Viajei muito fazendo curso para trabalhar com pessoas, eu tinha vontade, gostava e tinha essa liberdade de participar.

Letícia Rocha: Essa liberdade foi dada por meio da participação?

M^a Ismeria Ezequiel: Sim. Foi dada por meio da participação e conhecimento dentro da igreja. A igreja me ensinou eu ter essa liberdade, porque se eu não tivesse essa caminhada de igreja, eu não teria aprendido a liberdade.

Oh! Quando a gente casou a gente não tinha nada, morava no fundo da casa da minha sogra, depois eu fui conhecendo os trabalhos de igreja, eu tentando devagar que a gente comprou esse local, onde a gente mora hoje, depois disso a gente já comprou um sítio, tanto que eu moro aqui e meu marido lá. A gente praticamente vive separado, porque ele vive lá e eu cá. (risos)

Letícia Rocha: Mas nunca divorciaram?

M^a Ismeria Ezequiel: Não.

Letícia Rocha: E nem pensa?

M^a Ismeria Ezequiel: Nem penso. Mas me ensinou a conviver com ele, porque ele era uma pessoa muito chucro, muito bruto, eu aprendi... a mudança entre ele e eu foi essa, eu aprendi a não deixar ele me dominar, entendeu? Você cuida da sua vida, que eu cuido da minha. E nós respeitamos um ao outro ele lá eu cá, pronto. Uma vez no mês eu vou lá, uma vez no mês ele vem cá. Ele vem fazer as compras, eu vou lá pra passear, ver as coisas, porque tem ir lá porque eu lutei, segurei e consegui porque se não fosse eu tinha não. Não sou apegada não. Sabe Letícia, eu sou uma pessoa assim, não tenho apego com nada.

Letícia Rocha: E na sua vida social?

M^a Ismeria Ezequiel: Mudou tudo, né. Porque hoje eu sou uma pessoa que aprendi, entrei na luta, e sou uma pessoa de luta de trabalho social até hoje. Trabalhei com um grupo de adolescentes, e em vários trabalhos social da igreja.

Letícia Rocha: Qual a sua opinião sobre o aborto?

M^a Ismeria Ezequiel: Ah eu sou contra, totalmente contra. Eu acho que se você tirou a vida de uma pessoa, de um ser dentro de você, é a mesma coisa que tirar a vida de uma pessoa que está perto. O que eu posso fazer de campanha para tirar isso da cabeça das pessoas, eu faço.

Letícia Rocha: Participa de algum grupo que luta nesse sentido?

M^a Ismeria Ezequiel: Participo assim... pela internet. Quando eu vejo que é um grupo sadio e que é contra eu entro, participo mesmo, divulgo. E outra coisa Letícia, eu acho que meu trabalho social dentro da paróquia e dentro da diocese, é de eu ver o tanto de adolescente que eu tirei de lá de dentro dos lugares mais terríveis, e hoje eu vejo que venceram, tem dois que é advogado, um é biomédico, um tá fazendo faculdade de designar, eu tirei ele de dentro da Vila Mauricéia, rudiado de traficantes... saber que foi

meninos que eu tirei do meio que não dava pra eles viver. Às vezes eu estou em casa, e eles me liga falando Isméria eu vou aí. Então, eu vejo esses meninos, foi algo que eu fiz, eu busquei, pus eles na caminhada.

Letícia Rocha: E sobre o divórcio o que você pensa?

M^a Ismeria Ezequiel: Isso é uma coisa assim... que eu não sei falar muito não. Que pra mim o divórcio é o último caso. Mas tem casos que eu acho que tem que ter o divórcio porque se não complica ou vem coisa pior, né?! Só que no mundo de hoje tá muito complicado, antes no meu tempo ou 10, 15 anos atrás, o divórcio acontecia de último caso, a gente se ajeitava pra se viver e hoje não, qualquer motivozinho tá divorciando, virou brincadeira. Tem situações que tem como consertar e viver, e outras não tem como consertar. Não sei pela criação que tive, marido é um só. Hoje não, as pessoas vive trocando de parceiro. Eu não vejo como algo correto não.

Letícia Rocha: E com relação a contraceptivos?

M^a Ismeria Ezequiel: oh, quando eu casei eu fiz o propósito, eu quero quatro filhos. E depois desses quatro filhos eu faço qualquer coisa pra mim não ter mais. Eu liguei com meus 24 anos, eu já tinha meus quatro filhos, e liguei. Não arrependi.

Letícia Rocha: Foi opção sua?

M^a Ismeria Ezequiel: Sim, não arrependi, e fiquei feliz com os filhos que eu tenho. E... no mais... no jeito de hoje eu não sou contra que ninguém faz ligação não. Agora com relação a tomar remédio eu acho assim pesado, as pílulas adquirei vários tipos de doenças até incuráveis, um câncer, tudo. Também, não sou contra camisinha não.

Letícia Rocha: A igreja tem um posicionamento sobre essas questões. E qual a sua opinião acerca do que a igreja propõe? Você tem essa opinião sua, mas tem a igreja que é o local onde você professa a sua fé. Como você vê isso?

M^a Ismeria Ezequiel: oh Letícia, essa é uma pergunta bem complicada pra mim responder ela. Porque a maioria das partes tá super certa. Que as coisas tá muito banal, mas tem coisa que não tem jeito. Que eu concordo que a igreja tem que cobrar, se a igreja abrisse mão como não seria? Travando do jeito que ela trava tá do jeito que tá, imagina se ela não fizesse.

Letícia Rocha: Você acha que a igreja deveria ser mais rigorosa?

M^a Ismeria Ezequiel: Deveria

Letícia Rocha: E você acha que esse rigor todo no tempo de hoje, convém? Porque hoje há uma abertura, dos leigos, as pessoas vivem uma dinâmica muito grande na forma de lidar com todas essas questões. Com todo esse rigor você acha faria com que as pessoas buscasse mais a igreja?

M^a Ismeria Ezequiel: O problema é que se eles afastam da igreja católica eles vão pra igreja evangélica, lá também eles cobram a mesma coisa quase. Eu não acho que a igreja deve abrir mão dos critérios dela não. Porque se ela abrir mão de algumas coisas com o tempo ela vai ter que abrir mão de outras coisas também, de outros conceitos. Agora tem uma coisa que eu culpo a igreja assim, que a igreja devia ser mais aberta, e preparar o povo aberto ao mundo de hoje, entendeu?

Letícia Rocha: E você acha que não está?

M^a Ismeria Ezequiel: Não tá. Não tá fazendo isso mais, e fazia um tempo atrás.

7- Entrevista de Maria de Fátima Soares Monção- 22:29 min.

Marcamos para às 8h, a casa desta colaboradora é na mesma rua da minha casa, o que facilitou meu deslocamento. Ela me falou que esse horário seria melhor, pois, não teria a interrupção de pessoas, sendo que no período da tarde, ela abre a sua loja de costura que fica na sua própria residência. Ao chegar no horário marcado a encontrei tomando café com seu companheiro, alegres me acolheram e me ofereceram café. O companheiro logo saiu me disse que sentaria do lado de fora para ler a bíblia, recentemente, ele converteu-se a um segmento evangélico. Sentamos bem próximas no sofá para que pudesse sair melhor a sua fala. Falamos um pouco sobre a comunidade, e como estava às “coisas” estava caminhando. E logo, começamos a entrevista, eu tinha certeza de que não poderia demorar, porque ela tinha que fazer o almoço para abrir a loja. Foi uma conversa tranquila repleta de boas lembranças dos tempos das CEBs evocada pela colaboradora. Mostrava-se serena, risonha, alegre em todo o tempo. Ao terminar a gravação me falou: “se eu não tivesse entrada nos grupos de CEBs e contatos que estabeleci com as irmãs, estaria submissa até hoje”. Se referia ao seu marido. Procurou em seus armários materiais/ cartilhas que pudesse contribuir com o meu trabalho, encontrou uma camiseta do 10º Encontro Diocesano de CEBs realizado entre os dias 20 a 23 de abril de 1995, a qual fotografei.

Letícia Rocha: Fale seu nome e idade.

M^a. De Fátima Monção: Me chamo Maria de Fátima Soares Monção, tenho 59 anos.

Letícia Rocha : Onde nasceu?

M^a. De Fátima Monção: Sou natural de Varzelândia, nasci na zona rural dessa cidade.

Letícia Rocha: Conte um pouco sobre a sua infância, adolescência.

M^a. De Fátima Monção: Eu costumo falar assim, que sempre a tive a sorte de morar numa cidade onde tem jesuítas, e eles são voltados para o trabalho social, trabalho com a comunidade, e tudo. Lá no lugarzinho onde nasci e fui criada, eu fui criada assim, com simplicidade... assim de povoadinho mesmo... (sorrisos). Tive uma vida muito boa, brinquei muito, brinquei de boneca, balancei no cipó, foi muito boa, graças a Deus.

Letícia Rocha: Sempre foi inserida nesse meio católico?

M^a. De Fátima Monção: Eu fui católica muito tempo minha família era católica, minha mãe era católica...trabalhava com os trabalhos de comunidade. Quando foi uma certa época de minha vida eu mudei de religião.

Entrevistadora: Com qual idade?

M^a. De Fátima Monção: Eu tinha uns 16 anos mudei de religião, apareceu uns evangélicos lá, cantava bonito, tocava bonito e eu era muito incutida com igreja, mudei, fiquei nessa igreja quatro anos.

Letícia Rocha: Qual igreja?

M^a. De Fátima Monção: Assembleia de Deus. Aí sai dessa igreja, e quando a gente muda de religião, a gente fica sem saber para onde ir. Fiquei um bom tempo sem ir na igreja católica e nem na evangélica. E depois, quando foi um dia, um padre lá me chamou para um encontro que ia ter lá, foi aí que voltei, mas ainda não tava muito firme não, ainda quando alguém me convidava para a igreja evangélica ainda ia, festa eu ia. Durante esse período eu conheci meu marido, casei com ele, e mudei aqui para Montes Claros.

Letícia Rocha: E você mudou pra cá por que casou-se com ele?

M^a. De Fátima Monção: Depois que casei com ele.

Letícia Rocha: Ele é de Montes Claros?

M^a. De Fátima Monção: Sim. Ele era muito católico, e começou a me levar para a Igreja, e aí eu comecei a tomar gosto.

Letícia Rocha: Então, você voltou para a igreja por causa dele?

M^a. De Fátima Monção: Sim, por causa dele. Mas, ainda assim, ficava um pouco assim...ia assim, mas um pouco dividida. E nós mudamos aqui para o bairro.

Letícia Rocha: Quando veio aqui para Montes Claros?

M^a. De Fátima Monção: Em 1980, quando casei. Ai nós ficamos na Vila Guilhermina uns 10 anos, e depois mudamos aqui para o Dona Gregória.

Letícia Rocha: E em que ano vieram para a região do Maracanã?

M^a. De Fátima Monção: O ano certinho eu não sei... tem uns 26 anos que estamos aqui.

Letícia Rocha: Como era aqui na época que vocês mudaram?

M^a. De Fátima Monção: Aí nós mudamos pra cá, aqui não tinha igreja, só tinha no Maracanã. Eu lembro que não conhecia ninguém, e eu lembro que tava tendo uma novena de natal, numa casa aqui da rua. Eu tava escutando aqui de casa, peguei meus meninos, e fui lá pra essa casa. Perguntei se podia participar mandaram entrar, e aí conheci uma irmã chamada Aquilina que falou, vamos formar um grupo de reflexão. Aí formou o grupo... era o grupo Esperança e Fé (sorriso). Aí esse grupo foi crescendo, a comunidade foi crescendo... Desse grupo nasceu a comunidade. E foi aqui que fui conhecer o trabalho das CEBs.

Letícia Rocha: Nesse período participava você e seu esposo?

M^a. De Fátima Monção: Participava eu, meu esposo, meus meninos, a agente começou a participar de curso de formação.

Letícia Rocha: E que tipo de formação tinha nesse período?

M^a. De Fátima Monção: Chamava encontrão, tinha umas cartilhas mais voltadas pra as CEBs. Umas cartilhas onde a gente estudava, né? Ensinava a gente a lutar pelos nossos direitos, a ter uma vida digna... era mais ou menos nessa linha aí os trabalhos.

Letícia Rocha: Que mudanças você consegue perceber da época que estava lá em Varzelândia e depois com seu casamento, morando aqui e inserida nas CEBs?

M^a. De Fátima Monção: Olha, mudou muita coisa, mas a mudança maior foi quando saí do centro da cidade pra a periferia. Eu lembro que fiquei doente, tive que fazer uma cirurgia, e minha família não morava aqui, e o pessoal da comunidade foi quem cuidou de mim. Aí foi isso que fez gostar mais, se já gostava aumentou o carinho que recebi do pessoal, o amor do pessoal da comunidade. Tínhamos os vizinhos como irmão, era uma comunidade mesmo. Nos inícios a gente considerava todos como irmãos da família. Era aquela amizade sincera. Se precisasse de um estava ali p ajudar. Era aquela luta pelos direitos, pelo asfalto, pela luz, pela saúde, isso que me cativou. Aqui em Montes Claros muita coisa nasceu da CEBs, por exemplo, a conscientização política do povo, ia pra câmara reivindicar dos vereadores, do prefeito saúde, denunciar corrupção.

E outra coisa, eu vivia muito deprimida, triste, deprimida com a vida, depois que eu comecei a participar dos encontros de CEBs, refletir as cartilhas, minha vida foi mudando.... Aprendi que Deus é pai, e nós somos irmãos, que Deus que não quer a infelicidade de ninguém, isso me colocou muito pra cima, os encontros de CEBs também. Aí eu fui aprendendo que eu era gente, e que tinha direito, e aprendendo a me

valorizar, né. Fui melhorando espiritualmente e fisicamente. Então, eu costumo falar que as CEBs me ajudou demais esses encontros.

Letícia Rocha: Você tinha algum trabalho remunerado nesse período?

M^a. De Fátima Monção: Trabalhava sim, eu sou costureira, sempre trabalhei.

M^a. De Fátima Monção: Eu estudei até a 7^a série porque a gente

Letícia Rocha: E com relação ao estudo? Você estudou lá? morando né? na roça, era difícil estudar, porque tinha que deslocar do povoado para a cidade... Aí eu parei, casei e o marido não me incentivou a continuar com os estudos.

Letícia Rocha: E ele estudou?

M^a. De Fátima Monção: Sim.

Letícia Rocha: E não a deixou estudar?

M^a. De Fátima Monção: Não me deixou estudar. Aí os meninos pequenos também, e não tinha com quem deixar aí eu deixei. Eu me lembro que ia ter um curso de teologia na paróquia, eu fui convidada para fazer o curso, quando eu fui fazer a ficha eu não podia fazer, porque não tinha o ensino médio. Eu me senti um lixo. Aí eu pensei, vou começar a estudar, aí mesmo, depois de mais velha comecei a estudar. Fui para o CESEC fiz até a 8^a série, depois fiz o ensino médio.

Letícia Rocha: Você acha que sua participação na CEBs favoreceu isso?

M^a. De Fátima Monção: Claro, claro se eu não fosse engajada nos trabalhos da comunidade, eu não teria condições de pensar de outro jeito, e ia aceitar essa condição que o mundo tinha me dado. A gente tem que ir para a igreja rezar, mas também lutar pelos direitos da gente.

Letícia Rocha: E nessa época seu marido contribuiu para essa decisão de estudar?

M^a. De Fátima Monção: Não, não favoreceu não. Eu fui por insistência mesmo, era meu direito, e eu corri atrás mesmo.

Letícia Rocha: Depois disso terminou o ensino médio e fez curso superior?

M^a. De Fátima Monção: Aí eu concluí o ensino médio graças a Deus, e não quis seguir mais não, porque pra mim, eu fiquei desanimada, adoentada, tive até incentivo da família, e dos filhos para fazer uma faculdade, mas achei que pra mim não dá mais.

Letícia Rocha: E como você vê a participação da mulher na igreja?

M^a. De Fátima Monção: Oh, eu acho assim, sabe, melhorou um pouco antes era mais fechado, mas hoje em dia ainda não tá uma igreja muito aberta não, né? Tem muitas coisas que é só para homens, né? Mulheres, muitas vezes é deixadas de lado. Não acho que a mulher é tão valorizada na igreja igual ela como deveria ser. E não deveria ser assim, quando a gente chega em qualquer encontro a maioria é mulher, mas mesmo assim, a igreja ainda esta fechada.

Letícia Rocha: Você percebe que as mulheres estão buscando espaços nas comunidades para que elas sejam reconhecidas?

M^a. De Fátima Monção: Eu acho que sim, mulheres sempre tá aí na luta, tá sempre correndo atrás.

Letícia Rocha: Qual a sua opinião sobre o aborto?

M^a. De Fátima Monção: Eu sou contra, né. Extremamente contra, porque essa decisão de uma vida é Deus. A decisão de uma vida é Deus, e não da mulher e do homem.

Letícia Rocha Entrevistadora: E com relação a contraceptivos:

M^a. De Fátima Monção: Eu já não sou contra, hoje em dia as coisas está muito difícil, encher a casa de filhos como antigamente com 12 filhos, não dá... Então, eu acho que é válido sim. Sou favorável.

Letícia Rocha: E com relação ao divórcio?

M^a. De Fátima Monção: Oh, eu nunca divorciei, apesar das coisas que aconteceu na minha vida, entre eu e meu marido, nós ainda estamos naquela da bíblia que vamos morrer juntos. Mas acho que se a pessoas quer divorciar não sou contra, não. Eu não me divorcio.

Letícia Rocha: Mas você não divorcia por quê? Pela igreja? Mas você já teve o desejo de divorciar?

M^a. De Fátima Monção: Sim, já tive. Mas por causa da igreja mesmo. Eu não sou a favor assim, de ficar com um e outro e formando família.

Letícia Rocha: E com relação ao sexo?

M^a. De Fátima Monção: Eu acho que o sexo ficou hoje muito liberal, sexo hoje ficou tão comum como arroz e feijão. Hoje tá normal, eu sou contra.

Letícia Rocha: Por quê?

M^a. De Fátima Monção: Eu sei que isso é impossível, mas acho que a mulher deve se guardar para o marido.

Letícia Rocha: Mas então, você acha que a mulher deve se casar sem ter mantido relação sexual? É isso que você quer dizer?

M^a. De Fátima Monção: Não só a mulher, como o homem também, os dois. Mas eu sei isso hoje é impossível, né? Letícia.

Letícia Rocha: Você segue todas essas normas da igreja atinentes a essas questões?

M^a. De Fátima Monção: Eu observei tudo isso agora... já meus filhos, meus netos, que virão, não vai fazer isso. Então, temos que encarar a realidade, e isso é um fato. As coisas mudam.

Letícia Rocha: Então, houve muitas transformações na sua vida, e atribui as mesmas a sua atuação nas CEBs, não é mesmo?

M^a. De Fátima Monção: Em geral as CEBs mudou minha vida para melhor, eu acho que se não tivesse envolvido, se não tivesse essa caminhada de CEBs estava aí, minha vida seria diferente, não teria estudado, talvez continuado aquela mulher deprimida, submissa ao marido. Fui aprendendo a me libertar nos encontros na igreja.

Letícia Rocha: Você fala de submissão, você hoje não se considera submissa ao seu marido?

M^a. De Fátima Monção: Não, eu já fui, era ele que decidia tudo que tinha que fazer, hoje em dia não.

Letícia Rocha: Que decisões consegue tomar hoje sem consultá-lo?

M^a. De Fátima Monção: Vou te falar a verdade, de tudo hoje não peço autorização de nada que vou fazer.

Letícia Rocha: Tomar essas decisões te fazer ser mais mulher? Te dar mais liberdade?

M^a. De Fátima Monção: Há muito tempo atrás eu pensava que não era certo, mas hoje eu tenho certeza que tenho meus direitos, corro atrás deles, e não sou eu, mas ajudo outras mulheres a buscar os seus direitos. Porque eu fui muito ajudada. Eu vivi muita violência psicológica que é a pior de todas. Hoje em dia não aceito isso mais pra minha vida não. Se tenho oportunidade de ajudar outras mulheres eu ajudo.

8- Entrevista de Olga dos Santos Silva- 41:18 min.

Fui recebida em sua casa num bairro vizinho ao meu, a casa estava cheia de netos e os filhos. Ela estava a minha espera, cheguei exatamente às 16h, nos cumprimentamos, e logo sentamos na espaçosa varanda para conversar. A varanda estava ornamentada com várias fotos, ela me explicou que se tratava da sua neta que havia completado 15 anos no domingo anterior, e que foram os amigos comemorar.

Começamos nossa conversa, com alguns ruídos que vinham da rua (carros, motos, ônibus), mas também da própria da casa, os netos e filhos que estavam reunidos em outro espaço da casa. Logo, no início me perguntou se onde estava sentada seria bom para gravarmos, eu disse que sim. Fomos interrompidas algumas vezes, com a chegada de um neto que veio me cumprimentar e se apresentar. Num determinado momento me pediu licença para pedir silêncio aos netos, pois estavam atrapalhando o andamento da entrevista. A meu ver estes não ficaram muito satisfeitos, mas enfim, continuamos. Ela relatava os fatos com alegria, mas também saudades, e num determinado momento chegou a chorar. Ao final me serviu um café com biscoitos, e pediu uma neta que me levasse em casa.

Letícia Rocha: Fale seu nome e idade.

Olga Silva: Me chamo Olga dos Santos Silva. Eu vim de Manga, Norte de Minas, divisa com a Bahia. Vim de lá em 79 e a partir de 80, fui engajada na igreja São Judas Tadeu.

Letícia Rocha: Já veio morar nessa região aqui mesmo?

Olga Silva: Sim, já vim para essa paróquia.

Letícia Rocha: E já veio casada, conte um pouco da sua história?

Olga Silva: Sim, já toda vida eu tive uma história assim... muito voltada para a igreja, fui coroinha, depois filha de Maria, eu era do coral de lá, toda a vida cantei, uma vida pautada pela igreja, minha família toda da igreja, uma família de músicos. Eu vim de lá para trabalhar na superintendência de ensino. Por que meu marido era funcionário do Estado, veio para cá, eu também vim, eu era professora, e vim trabalhar na 22^a Superintendência de ensino.

Letícia Rocha: Então, esses foram os motivos que levaram vocês a mudar para Montes Claros, trabalho?

Olga Silva: Sim, foi. E mas também, eu tive um menino que teve arritmia cardíaca, e lá não se tratava, aqui com um médico João Jacques, é um médico entendido no assunto para fazer o tratamento. Aí aproveitei a deixa e fiz faculdade, fiz supervisão. Cheguei com meus 37 anos, e tem 37 anos que estou aqui (entusiasmo). Então, é uma cidade que gosto, gosto muito daqui, criei meu filhos aqui, eu falo que Montes Claros é mãe do meus filhos (risos).

Letícia Rocha: São quantos filhos?

Olga Silva: Foram sete filhos que eu tive, e criei mais três, ao todo foram 10 filhos. Graças a Deus todos estudaram, formaram. Eu trabalhei, aposentei sempre engajada na igreja, mas ultimamente, eu estou funcionária de Jesus Cristo, somente (risos).

Letícia Rocha: Como era essa região na época que mudou?

Olga Silva: Oh, na época que mudei pra cá, muita gente vinha me visitar e falava: Olga você é louca, que tinha largado sua casa lá boa. Por que não tinha asfalto, tinha asfalto até a igreja do São Judas, da igreja para cá era 800 m só poeira e lama, meus filhos, pra ir para a escola no tempo da chuva, eles tinham que amarrar sacolinha no pé, pra não sujar pra entrar no ônibus. Quando vinha, vinha sujando, lamiava todo aquela lama, poeira vermelha... Não tinha supermercado, a gente tinha comprar as coisas lá no centro da cidade. Eu não tinha carro na época tinha que descer de lotação. Deixava a meninada aqui, e ia e voltava e sempre participando da igreja. Meu marido ficou em Januária.

Letícia Rocha: Mas então ele não ficou aqui?

Olga Silva: Ele veio me trazer, e voltou porque ele era lotado na superintendência de lá. Fiquei aqui com esses meninos trabalhando...

Letícia Rocha: Então, foi você que tomou conta das crianças?

Olga Silva: Sim, foi eu que tomei conta das crianças e graças de Deus levando nos caminhos de Cristo, com muita amizade, padre Tardin, logo que cheguei era padre Manuel, padre Manuel foi embora, aí ficou padre Tardin... Pe. Tardin foi um verdadeiro companheiro na minha vida, nunca precisei dele para dinheiro, mas pra dar conselhos. Padre Tardin foi um verdadeiro pai para meus filhos, tenho um carinho muito grande por ele. Dava conselho meus filhos. Pe. Ignácio passava aqui mexia comigo, sabe como padre Ignácio me chamava? De folga, passava e ele falava comigo, você cria muito bem seus filhos, estavam na catequese, participava de tudo, porque toda a vida eu sempre segui o caminho dos meus antepassados, avós e tios que dizia se você não for pro lado de Jesus Cristo você sofre. Então o caminho nosso tem que ser esse, o de Cristo. As coisas são difíceis, mas a gente consegue vencer todas elas. Estou com meus meninos, meu marido só vem aqui passear, (barulho de carro na rua), e eu aí na luta, despesas, levando para o colégio, às vezes tinha dinheiro para o ônibus, quando não tinha ia a pé, e assim, sempre assim. Deus é um pai muito bom, nunca faltou nada, nem pra mim nem para meus filhos.

Letícia Rocha: Na época em que chegou aqui já havia esses grupos de CEBs?

Olga Silva: A participação nas CEBs começou com padre Tardin (barulho de carro), ele que começou, criou essas comunidades aqui, escrevia muitas cartilhas, assim... nos incentivando a estudar, assim, nós tínhamos essa direção espiritual dele e também das CEBs. Nós tivemos um período de CEBs muito voltado pra as famílias, sabe? Engajamento nosso com o pessoal da roça, a gente ia pra lá eles vinham pra cá. As CEBs na época que nós começamos era uma família, e nós que participávamos tínhamos o rosto das CEBs.

Letícia Rocha: E que rosto era esse?

Olga Silva: O rosto das CEBs era a pessoa que nos encontrasse sabia o nosso jeito de ser humilde, de querer ajudar o próximo, o jeito de lutar pela sociedade, por isso, que tenho esse anel preto (me apresentou o anel de Tucum), eu uso a aliança de casada, e essa outra aliança do social aqui, pelo social, aprendi a lutar pelo social. A lutar pelo

irmão, a ser simples, essa pessoa assim sábia das coisas de Deus querendo esta próxima do outro, isso foi as CEBs.

Letícia Rocha: E nesses inícios como era essa a participação de mulheres?

Olga Silva: Todo lugar tinha grupos, tinha pessoas que saía daqui pro Maracanã, com essas lampadazinha na mão, candeeiro, saía daqui atravessando mato... Era Dilson, Rita, Alceole, Maria Inês que era tudo de um grupo só, ia pra se juntar lá. Nós tínhamos um grupo aqui na minha rua, em outras ruas, em todos os bairros (caminhando), a gente formava grupos.

Letícia Rocha: Havia uma predominância maior de mulheres ou homens?

Olga Silva: Sim, de mulheres, homens, era todos crianças, era a família. Hoje não, os grupos reúne umas poucas pessoas (emoção chorou ao mencionar esse detalhe). Foi um tempo muito bonito, de muito amor, solidariedade. Muita solidariedade, eu vou falar pra você que a gente não era época Atos dos Apóstolos 2,42 dividia com os irmãos, mas era quase isso..., a gente tinha uma vida muito feliz, dividia tudo, ia pra roças fazia partilha de tudo.

Letícia Rocha: Nessa época eram muito comum as lutas, por água, luz... o que você tem a dizer dessa época?

Olga Silva: Lutávamos por tudo, reuníamos com muita facilidade, sabe? Se a conta de uma pessoa vinha muito grande, a gente reunia umas 40 pessoas pra ir para Copasa pra reivindicar, porque não tinha condições da conta vir tão alta. Os ônibus quantas vezes já fomos um grupo na prefeitura para falar que não estava de acordo com a lei, o aumento do preço, as pessoas não podiam pagar. Então, a gente reunia e conseguia tudo que a gente queria tudo à luz da bíblia. O que levava em conta era a fé e a vida. Aquelas casinhas da Ponte Branca fomos nós que fizemos, filha, fomos nós, pedimos ao senhor que era dono de lá, ele nos deu a escritura, e aí construímos pedindo materiais de construção, nos depósitos, pedia. Fizemos lá 27 casinhas na Ponte Branca.

Letícia Rocha: E como você avalia sua participação nas CEBs? Contribuiu em algum aspecto da sua vida?

Olga Silva: Sim, claro, quando falo com você que padre Tardin, que vinha na minha casa dar conselho meus filhos, pra conversar com eles na falta do meu marido, que estava viajando. Ele era um pai, não era diretor espiritual, era um pai espiritual. Foi ele, foi esses jesuítas.

Letícia Rocha: Essa participação contribuiu na sua relação com o seu marido?

Olga Silva: Isso, sim, filha, isso foi...podemos dizer, foi o maior ponto, o pico da bandeira. Meu marido foi bom, mas muito ausente, sabe? Os filhos estão aí, 10 filhos que não tem vício, todos formados, trabalham, fizeram curso superior, vivem honestamente.

Letícia Rocha: Quais ações dessa época que você se lembra, algum fato?

Olga Silva: Essa abertura que a gente tem para falar de política, antes se falava que política e religião são diferentes. Deu pra notar que também a política esta dentro da religião, porque as duas coisas se fundem, né? A gente mesmo tem que abrir a cabeça, os horizontes para mexer com política. Eu mesma já fui candidata à vereadora uma época. Pela igreja só não ganhei.

Letícia Rocha: Qual partido?

Olga Silva: PST. Então, assim, a gente fica mais aberta, de olho na vida de políticos. Nós tínhamos um grupo chamado ECAM, ia toda a semana assistir as reuniões da Câmara. Era muito bom esse grupo sabia o que estava acontecendo.... tudo isso a gente deve as CEBs.

Letícia Rocha: Qual a sua opinião sobre o aborto?

Olga Silva: Pra mim é inconcebível, é uma pessoa. A partir do momento que a pessoa é gerada, você já sente. Eu que tive sete filhos eu sei, partir do momento que a gente espera um filho, a gente muda toda, tudo muda em você. Sabe que esta com um ser dentro de você. É um crime, em hipótese nenhuma.

Letícia Rocha: E relação ao divórcio?

Olga Silva: Também é outra coisa, eu tenho duas filhas divorciadas. Eu sofri muito com marido porque ele trabalhava fora, eu com esse tanto de filho em casa só, às vezes, a gente sabia de umas novidadezinhas assim...

Letícia Rocha: Que novidadezinhas são essas?

Olga Silva: que tinha mulher, que tava com mulher no carro. E outra coisa filha, deixa eu falar com você. Eu não falo que fui submissa, eu vivi com meu marido toda vida assim, eu sei que a muito tempo ele vive com outra pessoa, nós não temos uma relação de marido e mulher. Nós somos companheiros porque ele é responsável com a casa e os filhos, sabe? Eu o respeito, comungo, porque eu preciso da comunhão diária. Então, tá pronto. Ele tá pra lá né, em Januária, e eu tô aqui com meus filhos, meus amigos, meu Deus.

Letícia Rocha: E você nunca pensou em arrumar uma outra pessoa?

Olga Silva: Nunca pensei que porque tenho a comunidade, tenho muito afazeres, tenho uma vida cheia, não preciso... eu canto...

Letícia Rocha: Então você não concorda com o divórcio?

Olga Silva: Não, acho que não. Até porque às vezes eu caio na contradição de dizer que tá sofrendo demais, apanhando, eu sou de comum acordo que separe, mas assim, cê tendo um jeitinho pra você ir levando seus filhos na presença do pai, porque a presença do pai é muito importante na criação dos filhos. Depois quando os filhos já são grande pode explicar como eu fiz.

Letícia Rocha: E vocês nunca pensaram em divorciar?

Olga Silva: Não, nunca pensei. Vivemos assim como bons amigos.

Letícia Rocha: E com relação a contraceptivos?

Olga Silva: Isso eu até que já usei, já tomei, tomei um tal de (tenta lembrar o nome), eu sei que era importado. Já usei pílula, mas essas coisas abortiva não. (Os netos fazem barulho, um sai nesse momento, e esperamos para continuar a conversa). Ligadura, minhas filhas já fizeram.

Letícia Rocha: A Igreja tem uma posição sobre todas essas questões, o que você pensa sobre a posição da igreja?

Olga Silva: Eu não sou contra a ligadura, quando eu vejo uma pessoa com muitos filhos eu concordo. Tem uma pessoa que conheço que tem 9 filhos, sai pra trabalhar, e deixa os maiores tomando conta dos pequenos, outro dia um queimou, outro engasgou, nessa

situação eu acho que deve ligar, sim. Eu procurei um médico que conheço, e pedi para ligar, consegui que ela fizesse a ligadura. Concordo em parte, é a partir da situação da pessoa. Essa escola aqui, esse CEMEI aqui foi eu que criei aqui, eu e outras duas amigas, tirávamos as crianças dessa favela que não tinha comida, e as mães não tinha com quem deixar.

Letícia Rocha: O que você pensa da relação da Igreja e mulher?

Olga Silva: Olha, eu acho que agora de uns tempo pra cá, eu acho que melhorou sim. Tá reconhecendo, as mulheres, está sendo mais valorizadas, antes era mais fechada, a igreja se abriu e as mulheres estão aí.

Letícia Rocha: Você fala que foi dada uma abertura, em quais espaços?

Olga Silva: Olha eu acho, pra ser ministra da eucaristia, fazer culto, as mulheres como coordenadoras da igreja, contabilistas, eu tô achando que a igreja tá valorizando, e dando o papel que ela merecem.

9- Entrevista Irmã Inácia Urias - 30:24 min.

Marcamos a entrevista por telefone, e me falou que podia ser às 15h, que seria um bom horário. Me pareceu importante conversar com essa irmã, pois ela vivenciou o período de desenvolvimento do bairro Maracanã, e parte da caminhada de CEBs que se estabeleceu naquela região. Ademais, a sua experiência com as mulheres da região a partir da Obra Social mantida pela congregação. Atualmente, as irmãs não residem mais no bairro Maracanã onde começaram a história, mudaram para outro bairro, Santa Rafaela.

Ir. Inácia nos recebeu muito bem, fomos conversar numa saleta da casa. Ela é espanhola e há muitos anos reside no Brasil. Ela possuía muitas informações, e tinha muito desejo de comunicar-se. Chegou a dizer, “*eu falo muito*”. Antes de começarmos a gravar ela me contou muitos fatos do período que estamos investigando. Depois falei para esperar um pouco que tinha que gravar, pedi que retomasse parte do que já havia dito. Dentre outros fatos mencionados antes de gravar, me falou que numa cartilha elaborada pela diocese para a novena de Natal, fizeram uma entrevista com Pe. Tardin sobre as CEBs, ela acha que houve outras pessoas, mulheres que contribuíram com essa história, e que deveria fazer parte. Havia uma serenidade e uma alegria que irradiava em seus olhos enquanto falava sobre os inícios do bairro Maracanã, e como foi parte da construção desse lugar. Ao final me apresentou uma foto da época em que chegou a Montes Claros, com o círculo bíblico, juntamente com outras irmãs. Fotografei e fui embora.

Letícia Rocha: Qual seu nome completo, e qual ano veio para Montes Claros?

Irmã Inácia Urias: Me chamo Inácia Alvarez Urias, cheguei em 1976, para o bairro Maracanã, é um bairro que estava começando, e pelo que me lembro, tinha mais ou menos 14 famílias, morando em casas de adobe, e muito espalhadas porque o bairro tinha uma extensão muito grande. Lembro que o bairro Maracanã tem esse nome por um pássaro que se chama periquito maracanã, não sei ainda temos ou já foi extinto, e as ruas já tinha os nomes de times de futebol, a nossa rua era Flamengo, Atlético, Cruzeiro e Vasco, era um quarteirão inteiro, a obra social onde a gente trabalhava, e era, mas o bairro todo tinha essas ruas, excetuando duas avenidas, Avenida Pe. Chico e Avenida Brasília.

Letícia Rocha: E qual a situação dessas famílias nessa época?

Irmã Inácia Urias: Muito pobres alguns trabalhavam como pedreiros, mas ao ano seguinte 1977, se organizou a lavandeira comunitária, e como as pessoas não tinha água em casa, então recolhia as trouxas de roupa da cidade, e lavavam na lavandeira e passavam também lá, porque tinha luz, a única rua que tinha luz no bairro era aquela, desde a caixa de água que estava na praça até o Centro Comunitário, tinha a rua iluminada e por isso, as famílias lavavam lá. Tinham umas máquinas industriais, e estava tudo organizado para lavar e passar. Também, no ano 76 quando chegamos começou a funcionar o Posto de Saúde, havia somente dois postos de saúde em Montes Claros, e eram os dois estaduais, um no Alto São João, e este no Maracanã. E foi Pe. Manuel Maria Tort que organizou para começar os atendimentos. E os dois médicos que atendiam eram um casal Atos Avelino futuro prefeito de Montes Claros, e Vera a esposa dele, ela pediatra e ele medicina geral, foram os dois primeiros médicos que atenderam nesse posto de saúde.

Letícia Rocha: E qual era o atendimento da obra social?

Irmã Inácia Urias: A obra social além do posto de saúde e a lavandeira para as mulheres que não tinha luz e nem água em casa. Tinha, começou a funcionar uma escolinha infantil que pegava os meninos até os sete anos na época. E conseguiram duas professoras estaduais cedidas pelo Estado, era um programa que na época era possível. Era como transferência de função, o Estado deslocou duas professoras de outra escola para atender a escolinha, uma irmã, irmã Aquilina coordenadora a escola. E atendia muitas crianças, algumas começaram a ficar o dia inteiro para que as mães pudessem trabalhar fora, desde as 7h da manhã até às 17h. Era 220 atendidas.

Letícia Rocha: E sobre essas mulheres que trabalhavam na lavandeira?

Irmã Inácia Urias: Se tentou muito fazer cooperativa. Mas o que agente via é que enquanto algumas iam melhorando, e o bairro começou a ter água e luz, elas se organizaram, e começaram a trabalhar nas próprias casas. Existe alguma outro dia encontrei no maracanã por nome Eva, ela mesma se organizou dentro de casa para trabalhar, a cooperativa nunca saiu.

Letícia Rocha: Então, era uma profissão na época rentável?

Irmã Inácia Urias: Sim, muitas conseguiram comprar um lote, e era um trabalho para elas facilitado, mas era muito difícil porque tinham que carregar as trouxas nas lotações, mas elas se reuniam para resolver assuntos da lavandeira, limpeza elas se reuniam. Ao mesmo tempo paralelo existia o clube de mães. O Clube de mães na verdade era uma coisa anterior a chegada das irmãs. As senhoras com bens econômicos na cidade vinham e atendiam as mulheres num barracão que havia dentro das dependências do Centro Comunitário, e uma vez que as dependências foram melhoradas essas mulheres passaram a ser atendidas dentro do espaço do Centro Comunitário. E interessante começaram os cursos de culinária, corte e costura, e esses tipos de cursos de promoção da mulher. E eu lembro Dorinha foi uma das primeiras professoras desses cursos. E... até 82 quando eu fui embora, eram as irmãs que coordenavam o clube de mães e a escola. Depois logicamente as devem de ter mudado muito.

Letícia Rocha: E todas essas mulheres que estavam no clube de mães e outros serviços da obra social, eram vinculadas a uma prática religiosa?

Irmã Inácia Urias: Sim, havia alguma evangélica. Havia evangélicas, algumas participavam dos círculos bíblicos. Na época havia poucas evangélicas, mas já havia.

Irmã Inácia Urias: O povo que estava chegando aqui no Maracanã eram migrantes das cidadezinhas do interior. Essas 14 famílias eram.

Letícia Rocha: E esses círculos bíblicos que existiam aqui já trabalhavam na perspectiva das CEBs?

Irmã Inácia Urias: Sim, este aí é um trabalho que mesmo antes nós de chegarmos, em maio de 76, eu vim a Montes Claros desde Belo Horizonte para participar de um reunião que a diocese de Caratinga, mandou duas pessoas expor o trabalho que eles estavam realizando. Então, eram uns folhetos tipo Deus conosco, e toda a semana era um folheto diferente, e tinha o evangelho do domingo, e tinha perguntas que envolvia muito a vida das pessoas e as luas.

Letícia Rocha: E qual as dificuldades das mulheres nesse tempo?

Irmã Inácia Urias: Se hoje ainda nós podemos queixar que os homens passam por cima das mulheres, imagina há 42 anos atrás. Eu penso que isso da lavadeira, do clube de mães, e os cursos para mulheres foi muito positivo, sinceramente. Ajudou demais elas a se defender na vida, ter seu dinheiro, comprar seu lote, eu conheço casos concretos. Esse foi um momento extraordinário, e que acompanhou o nascer de toda uma região. Lembro que a gente fazia muitos velórios, os padres moravam muito longe, e só tinha dois padres na paróquia. E quando era domingo quase sempre éramos nós. A missa não era na igreja, a igreja foi construída a partir de 1982, antes a igreja funcionava no espaço da creche.

Letícia Rocha: O que significou esse momento para vocês?

Irmã Inácia Urias: Para a luta pela escola minha filha, foi fundamental, porque só tinha escola até 5ª série, os meninos tinham que ir na escola, e era na Escola Normal e dava cinco quilômetros, então, a luta por uma escola foi uma luta com as lideranças na frente, que eu não tô tirando nem padres e nem irmãs dessa frente, nós estávamos juntos. Essa luta pela escola foi fundamental.

Letícia Rocha: Sobre as CEBs.

Irmã Inácia Urias: Em 1985 as CEBs teve uma freada terrível. E hoje os grande pensadores de igreja inclusive a hierarquia sabe que tem uma responsabilidade...

Letícia Rocha: E a senhora atribui a quê/quem essa freada?

Irmã Inácia Urias: Eu não sei se essa freada foi uma coisa quase que geral em toda a América Latina, nós e eu posso me incluir nesse nós América Latina, tínhamos feito uma avançada com a teologia que tinha nos ajudado a refletir, os encontros, com tudo isso, e os bispos começaram a dar mais importância aos carismáticos do que as CEBs, assim popular, jogaram um balde de água fria... encima das CEBs isso influenciou demais. Não ter ajuda dos bispos e dos padres influencia demais. Eu sai daqui no início de 82, acompanhei melhor as CEBs e toda a problemática melhor em Belo Horizonte, estive em BH em duas paróquias. Particpei de dois intereclesiais, de Duque de Caxias em 89 e Santa Maria em 92.

Letícia Rocha: Nos fale sobre o Intereclesial de Santa Maria-RS.

Irmã Inácia Urias: Foi muito bom, porque foi das mulheres, mas com muita luta, o encontro foi muito conflitivo. Houve um momento do encontro que um cacique indígena desafiou os bispos, foi um encontro fantástico o de Santa Maria. E lá tive a oportunidade de conhecer Comblin, Casaldáliga todas essas pessoas.

10- Entrevista Pe. José Flávio Monnerat Tardin- 29:58 min.

O contato com o Pe. Tardin começou antes de iniciar o mestrado, no ano de 2016. Quando por inquietação e desejo vislumbrei a possibilidade de investigar as histórias de participação das mulheres das CEBs da paróquia São Sebastião. Quando voltei a campo, em julho de 2018, não logrei acesso ao Pe. Tardin. A entrevista utilizada foi realizada em 14 de agosto de 2016, na residência dos padres Jesuítas.

Letícia Rocha: Qual ano chegou a Montes Claros, e como se encontra as CEBs na cidade?

Padre Tardin: Eu cheguei aqui em 1985, mais ou menos em março desse ano. As CEBs, eu vim conhecer mais de perto aqui em Montes Claros. Havia um trabalho bastante tempo que havia começado aqui em Montes Claros. Havia uma casa de pastoral, funcionava perto da CEMIG, ao lado da residência da matriz perto da Catedral, ali. Então, eu fui tendo contato com eles.

Letícia Rocha: Com eles quem? Quem eram as pessoas que estavam aí nesse período?

Padre Tardin: Na casa havia coordenação de diversas pastorais, então, tinha pastoral da terra- que trabalhavam com a pastoral da terra, o Luiz, um alemão, ele era um gaúcho, e logo depois começou a trabalhar Avilmar Ribeiro que, aliás, esta internado muito mal esta precisando de um transplante de fígado, mas tendo umas complicações aí. Tinha a pastoral operária que tinha uma moça de Belo Horizonte que trabalhava nela, agora eu esqueci o nome (risos), e tinha outra pastoral não sei o quê, e tinha outra moça, e nas CEBs era Betinha-Maria Elizabeth que até hoje trabalha lá no secretariado de pastoral. E havia muitas outras pessoas da diocese e das paróquias, tínhamos encontros bastante frequentes. Então eu fui tendo contato com esse pessoal, me convidaram para um encontro de CEBs que aconteceu no Sul de Minas, (e qual que era o município agora... não me lembro, depois posso olhar no mapa, você faz umas perguntas assim, que é meio complicado (risos). Aí eu fui entrosando com eles conhecendo e gostando...cada vez mais. Eu já tinha lido algumas coisas sobre as CEBs, mas era uma vivência só de livros e de ideias.

Letícia Rocha: Então, concretizou a sua inserção, conhecimento e prática da CEBs em Montes Claros?

Padre Tardin: Sim. Quando eu vim para cá já tinha 12 anos de padre, e sempre tive uma preocupação muito forte de que houvesse assim, um sei lá... um bom relacionamento entre padre e povo. Uma das coisas que sempre e até hoje me angustia, é a linguagem, às vezes falamos uma linguagem, temos na liturgia uma linguagem que o povo passa batido. Isso sempre me incomodava, e nas CEBs fui encontrando pequenos grupos de gente que conversava que dialogava que lia a bíblia, não é? Então, eu falei o negócio aqui que vou encontrar um caminho para ver como faz isso. E, sobretudo isso acho que as CEBs foi para mim uma descoberta prática, um caminho e um método de trabalhar.

Em 1985 já tinha acontecido o Concílio Vaticano II, que tinha definido a Igreja como povo de Deus, primeiro lugar a Igreja é o povo de Deus, é o corpo de Cristo. É essa ideia de povo de Deus, corpo de Cristo, e no corpo de Deus toda essa história... Não vou entrar nessa discussão teológica (risos). Por isso, trabalhamos muito a história da salvação, como começou o povo de Deus, como Deus manifestou na história desse povo, a experiência de escravidão no Egito, Deus libertador, que ouviu o povo, né? E

respondeu aos clamores deles, descendo dos céus para libertá-los. Tinha até um documento da CNBB na época que tinha esse título, “*Ouvi os clamores do meu povo*”. Então, a gente ia trabalhando isso, o povo de Deus. Dando um pulo lá pra frente, a figura de Jesus também, os evangelhos eram muito fortes, toda a vida e atitude de Jesus, né? Um texto que a gente citava muito esse Lucas capítulo 4, “*O Senhor me ungiu e me enviou para evangelizar os pobres, para libertar os cativos, fazer os coxos andar e os cegos enxergarem*”, esses cegos enxergarem a gente interpretava muito no sentido de a gente ter mais consciência do que acontece no mundo, na política, na comunidade. E essa preocupação de ver se aquilo que estava acontecendo na vida estava de acordo com aquilo que Deus pede de nós. E as CEBs reforçava essa preocupação porque havia um ditado sei lá, um modo de dizer que nas CEBs uníamos fé e vida. E diversos documentos da igreja analisavam que um dos grandes problemas do catolicismo no Brasil, é um divórcio entre fé e vida. Você reza o pai nosso e diz que o pão é nosso, mas depois vive como se o pai fosse meu, cuida e protege só de mim, e o pão é meu, não é um pão pra ser repartido... Esse Jesus que pega o pão parte o pão na multiplicação e diversas momentos da vida dele. Outro texto que trabalhamos era os discípulos de Emáus quando partir do pão abriu os olhos dos discípulos para a fé. Também do mandamento novo. Outro texto das primeiras comunidades, “*Eles tinham tudo em comum, entre eles não haviam necessidade*”. E uma coisa que eu falava muito nas comunidades da paróquia e fora daqui, eu andei bastante por esse Norte de Minas. Era... pergunta assim, o que Jesus veio nos ensinar? O que ele trouxe pra nós? E eu achava que todo mundo tinha que ter uma resposta na ponta da língua, até os analfabetos. E eu respondia pra eles, gente bota isso na cabeça, Jesus veio nos ensinar algo muito simples, Deus é pai e nós somos irmãos. Depois até peguei um apelido nas comunidades, quando eu chegava falavam, é vem o Deus é pai (risadas). Agora era interessante que essas ideias simples iam entrando na cabeça das pessoas, e nas comunidades tinham muita união entre as pessoas, e quando um tinha problema todos ficavam sabendo, e todos juntavam para ajudar.

Letícia Rocha: O senhor falava anteriormente de alguns leigos, havia religiosas, outros padres envolvidos?

Padre Tardin: Uma coisa bastante diferenciada. Havia muitos padres que trabalhavam nessa linha. Em Salinas teve um bom trabalho de CEBs com os frades franciscanos Frei Cornélio, Frei Hugo. Havia o padre Monsenhor Osanan era pároco em Juramento, e fez um bom trabalho nesse sentido. As Irmãs Dominicanas aqui na paróquia de São Sebastião, principalmente, a Irmã Aquilina. Não sei se você chegou a conhecer?

Letícia Rocha: Respondi que sim.

Padre Tardin: Não sei se ela esta em Francisco Sá, corriji em BH. Mas também Irmã Inés, a Irmã... agora me foge o nome, mas são muitas irmãs que trabalharam nisso, sobretudo nos círculos bíblicos. E davam essa força muito grande. Inclusive muitas das comunidades que tem aqui perto do maracanã hoje nasceram desse trabalho das irmãs.

Letícia Rocha: Nas comunidades na época em que o senhor chegou, qual a situação do povo? Quais as aflições e as necessidades?

Padre Tardin: Em 1985, não havia SUS, o SUS começou só a partir da constituição de 1988, né? Os pobres viviam situação de muito abandono. Lembro de uns ditados que a gente ouvia, que pobre só não passava fome aqui no Norte de Minas na época da manga e do pequi. Mas era de uma pobreza muito grande. Nas comunidades rurais também uma pobreza muito grande, ninguém tinha carro, transporte muito difícil, as estradas muito ruins, e o povo passava assim, bem apertado. Na política, aqui era prefeito Tadeu

Leite, o povo reclama um pouco dele já nesse tempo. Havia assim não uma grande preocupação com os pobres na política municipal, se fazia alguma coisa e tudo, mas não era muita coisa. Dados mais pormenores não lembro não.

Mais fora da paróquia era muito comum a questão de grilagem de terra, aqui na paróquia não lembro de nenhum caso não. E aí muita gente do interior vinha para Montes Claros. Alguns conflitos fora da paróquia eu cheguei a aí ver. Diversos outros conflitos tinha aqui, e nós tínhamos um pouco de atenção a isso, rezávamos, participávamos, fazíamos campanha.

Aqui em Montes Claros tava começando esse bairro aqui onde, é que tá a comunidade São José de Anchieta, mas lá na ponta... na ponte Chiquinho Guimarães. Tava começando uns barraquinhos de adobe lá. E teve um dezembro que choveu demais, e aqueles adobe derreteram tudo... ficamos sabendo disso, nós fomos lá de noite ainda, tinha uma caminhonete, pegamos essas famílias, eram cinco a seis famílias com crianças, levamos para aquele galpão lá do São Judas que já estava construído, ficamos tratando dessas famílias até passar as chuvas, e ajudar depois a reconstruir os barracos. Aqui em Montes Claros também chegaram de fora dessas imigrações, chegaram várias pessoas, e se acamparam as margens da estrada de Juramento aqui pertinho, a gente teve muita assistência com eles também. E acabamos conseguindo da prefeitura um terreno aqui perto da ponte da branca, quem vem de Belo Horizonte a esquerda, tem um nome do bairro, eu esqueço. Conseguimos esse terreno da prefeitura, era de um vereador a prefeitura desapropriou, e entregou a paróquia, e nós assentamos essas famílias lá, dividimos os dotes e fizemos campanhas e outras paróquias de Montes Claros, também ajudaram a gente a conseguir o material, e conseguimos levantar as casinhas lá.

Letícia Rocha: O senhor acha que tudo isso ajudou a conscientizar as pessoas?

Padre Tardin: Eu creio que sim. Evangelizarmos a partir dos problemas da vida. Trabalhamos com abaixo-assinados diversos, incentivamos o Sindicato dos trabalhadores rurais, o ECAM que acompanhava mais de perto o trabalho do prefeito e vereadores da cidade, Associações Comunidades Rurais.

Letícia Rocha: E com relação às mulheres?

Padre Tardin: As mulheres começaram a sentir mais gente. Começamos a trabalhar a igualdade entre homens e mulheres.

Letícia Rocha: Há um declínio atual das CEBs a que o senhor atribui?

Padre Tardin: Há um resto de CEBs alimentada pela Teologia da Libertação. Houve nos pontificados de João Paulo II e Bento XIV um fortalecimento da hierarquia da igreja, incentivo aos movimentos RCC, ECC, Legião de Maria... O que gera enfraquecimento das comunidades de base. Tenho feliz lembrança daquele tempo, tenho consciência de que os tempos mudaram, já não são como aqueles tempos.

11- Entrevista com D. Giovane Pereira de Melo-22:38h

Realizamos no dia 18/11/2017 entrevista com D. Giovane Pereira de Melo, bispo de Tocantinópolis-TO e responsável pelo Setor CEBs da CNBB. A entrevista ocorreu durante o *Seminário CEBs e os desafios de ser Igreja no mundo urbano*, na cidade de Brasília-DF, entre os dias 17, 18, e 19/11/2017, que participei na condição de observadora. Conversei com várias pessoas durante o seminário, dentre esses D. Giovane. Buscamos ver um melhor horário, pois, o mesmo não ficaria até o final do seminário. Dessa forma, combinamos de conversar no sábado, após o almoço. Ele foi

muito solícito ao meu pedido. Conversamos durante algum tempo na sala onde ocorreram as palestras. Quando aproximou do horário de retomar os trabalhos do seminário, as pessoas começaram a entrar na sala, e tivemos que parar a conversa. Foi uma boa conversa onde pude abstrair diversas algumas concernentes as CEBs e a mulher.

Que fatores e situações podemos atribuir o decréscimo das CEBs na atualidade?

D. Giovane: Eu considero que as CEBs têm um legado a Igreja do Brasil, nas práticas das comunidades, mesmo que não chame isso de CEBs. A experiência das comunidades eclesiais de base nas décadas de 1980 e 1990 deixou um legado para as atuais comunidades. O rosto das comunidades que temos hoje, mesmo que não tenha o nome de CEBs, elas receberam/herdaram essa experiência das CEBs das décadas de 80 e 90.

Nesse sentido, eu entendo que as CEBs não estejam na pauta eclesial, não tem hegemonia... elas não tem a visibilidade que tinham na década de 80 e 90, mas elas estão presente com outros nomes, nova roupagem, elas estão presente. Nesse sentido, eu vejo que o contexto eclesial, os modelos eclesiais, eles mudaram. As CEBs saíram do cenário que elas estavam, das pautas. Há um livro do João Batista Libânio chamado, *A volta à grande disciplina*, então, eu acho que esse livro ajuda a gente entender essas mudanças. No papado de João Paulo II e Bento XVI, houve um retrocesso, a volta à grande disciplina, ao ordenamento, a questão mais interna da Igreja. Quer dizer no período do papado de João Paulo II, fez uma crítica muito forte a Teologia da Libertação, quer dizer as CEBs são a prática, a vivência e a reflexão da Teologia da Libertação, uma alimenta a outra.

Eu entendo nesse contexto, nessa virada eclesial, essa mudança, por exemplo, o contexto político social no Brasil, nesse contexto, aí também faz sentir que as CEBs não estão mais presente, alguns apregoam a morte das CEBs. Eu vejo que elas estão aí... tentando entender esse universo eclesial, universo político e social em que estamos inseridos, um pouco isso. O caminho é encontrar esses caminhos novos, e tentar refletir a experiência das comunidades à luz dessas realidades novas que estão sendo colocadas aí.

Sobre a participação de mulheres nas CEBs-

D. Giovane: Há um tempo atrás, saiu uma pesquisa que dizia que 70% das comunidades no Brasil, são assistidas dominicalmente com a celebração da palavra, quer dizer que são leigos. Comunidades que não têm missa/padre, e que são animadas por leigos, e a maioria desses são mulheres. Mulheres que sofrem todas as formas de discriminação, de violência... Se você pensar quem são essas mulheres, são mulheres pobres que estão na zona rural ou nas periferias das cidades, muitas delas negras, e que com certeza sofre com esse contexto de violência... machismo muito presente.

Eu tenho a impressão que não só no passado como agora nós, as CEBs não abordaram essas questões específicas. Penso que esse discurso das CEBs em todo esse tempo, é muito mais social, político transformador, de forma muito macro sem olhar essas

especificidades. Nós não tocamos nessas sensibilidades, nessas questões pontuais que hoje, nós estamos vendo discutir, por exemplo, machismo na Igreja, não que não tenha feito, mas que tenha feito sem a profundidade, e comprometimento político e social que necessitaria.

Eu vejo que esse campo foi um campo deficitário mesmo, por exemplo, essa questão das minorias, grupos étnicos- a questão, por exemplo, da negritude sempre esteve presente nas temáticas das CEBs, mas nós não tratamos o assunto em profundidade, sempre criamos barreiras. A questão de gênero, as CEBs não têm trabalhado suficientemente isso.

ENTREVISTA: IVONE GEBARA

Aborto não é pecado

A freira católica afirma que a proibição do aborto é uma hipocrisia da Igreja que só prejudica as mulheres pobres

KAIKE NANNE E MÔNICA BERGAMO

A irmã Ivone Gebara tem 48 anos, nasceu em São Paulo, é freira há um quarto de século e vive no Recife desde 1973. Pertence à Congregação Irmãs de Nossa Senhora, que se dedica à educação de menores carentes. Nesse convívio com os pobres, Ivone formou uma convicção raríssima na Igreja: ela é a favor da legalização do aborto e, pela primeira vez, defende seu ponto de vista publicamente. "A mãe tem, sim, algum direito sobre a vida que carrega no útero. Se ela não tem condições psicológicas de enfrentar a gravidez, tem o direito de interrompê-la", diz. Ao contrário de algumas feministas, a freira afirma que o aborto não pode ter limites legais. Deve valer para todos os casos, e não apenas em situações especiais, como o estupro. "Aborto não é pecado. O Evangelho não trata desse assunto", afirma. A religiosa mantém contatos frequentes com grupos feministas no Brasil e no exterior, em especial o Católicas pelo Direito de Decidir, formado nos Estados Unidos em 1973 e instalado no Brasil no começo do ano.

Formada em Filosofia pela PUC de São Paulo e em Teologia, na Bélgica, Ivone está habituada a adotar posições polêmicas dentro da Igreja. Em 1989, o Vaticano fechou o seminário em que trabalhava no Recife, criado pelo arcebispo dom Hélder Câmara. A Santa Sé entendeu que o seminário, inspirado na Teologia da Libertação, era excessivamente esquerdista. Desde então, a freira consome seu tempo escrevendo livros e viajando para dar palestras. Por opção, vive em Camaragibe, região pobre da periferia do Recife. É autora de seis livros, todos sobre a teologia feminista, publicados pelas editoras Vozes e Paulinas. Há um mês, visitou a Suécia para falar sobre a mulher e a reforma agrária. Na semana passada, de-



"Quem escreveu que não se pode controlar o nascimento de filhos? Foram os padres, homens celibatários"

pois de dar entrevista a VEJA, foi para a Venezuela e a Bolívia. Em janeiro, Ivone embarca para Nova York, onde passará um semestre dando aulas sobre teologia.

VEJA — Nesta semana o papa João Paulo II divulga a nova encíclica, em que deve enfatizar a oposição da Igreja ao controle da natalidade e ao aborto. O que a senhora acha disso?

IVONE — Não há novidade. É uma postura tradicional do Vaticano, já consagrada em outras encíclicas. É a posição de quem

não tem diálogo com o mundo contemporâneo, em especial com o mundo dos pobres.

VEJA — Por quê?

IVONE — A moral católica não atinge as mulheres ricas. Elas fazem aborto e têm os meios econômicos que garantem uma cirurgia em condições humanas. Portanto, a lei que a Igreja defende prejudica as mulheres pobres. O aborto deve ser descriminalizado e legalizado. Mais até: deve ser realizado à custa do Estado. Hoje, o aborto é a quinta causa de mortalidade feminina no Brasil. Quem morre são as mulheres carentes. Diante do fato de que o aborto é inevitável, é melhor fazê-lo em condições de dignidade.

VEJA — Como freira católica, a senhora não deveria considerar o aborto um pecado?

IVONE — O aborto não é pecado. O Evangelho nem trata disso. O Evangelho é um conjunto de histórias que provoca a misericórdia e ajuda na construção do ser humano. A dogmática em relação ao aborto foi fabricada ao longo dos séculos. Quem escreveu que não se pode controlar o nascimento de filhos? Foram os padres, homens celibatários fechados em seu mundo, que vivem confortavelmente com suas manias. Não têm mulher nem sogra e não se preocupam com filho doente. Alguns até são ricos e têm propriedades. Desse jeito, é fácil condenar o aborto.

VEJA — A lei permite o aborto quando há estupro. Em que casos a senhora acha que o aborto é legítimo?

IVONE — Em todos os casos em que a mãe, seja ela rica ou pobre, não tem condições psicológicas de assumir o bebê. A Igreja se atém ao princípio de que só

quem pode tirar a vida de alguém é Deus. Eu também aceitei essa idéia. Mas hoje acho que a mãe tem, sim, algum direito sobre a vida que carrega no útero. O feto não pode sobreviver sem ela e, nessa osmose primordial, é lícito considerar que não tem sua própria vontade. Se a mãe não tem condições psicológicas de enfrentar a gravidez, tem o direito de interrompê-la.

VEJA — *O que fez a senhora mudar de opinião e defender o aborto?*

IVONE — Meu convívio com as mulheres pobres de Camaragibe me levou a refletir mais sobre esse assunto. As mulheres são extremamente pobres, são vendedoras de bolo e lavadeiras. Elas não têm informação para desenvolver sua vida sexual de forma saudável. Não sabem como evitar filhos e mesmo que soubessem não teriam condições financeiras de fazê-lo porque não dispõem de assistência. Essa situação me levou a uma posição pragmática de defesa do aborto. Mas até agora eu só havia conversado sobre minha postura em encontros fechados, com teólogas e feministas. Meu discurso ainda é tateante. Estou tentando superar dogmas. Se eu fosse padre, a Igreja talvez até me expulsasse do clero. Como freira, tenho mais liberdade. Ainda assim, depois dessa entrevista acho que vou ficar num matão sem cachorro. Sei que minha posição é uma transgressão do pensamento da Igreja, mas resolvi falar porque acho que vou ajudar as pessoas.

VEJA — *A senhora já aconselhou alguma mulher a abortar?*

IVONE — Não. Mas estive perto. Há algumas semanas em Camaragibe, fui procurada por uma mulher psicologicamente doente, mãe de três crianças subnutridas. Contou que teve uma aventura com um desempregado e ficou grávida. Estava desesperada. Conversamos muito, e ela ficou de me procurar de novo. Tinha certeza de que, nessa segunda conversa, eu seria obrigada a dizer: "Aborte". Ela decidiu abortar antes de meus conselhos. Só voltou a mim para pedir que eu a levasse a um médico. Levei-a.

VEJA — *A senhora se sentiu bem?*

IVONE — É preciso entender uma coisa. Outro dia socorri uma mulher que abortou e fiquei impressionada ao ver o feto. É um bebezinho, é como se estivessemos tirando a chance de aquela vida florescer. O aborto é violento, muito violento. É sempre uma opção traumática, jamais um caminho de alegria. A mulher só aborta se é obrigada pelas circunstâncias. Mas é uma violência que existe e como tal deve ser legislado. Conheci no meu bairro uma menina que engravidou do seu próprio pai aos 14

anos. Nesse contexto, não significa absolutamente nada dizer que a vida está sendo salva ao evitar o aborto. Que vida será salva? A da criança, que será subnutrida e abandonada? A da mãe, que terá seus dramas agravados? O Brasil aborta continuamente seus cidadãos, se não no primeiro mês, ao longo da vida.

VEJA — *As mulheres de Camaragibe não se surpreendem ao ver uma freira defendendo o aborto?*

IVONE — Nunca defendi o aborto abertamente. Além disso, elas nem conhecem o discurso da Igreja sobre o assunto. O mundo dos pobres tem uma ética à parte. É a ética da sobrevivência. Há poucos dias uma empregada doméstica bateu em minha porta e disse que iria se suicidar. Ela tem

"Outro dia socorri uma mulher que abortou e fiquei impressionada ao ver o feto. É um bebezinho, é como se estivessemos tirando a chance de aquela vida florescer. O aborto é violento. É sempre uma opção traumática, nunca um caminho de alegria. Mas é uma violência que existe e como tal deve ser legislado"

oito filhos: um morreu, três estão com o primeiro companheiro, três com ela e um vive na rua. Ela é uma mulher miserável, vive num barraco de taipa e se sustenta como doméstica diarista. Ficou grávida depois de um relacionamento eventual. Foi ao pai, que lhe disse que não queria a criança. É quase sempre assim: os pais abortam os filhos com palavras. Procurou então a sua patroa, que se negou a lhe dar dinheiro para o aborto. A madame não quis se envolver, mas garantiu que, se houvesse problema clínico, levaria a empregada ao médico depois. Essa é a moral da classe média.

VEJA — *É possível que a Igreja mude de opinião sobre o aborto?*

IVONE — Não dá para prever, mas tão

cedo isso não deve acontecer. Não é coisa para este século. Penso que essa questão não deveria ser discutida como um dogma da Igreja. É uma questão que diz respeito à sociedade civil. A legalização do aborto é necessária e não pode ser impedida por credos religiosos.

VEJA — *Vale a máxima que diz que, se o papa pudesse ter filhos, a Igreja já teria autorizado o aborto?*

IVONE — Essa é uma piada que o pessoal adora fazer com o papa. É fantasia. A questão não é tão simples.

VEJA — *Sua posição sobre o aborto é solitária dentro da Igreja?*

IVONE — A maioria do clero é contra o aborto e reduz o assunto a uma questão puramente privada. Os conservadores falam mais, e sempre com o discurso do respeito absoluto à vida. Mas há padres e freiras a favor, sim. É um segmento mais avançado que só se manifesta nos bastidores e vive num conflito entre aquilo em que crê e o que a instituição pensa. São homens e mulheres dilacerados por conta de suas convicções.

VEJA — *No confessional, eles recomendam o aborto?*

IVONE — Pelo que sei, preferem o silêncio. Defendem a legalização em círculos muito restritos, nunca na esfera oficial.

VEJA — *Como a senhora julga a moral dos padres que condenam o aborto e têm relações sexuais?*

IVONE — A transgressão sempre existiu no interior das organizações religiosas. São muitos os casos, e sei disso porque as próprias freiras acabam comentando. A Igreja Católica desenvolveu uma moral muito rígida que leva a isso. Às vezes, a transgressão é até importante. É um sinal de que é preciso rever leis estabelecidas.

VEJA — *A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil já propôs o fim do celibato. A senhora acha que os padres do ano 2000 poderão casar-se?*

IVONE — Isso vai acontecer, mas, a exemplo do aborto, ainda não neste século. Enquanto tivermos essa cúria romana com a teologia que tem predominado, não haverá meios de pôr fim ao celibato. Chegará o dia em que, se o Vaticano quiser continuar com o clero, terá de ordenar mulheres e homens casados. O celibato é uma prescrição de ordem legal que não faz parte da essência do sacerdócio.

VEJA — *A senhora acha que seria uma freira mais feliz se pudesse casar-se e ter filhos?*

IVONE — Minhas vizinhas em Camaragibe acham ridículo meu jeito de viver. Para elas, é incompreensível não ter um homem e não ser mãe. Em sua simplicidade, elas perguntam quando meu homem vai aparecer e dizem que eu deveria ter filhos para cuidar de mim na velhice. Vai ver estão certas. Vou acabar minha vida sozinha. Às vezes, elas dizem que desejam estar em meu lugar, para não ter com que se preocupar e viver em paz. Cada um carrega um limite em sua escolha. A vida que eu levo tem um peso como qualquer outra.

VEJA — Como a senhora lida com a falta de carinho físico e de sexo?

IVONE — Tive desejos sexuais e continuo tendo, mas sou coerente com a minha escolha. O sexo faz falta, como fazem falta várias coisas em qualquer vida humana. Não é porque o sexo é liberado que as pessoas realizam todas as suas potencialidades. Antes de ser freira, estudei Filosofia na PUC de São Paulo e tive lá meus namorados. Mas o desejo de ajudar as pessoas a ser livres foi mais forte e apostei em outro tipo de vida. A experiência religiosa não é só de renúncia. Você encontra prazer de outro jeito. Não é possível viver sem afeto, sem amizade, sem olhar para os pobres. É possível viver sem sexo.

VEJA — A senhora defende a ordenação de mulheres?

IVONE — Eu não me sentiria à vontade nas tarefas de uma paróquia. Prefiro ficar solta para dar aulas, participar de debates, escrever artigos. Há muitas mulheres de valor que gostariam de se ordenar e têm condições para isso. Mas não basta tirar os que estão de calças e botar quem usa saia se o pensamento dogmático for mantido. É mais importante uma reflexão teológica para mudar algumas cosmovisões da Igreja que estão ultrapassadas.

VEJA — Quais?

IVONE — A tradição cristã se constituiu sobretudo a partir do século III de nossa era, época marcada pelo dualismo grego. A Igreja apresentava o homem como um pecador em oposição ao Deus bom, o corpo em oposição ao espírito. Explicava o mundo de uma forma dual: céu/inferno, bem/mal. Essa espécie de antropologia dualista fez a Igreja considerar o homem melhor que a mulher. Automaticamente, o sacerdócio é dado aos homens, mas as mulheres têm de conquistá-lo. É um comportamento discriminatório, fruto de uma concepção equivocada tanto do ser humano como de Deus.

VEJA — O que vem a ser a teologia feminista?

IVONE — A teologia tradicional acentua imagens masculinas de Deus. A teologia feminista quer mostrar que a raiz da experiência cristã é igualitária e que as estruturas de poder na Igreja podem ser mudadas. Deus não é masculino nem feminino. É tudo. O divino está entranhado no ser humano e vice-versa. A teologia feminista discute o paternalismo da religião, a idéia de esperar Deus fazer e acontecer. É uma expressão da Teologia da Libertação. Nós estamos balançando um pouco o coreto.

VEJA — Que mudanças a teologia feminista provocou na Igreja?

IVONE — Antigamente, a palavra "homem" aparecia nos documentos da Igreja

"Uma doméstica bateu em minha porta e disse que iria se suicidar. Ela já tem oito filhos e estava grávida. Procurou a patroa, que se negou a lhe dar dinheiro para o aborto. A madame não quis se envolver, mas garantiu que, se houvesse problema clínico, a levaria ao médico. Essa é a moral da classe média"

em alusão a toda a humanidade. Hoje se lêem expressões como "irmãos e irmãs" e "Deus, que é pai e mãe". As mulheres não ensinavam teologia e hoje há muitas professoras.

VEJA — Os protestantes são mais avançados que os católicos?

IVONE — Sim. Há pastoras ordenadas e o espaço das mulheres é cada vez maior. Elas conquistaram isso há mais de vinte anos. O catolicismo ficou para trás.

VEJA — Por quê?

IVONE — As Igrejas que se consideram originárias e mais próximas de Jesus têm dificuldades de absorver mudanças devido ao peso da tradição. É o caso da Igreja Ortodoxa Oriental e da Igreja Católica

Romana. Já a Protestante começou no século XVI, com a Reforma. É uma Igreja de modernidade, de contestação ao catolicismo.

VEJA — As posições tradicionais da Igreja afastam os teólogos do sacerdócio?

IVONE — Sim. Muitos teólogos leigos não pensam em aceitar a ordenação para ter um espaço de militância e um pensamento menos controlado.

VEJA — Por que o catolicismo está perdendo influência no Brasil?

IVONE — Já nem podemos dizer que a maioria da população brasileira é católica. A maior parte é pentecostal, da Assembleia de Deus, da Igreja Universal do Reino de Deus, das Testemunhas de Jeová, e por aí vai. Não ousa falar sobre o interior do país, que conheço pouco, mas nas grandes cidades o catolicismo deixou de ser a religião predominante. Isso se deve, em parte, ao fato de que o pentecostalismo tem apelos que respondem às necessidades da população, cada vez mais carente. Promete as soluções de curto prazo. Esse fenômeno está para a pobreza assim como a crise das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, está para a falência do projeto político brasileiro.

VEJA — Por que as comunidades de base estão em crise?

IVONE — Temos que situá-las na conjuntura nacional. O Brasil passa por uma crise política, econômica, social e de esperança que afeta todos os movimentos sociais. Nenhum deles atravessa essa crise ileso. Os teóricos do movimento popular tinham uma grande expectativa em relação às CEBs. Acreditavam que era um fermento de transformação de baixo para cima, dentro da Igreja. É o que aconteceu? A palavra socialismo, tão usada nas lutas populares, caiu em desuso. Acentuamos um discurso utópico sem condições de se realizar. Com todas as apostas, o povo votou em Collor. Não acredito mais nas CEBs como único caminho de libertação.

VEJA — Qual é o caminho?

IVONE — Há grupos de mulheres e ecologistas dando contribuições importantes, lutando para minorar a fome e a miséria. Com ou sem a Igreja, essas pessoas vão construir as alternativas do futuro.

VEJA — E a Igreja Católica?

IVONE — Estamos em crise. O catolicismo pode superar isso. Vem superando através dos séculos. Um primeiro passo seria a revisão de posturas inflexíveis que afastam a Igreja da vida e das carências reais de seus fiéis. ■

ANEXO E- RESPOSTA DE IVONE GEBARA- JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO

**A LEGALIZAÇÃO DO ABORTO,
VISTA DO CALEIDOSCÓPIO SOCIAL.**

Na edição de 6 de outubro/93, a Revista VEJA publicou uma entrevista minha com o título "O ABORTO NÃO É PECADO". Apesar de, livremente, ter concedido esta entrevista, quero distinguir aquilo que foi compreensão e redação própria dos jornalistas e minha posição pessoal. A entrevista foi feita de maneira informal em três momentos diferentes, inclusive um telefônico internacional, pois eu me encontrava fora do país. Foi feita por duas pessoas profissionais em jornalismo, uma do Nordeste e uma do Sudeste do País. Esta entrevista foi em seguida reorganizada por ele/ela e publicada antes da data prevista, sem que eu pudesse rever o texto. Portanto, como qualquer entrevista nestas condições, esta também encerra seus limites e distorções quase inevitáveis. Apesar disso, sei o quanto a entrevista fez sucesso e suscitou acaloradas discussões, algumas solidárias, outras contrárias, outras ainda pedindo reparação pública ou retificação de meu pensamento.

Por isso, quero, nesse momento, reafirmar minhas posições, não para que sejam aceitas, mas apenas discutidas nos limites de nossa frágil democracia e liberdade de pensamento.

A questão da legalização do aborto desde muitos anos tem sofrido um processo de mutação impressionante, não só na sociedade em geral, mas também na Igreja. Conforme os espelhos e o movimento das pedrinhas coloridas do caleidoscópio social e Religioso assim também se movem os argumentos e posições em torno desta difícil questão que suscitou uma diversidade imensa de argumentos filosóficos, religiosos, psicológicos, políticos e jurídicos nem sempre com a participação direta das mulheres.

Sou hoje a favor da descriminalização e legalização do aborto como uma forma de diminuição de violência contra a vida. Sou também consciente dos limites inerentes a esta posição e das dificuldades legais e outras, decorrentes particularmente do estado atual da quase falência de nossas instituições públicas.

A vida num bairro de periferia, o contato com o sofrimento de centenas de mulheres sobretudo pobres

vivendo dilaceradas diante dos seus problemas pessoais e de sobrevivência me dá o respaldo suficiente para algumas afirmações que em consequência assumo. Trato da questão mais a partir das mulheres empobrecidas porque elas são as vítimas maiores desta trágica situação.

Independente da legalização ou não do aborto, independente dos princípios de defesa da vida, independente dos princípios que regem as religiões, o aborto tem sido praticado. É portanto um fato clandestino público e notório. Segundo cifras difundidas por diversas organizações de saúde calcula-se anualmente, no Brasil, em milhões, os abortos clandestinos com 10% de mortalidade materna. Tais cifras espantosas são indicadoras de uma problemática social grave que precisa ser regulamentada. É pois, em primeiro lugar dever do Estado garantir uma ordem e legislar constantemente para que a vida de suas cidadãs e cidadãos seja respeitada. A legalização não significa a afirmação da "Bondade", da "Inocência", ou ainda da "Defesa incondicional" e até leviana do aborto como ato, mas apenas a possibilidade de humanizar e dar condições de decência a uma prática que já está sendo feita. A legalização é apenas um aspecto, conjunturalmente importante, de um processo mais amplo de luta contra uma sociedade organizada sobre o aborto social de seus filhos e filhas. Uma sociedade que não tem condições objetivas de dar emprego, saúde, moradia, escolas é uma sociedade abortiva. Uma sociedade que obriga as mulheres a escolherem entre a permanência no trabalho ou a interrupção da gravidez é abortiva. Uma sociedade que continua permitindo que se façam os testes de gravidez antes de admitir as mulheres em diferentes empregos é abortiva. Uma sociedade que silencia a responsabilidade dos homens e apenas culpabiliza as mulheres, desrespeita seus corpos e sua história, é uma sociedade excludente, sexista e abortiva.

A descriminalização e legalização do aborto poderiam nesta lógica até serem consideradas como um comportamento na linha da continuidade da violência institucionalizada, uma espécie de resposta violenta a uma situação violenta. Poderíamos até pensar

nisso, se os milhares de abortos e mortes de mulheres não existissem de fato. Como eles são fatos incontestáveis, legisla-los de maneira a mais respeitosa possível, passa a ser uma forma de diminuir a violência contra as mulheres e a própria sociedade no seu conjunto.

Nessa linha de pensamento, concentrar a "defesa do inocente" apenas no feto, como afirmam algumas pessoas, é uma maneira de encobrir a matança indiscriminada de populações inteiras, diferentemente, mas também igualmente inocentes, quer vítimas de guerras, quer vítimas dos processos econômicos, políticos, militares e culturais vigentes em nossa sociedade. É também, mais uma vez, uma maneira de não denunciar a morte de milhares de mulheres vítimas inocentes de um sistema que aliena seus corpos e as pune impiedosamente, culpabilizando-as e impedindo-as de tomar uma decisão ajustada as suas reais condições. A concentração da culpa do aborto na mulher, a criminalização deste ato é uma forma de velar nossa responsabilidade coletiva e o nosso medo de assumi-la publicamente.

Nessa perspectiva, para mim como cristã, defender a descriminalização e regulamentação do aborto não significa negar os tradicionais ensinamentos do **Evangelho de Jesus e da Igreja**, mas sim acolhê-los diante do paradoxo de nossa história humana, como uma forma atual de diminuição da violência contra a vida.

Nem sempre os **PRINCÍPIOS** cristãos e outros resistem diante dos imperativos da vida concreta, imperativos que nos tornam mais maleáveis, mais misericordiosos(as), mais compreensivos(as) e convencidos(as) de que a lei é para nós humanos e não nós humanos para a lei, que a lei deve ajudar a nossa fraqueza, sobretudo quando a nossa liberdade é esmagada por estruturas injustas que mal permitem a realização de atos livres e plenamente humanos.

Hoje é necessária e urgente, a discussão aberta, plural, a busca de consenso a partir do bem comum, a busca ética de caminhos em defesa de todas as vidas humanas. E, nesse diálogo plural, é responsabilidade do **Estado** na sua inalienável autonomia, chegar a um consenso em vista de uma ordem justa que garanta, através de leis, a vida de suas cidadãs e cidadãos e ponha limites a uma situação caótica provocada pela prática do aborto clandestino.

Minha postura diante da descriminalização e legalização do aborto como cidadã, cristã e membro de uma comunidade religiosa é uma forma de denunciar o mal, a violência institucionalizada, os abusos e a hipocrisia que nos envolvem, é uma aposta pela **VIDA**, é pois em **DEFESA DA VIDA**.

Ivone Gebara

Camaragibe, 18 de Outubro de 1993.

JORNAL - O ESTADO DE SÃO PAULO
12/11/93

ANEXO F- CARTA AOS PAROQUIANOS 17 DE JUNHO DE 1989.

Montes Claros, 17 de junho de 1989.

Carta aos paroquianos,

Na semana de 18 a 25 de junho somos convidados a refletir sobre a situação dos MIGRANTES. Por isso queremos apresentar à comunidade dois fatos concretos acontecidos recentemente bem pertinho de nós e que retratam a realidade das famílias expulsas pelo alto preço dos aluguéis e dos trabalhadores que derramam o seu suor e não têm condições de viver com dignidade.

1º fato

No encontro dos bairros Maracanã e S. Geraldo, ao lado do horto da Prefeitura, um quadro novo mudou a paisagem. No lugar onde havia um bico de terra coberta de mato, surgiu um terreno dividido em pequenos lotes com barracas de plástico preto e papelão. Dentro delas um amontoado de trapos acolhe os sonhos e as esperanças de 7 famílias Migrantes. Gente que não tem outro lugar pra morar, cansada de ir e vir, arrastando crianças pequenas que choram de fome e de frio. As outras maiores, com os olhos arregalados de magreza, olham um futuro distante tão fraco e escuro como o material da construção das suas casinhas. PARA ONDE IRAO, SE FOREM EXPULSOS DE NOVO? Algumas estão na escola, outras na creche. Ali já estava começando a parecer a terra prometida. A amizade já cresce e as famílias não parecem ter vindo cada uma de um lado. É uma pequena comunidade nascida da dor, do sofrimento, da luta e da solidariedade. Mas o medo também faz parte dela apesar da vontade de coquistar um direito que é de todos: ter casa pra morar.

Muitas tentativas já foram feitas, muitas conversas, mas a situação desses nossos irmãos continua triste e insegura à espera da participação de todos nós.

O terreno ocupado por eles é sobra de um loteamento. Embora a Secretaria de Ação Social alegue insegurança para a construção das moradias, num lugar privilegiado já está quase pronta uma casa grande, de lage, com cômodo de venda e que pertence a uma pessoa que tem sozinha 4 lotes. POR QUE O PERIGO É SÓ PARA OS POBRESINHOS?

Alguns deles fizeram inscrição para o lote há mais de 4 anos. Agora é triste demais pensar que vai começar tudo de novo.

Junto com algumas pessoas da comunidade, as famílias preferem continuar acreditando que vai dar certo.

Refletem a Palavra de Deus e já fizeram até uma celebração de fé no local.

Estiveram reunidos com alguns vereadores, com representantes da Prefeitura no Maracanã, na Câmara e na Secretaria de Ação Social. Não foi muito fácil. Mas não desanimam.

Agora estão esperando um estudo que será feito por técnicos para dizerem se o terreno pode ou não ser entregue para eles.

Mas serão apenas 5 lotes. Eles são 7 famílias. Todas muito necessitadas. O que fazer? A SOLIDARIEDADE entre os mais pobres é uma lição de vida. ELES REPARTIRAO OS LOTES E TODOS TERAO ONDE MORAR. NINGUEM FICARA SEM NADA.

Como podemos ficar fora desta luta? Vamos aprender muito em troca da nossa participação e da nossa ajuda com aquilo que temos para dar.

VAIROS! CRISTO CHAMA! OS IRMAOS NOS ESPERAM.

SEJAIS SOLIDARIOS TAMBEM.

E COMO GESTO CONCRETO, VAIROS VISITA-LOS PARA CONHECE-LOS E AJUDA-LOS.

2º Fato

PAULO WELLINGTON RIBEIRO DA SILVA, de 26 anos, trabalhou mais de um ano para o Senhor Dió, num sítio localizado perto do Matel SKY. Seu trabalho era cuidar dos animais: porcos, galinhas, vacas e cachorros. Durante todo esse tempo recebeu como pagamento a quantia de NCz\$30,00. Nos últimos 40 dias nada recebeu. Algumas vezes teve de matar galinhas do sítio para comer.

Seu irmão Valci conta que há vinte dias atrás foi visitar o irmão no sítio e um vizinho contou que ouvira o Senhor Dió falando que ia dar uns tiros para que o Paulo abandonasse o sítio esquecendo-se da conta que tinha para receber.

No dia 15 de junho de 1989 Paulo estava na casa de seus pais com mais duas irmãs e um irmão. Chegou lá um FIAT e homens da polícia, semfarda, entraram em sua casa. e disseram a ele:

-Vamos te levar pra você falar pro Delegado que pegou as galinhas.

Paulo falou pra eles que não pegara as galinhas. O pai de Paulo pediu aos policiais que não levassem o filho sem ordem de prisão. Mas nada adiantou. Disseram que não tinham nada a ver com ordem de prisão e na saída da casa algemaram Paulo. Seu irmão Valci entrou junto no carro mas foi obrigado a descer depois de rodarem um pouco. Paulo conta que bateram nele na estrada para que conasse coisas que não tinha feito.

Mais tarde Valci veio a Montes Claros, entrou em contato com Luis Tadeu que colocou um advogado à disposição. Foram à Delegacia e lá encontraram o Paulo sendo interrogado.

A tarde Paulo foi colocado em liberdade.

No dia 16 Paulo veio com Valci e um outro irmão e procuraram o Sindicato dos trabalhadores Rurais. Um advogado da FETAEMG combinou com o Senhor Dió um encontro para as 13 horas a fim de estudarem um acordo. O Sr Dió disse que ia mandar um advogado. Mas nem ele nem o advogado compareceram no local e na hora combinados.

Alguns aspectos do caso:

1) Da parte da polícia não houve respeito aos direitos do cidadão. Não respeitaram a casa, prenderam sem ordem escrita e fora do flagrante e bateram no preso. Isto contraria os seguintes direitos do cidadão na CONSTITUIÇÃO FEDERAL, artigo 5:

Item XI - "a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo entrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial;"

Item LXI - "ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de autoridade judicial competente, salvo nos casos de transgressão militar ou crime propriamente militar, definidos em lei;"

Item III - "Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante";

2) O Senhor Dió não pagou com justiça quem trabalhou para ele e recorreu à intimidação.

Creemos que DEUS É PAI E QUE NÓS SOMOS IRMÃOS; Por isso denunciemos esse fato e nos solidarizemos com Paulo e sua família.

Cristo Jesus tomou posição do lado dos pobres. Nós cristãos também temos que estar do lado deles.

Temos uma semana para refletir a situação do Migrante, mas temos uma vida inteira para decidir e assumir o compromisso cristão de lutar por justiça.

Não percamos muito tempo;

Com o nosso abraço fraterno

EQUIPE DE PASTORAL/ PARÓQUIA SAO SEBASTIAO

Montes Claros MG

"Peregrino nas estradas de um mundo desigual
expoliado pelo lucro e ambição do capital
do poder do latifúndio. Enxotado e sem lugar, já nem sei por onde andar.
Na esperança eu me apego ao mutirão.

QUERO ENTÃO UM CANTO NOVO DE ALEGRIA
AO RAIR DAQUELE DIA DE CHEGADA AO NOSSO CHÃO
COM MEU POVO CELEBRAR A ALVORADA
MINHA GENTE LIBERTADA...LUTAR NAO FOI EM VAO."

Apresentamos estes fatos sabendo que não são fatos isolados mas representativos de uma situação mais ampla de nossa sociedade.

ANEXO G- CARTILHA DE NATAL 2010

NOVENA DO NATAL DE 2010

A Igreja Centenária de Montes Claros anuncia o Salvador









Arquidiocese de Montes Claros - MG
1910-2010

5º ENCONTRO

A Igreja Centenária de Montes Claros
anuncia o Salvador,
através do jeito novo de ser Igreja



Ambiente: *Bíblia dentro da peneira, Doc. de Aparecida, 9 Velas, a manjedoura (sem o Menino), Coroa do Advento, faixa com o tema do dia, imagem de N. Sra. e S. José.*

01. ACOLHIDA

Animador(a): Irmãs e irmãos, estamos nos preparando para o Natal do Senhor. Estamos nos preparando também para a grande Celebração do Centenário da nossa Arquidiocese. São Cem Anos de Serviço, Testemunho e Anúncio do Evangelho neste sertão norte mineiro. Sejam todos (as) bem vindos (as)! Como é bom, quando irmãos e irmãs se sentam juntos para louvar e agradecer ao Senhor!

02. REFRÃO MEDITATIVO

T - *A ti, ó Deus, glória e louvor pela Palavra/ que acende em nós a esperança.*

03. ACENDIMENTO DA VELA

Animador(a): Em nome do Deus-Comunidade: PAI, FILHO E ESPIRITO SANTO, iniciemos nossa Novena.

L1 - Jesus é a luz do mundo. *"Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida".* Vamos acender as cinco velas como sinal da presença de Jesus em nosso meio.

- 27 -

uma sociedade baseada na justiça e no direito. Ele é o Servo de Javé que vem para dar vida plena a todos, principalmente aos pobres e excluídos. Vamos receber a Palavra de Deus.

(Entra a Bíblia na peneira, enquanto todos cantam:)

Canto: Vem, ó Senhor com o teu povo caminhar, nº 7

Animador(a): Leitura de Isaías 42, 1.5-7

(Momento de silêncio, breve reflexão, repetir frase de que gostou mais, mensagem que ficou no coração de cada um)

07. OLHANDO NOSSA CAMINHADA PASTORAL

Animador(a): Nesse encontro de hoje, vamos voltar nosso olhar para as CEBs, que floresceram como ipês amarelos nesta terra sertaneja, desde os anos 80.

T - A IGREJA CENTENÁRIA DE MONTES CLAROS ANUNCIA O SALVADOR, ATRAVÉS DO JEITO NOVO DE SER IGREJA – CEBs.

(uma pessoa entra com a faixa com o tema da novena e coloca-a na manjedoura)

L1 - Em julho deste ano, nos dias 22 a 25, aconteceu em nossa Arquidiocese, na cidade de Montes Claros, o 6º Encontro Mineiro das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Participaram umas 1200 pessoas, entre leigos e leigas, padres, bispos, religiosos e religiosas, seminaristas e diáconos permanentes, pastorais e movimentos sociais. Diversas famílias hospedaram os participantes que vieram de todas as Dioceses de Minas. Várias Equipes de Serviço foram organizadas para atender a todos. Todos deram o melhor de si.

L2 - Este Encontro despertou em muitos o desejo de conhecer melhor as Comunidades Eclesiais de Base: o que são, como se organizam e por que são chamadas de *um novo jeito de ser Igreja*.

Animador(a): Convidamos, então, o Pe. José Flávio Monnerat Tardin, jesuíta, conhecido por Pe. Tardin, para nos contar um pouco da sua experiência nas CEBs. Durante muitos anos, ele assessorou as CEBs em nossa Arquidiocese.

L3 - Pe. Tardin, o que são CEBs para o senhor?

Pe. Tardin: As CEBs são Comunidades Eclesiais de filhos e filhas de Deus, são comunidades servidoras do Reino de Deus, cheias do Espírito Santo para anunciar a *Boa Notícia* do Reino aos pobres (Lc

4,18) e lutar contra todo tipo de injustiça que machuca as filhas e os filhos de Deus.

As CEBs para mim são uma experiência profunda do amor de Deus Pai, uma experiência viva da fraternidade. Como cantamos, *“por isso vem, entra na roda com a gente, também. Você é muito importante...”*,



nas Cebds cada irmão e irmã convidam o outro para o banquete do Reino de Deus. Nas CEBs o *Negro nagô pode tocar sua viola, cantar e dançar fora da senzala, porque é gente como o outro.*

L4 - Pe. Tardin, por que as CEBs são um jeito novo de ser Igreja? O que há de novo nesse jeito de ser Igreja?

Pe. Tardin: As CEBs são um jeito novo de ser Igreja porque privilegiam a ação libertadora de Deus em favor dos pobres. Assim, as CEBs dão ênfase especial ao Deus que *“ouve o clamor e escuta os gemidos dos pobres (escravos) e desce do céu para libertá-los”* (Ex 3,7-8); prestam atenção ao que disseram os profetas e procuram seguir de perto o mandamento novo de Jesus: *Dou a vocês um mandamento novo: que vocês se amem uns aos outros, como eu amei a vocês* (Jo 13,34-35); procuram unir a fé com a vida e lutam pela justiça, pela transformação do mundo/sociedade para que sejam um mundo de irmãos, dando continuidade à missão de Jesus: *O Espírito do Senhor está sobre mim...* (Lc 4,18); porque lutam pela libertação dos pobres e colocam os pobres em primeiro lugar.

L1 - Pe. Tardin, o que os Bispos do Brasil, através da CNBB, nos falam sobre as CEBs?

Pe. Tardin: O Documento 92 da CNBB, aprovado na 48ª Assembleia dos Bispos em maio de 2010, retoma os ensinamentos da CNBB sobre as CEBs, principalmente o Documento 25, de 1982. Deste modo os bispos reafirmaram em 2010 que as CEBs são *“sinal de vitalidade da Igreja”*. Também lembram os ensinamentos de Medellín, que as Comunidades de Base são *“o primeiro e fundamental núcleo eclesial... célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização, e atualmente, fator primordial da*

Mensagem ao
Povo de Deus
Sobre as
Comunidades
Eclesiais de Base

promoção humana” (DMd, n. 15). Os bispos dizem que querem olhar para as CEBs com carinho. Em vários lugares reafirmam as marcas importantes deste novo modo de ser Igreja. Estas características são:

L1 - Busca de relações mais fraternas para celebrar os mistérios cristãos – partilha de bens, de vida e de experiências;

L2 - Compromisso de transformação da sociedade – transformação do mundo em mundo de irmãos e irmãs;

T- As CEBs são promotoras da solidariedade, que é a força dos pobres;

L1 - Sua realidade se expressa na liturgia, na diaconia (*serviço*) e na profecia – a profecia anuncia o projeto de Deus e denuncia a injustiça;

L2 - Produção de artes como músicas, poesias, pinturas e símbolos;

L1 - Acolhida da Palavra de Deus (*Círculos Bíblicos e grupos de reflexão*) e vivência comunitária;

L2 - Promovendo a solidariedade e o serviço, “as CEBs ajudam a Igreja a estar mais comprometida com a vida e o sofrimento dos pobres, como fez Jesus”;

T - As CEBs querem ser Igreja como o Concílio Vaticano Segundo desejou: uma Igreja toda ministerial a serviço do Reino de Deus;

L1 - Outra marca das CEBs é a participação na economia popular solidária.

Animador(a): Pe. Tardin, o Documento de Aparecida também fala sobre as CEBs?

Pe. Tardin: Sim, o **Documento de Aparecida** diz que as CEBs:

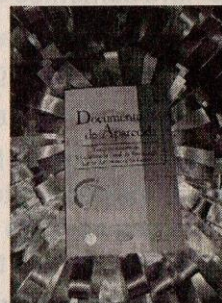
- *Têm sido escolas que ajudam a formar cristãos comprometidos e missionários do Senhor; (n.178)*

- *Abraçam a experiência das primeiras comunidades (At 2,42-47); (n. 178)*

- *Evangelizam os mais simples e afastados; (n.179);*

- *São expressão visível da opção preferencial pelos pobres; (179)*

- *Podem contribuir para revitalizar as paróquias; (179)*



ANEXO H- LISTA DE PARTICIPANTES 1º ENCONTRO DE CEBs

PARTICIPANTES DO 1º ENCONTRO DE CEB's / PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO
13/09/87 - MARACANA

01 -Terezinha de Jesus Oliveira Marques	27	S. Judas /
02 -Maria dos Reis Ribeiro Dias	32	Maracanã.
03 -Lucídia Ribeiro dos Santos	49	V. Telma /
04 -Maria das Neves Vieira da Silva	16	V. Telma /
05 -Josefina Vieira Ramos	58	Três Marias
06 -Zita Iranete Pereira	21	Três Marias
07 -Maria Iris Santos Almeida	39	Mato Seco
08 -Osmar dos Rejos	39	Mato Seco
09 -Ana D'afc de Souza Pereira	55	D.Gregória
10 -José Argemiro Pereira do Amaral	21	Pradinho
11 -Ivaldete Mendes Almeida	17	S. Inácio /
12 -José Décio Freire	37	S. Inácio /
13 -Erenice Maria dos Santos Carreiro	49	s. Judas /
14 -Claudelina Maria Ferreira Lima	19	Maracanã.
15 -Vicentina Guimarães Andrade	50	S. Sebastião
16 -Ana Maria Monteiro de Andrade	38	S. Judas /
17 -André Luiz Santos Aguiar	19	S. Sebastião
18 -Maria Inês Botelho de Quieróz	26	S. Sebastião
19 -José Antonio Feliciano de Queiróz	32	S. Sebastião
20 -Gilberto Ferreira da Silva	19	S. Sebastião
21 -Vera Lúcia Oliveira Ramos	18	Pradinho
22 -Arnaldo Silva de Souza	34	S. Sebastião
23 -Edmundo Pereira da Rocha	35	Pradinho
24 -Maria de Fátima Gonçalves	33	Santo Inácio
25 -Raimunda Célia Silva	33	S. Judas /
26 -Maria Lizete Cardoso Silva	22	S. Sebastião
27 -Eva de Jesus Vieira Soares	33	S. Judas /
28 -Maria Santana de Jesus Andrade	38	S. Sebastião
29 -Jose´Aparecido Soares	43	S. Judas /
30 -Antonia Jesus Oliveira Carvalho(Zú)	48	S. Sebastião
31 -Cleonice Teixeira Cruz	43	S. Sebastião
32 -Bernadete Evangelista de Souza	38	S. Sebastião
33 -Francisca das Dores Rodrigues(Dorinha)	34	Maracanã
34 -Damásio Mendes Silva	22	Maracanã
35 -Marfisa Maria Santos Ferreira	23	S. Sebastião
36 -Máximo Ferreira Lima	28	Maracanã
37 -Helena Ramos	30	Sta Rita
38 -Cleonice Perpétua	13	Santa Bárbara
39 -Marlene Perpétua	30	Pradinho
40 -Paula Fróes	37	Santa Bárbara

41 -Juscelina Santos	32 Santa Bárbara
42 -Geralda Ribeiro Sales	37 S. Sebastião
43 -Adão Alves Ferreira	54 Riachinho
44 -Maria José Amaro dos Santos	41 Maracanã
45 -Domingos Batista de Oliveira	36 Pradinho
46 -Henrique Rodrigues Gouveia	37 D. Gregória
47 -Helena Gonçalves de Oliveira	48 S. Judas
48 -José Luiz Mendes	25 S. Inácio
49 -Rafael Rodrigues Fonseca	35 S. Bárbara
50 -Valdemar Lima	41 S. Inácio
51 -Eliezer Lima	23 S. Sebastião
52 -Pedro Raimundo Pereira	32 Maracanã
53 -Irmã Rosa	
54 -Irmã Mariana	
55 -Irmã Ildete	
56 -Pe. Tardin	
57 -Pe Rubens	
58 -Pe Pescatori	
59 -Rita Ornellas	
60 -Olga Santos	
61 -Raimunda Dária	
62 -Daniel	
63 -Irmão Menezes	
64 -João Barbosa -	Maracanã
65 -Pedrinho	XMaracanã

AENXO I- CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1989

COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ

Campanha da fraternidade 89 da Quaresma 89 (do Carnaval até a Semana Santa)

QUARESMA é um tempo de 40 dias antes da Semana Santa para nós das comunidades eclesiais de Base - CEBs nos dedicarmos mais à oração e à penitência. É um tempo para a gente se lembrar que Jesus também passou 40 dias de oração e Jejum no deserto, antes de começar a pregar o Reino de Deus, ~~xxi~~ veja na Bíblia: Mateus 4,1-11.

Na Quaresma fazemos a CAMPANHA DA FRATERNIDADE para nos lembrar que a proposta de Jesus é que a gente se ame como irmãos porque somos filhos do mesmo Pai, Deus. É uma campanha para a gente aceitar e viver esta proposta de Jesus

Este ano de 89 é para a gente pensar na comunicação. É campanha para a gente pensar que a comunicação deve ser para a verdade e a paz. Não para enganar os outros, para tirar proveito para a gente prejudicando os outros

A comunicação é tudo o que fazemos para passar uma idéia para os outros. A palavra, o gesto ou sinal, a música, uma representação de uma sena, um símbolo, tudo isto é comunicação. A comunicação pode ~~x~~ ser escrita ou falada e falada e vista.

Os ~~mx~~ meios de comunicação são muitos. Os maiores meios de comunicação são: Rádio, TV, jornais, revistas e livros. Também o cinema.

Jesus disse que nossa comunicação deve ser sincera. Deve ser SIM quando é sim e deve ser NÃO quando é não (Mateus 5,37). Não levantar falso testemunho (EXodo 20,16)

Nem sempre nossa comunicação é sincera.

O Rádio, a TV e os jornais nem sempre mostram a realidade mais verdadeira. As vezes dão as notícias que interessam aos grandes e poderosos e escondem as verdades que interessam aos pobres, aos pequenos.

Um exemplo: tivemos algumas notícias sobre o assassinato de Chico Mendes. Mas muitos foram assassinados antes dele e nem notícia tivemos. Em Xapuri, no Acre, onde vivia o ~~xi~~ Chico Mendes, foram assassinados mais de 5 pessoas em seis meses. E estes meios de comunicação não ajudam o povo, os sindicatos e ~~xxxx~~ outras organizações populares a reclamar a justiça.

Uma boa comunicação deve ser democrática e ajudar a participação de todos. Quando um fica falando sozinho na comunidade isso não é bom sinal. Isso pode ser um caminho de dominação dentro da comunidade.

Evangelhos dos domingos:

12 de Fevereiro	Lucas 4,1-13	
19 de fevereiro	Lucas 9,28-36	
26 de Fevereiro	Lucas 13,1-9	
5 de março	Lucas 15,1-3 e Lucas 15,11-32	
12 de março	João 8,1-11	
19 de março	Lucas 22,14 até 23,56	Domingo de Ramos
5ª feira santa	João 13,1-15	
6ª feira santa	João do cap 18,1 até cap 19,42	
26 de março	João 20,1-9	= DOMINGO DE PASCOA - RESSURREIÇÃO

V

BATISMO. Quem quiser o batismo, deve procurar o dirigente da comunidade. O dirigente deve cuidar para alguém da comunidade ensine para os pais e padrinhos os 10 mandamentos, como está na cartilha do ~~Nta~~ Natal 88. na página 12 e 13.

OS PAIS E PADRINHOS TEM QUE APRENDER OS 10 MANDAMENTOS ANTES DO BATISMO. Quando tem missa, quem ensinou os 10 mandamentos, avise ao padre que tem batizados, logo que o padre chegar. Os batizados serão na Hora da missa.

Pode ser assim?

ANEXO J- CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1990

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1990 - SUBSÍDIOS PARA OS GRUPOS - PARÓQUIA SÃO SEBASTIAO

1- A campanha deste ano, com o tema "A FRATERNIDADE E A MULHER" e o lema: "MULHER E HOMEM: IMAGEM DE DEUS", quer em primeiro lugar conscientizar que mulher e homem juntos são imagem de Deus e que Deus entregou a sua criação a ambos.

Em seguida quer também ajudar a ver como, na realidade, a mulher não é reconhecida e tratada como igual ao homem. Pesa sobre ela uma forte discriminação de séculos. Sempre foi e ainda é considerada inferior ao homem, fraca, indecisa. A mulher ficou sob a tutela do homem tanto na sociedade como na Igreja para estar a serviço mas sem participar em nível de organização e decisão.

O terceiro objetivo é enfocar de novo a vocação inicial da mulher e do homem: construir juntos uma nova sociedade. Para isso precisam caminhar como parceiros, lado a lado, na conquista dos legítimos direitos da mulher. Também juntos devem construir uma Igreja que mostre melhor o rosto materno de Deus, que ainda continua sendo mostrado apenas com características masculinas. Os dois não são duas imagens de Deus, mas juntos, são a única e verdadeira imagem de Deus.

Por isso a Campanha não é só da MULHER. É igualmente do HOMEM. É um apelo de conversão para os dois, para que, num esforço conjunto possam construir um mundo novo onde haja mais amor, paz, justiça e vida.

2- SUGESTÃO PARA REUNIÃO DE GRUPO:

OLHANDO A VIDA

Maria vive numa comunidade rural e para ajudar no sustento da família trabalha de sol a sol capinando, plantando e colhendo, junto com outras companheiras. As mulheres dividem com os homens a sofrida missão de fazer a terra produzir. Só que na hora do pagamento Maria e as outras mulheres recebem um pagamento menor do que os homens. O tempo foi o mesmo, suaram também e as mãos carregam os mesmos calos. Por que?

Zezé é irmã de Maria e quis tentar uma sorte melhor vindo para a cidade. Trabalha como doméstica, sem jornada de trabalho definida. Não pode estudar porque a patroa estuda e ela tem que olhar as crianças. Não conhece os direitos que a constituição garante para as mulheres porque no seu quartinho de fundo não tem televisão e na sala, não pode nem pensar em ir. Zezé sente muita saudade da roça e da família...e sente também muito medo. Medo de acontecer com ela o mesmo que aconteceu a uma conhecida sua que ficou grávida e agora nem consegue uma família que a aceite com a criança. Mas Zezé ainda assim fica preocupada com a Fátima, sua patroa, que fica chorando de vez em quando pelos cantos. É que Fátima, apesar de estudar, ter uma casa, é dominada pelo marido que lhe dá ordens, faz humilhação e nem respeita a presença dela quando resolve dar palpites. Manda em tudo, na família, na empregada, na casa...

OLHANDO A BÍBLIA

LER GENESIS 1, 26-28

Para refletir:

- 1- O que a Bíblia quer dizer quando nos lembra que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus?
- 2- Em que MULHERES e HOMENS são imagem e semelhança de Deus?
- 3- O que quer dizer submeter e dominar a terra? As MULHERES estão participando da tarefa de submeter e dominar a terra? Em que? Por que?

Quando Deus criou o céu, a terra e os outros seres Ele não se inspirou em nenhum modelo. Mas quando Ele pensou em criar a mulher e o homem Ele pensou em si mesmo. Isto quer dizer que a medida da grandeza e do valor da mulher e do homem é Deus mesmo, porque Ele quis e quer assim. ELE NOS AMA TANTO QUANTO A SI MESMO.

E não tem diferenças de DIGNIDADE e GRANDEZA entre a MULHER e o HOMEM: os dois são imagem de Deus e compartilham desta sorte sem medida. A Bíblia nos leva a entender que só poderemos compreender a grandeza e a dignidade da mulher e do homem se a gente conseguir compreender a grandeza do próprio Deus.

- Você concorda com esta mensagem da Bíblia? O que você descobriu de novo?

-Você acha que a nossa situação é mesmo aquela que Deus sonhou para nós, MULHER e HOMEM?

-Esta situação tem que continuar assim? Por que?

-O que dá para transformar já, começando em sua casa?

DEUS É AMOR. É a VIDA que não só vive, mas gosta de fazer com que todos vivam. Gosta que todos possam ter felicidade total. Para ser IMAGEM VERDADEIRA DE DEUS nós também fomos chamados a viver para sermos MULHERES e HOMENS que amam, MULHERES e HOMENS que têm capacidade de participar do poder criador de Deus, gerando a vida e transformando o mundo.

3- SUGESTOES PARA DEBATES E REFLEXOES/ PISTAS DE ENCAMINHAMENTO

· Incentivar, organizar e celebrar o Dia Nacional da Mulher no dia 30 de abril.

· A MULHER NA FAMILIA

- ver quais as situações familiares na realidade local que precisam de ajuda e acompanhamento;
- formar grupos de debates com mulheres que estão na mesma situação (divorciadas, abandonadas...) para juntas trocar experiências e procurar saída para os problemas.

· VIOLENCIA NO LAR

- Promover debates sobre as causas da violência;
- Distribuir material sobre o assunto (ver na Delegacia de Mulheres)
- Divulgar o trabalho da Delegacia da Mulher e torná-la conhecida para eventuais denúncias;
- As mulheres vítimas da violência no lar têm dificuldades para descobrirem sozinhas os passos a serem dados. Precisam de quem as ajude. Como ajudá-las?

· AS MEES SOLTEIRAS

- Acolhê-las e orientá-las
- Trabalhar com a família a fim de chegar à compreensão e aceitação do fato;

· A MULHER NO TRABALHO

- Conscientizar-se sobre os direitos e benefícios que a Constituição lhes garante e o desrespeito a esses direitos.

· EMPREGADAS DOMÉSTICAS

- Em reuniões com as empregadas, ver a situação em que estão, os direitos e os deveres dos empregados.

· A MULHER NA EDUCAÇÃO

- Como garantir possibilidade de estudo e formação profissional das mulheres de famílias carentes (bolsas de estudo, cursos noturnos).

· A MULHER NA POLÍTICA

- O que deverá ser feito para que as mulheres assumam a política como um direito e um dever, tanto da mulher como do homem, e defendam seus interesses específicos?

· A MULHER NOS MOVIMENTOS POPULARES

- Debater em grupo, sobre a presença da mulher nos movimentos populares, pois é aí que a sua presença se faz mais forte: Como esclarecer aos outros cidadãos o objetivo da presença das mulheres nos movimentos populares, o sentido de suas lutas, as suas necessidades e direitos?

· A MULHER PROSTITUTA

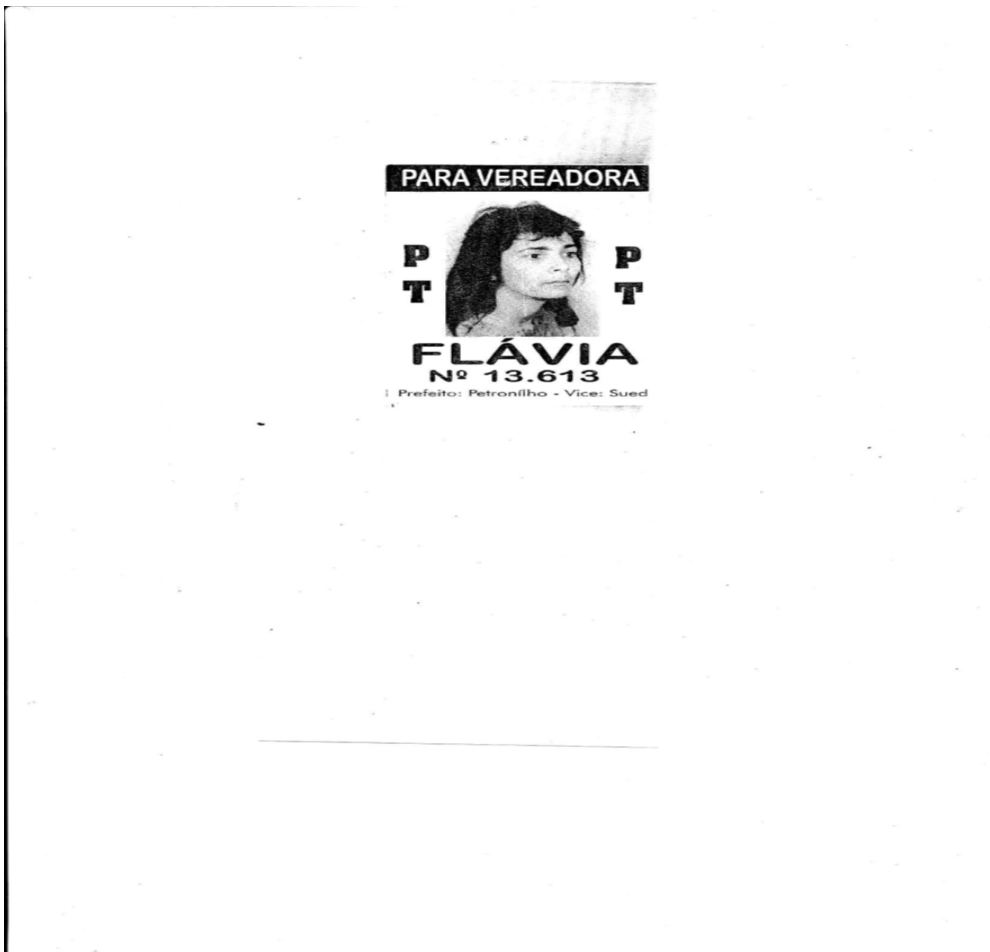
- Fazer um trabalho com elas. Dedicar tempo e afeto. Ajudá-las a descobrir sua dignidade, seus valores.

· PASTORAL DA CRIANÇA

- Incentivar a comunidade para sustentar a educação contínua da mulher e complementar seus esforços para que sejam agentes de transformação de sua família e da comunidade.

· ORGANIZAR UMA CELEBRAÇÃO SOBRE MARIA DENTRO DAS REFLEXOES DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

ANEXO L- FOTO DA CANDIDATURA A VEREADORA DE FLÁVIA ALMEIDA



ANEXO M- CARTILHA SOBRE POLÍTICA

Nós, leigos da Paróquia S. Sebastião, conscientes do nosso dever de participar, e participar bem, deste momento histórico na vida do Brasil que é a eleição do futuro Presidente da República, temos estudado os documentos nos 40 e 42 da CNBB que tratam a missão da Igreja no mundo da política e temos também acompanhado as orientações dos nossos pastores procurando formar critérios para a escolha do melhor candidato.

Anesar do desânimo diante da crise que aí está, "cresce também a consciência popular" e "um clamor surdo brota de milhões de homens" procurando um caminho para a libertação na oportunidade de participar do ordenamento político da sociedade brasileira. O voto é um instrumento, o único agora, para mudar a injustiça e a corrupção que sacrifica o nosso povo. Agora é um momento único, em que todo mundo é igual: É HORA DE VOTAR.

EM QUEM VOTAR? COMO APROVEITAR BEM ESTA CHANCE?

Em seu esforço de "ouvir os clamores do povo" os Bispos do Brasil no documento EXIGENCIAS ÉTICAS DA ORDEM DEMOCRÁTICA alertam para os "compromissos assumidos pelos candidatos para a construção da verdadeira democracia e particularmente as garantias que ofereçam pelo seu testemunho de vida."

No mesmo documento, embora afirmando que a Igreja não tem partido ou candidato, diz que se deve exigir de um bom candidato à presidência da República um compromisso com:

- Uma política agrícola que garanta a permanência do pequeno agricultor no campo, bem como a execução de uma Reforma Agrária justa e eficaz;
- A garantia da justa distribuição do solo urbano;
- A preservação e renovação do meio ambiente;
- O apoio à luta dos trabalhadores "pela justiça social, pelos justos direitos dos homens do trabalho;
- O incentivo à participação dos trabalhadores nos sindicatos, na gestão das empresas e nas decisões sobre os problemas de toda a sociedade;
- Submeter a dívida externa a uma Auditoria Pública, com a participação do Poder Legislativo e de representantes de organizações da sociedade civil.

Enfim, diz que o bom candidato deve ser alguém COM UM PASSADO QUE COMPROVE COMPETENCIA, HONESTIDADE, CORAGEM E COMPROMETIMENTO COM AS CAUSAS POPULARES E QUE SEJA CAPAZ DE EXECUTAR PROFUNDAS MUDANÇAS "EM VISTA DO BEM COMUM."

Como ajuda para a reflexão de nossas comunidades e conseqüente escolha, apresentamos um breve perfil dos candidatos mais evidência, baseando-nos em pesquisas apresentadas pelo JORNAL DE OPINIAO(ex Lar Católico), CEDEFES, AGEN e outras publicações:

AFONSO CAMARGO - PTB - 60 anos - Engenheiro civil - Vice: JOSÉ ROBERTO FARIÁ LIMA

Praticamente impôs sua candidatura ao partido, que, na sua maioria, preferia fazer coligações em troca de cargos ou mesmo a vice-presidência. Em 1978 foi senador bônico. Ajudou na criação do Partido Popular com Tancredo e depois da união deste com o PMDB passou a integrar este partido, quando foi eleito Senador em 1986. Nos debates o candidato se mostra apático, sem definir com clareza suas propostas. A atuação do seu partido oscila entre algumas defesas dos trabalhadores e atuações em defesa dos empresários e do governo.

AURELIANO CHAVES - PFL -Engenheiro/Fazendeiro- 60 anos- Vice:-CLAUDIO LEMBO

Pertenceu à UDN sendo eleito Dep.Estadual em 1962. Em seguida foi Deputado Federal até 74 pela ARENA. Ocupou vários cargos públicos: Noneado Governador de Minas Gerais p/ Presidente Ernesto Geisel;foi Vice-Presidente do governo Militar de João Figueiredo; várias vezes Presidente interino. É ligado à ala militar.

Como parlamentar, sua atuação foi fraca, não tendo apresentado nenhum projeto de Lei. Rompeu com o PDS quando perdeu para Maluf a indicação para disputar com Tancredo e criou o PFL para apoiar este candidato e garantir um ministério no governo. E mesmo no PFL encontrou muitas dificuldades (e encontra ainda) para se candidatar. Prega a moralidade, modernização, volta ao crescimento econômico e defesa de algumas empresas estatais. Foi um dos grandes defensores do pró-álcool.

FERNANDO COLLOR DE MELLO - PRN -40 anos- Administrador- Vice: ITAMAR FRANCO

Aparece para muitos como o grande homem que vai botar ordem no país. Ven investindo em sua imagem há muito tempo e virou notícia com a "briga contra os marajás". Sua intenção é passar a imagem de político novo, sem ligações com políticos tradicionais. Junto com sua família, é dono de emissoras de rádio e TV e de jornais. Foi Prefeito no estado de Maceió, pela ARENA em 79, e no último ano de seu mandato nomeou 5.000 funcionários públicos do seu partido, criando dificuldades para as administrações seguintes. Em 1982 elegeu-se Deputado Federal pelo PDS. Em 1986 foi eleito governador pelo PMDB. Como Dep. Federal teve atuação apagada. Votou em Maluf contra Tancredo, votou em projetos que beneficiavam os usineiros de Alagoas. Como Governador adotou medidas e atitudes que lhe deram a imagem de moralizador e corajoso. Prega a privatização, guerra à corrupção, modernidade, moralidade à administração pública...

GUILHERME AFIF DOMINGOS- PL - Empresário- 46 anos - Vice: ALUISIO PIMENTA

Cumpru seu primeiro mandato como deputado federal. Foi Secretário de Agricultura e Abastecimento de Paulo Maluf, em 1980. Foi Presidente da Associação Comercial de São Paulo. Agora se apoia nos Sindicatos Patronais de pequena e média empresas. Quer retomar a imagem de Juscelino: "cinco anos de agricultura para cem anos de fartura". Tem discurso progressista mas na Constituinte votou contra a estabilidade no emprego, contra o direito de greve, contra a Reforma Agrária, contra o voto aos 16 anos. Defende o capitalismo com jeito diferente onde a exploração não apareça tanto.

LEONEL BRIZOLA -PDT - 67 anos- Engenheiro/Fazendeiro - Vice: FERNANDO LYRA

É "candidato natural", confunde-se com a sigla do partido, no qual interfere em todos os níveis. Em 1947 e 50 elegeu-se deputado estadual no Rio Grande do Sul, pelo antigo PTB. Em 54 elegeu-se deputado federal e em 55 foi eleito Prefeito de Porto Alegre, e em 58 governador do Rio Grande do Sul. Como governador Brizola fez assentamentos em algumas áreas e desapropriou uma firma estrangeira que controlava os telefones. Em 1961 organizou o "movimento da legalidade", a favor da posse de João Goulart que os militares queriam impedir após a renúncia de Jânio Quadros. Em 1964, com o golpe, refugiou-se no Uruguai. Era deputado federal nessa época. No Uruguai possui cerca de 3.000 hectares com produção de leite, lã e carne. Voltando ao Brasil Brizola elegeu-se em 82 Governador do Rio de Janeiro pelo PDT com uma gestão polêmica: Ganhou fama ao tentar implantar o programa educacional CIEPS e foi acusado de fazer acordo com os bicheiros. Tem o dom de se comunicar mas é muito autoritário. Critica a ala progressista da Igreja chamando-a de inexperiente. Não apresenta programa, mas idéias gerais.

LUIS INACIO LULA DA SILVA -PT - 44 anos - Metalúrgico -Vice: PAULO BISOL

Lula é operário metalúrgico. Nasceu em Pernambuco e migrou para S. Paulo. Começou a participar do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo em 1969. Em 1971 Lula foi Presidente do Sindicato e em 78, 79 e 80 liderou as greves que sacudiram o Brasil e mostraram a força do trabalhador organizado. O governo militar interveio no sindicato, afastou Lula do cargo e abriu processo contra ele. Em 1980, participou da criação do PT do qual foi presidente. Em 81 participou da criação da CUT que tenta reunir todos os trabalhadores numa força só. Em 82 foi candidato a governador de S. Paulo. Em 86 foi eleito deputado federal com a maior votação de S. Paulo. Na constituinte sempre votou a favor das causas de interesse dos trabalhadores. Sua candidatura é apoiada por outros partidos que têm compromisso com os trabalhadores: PSB e PCdoB e que formam com o PT a Frente Brasil Popular. A frente defende a Reforma Agrária, suspensão do pagamento da dívida externa e melhoria das condições de vida do trabalhador.

MÁRIO COVAS -PSDB- 59 anos- Engenheiro - Vice: ALMIR GABRIEL

É um dos fundadores do seu partido, formado de dissidentes do PMDB. Sua vida política tem um início conservador. Ao ser reeleito deputado federal, pelo MDB em 1966, passa a ter uma atuação mais marcada de oposição ao regime militar. Em 1969 ele era o líder do MDB e teve seus direitos cassados sendo preso também. Em 1982 elegeu-se deputado federal. Em 1983 foi nomeado prefeito de São Paulo pelo governador Franco Montoro e fez uma boa administração até 1985. Isso lhe valeu a maior votação da história do Brasil, como Senador. Na constituinte foi o líder do PMDB e teve atuação muito importante. Por ter ficado quase sempre ao lado das causas dos trabalhadores e na defesa do Brasil contra o capital estrangeiro, os empresários e banqueiros lhe deram nota zero. Os sindicalistas lhe deram 6,25 porque votou contra alguns pontos como a estabi-

... e as 30 horas semanais. Seu partido defende o parlamentarismo, a retomada do desenvolvimento, redistribuição de renda, modernização do campo...

PAULO MALUF - PDS - 58 anos - Engenheiro/empresário - Vice: BONIFÁCIO ANDRADA

É empresário, sócio de pelo menos 5 grandes empresas. Foi Presidente da Caixa Econômica Federal de 1967/1969 quando foi indicado para Prefeito de São Paulo pelo Presidente Costa e Silva. Em 1971 foi Secretário Estadual de Transportes de São Paulo. Em 1979 foi eleito indiretamente para o governo de S. Paulo. Em 1983 se elegeu deputado federal. É insistente. Seu auge foi no período militar, quando foi da ARENA, base do atual PDS. Foi contra as eleições diretas em 84. Lançou-se candidato a presidente Colégio Eleitoral e foi derrotado por Tancredo. Em eleições diretas foi candidato a Governador de S. Paulo e a Prefeito da capital e foi derrotado. Hoje Maluf é apoiado por pessoas que defendem a pena de morte e de outras pessoas que são contra aqueles que defendem os direitos humanos. Diz que vai acabar com a corrupção e a impunidade.

ROBERTO FREIRE - PCB - 47 anos - Advogado - Vice: SÉRGIO AROUCA

Começou sua militância política no movimento estudantil. Em 1974 foi eleito deputado estadual pelo MDB. Em 78 foi eleito deputado federal. Reelegeu-se em 82 pelo PMDB. Em 1985 o PCB é legalizado e Freire, que já era militante desde 1962, ingressa legalmente neste partido. Concorre à Prefeitura de Recife e fica em 4º lugar. Em 198 é reeleito para a Assembléia Constituinte e sem titubear votou sempre a favor dos interesses dos trabalhadores e das propostas que defendem o Brasil contra o capital estrangeiro. É favorável à suspensão do pagamento da dívida externa, é contra a privatização, a favor da desapropriação dos latifúndios e da estatização dos bancos.

RONALDO CAIADO - 40 anos - Fazendeiro/médico - Vice: CAMILO CALAZANS

Apareceu no cenário político defendendo sua categoria, os proprietários de terras, contra a Política Agrícola do governo, contra a Reforma Agrária e as ocupações de terra. Acusa a Igreja progressista de incitar os trabalhadores rurais e os sem-terra contra os fazendeiros. É o presidente da UDR fundada em 1985. Desde a sua fundação a violência no campo cresceu muito já tendo sido assassinadas mais de 900 pessoas sobretudo lavradores. Com muito dinheiro, encabeçada por Caiado, a UDR conseguiu que a Constituinte não aprovasse a Reforma Agrária. Caiado tentou viabilizar sua candidatura pelo PDC e não conseguiu. Entrou então para o PSD, partido que nas suas origens, antes de 64, era de formação agrária e conservadora. Defende o aumento da produção de grãos com o Projeto Celeiro, defende uma Reforma Agrária sem desapropriar terras produtivas, sendo que a missão deve ser atribuída à iniciativa privada.

ULYSSES GUIMARÃES - PMDB - 73 anos - Advogado - Vice: Waldir Pires

Ulysses é o candidato mais velho e aproveita-se disso para passar a imagem da experiência. Perseguiu a presidência em todas as atividades que exerceu. Foi multi-presidente (Congresso Constituinte/Câmara/PMDB/Presidente Interino da República). Surgiu na política pelo PSD. Em 1947 foi eleito deputado estadual e desde 1950 é deputado federal, primeiro pelo PSD, depois pelo MDB e PMDB. Ulysses foi uma figura importante na oposição ao regime militar, apesar de ter apoiado o golpe em 64. Foi um dos comandantes da Campanha das Diferenças Já, que o PDS derrubou e passou a comandar a campanha pela eleição de Tancredo. Quando o barco do PDS começou a fundar, o PMDB foi aceitando todos aqueles que iam pulando do barco. E Ulysses, como presidente, para agradar a todos ora ficava de um lado, ora do outro. Foi eleito Presidente da Assembléia Nacional Constituinte onde se destacou por sua capacidade de articulação entre os diversos segmentos conseguindo conduzir a maioria das votações por acordo de lideranças. Como "Pai da Constituinte" não favoreceu ninguém, votando tanto com a direita como com a esquerda. Aí também ficou balançando e atuação do seu partido é ainda confusa sem seguir orientação fixa.

CALENDÁRIO ELEITORAL

Até 12/11	Propaganda gratuita
13/11	Último prazo para realização de comícios e reuniões públicas
15/11	ELEIÇÃO (USE BEM O SEU VOTO)
27/11	Prazo final para proclamação dos resultados do 1º turno
28/11 até	
14/12	Propaganda gratuita
15/12	Último prazo para comícios e reuniões públicas
17/12	Eleição PRESIDENCIAL
29/12	Prazo final para proclamação do CANDIDATO ELEITO
16/02/90	Último dia para o eleitor justificar ausência nas eleições
15/03/90	POSSE DO NOVO PRESIDENTE QUE GOVERNARÁ ATÉ 1º DE JANEIRO DE 95

O prazo para você decidir é pequeno,
mas o tempo de quem vai ser eleito pelo seu VOTO é grande.
Pense nisso.

ANEXO N- SUBSÍDIO DE FORMAÇÃO

JESUS DE NAZARÉ O CRISTO

- COMEÇANDO: 1. Quem é Jesus? O que Ele fez no mundo?
2. Porque Jesus morreu pregado numa cruz?

Aprofundando:

J E S U S

Jesus não caiu do céu, vindo de outro planeta. Acreditamos que Ele vem de Deus, mandado pelo Pai. O fato de ser Filho de Deus não faz Dele um estrangeiro, alheio à vida dos homens e das mulheres do seu tempo.

S U A T E R R A

Jesus nasceu, cresceu e viveu numa certa época da história, há 2.000 mil anos atrás, num país determinado, chamado PALESTINA. Hoje se chama ISRAEL.

s e u P O V O

Jesus nasceu pobre, viveu no meio do povo.
Foi trabalhador igual aos outros trabalhadores.

s u a P R O P O S T A

Ele propôs aos homens de se amar como irmãos por serem todos FILHOS DO MESMO PAI. Alguns seguiram-no, outros se colocaram contra e levaram-no a ser crucificado. Mas desde aquela época, há milhões e milhões de pessoas que acreditam que Ele ressuscitou.

Até hoje, nós acreditamos que JESUS ESTÁ VIVO. É cada vez mais numeroso o grupo dos que procuram saber: QUEM É JESUS?

Criação	Abraão Isaac Jacó	Moisés	Juizes	Reis Profetas	Exílio Persia	Grécia	S. Roma	JC
?	1800	1250		1000	586-538			0

No Tempo de Jesus o povo pagava impostos ao Templo e aos Romanos = 46% do produto do seu trabalho.

Isto é importante para entender o que Jesus fez e ensinou, para entender a prática de Jesus. Para entender o evangelho. Por exemplo:

- Lc 1,52-53 - derrubou poderosos... saciou famintos...
Lc 4,18-19 - enviou-me para anunciar boa notícia aos pobres
para pôr em liberdade os cativos.

A p r á t i c a d e J e s u s

Até os 30 anos Jesus viveu e observou a vida do seu povo.

Aos 30 anos anunciou: ESGOTOU-SE O PRAZO! O REINO DE DEUS ESTÁ AÍ! ACREDITEM NESTA BOA NOTÍCIA! (Mc 1,15). VÓS TODOS SOIS IRMÃOS ... UM SÓ É VOSSO PAI. (Mt 23,8-9).

1 Jesus se coloca do lado dos excluídos pelo sistema

- Prostitutas:** são preferidas aos sacerdotes e fariseus (Mt 21,28-32 e Lc 7,37-50).
- Publicanos:** é preferido ao fariseu (Lc 18,9-14)
- Leprosos:** São acolhidos e curados. Os sacerdotes são obrigados a dar prova da sua purificação (Mt 8,2-4).
- Pobres:** o Reino de Deus é deles, não dos ricos (Lc 6,20 e 24).
- Mulheres:** fazem parte do grupo que acompanha Jesus (Lc 8,1-3).
Jesus defende a adúltera (Jo 8,1-11).
- Povo humilde:** entende os segredos do Reino melhor que os sábios e entendidos (Mt 11,25-26).

ANEXO O- SUBSÍDIO DE FORMAÇÃO

CRIAÇÃO	PECADO	ABRAÃO ISAC / JACÓ	ESCRavidÃO	LIBERTAÇÃO
<p>homem: Imagem e Semelhança de Deus.</p> <p>Companheiro de Deus, do outra.</p>	<p>homem desobedece a Deus.</p> <p>Irmão mata o Irmão.</p> <p>FRACASSO DO PLANO DE DEUS!</p>	<p>Deus conversa com o homem e começa a formar o seu povo.</p>	<p>Opressão - Filhos assassinados</p> <p>- Sociedade de escravos</p> <p>- Deus do lado dos escravos, ouve O CLAMOR DO POVO</p> <p>dá MISSÃO LIBERTADORA A MOISÉS.</p>	<p>- Povo sai da escravidão</p> <p>- 10 Mandamentos; ALIANÇA</p> <p>só ter um Deus que merece amor e respeito -</p> <p>NÃO matar NÃO roubar NÃO mentir NÃO acumular</p>
POSSE DA TERRA	REIS/PROFETAS	EXÍLIO	VOLTAM	NASCIMENTO DE JESUS
<p>Divisão da terra conforme o tamanho das famílias</p> <p>Reis para não acumular riquezas</p>	<p>Fidelidade e infidelidade à Aliança</p> <p>- Profetas cobram fidelidade/alertam para perigo/pedem justiça e direito para o oprimido.</p> <p>(Is 5,7)</p>	<p>Nova escravidão</p> <p>Profetas anunciam esperança</p> <p>convidam o povo a confiar em Javé</p> <p>Deus vai libertar o seu povo.</p>	<p>Voltam mas continuam domi- nados por estran- geiros e por religião dominadora</p> <p>Pagam 60% de impostos:</p> <p>46% Romanos 14% templo</p>	<p>homem como nós e DEUS anuncia: DEUS É PAI SAZOS IRMÃOS (REINO)</p> <p>se coloca ao lado dos pequenos, pobres, desprezados.</p> <p>Exige: justiça, amor e partilha</p> <p>organiza seguidores: 12 apóstolos.</p>